

Estudos de Estatística Teórica e Aplicada

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

A ESTRUTURA DA ECONOMIA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO CEARÁ

SEGUNDO O CENSO AGRÍCOLA DE 1940

*

A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DO CEARÁ

NOS ANOS DE 1945 A 1951

*

A PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL E A PRODUÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DO CEARÁ

NOS ANOS DE 1945 A 1950

★

*Estatística
Agrícola
Nº 15*

RIO DE JANEIRO

SERVIÇO GRÁFICO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

1952

NOTA PRELIMINAR

Na coletânea pela qual se iniciou esta série de estudos de estatística agrícola, foram expostos, com os convenientes esclarecimentos e com ligeiros comentários, os principais resultados do Censo Agrícola de 1940 concernentes à estrutura da economia agropecuária do Brasil, como também os principais resultados da estatística da produção agrícola nacional para o período 1945-49.

Nesses estudos, o Brasil foi considerado em conjunto, como era necessário para se dar ao leitor uma visão geral, renunciando-se a qualquer discriminação de regiões geográficas ou unidades políticas.

Entretanto, as diferenças entre a estrutura e as atividades da economia agropecuária nas diversas partes do Brasil são profundas, em virtude da ação de fatores naturais e sociais. É indispensável, portanto, que a visão geral, destinada a dar uma primeira orientação, seja completada pelo exame desses diversos tipos particulares.

Para fornecer elementos de pesquisa aos estudiosos da economia do país e dados de confronto para os resultados, que em breve serão conhecidos, do Censo Agrícola de 1950, o Laboratório de Estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística preparou análises referentes aos diferentes Estados, paralelas às que já foram divulgadas para o conjunto do país, acrescentando-lhes um ligeiro estudo da produção extrativa vegetal. No presente volume, referente ao Estado do Ceará, a análise da produção agrícola foi estendida aos anos de 1950 e 1951, e a da produção extrativa ao de 1950.

Os estudos reunidos na presente coletânea foram redigidos por FERNANDO PEREIRA CARDIM.

ÍNDICE

	Pág.
I — A ESTRUTURA DA ECONOMIA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO CEARÁ SEGUNDO O CENSO AGRÍCOLA DE 1940. — 1. Introdução. — 2. Extensão das atividades agropecuárias. — 3. Tipos de exploração. — 4. Aproveitamento da área nos diversos tipos de exploração. — 5. Valor dos estabelecimentos nos diversos tipos de exploração. — 6. Valor da produção nos diversos tipos de exploração. — 7. Extensão dos estabelecimentos. — 8. Aproveitamento da área, segundo a extensão do estabelecimento. — 9. Valor dos estabelecimentos, segundo a extensão. — 10. Valor da produção, segundo a extensão do estabelecimento. — 11. Tipos de propriedade. — 12. Formas de gestão. — 13. Pessoal permanente. — 14. Recapitulação. — <i>Apêndices:</i> 1. Comparações com o conjunto do Brasil e com outros Estados. — 2. Atividades especializadas	7
II — A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DO CEARÁ NOS ANOS DE 1945 a 1951. — 1. Considerações preliminares. — 2. Área cultivada. — 3. Produção. — 4. Valor da produção	43
III — A PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL E A PRODUÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DO CEARÁ NOS ANOS DE 1945 A 1950. — 1. Produção extrativa vegetal. — 2. Produção florestal	61

A ESTRUTURA DA ECONOMIA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO CEARÁ, SEGUNDO O CENSO AGRÍCOLA DE 1940

SUMÁRIO: 1. *Introdução.* — 2. *Extensão das atividades agropecuárias.* — 3. *Tipos de exploração.* — 4. *Aproveitamento da área nos diversos tipos de exploração.* — 5. *Valor dos estabelecimentos nos diversos tipos de exploração.* — 6. *Valor da produção nos diversos tipos de exploração.* — 7. *Extensão dos estabelecimentos.* — 8. *Aproveitamento da área, segundo a extensão do estabelecimento.* — 9. *Valor dos estabelecimentos, segundo a extensão.* — 10. *Valor da produção, segundo a extensão do estabelecimento.* — 11. *Tipos de propriedade.* — 12. *Formas de gestão.* — 13. *Pessoal permanente.* — 14. *Considerações finais.* — Apêndices: 1. *Comparações com o conjunto do Brasil e com outros Estados.* — 2. *Atividades especializadas.*

1. *Introdução.* — A apuração dos dados do Censo Agrícola de 1940 forneceu elementos para o estudo da economia agropecuária nas diversas partes do Brasil. No presente ensaio serão examinados os principais aspectos da economia agropecuária do Estado do Ceará, aproveitando-se as informações divulgadas na *Sinopse do Censo Agrícola, Dados Gerais*, publicada em 1948 pela COMISSÃO CENSITÁRIA NACIONAL, e outros dados contidos no volume III da série Nacional do Recenseamento de 1940, *Censos Econômicos*, publicado em 1950 pelo INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

* * *

2. *Extensão das atividades agropecuárias.* — Os dados da citada *Sinopse* referem-se a cerca de 93 000 estabelecimentos, não abrangendo algumas atividades especializadas (horticultura, floricultura, avicultura, apicultura, beneficiamento de produtos agrícolas, conservação e transformação desses produtos, etc.), quando constituam unidades econômicas autônomas¹, mas incluindo-as quando sejam acessórias da atividade agropecuária e exercidas no respectivo estabelecimento. Essas atividades especializadas são de pequena importância no Ceará².

A área total dos estabelecimentos recenseados aproxima-se de 8,6 milhões de hectares, compreendendo cerca de cinco nonos (56,16%) da área terrestre do Estado (15,3 milhões de hectares).

O número das pessoas permanentemente ocupadas nos estabelecimentos agropecuários ascende a 663 600 (31,74% da população total de 2 091 000), das quais 459 000 em idade de 15 anos e mais.

O valor total dos estabelecimentos agropecuários estaria próximo de um bilhão de cruzeiros e o valor da produção desses estabelecimentos em 1939 seria de 219 milhões de cruzeiros, segundo as declarações censitárias. É provável que essas declarações fiquem muito abaixo da verdade, porque amiúde o receio do fisco sugere aos declarantes avaliações excessivamente moderadas. Levando-se em conta essa circunstância, como também a grande alta dos preços

¹ Veja-se o apêndice 2.

² Vejam-se os estudos N.ºs 401 e 401 bis, sobre *A distribuição da população do Estado do Ceará, de 10 anos e mais, segundo ramos e classes de atividade principal, por sexo, da série das "Análises de Resultados do Censo Demográfico"*, compilados pelo SERVIÇO NACIONAL DE RECENSEAMENTO DE 1940.

ocorrida nos dez anos sucessivos ao censo examinado, pode-se estimar que os dados de valor nêle apurados devam ser multiplicados por seis para dar uma idéia aproximada da situação de 1950³. Portanto, o valor em 1950 dos estabelecimentos agropecuários recenseados em 1940 atingiria cêrca de 6,0 bilhões de cruzeiros, e o da produção de 1939, cêrca de 1,3 bilhões. É claro que estas avaliações visam apenas a dar uma idéia da situação de então, retificada conforme o nível de preços de 1950.

Considerando-se em conjunto os estabelecimentos recenseados, podem-se calcular as médias que se seguem, apropriadas para caracterizar a estrutura da economia rural do Ceará mediante poucos dados fundamentais.

1. *Médias por estabelecimento:*

Área	92,2 hectares,
Valor do estabelecimento	11,2 milhares de cruzeiros,
Valor da produção anual	2,3 milhares de cruzeiros,
Pessoas permanentemente ocupadas	7,1.

2. *Médias por hectare:*

Valor do estabelecimento	121 cruzeiros,
Valor da produção anual	25 cruzeiros.

3. *Médias por pessoa permanentemente ocupada:*

Área	13,0 hectares,
Valor do estabelecimento	1 574 cruzeiros,
Valor da produção anual	330 cruzeiros.

A área média do estabelecimento, embora considerável, é inferior à média nacional, enquanto o número médio das pessoas ocupadas é superior à média nacional. Em virtude dêste contraste, a área média por pessoa ocupada fica fortemente inferior à média nacional.

O valor médio do estabelecimento, o valor médio por hectare e o valor médio da produção anual por estabelecimento são baixos, no próprio quadro nacional.

É muito baixo o valor médio da produção por hectare. É, também, muito baixo o valor médio da produção por pessoa permanentemente ocupada.

O baixo rendimento em relação à área explorada e ao número das pessoas ocupadas é a característica mais evidente das atividades agropecuárias do Ceará.

* * *

3. *Tipos de exploração.* — No Censo Agrícola de 1940, os estabelecimentos foram discriminados, segundo o tipo da exploração, em quatro classes: a da exploração exclusivamente agrícola, a da exploração mista (agrícola e pecuária), a da exploração exclusivamente pecuária e a dos demais tipos de exploração.

As primeiras três classes foram subdivididas, segundo a importância da produção do estabelecimento, em explorações em grande escala e em pequena escala.

³ Supondo-se que, em média, os valores declarados sejam inferiores de 30 a 40% aos efetivos (hipótese muito prudente), dever-se-ia aplicar um coeficiente de correção de 1,4 a 1,7, que, por sua vez, deveria ser multiplicado por 3,5 ou 4, para se levar em conta a subida dos preços.

A respeito da tendência ascendente dos preços dos produtos agrícolas, veja-se o estudo "Resumo dos resultados de alguns estudos preliminares sobre as quantidades e os preços das mercadorias produzidas ou negociadas", no volume N.º 1 da Série de Estatística Comercial dos "Estudos de Estatística Teórica e Aplicada" (Rio de Janeiro, I. B. G. E., 1951).

Os resultados das operações realizadas conforme essas discriminações estão resumidos nas tabelas I a, II a, II a e IV a, enquanto nas tabelas I b e c, II b e c, III b e c e IV b e c são apresentados os resultados de elaborações realizadas sobre esses dados.

Expor-se-ão em seguida algumas das principais observações sugeridas pelo exame das tabelas acima referidas.

A classe mais importante é a dos estabelecimentos de exploração mista, agrícola e pecuária, que abrange 62,27% dos estabelecimentos, 63,81% da área, 65,53% do pessoal, 60,64% do valor dos estabelecimentos e contribui com 63,84% para o valor da produção.

Em segundo lugar, no que diz respeito ao valor da produção, acha-se a classe dos estabelecimentos com exploração agrícola, que abrange 28,97% dos estabelecimentos, 12,58% da área, 22,69% do pessoal, 18,03% do valor dos estabelecimentos e contribui com 19,08% para o valor da produção.

Segue-se a classe dos estabelecimentos com exploração pecuária, que abrange apenas 4,96% dos estabelecimentos, 10,19% do pessoal e 15,02% do valor da produção, mas 22,02% da área e 18,73% do valor dos estabelecimentos.

Os demais tipos de exploração têm pequena importância relativa, como se pode verificar pelas percentagens a eles referentes, constantes da tabela I b.

Nos estabelecimentos com exploração mista e agrícola, encontra-se quase exclusivamente a exploração em pequena escala; nos com exploração pecuária, pelo contrário, prevalece a exploração em grande escala.

Reunindo-se as três classes, obtém-se a seguinte comparação de conjunto entre esses dois regimes de exploração, que mostra e mede a predominância do em pequena escala.

ESPECIFICAÇÃO	PERCENTAGENS DOS TOTAIS ⁴	
	Exploração em grande escala	Exploração em pequena escala
Estabelecimentos recenseados.....	3,03	93,17
Área.....	20,46	77,95
Valor dos estabelecimentos.....	16,86	80,54
Valor da produção de 1939.....	14,81	83,13
Pessoal permanente.....	9,45	88,96

As características das diversas classes e subclasses dos tipos de exploração ressaltam pelas médias calculadas na tabela I c.

A área média do estabelecimento sobe de 40,01 hectares na exploração agrícola para 94,44 na agropecuária e 408,78 na pecuária.

O número médio das pessoas ocupadas no estabelecimento aumenta, também, mas em proporção muito menor, de 5,57 na exploração agrícola (onde a cada pessoa corresponde, em média, uma área de 7,19 hectares), para 7,48 na exploração agropecuária (com 12,63 hectares por pessoa) e 14,58 na exploração pecuária (com 28,03 por pessoa).

O valor médio do estabelecimento aumenta de 6 964 cruzeiros na exploração agrícola (com um valor médio de 174 cruzeiros por hectare) para 10 892 na exploração agropecuária (115 por hectare) e 42 197 na exploração pecuária (103 por hectare).

⁴ A diferença entre 100 e a soma das percentagens das duas colunas, em cada linha, representa a percentagem que cabe aos estabelecimentos de tipos diversos dos três principais, para os quais não foi discriminada a escala da exploração.

O valor médio da produção anual do estabelecimento sobe de 1545 cruzeiros na exploração agrícola para 2 405 na agropecuária e 7 095 na pecuária; mas em relação à área a marcha do valor médio da produção se inverte, pois o máximo de 39 cruzeiros por hectare é atingido na exploração agrícola, enquanto na agropecuária se obtêm apenas 25 cruzeiros por hectare e na pecuária 17.

Em relação ao número das pessoas permanentemente ocupadas, o valor da produção é mínimo, pelo contrário, na exploração agrícola (278 cruzeiros), maior na agropecuária (322) e máximo na pecuária (486).

A exploração em grande escala é caracterizada pela extensão da área média do estabelecimento (129 hectares na exploração agrícola, 3 092 na agropecuária e 614 na pecuária); pelo elevado número médio de pessoas ocupadas (27 na exploração agrícola, 122 na agropecuária e 21 na pecuária); pelo valor relativamente elevado da produção média por hectare (na exploração agrícola, 338 cruzeiros, em comparação com 36 na exploração em pequena escala; na agropecuária 14, em comparação com 26; na pecuária, 17, em comparação com 19), como também da produção média por pessoa ocupada (na exploração agrícola, 1 600 cruzeiros, em comparação com 263 na exploração em pequena escala; na agropecuária, 359, em comparação com 321; na pecuária, 494, em comparação com 441).

Recapitulando: as características principais da estrutura da economia rural cearense consistem na predominância dos estabelecimentos com atividades mistas, agrícolas e pecuárias, no que diz respeito ao tipo de exploração, e com atividades em pequena escala, no que diz respeito à organização. Outra característica, funcional, mas ligada com as estruturais, é a do baixo rendimento em relação à área explorada e ao pessoal ocupado, que se verifica sobretudo na exploração em pequena escala.

Tabela I a

ESTADO DO CEARÁ

Dados sobre os estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

a. Dados absolutos

TIPO DE EXPLORAÇÃO	ESTABELECIMENTOS RECENSEADOS	ÁREA ^a ha	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS Cr\$ 1 000	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939 Cr\$ 1 000	PESSOAL PERMANENTE ^b
<i>Agricultura</i>	27 051	1 082 302	188 380	41 801	150 557
Em grande escala..	61	7 897	5 326	2 669	1 668
Em pequena escala	26 990	1 074 405	183 054	39 132	148 889
<i>Agropecuária</i>	58 147	5 491 231	633 348	139 845	434 867
Em grande escala..	24	74 216	5 040	1 056	2 938
Em pequena escala	58 123	5 417 015	628 308	138 789	431 929
<i>Pecuária</i>	4 637	1 895 535	195 668	32 898	67 628
Em grande escala..	2 737	1 679 633	165 744	28 717	58 148
Em pequena escala	1 900	215 902	29 924	4 181	9 480
<i>Outros tipos</i>	3 547	136 886	27 111	4 504	10 533
TOTAL	93 382	8 605 954	1 044 507	219 048	663 585

^a Exclusiva a área relativa a 212 estabelecimentos recenseados para os quais não foi fornecida a informação correspondente. Advirta-se que as informações referentes ao número de estabelecimentos recenseados, ao valor dos estabelecimentos, ao da respectiva produção em 1939 e ao pessoal permanente (a respeito do pessoal permanente veja-se a nota 6) abrangem esses 212 estabelecimentos.

^b Dados em parte estimados. Veja-se, mais adiante, o parágrafo 13.

Tabela I b

ESTADO DO CEARÁ

Dados sobre os estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

b. Percentagens

TIPO DE EXPLORAÇÃO	ESTABELECIMENTOS RECENTES	ÁREA	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939	PESSOAL PERMANENTE
<i>Agricultura</i>	28,97	12,58	18,03	19,08	22,69
Em grande escala..	0,07	0,09	0,51	1,22	0,25
Em pequena escala	28,90	12,49	17,52	17,86	22,44
<i>Agropecuária</i>	62,27	63,81	60,64	63,84	65,53
Em grande escala..	0,03	0,86	0,48	0,48	0,44
Em pequena escala	62,24	62,95	60,16	63,36	65,09
<i>Pecuária</i>	4,96	22,02	18,73	15,02	10,19
Em grande escala..	2,93	19,51	15,87	13,11	8,76
Em pequena escala	2,03	2,51	2,86	1,91	1,43
<i>Outros tipos</i>	3,80	1,59	2,60	2,06	1,59
<i>TOTAL</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela I c

ESTADO DO CEARÁ

Dados sobre os estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

c. Médias

TIPO DE EXPLORAÇÃO	MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO				MÉDIAS POR HECTARE			MÉDIAS POR PESSOA PERMANENTEMENTE OCUPADA		
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$
<i>Agricultura</i>	40,01	6 964	1 545	5,57	174	39	0,139	7,19	1 251	278
Em grande escala	129,46	87 312	43 754	27,34	674	338	0,211	4,73	3 193	1 600
Em pequena escala	39,81	6 782	1 450	5,52	170	36	0,139	7,22	1 229	263
<i>Agropecuária</i>	94,44	10 892	2 405	7,48	115	25	0,079	12,63	1 456	322
Em grande escala	3 092,33	210 000	44 000	122,42	68	14	0,040	25,26	1 715	359
Em pequena escala	93,20	10 810	2 388	7,43	116	26	0,080	12,54	1 455	321
<i>Pecuária</i>	408,78	42 197	7 095	14,58	103	17	0,036	28,03	2 893	486
Em grande escala	613,68	60 557	10 492	21,25	99	17	0,035	28,89	2 850	494
Em pequena escala	113,63	15 749	2 201	4,99	139	19	0,044	22,77	3 157	441
<i>Outros tipos</i>	38,59	7 643	1 270	2,97	198	33	0,077	13,00	2 574	428
<i>TODOS OS TIPOS</i>	92,16	11 185	2 346	7,11	121	25	0,077	12,97	1 574	330

* * *

4. *Aproveitamento da área nos diversos tipos de exploração.* — Sobre esse aproveitamento informam as tabelas II a, de dados absolutos; II b, de percentagens dos diversos tipos de exploração, em cada tipo de aproveitamento; II c, de percentagens dos diversos tipos de aproveitamento, em cada tipo de exploração.

A área total dos estabelecimentos agropecuários divide-se, segundo o tipo de aproveitamento, como consta dos dados seguintes.

TIPO DE APROVEITAMENTO	ÁREA	
	ha	%
Lavoura.....	1 312 825	15,25
Pastagens.....	2 297 740	26,70
Matas.....	2 287 248	26,58
Terras não aproveitadas.....	2 171 283	25,23
Terras improdutivas.....	536 858	6,24
<i>TOTAL.....</i>	<i>8 605 954</i>	<i>100,00</i>

A área da lavoura, a que corresponde o aproveitamento mais intenso, abrange pouco mais de um sétimo do total.

As pastagens, que alimentam rebanhos relativamente numerosos⁷, cobrem pouco mais de um quarto da área total.

Pouco mais de um quarto dessa área é ocupado pelas matas, em geral de baixo rendimento econômico direto.

As terras não aproveitadas ou improdutivas constituem pouco mais de três décimos dessa área.

A proporção da área aproveitada pela lavoura é maior nos estabelecimentos com exploração agrícola (22,74% em conjunto, 23,07% nos com exploração em grande escala e 22,74% nos com exploração em pequena escala) do que nos com exploração agropecuária (16,13% em conjunto, 8,99% na em grande escala e 16,23% na em pequena escala) e nos com exploração pecuária (8,84% em conjunto, 9,11% na em grande escala e 6,76% na em pequena escala).

A proporção da área ocupada pelas pastagens varia em sentido oposto à da lavoura, sendo mínima na exploração agrícola (17,05% em conjunto, 27,89% na em grande escala, 16,97% na em pequena escala), maior na exploração agropecuária (26,01% em conjunto, 33,08% na em grande escala, 25,91% na em pequena escala) e máxima na pecuária (33,99% em conjunto, 33,74% na em grande escala, 35,86% na em pequena escala).

A proporção da área que fica excluída dos dois tipos principais de aproveitamento é máxima nos estabelecimentos com exploração agrícola (60,21% em conjunto, descendo para 49,04% na em grande escala e subindo para 60,29% na em pequena escala), menor nos com exploração agropecuária (57,86% em conjunto, 57,93% na em grande escala, 57,86% na em pequena escala) e menor nos com exploração pecuária (57,17% em conjunto, 57,15% na em grande escala, 57,38% na em pequena escala).

⁷ Nos estabelecimentos agropecuários do Ceará, em 1940, foram recenseados 991 904 bovinos, 184 418 eqüinos, 272 159 asininos e muares, 574 224 suínos, 1 017 364 caprinos, 682 222 ovinos e 2 199 944 galináceos.

Torna-se interessante a comparação de conjunto da participação da exploração em grande escala e da em pequena escala nas diversas formas de aproveitamento.

TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA	PERCENTAGENS DOS TOTAIS ⁸	
	Exploração em grande escala	Exploração em pequena escala
Lavoura.....	12,31	86,67
Pastagens.....	25,83	72,39
Matas, terras não aproveitadas e improdutivas.....	20,15	78,20
<i>TODOS OS TIPOS.....</i>	<i>20,46</i>	<i>77,95</i>

A exploração em grande escala, predominando na exploração pecuária, tem maior participação no aproveitamento da área em pastagens do que no da área em lavoura.

Tabela II a

ESTADO DO CEARÁ

Aproveitamento da área⁹ dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

a. Dados absolutos (hectares)

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			TOTAL (segundo o tipo de exploração)
	Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	
<i>Agricultura.....</i>	<i>246 116</i>	<i>184 557</i>	<i>651 629</i>	<i>1 082 302</i>
Em grande escala.....	1 822	2 202	3 873	7 897
Em pequena escala.....	244 294	182 355	647 756	1 074 405
<i>Agropecuária.....</i>	<i>885 689</i>	<i>1 428 109</i>	<i>3 177 433</i>	<i>5 491 231</i>
Em grande escala.....	6 675	24 547	42 994	74 216
Em pequena escala.....	879 014	1 403 562	3 134 439	5 417 015
<i>Pecuária.....</i>	<i>167 623</i>	<i>644 195</i>	<i>1 083 717</i>	<i>1 895 535</i>
Em grande escala.....	153 025	566 780	959 828	1 679 633
Em pequena escala.....	14 598	77 415	123 889	215 902
<i>Outros tipos.....</i>	<i>13 397</i>	<i>40 879</i>	<i>82 610</i>	<i>136 886</i>
<i>TOTAL (segundo o tipo de aproveitamento).....</i>	<i>1 312 825</i>	<i>2 297 740</i>	<i>4 995 389</i>	<i>8 605 954</i>

⁸ A diferença entre 100 e a soma das percentagens das duas colunas, em cada linha, representa a percentagem que cabe aos estabelecimentos de tipos diversos dos três principais, para os quais não foi discriminada a escala da exploração.

⁹ Veja-se nota 5.

Tabela II b

ESTADO DO CEARÁ

Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

b. Percentagens dos diversos tipos de exploração, em cada tipo de aproveitamento

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			
	Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	Todos os tipos
<i>Agricultura</i>	18,75	8,03	13,05	12,58
Em grande escala.....	0,14	0,09	0,08	0,09
Em pequena escala.....	18,61	7,94	12,97	12,49
<i>Agropecuária</i>	67,46	62,15	63,61	63,81
Em grande escala.....	0,51	1,07	0,86	0,86
Em pequena escala.....	66,95	61,08	62,75	62,95
<i>Pecuária</i>	12,77	28,04	21,69	22,02
Em grande escala.....	11,66	24,67	19,21	19,51
Em pequena escala.....	1,11	3,37	2,48	2,51
<i>Outros tipos</i>	1,02	1,78	1,65	1,59
<i>TOTAL</i>	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela II c

ESTADO DO CEARÁ

Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

c. Percentagens dos diversos tipos de aproveitamento, em cada tipo de exploração

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			TOTAL
	Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	
<i>Agricultura</i>	22,74	17,05	60,21	100,00
Em grande escala.....	23,07	27,89	49,04	100,00
Em pequena escala.....	22,74	16,97	60,29	100,00
<i>Agropecuária</i>	16,13	26,01	57,86	100,00
Em grande escala.....	8,99	33,08	57,93	100,00
Em pequena escala.....	16,23	25,91	57,86	100,00
<i>Pecuária</i>	8,84	33,99	57,17	100,00
Em grande escala.....	9,11	33,74	57,15	100,00
Em pequena escala.....	6,76	35,86	57,38	100,00
<i>Outros tipos</i>	9,79	29,86	60,35	100,00
<i>TODOS OS TIPOS</i>	15,25	26,70	58,05	100,00

5. *Valor dos estabelecimentos nos diversos tipos de exploração.* — Dados sobre esse assunto encontram-se nas tabelas III a (dados absolutos), III b (percentagens dos diversos tipos de exploração, em cada elemento do valor dos estabelecimentos) e III c (percentagens dos diversos elementos, em cada tipo de exploração).

Para o conjunto dos estabelecimentos, a discriminação do respectivo valor segundo os principais elementos consta dos dados abaixo.

ELEMENTOS DO VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	VALOR	
	Cr\$ 1 000	%
Terras.....	590 838	56,57
Prédios e construções.....	199 638	19,11
Animais.....	216 784	20,75
Maquinário e veículos.....	37 247	3,57
<i>TOTAL</i>	<i>1 044 507</i>	<i>100,00</i>

É muito baixa a proporção do maquinário e dos meios de transporte¹⁰; é baixa, também, a dos prédios e construções¹¹. É revelado por esses índices o atraso da técnica no Ceará.

Nos diversos tipos de exploração, as proporções dos vários elementos do valor diferem sensivelmente.

O valor das terras atinge a maior quota do valor total dos estabelecimentos, 73,24%, na exploração agrícola, descendo para 54,47% na exploração agropecuária e para 44,48% na pecuária. Sòmente no tipo agropecuário é moderada a diferença entre a exploração em grande escala e em pequena escala; nos tipos agrícola e pecuário, a quota do valor das terras é fortemente menor na exploração em grande escala.

A quota dos prédios e construções passa de 15,23% na exploração agrícola para 20,24% na agropecuária e 18,81% na pecuária.

Conforme os objetivos principais dos diversos tipos de exploração, a quota dos animais no valor total dos estabelecimentos é mínima na exploração agrícola, 3,01%, maior na agropecuária, 22,58%, e máxima na pecuária, 34,75%. Essa quota é maior na exploração em pequena escala, sòmente no tipo agropecuário; menor, nos agrícola e pecuário.

A maior quota do maquinário e veículos no valor total dos estabelecimentos encontra-se na exploração agrícola (8,52% em conjunto, 35,75% na em grande escala, 7,73% na em pequena escala); uma quota menor na exploração agropecuária (2,71% em conjunto, mas 10,32% na em grande escala e 2,65% na em pequena escala) e a quota mínima na exploração pecuária (1,96% em conjunto, 2,21% na em grande escala e 0,55% na em pequena escala).

¹⁰ Foram recenseados em 1940, apenas 37 tratores, 725 arados, 5 359 cultivadores e pouco mais de 800 outros instrumentos agrários, 398 maquinismos para beneficiamento, 4 092 moendas, 174 moinhos, 455 motores, 2 075 fábricas de farinha; o número dos autos, caminhões e motocicletas era apenas de 272, e o dos carros de boi e carroças, de 1 931.

¹¹ Nos estabelecimentos agropecuários do Ceará, em 1940, foram recenseadas 182 246 residências de colonos, das quais apenas 27 254 de tijolos e 27 075 de madeira, 8 283 depósitos e paióis, 32 786 estábulos, estrebarias, apriscos e pocilgas, 63 silos, 3 790 casas de máquinas, 140 escolas.

Comparando-se em conjunto a participação da exploração em grande escala e da em pequena escala nos diversos elementos do valor dos estabelecimentos, obtêm-se os dados que se seguem.

ELEMENTOS DO VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGENS DOS TOTAIS ¹²	
	Exploração em grande escala	Exploração em pequena escala
Terras.....	12,46	84,01
Prédios e construções.....	17,27	79,77
Animais.....	28,60	71,36
Maquinário e veículos.....	16,35	83,11
<i>TODOS OS ELEMENTOS...</i>	<i>16,86</i>	<i>80,54</i>

A participação da exploração em grande escala no valor total dos estabelecimentos atinge cerca de um sexto; ela é relativamente elevada no valor dos animais e baixa no valor das terras. Essas características estão relacionadas com a preponderância da exploração em grande escala na exploração pecuária.

Tabela III a

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

a. Dados absolutos (Cr\$ 1 000)

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TERRAS	PRÉDIOS E CONSTRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUINÁRIO E VEÍCULOS	TOTAL
<i>Agricultura.....</i>	<i>137 970</i>	<i>28 692</i>	<i>5 669</i>	<i>16 049</i>	<i>188 380</i>
Em grande escala..	2 438	691	293	1 904	5 326
Em pequena escala	135 532	28 001	5 376	14 145	183 054
<i>Agropecuária.....</i>	<i>344 951</i>	<i>128 202</i>	<i>143 029</i>	<i>17 166</i>	<i>633 348</i>
Em grande escala..	2 738	841	941	520	5 040
Em pequena escala	342 213	127 361	142 088	16 646	628 308
<i>Pecuária.....</i>	<i>87 042</i>	<i>36 795</i>	<i>68 001</i>	<i>3 830</i>	<i>195 668</i>
Em grande escala..	68 398	32 909	60 772	3 665	165 744
Em pequena escala	18 644	3 886	7 229	165	29 924
<i>Outros tipos.....</i>	<i>20 875</i>	<i>5 949</i>	<i>85</i>	<i>202</i>	<i>27 111</i>
<i>TOTAL.....</i>	<i>590 838</i>	<i>199 638</i>	<i>216 784</i>	<i>37 247</i>	<i>1 044 507</i>

¹² A diferença entre 100 e a soma das percentagens das duas colunas, em cada linha, representa a percentagem que cabe aos estabelecimentos de tipos diversos dos três principais, para os quais não foi discriminada a escala da exploração.

Tabela III b

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

b. Percentagens dos diversos tipos de exploração, em cada elemento do valor dos estabelecimentos

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TERRAS	PRÉDIOS E CONSTRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUINÁRIO E VEÍCULOS	VALOR TOTAL
<i>Agricultura</i>	23,35	14,37	2,61	43,09	18,03
Em grande escala..	0,41	0,35	0,13	5,11	0,51
Em pequena escala	22,94	14,02	2,48	37,98	17,52
<i>Agropecuária</i>	58,39	64,22	65,98	46,09	60,64
Em grande escala..	0,47	0,42	0,44	1,40	0,48
Em pequena escala	57,92	63,80	65,54	44,69	60,16
<i>Pecuária</i>	14,73	18,43	31,37	10,28	18,73
Em grande escala..	11,58	16,48	28,03	9,84	15,87
Em pequena escala	3,15	1,95	3,34	0,44	2,86
<i>Outros tipos</i>	3,53	2,98	0,04	0,54	2,60
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela III c

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

c. Percentagens dos diversos elementos, em cada tipo de exploração

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TERRAS	PRÉDIOS E CONSTRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUINÁRIO E VEÍCULOS	TOTAL
<i>Agricultura</i>	73,24	15,23	3,01	8,52	100,00
Em grande escala..	45,78	12,97	5,50	35,75	100,00
Em pequena escala	74,04	15,29	2,94	7,73	100,00
<i>Agropecuária</i>	54,47	20,24	22,58	2,71	100,00
Em grande escala..	54,32	16,69	18,67	10,32	100,00
Em pequena escala	54,47	20,27	22,61	2,65	100,00
<i>Pecuária</i>	44,48	18,81	34,75	1,96	100,00
Em grande escala..	41,27	19,85	36,67	2,21	100,00
Em pequena escala	62,30	12,99	24,16	0,55	100,00
<i>Outros tipos</i>	77,00	21,94	0,31	0,75	100,00
TODOS OS TIPOS	56,57	19,11	20,75	3,57	100,00

* * *

6. *Valor da produção nos diversos tipos de exploração.* — Informações sobre este assunto acham-se nas tabelas IV a (dados absolutos), IV b (percentagens dos diversos tipos de exploração, no valor de cada categoria da produção) e IV c (percentagens das diversas categorias da produção, no valor total da produção em cada tipo de exploração).

Considerando-se o conjunto dos estabelecimentos, o valor da produção do ano de 1939 discrimina-se como consta dos dados abaixo.

CATEGORIA DE PRODUÇÃO	VALOR	
	Cr\$ 1 000	%
Extrativa.....	34 354	15,68
Agrícola.....	140 829	64,29
Animal e de origem animal.....	43 865	20,03
<i>TOTAL</i>	<i>219 048</i>	<i>100,00</i>

Pouco menos de dois terços do valor total correspondem à produção agrícola; um quinto, à animal e de origem animal; a fração resídua corresponde à produção extrativa (integrada pelos produtos naturais espontâneos).

Discriminando-se os diversos tipos de exploração, verifica-se que a quota mais elevada de valor da parcela agrícola da produção, 88,63%, se encontra na exploração agrícola, ficando ainda maior na exploração em grande escala, 98,13%, e um pouco menor na em pequena escala, 87,98%. Na exploração agropecuária, a produção agrícola constitui uma quota menor, embora ainda preponderante, 64,49%, e muito mais elevada na exploração em grande escala, 87,78%, do que na em pequena escala, 64,32%. Na exploração pecuária, a quota correspondente se reduz para 41,31%, atingindo 47,16% na exploração em grande escala, mas caindo para 1,17% na em pequena escala. Vê-se que, em geral, a importância relativa da produção agrícola é maior na exploração em grande escala.

A marcha das quotas de valor que cabem à produção animal e de origem animal é inversa à descrita acima, figurando essa parcela com apenas 1,53% do valor da produção na exploração agrícola (1,42% na em grande escala, 1,54% na em pequena escala), mas com 22,38% na exploração agropecuária (10,80% na em grande escala, 22,47% na em pequena escala) e com 36,23% na exploração pecuária (38,00% na em grande escala, 24,04% na em pequena escala). A importância relativa da produção animal e de origem animal é maior na exploração em pequena escala, na exploração agrícola e mista, e menor na pecuária.

A produção extrativa contribui com quotas menores, mas não desprezíveis, para o valor total da produção: na exploração agrícola 9,84% (0,45% na em grande escala, 10,48% na em pequena escala), na agropecuária 13,13% (1,42% na em grande escala, 13,21 na em pequena escala) e na pecuária 22,46% (14,84% na em grande escala, 74,79% na em pequena escala). Em todos esses tipos de exploração, a quota da produção extrativa é maior para os estabelecimentos com exploração em pequena escala do que para os com exploração em grande escala.

Considerando-se comparativamente a participação da exploração em grande escala e da em pequena escala no valor das diversas categorias de produção, obtêm-se os dados seguintes.

CATEGORIA DE PRODUÇÃO	PERCENTAGENS DOS TOTAIS ¹³	
	Exploração em grande escala	Exploração em pequena escala
Extrativa.....	12,49	74,42
Agrícola.....	12,14	87,86
Animal e de origem animal.....	25,23	74,75
<i>TÓDAS AS CATEGORIAS...</i>	<i>14,81</i>	<i>83,13</i>

A participação da exploração em grande escala no valor da produção é superior a um sétimo, em conjunto, mas está próximo de um quarto na parcela da produção animal e de origem animal, em virtude da predominância desse regime na exploração pecuária.

Tabela IV a

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo o tipo de exploração

a. Dados absolutos (Cr\$ 1 000)

TIPO DE EXPLORAÇÃO	PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	TOTAL
<i>Agricultura.....</i>	<i>4 112</i>	<i>37 048</i>	<i>641</i>	<i>41 801</i>
Em grande escala.....	12	2 619	38	2 669
Em pequena escala.....	4 100	34 429	603	39 132
<i>Agropecuária.....</i>	<i>18 356</i>	<i>90 190</i>	<i>31 299</i>	<i>139 845</i>
Em grande escala.....	15	927	114	1 056
Em pequena escala.....	18 341	89 263	31 185	138 789
<i>Pecuária.....</i>	<i>7 389</i>	<i>13 591</i>	<i>11 918</i>	<i>32 898</i>
Em grande escala.....	4 262	13 542	10 913	28 717
Em pequena escala.....	3 127	49	1 005	4 181
<i>Outros tipos.....</i>	<i>4 497</i>	—	<i>7</i>	<i>4 504</i>
<i>TOTAL.....</i>	<i>34 354</i>	<i>140 829</i>	<i>43 865</i>	<i>219 048</i>

¹³ A diferença entre 100 e a soma das percentagens das duas colunas, em cada linha, representa a percentagem que cabe aos estabelecimentos de tipos diversos dos três principais, para os quais não foi discriminada a escala da exploração.

Tabela IV b

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo o tipo de exploração

b. Percentagens dos diversos tipos de exploração, no valor de cada categoria de produção

TIPO DE EXPLORAÇÃO	PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	PRODUÇÃO TOTAL
<i>Agricultura</i>	11,97	26,31	1,46	19,08
Em grande escala.....	0,04	1,86	0,09	1,22
Em pequena escala.....	11,93	24,45	1,37	17,86
<i>Agropecuária</i>	53,43	64,04	71,35	63,84
Em grande escala.....	0,04	0,66	0,26	0,48
Em pequena escala.....	53,39	63,38	71,09	63,36
<i>Pecuária</i>	21,51	9,65	27,17	15,02
Em grande escala.....	12,41	9,62	24,88	13,11
Em pequena escala.....	9,10	0,03	2,29	1,91
<i>Outros tipos</i>	13,09	—	0,02	2,06
<i>TOTAL</i>	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela IV c

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo o tipo de exploração

c. Percentagens das diversas categorias de produção, no valor total da produção, em cada tipo de exploração

TIPO DE EXPLORAÇÃO	PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	TOTAL
<i>Agricultura</i>	9,84	88,63	1,53	100,00
Em grande escala.....	0,45	98,13	1,42	100,00
Em pequena escala.....	10,48	87,98	1,54	100,00
<i>Agropecuária</i>	13,13	64,49	22,38	100,00
Em grande escala.....	1,42	87,78	10,80	100,00
Em pequena escala.....	13,21	64,32	22,47	100,00
<i>Pecuária</i>	22,46	41,31	36,23	100,00
Em grande escala.....	14,84	47,16	38,00	100,00
Em pequena escala.....	74,79	1,17	24,04	100,00
<i>Outros tipos</i>	99,84	—	0,16	100,00
<i>TODOS OS TIPOS</i>	15,68	64,29	20,03	100,00

7. *Extensão dos estabelecimentos.* — No Censo Agrícola de 1940, os estabelecimentos recenseados foram discriminados segundo a respectiva área¹⁴ e os dados a êles referentes foram apurados segundo classes de área.

Os resultados dessa apuração estão resumidos nas tabelas V a, VI a, VII a e VIII a, enquanto nas tabelas V b e c, VI b e c, VII b e c e VIII b e c são apresentados os resultados de elaborações paralelas às resumidas nas tabelas anteriormente examinadas, estando os dados subordinados à discriminação das classes de área, em vez de à discriminação dos tipos de exploração.

Algumas observações sugeridas pelas apurações e elaborações acima referidas serão expostas no presente parágrafo e nos primeiros seguintes.

Nas tabelas acima referidas estão discriminadas 15 classes de área dos estabelecimentos. Agrupando-as em 5 classes mais amplas, para facilitar a visão de conjunto, obtêm-se os dados abaixo. Cumpre advertir que são aqui considerados estabelecimentos *pequenos* os com área até 10 hectares; *médios*, os de 10 a 100 hectares; *grandes*, os de 100 a 1000 hectares; *muito grandes*, os de 1000 a 10000 hectares; e *excepcionalmente grandes*, os de mais de 10000 hectares¹⁵.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGEM DO GRUPO ESPECIFICADO				
	No número dos estabelecimentos	Na área	No valor dos estabelecimentos	No valor da produção	No pessoal permanente
Pequenos.....	27,76	1,25	8,78	12,98	18,92
Médios.....	52,54	21,80	41,37	45,24	45,97
Grandes.....	18,49	51,51	41,89	37,32	31,44
Muito grandes.....	0,96	21,89	7,25	4,01	3,10
Excepcionalmente grandes....	0,02	3,55	0,50	0,24	0,27
<i>TOTAL</i> ¹⁶	99,77	100,00	99,79	99,79	99,70

Os estabelecimentos pequenos — até 10 hectares — representam mais de um quarto do número total e contam com quase um quinto do pessoal permanente, mas contribuem com cêrca de um oitavo para o valor da produção¹⁷. Cumpre, todavia, considerar que êsses estabelecimentos abrangem apenas uma fração muito pequena da área total, pouco mais de um centésimo.

Os estabelecimentos médios — de 10 a 100 hectares — constituem o grupo mais importante, seja pelo número, compreendendo mais da metade do total, seja pelo pessoal permanente e pelo valor da produção, para os quais contribuem com pouco mais de quatro nonos, e pelo valor dos estabelecimentos, para o qual contribuem com pouco mais de quatro décimos. Compreende êste grupo pouco mais de dois décimos da área total.

Os estabelecimentos grandes — de 100 a 1000 hectares — formam um grupo muito importante, embora não atinja dois décimos do número total. Com efeito, correspondem a êsse grupo pouco mais da metade da área total, pouco mais de quatro décimos do valor total dos estabelecimentos, cêrca de

¹⁴ Essa classificação permite verificar que a área total de 8 605 954 hectares constante da *Sinopse* citada não compreende 212 estabelecimentos (0,23% do número total), dos quais não foi declarada a área.

Entretanto, a influência dessa circunstância (já salientada atrás na nota 4), sobre as elaborações em que foi feita referência às áreas dos estabelecimentos, é desprezível. Por exemplo, excluindo-se êsses 212 estabelecimentos, a área média do estabelecimento fica determinada em 92,37 hectares, em vez de 92,16.

¹⁵ Essas qualificações foram aplicadas com critérios de relatividade. Critérios diferentes poderiam ser adotados para as diversas zonas territoriais, segundo as condições em que se desenvolve nelas a exploração agropecuária. Em Estados com exploração intensiva do solo poderia ser considerado grande o estabelecimento que aqui se considera médio, muito grande o que aqui se considera apenas grande, etc.

¹⁶ As diferenças entre 100 e os dados da linha "TOTAL" representam as percentagens que correspondem aos estabelecimentos de área não declarada.

¹⁷ Lembra-se que os dados do valor da produção se referem ao ano de 1939, enquanto os do valor dos estabelecimentos se referem à data do censo (1.º-IX-1940).

três oitavos do valor total da produção e pouco mais de três décimos do pessoal permanentemente ocupado.

Os estabelecimentos muito grandes — de 1 000 a 10 000 hectares — e excepcionalmente grandes — de mais de 10 000 hectares —, cujo número não chega a um centésimo do total, cobrem um quarto da área total, mas contribuem com menos de um vigésimo para o valor total da produção e dão ocupação a uma fração ainda menor do pessoal permanente. O valor desses estabelecimentos representa um trezeavo do total.

As características das diferentes classes de área de estabelecimentos são postas em evidência pelas médias calculadas na tabela Vc. Cálculos análogos, mas referentes aos grupos mais amplos discriminados acima, serão aqui expostos com ligeiros comentários.

O seguinte quadro dá as médias por estabelecimento para os diferentes grupos.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO			
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas
Pequenos.....	4,14	3 536	1 098	4,84
Médios.....	38,26	8 808	2 020	6,22
Grandes.....	256,74	25 342	4 733	12,08
Muito grandes.....	2 083,32	83 759	9 718	22,77
Excepcionalmente grandes.....	19 082,31	329 063	32 563	112,56
 <i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS</i> ¹⁸	92,37	11 188	2 346	7,10

Em virtude do próprio critério do agrupamento, que é o da área, tôdas as médias aumentam progressivamente na passagem do grupo dos pequenos estabelecimentos, através dos grupos intermediários, para o dos excepcionalmente grandes.

Nota-se, entretanto, que o valor do estabelecimento aumenta muito mais lentamente do que a área; o valor da produção, ainda mais lentamente; e o número das pessoas ocupadas, com a menor progressão.

Essas diferenças de progressão refletem-se, invertidas, na marcha das médias por hectare.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	MÉDIAS POR HECTARE		
	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas
Pequenos.....	854	265	1,169
Médios.....	230	53	0,163
Grandes.....	99	18	0,047
Muito grandes.....	40	5	0,011
Excepcionalmente grandes.....	17	2	0,006
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS</i> ¹⁸	121	25	0,077

¹⁸ Exclusivo os de área não declarada.

Passando-se de cada grupo de estabelecimentos para o seguinte, na ordem segundo o tamanho, vê-se diminuir o valor médio por hectare, diminuir em proporção maior o valor médio da produção por hectare e em proporção ainda maior o número médio das pessoas ocupadas.

Em outra forma, as mesmas características são postas em evidência pelas médias por pessoa ocupada.

GRUPO DE ESTABELECEMENTOS	MÉDIAS POR PESSOA PERMANENTEMENTE OCUPADA		
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$
Pequenos.....	0,86	730	227
Médios.....	6,15	1 417	325
Grandes.....	21,25	2 098	392
Muito grandes.....	91,48	3 678	427
Excepcionalmente grandes.....	169,53	2 923	289
<i>TODOS OS ESTABELECEMENTOS¹⁹</i>	<i>13,01</i>	<i>1 576</i>	<i>330</i>

A área média por pessoa ocupada aumenta rapidamente na passagem dos estabelecimentos menores para os maiores. Em proporção menos acentuada aumenta o valor médio do estabelecimento por pessoa ocupada (com exceção do último grupo, dos excepcionalmente grandes, que marca uma diminuição); e, em proporção ainda menor, o valor da produção por pessoa ocupada (com exceção do último grupo, dos excepcionalmente grandes, que também marca uma sensível diminuição).

Tabela V a

ESTADO DO CEARÁ

Os estabelecimentos agropecuários, segundo a área

a. Dados absolutos

ÁREA DO ESTABELECEMENTO	ESTABELECEMENTOS RECENTES	ÁREA ha	VALOR DOS ESTABELECEMENTOS Cr\$ 1 000	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939 Cr\$ 1 000	PESSOAL PERMANENTE ²⁰
Até 1.....	4 207	1 684	12 031	3 971	25 281
1 a 2.....	3 333	4 686	7 995	3 537	15 063
2 > 5.....	8 512	28 917	25 359	8 590	38 021
5 > 10.....	9 868	72 067	46 268	12 358	47 183
10 > 20.....	14 010	204 340	97 154	22 198	75 934
20 > 50.....	20 798	676 787	162 957	39 396	123 886
50 > 100.....	14 256	996 026	172 041	37 496	105 231
100 > 200.....	9 272	1 303 212	163 928	34 449	92 746
200 > 500.....	6 243	1 929 009	179 071	34 646	84 648
500 > 1 000.....	1 751	1 200 586	94 555	12 630	31 197
1 000 > 2 500.....	685	991 196	51 896	6 278	14 099
2 500 > 5 000.....	160	516 413	17 879	1 736	4 201
5 000 > 10 000.....	59	375 714	5 943	771	2 287
10 000 > 100 000.....	16	305 317	5 265	521	1 801
Não declarada.....	212	—	2 165	471	2 007
<i>TOTAL.....</i>	<i>93 382</i>	<i>8 605 954</i>	<i>1 044 507</i>	<i>219 048</i>	<i>663 585</i>

¹⁹ Excluídos os de área não declarada.²⁰ Dados em parte estimados.

Tabela V b

ESTADO DO CEARÁ

Os estabelecimentos agropecuários, segundo a área

b. Percentagens

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	ESTABELECIMENTOS RECENTES	ÁREA	VALOR DO ESTABELECIMENTO	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939	PESSOAL PERMANENTE
Até 1.....	4,50	0,02	1,15	1,81	3,81
1 a 2.....	3,57	0,05	0,77	1,61	2,27
2 > 5.....	9,12	0,34	2,43	3,92	5,73
5 > 10.....	10,57	0,84	4,43	5,64	7,11
10 > 20.....	15,00	2,37	9,30	10,13	11,44
20 > 50.....	22,27	7,86	15,60	17,99	18,67
50 > 100.....	15,27	11,57	16,47	17,12	15,86
100 > 200.....	9,93	15,14	15,70	15,73	13,98
200 > 500.....	6,69	22,42	17,14	15,82	12,76
500 > 1 000.....	1,87	13,95	9,05	5,77	4,70
1 000 > 2 500.....	0,73	11,52	4,97	2,87	2,13
2 500 > 5 000.....	0,17	6,00	1,71	0,79	0,63
5 000 > 10 000.....	0,06	4,37	0,57	0,35	0,34
10 000 > 100 000.....	0,02	3,55	0,50	0,24	0,27
Não declarada.....	0,23	—	0,21	0,21	0,30
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela V c

ESTADO DO CEARÁ

Os estabelecimentos agropecuários, segundo a área

c. Médias

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO				MÉDIAS POR HECTARE			MÉDIAS POR PESSOA PERMANENTEMENTE OCUPADA		
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$
Até 1...	0,40	2 860	944	6,01	7 144	2 358	15,012	0,07	476	157
1 a 2.....	1,41	2 399	1 061	4,52	1 706	755	3,214	0,31	531	235
2 > 5.....	3,40	2 979	1 009	4,47	877	297	1,315	0,76	667	226
5 > 10.....	7,30	4 689	1 252	4,78	642	171	0,655	1,53	981	262
10 > 20.....	14,59	6 935	1 584	5,42	475	109	0,372	2,69	1 279	292
20 > 50.....	32,54	7 835	1 894	5,96	241	58	0,183	5,46	1 315	318
50 > 100.....	69,87	12 068	2 630	7,38	173	38	0,106	9,47	1 635	356
100 > 200.....	140,55	17 680	3 715	10,00	126	26	0,071	14,05	1 767	371
200 > 500.....	308,99	28 683	5 550	13,56	93	18	0,044	22,79	2 115	409
500 > 1 000.....	685,66	54 001	7 213	17,82	79	11	0,026	38,48	3 031	405
1 000 > 2 500.....	1 447,00	75 761	9 165	20,58	52	6	0,014	70,30	3 681	445
2 500 > 5 000.....	3 227,58	111 744	10 850	26,26	35	3	0,008	122,93	4 256	413
5 000 > 10 000.....	6 368,03	100 729	13 068	38,76	16	2	0,005	164,28	2 599	337
10 000 > 100 000.....	19 082,31	329 063	32 563	112,56	17	2	0,006	169,53	2 923	289
Não declarada.....	—	10 212	2 222	9,47	—	—	—	—	1 079	235
TÓDAS AS CLASSES ²¹	92,16	11 185	2 346	7,11	121	25	0,077	12,97	1 574	330

²¹ Excluído os estabelecimentos de área não declarada. Em virtude deste critério, algumas das médias apresentadas nesta tabela diferem das correspondentes que constam das tabelas I c e IX c.

8. *Aproveitamento da área, segundo a extensão do estabelecimento.* — Este assunto é ilustrado pelas tabelas VIa (dados absolutos), VIb (percentagens das diferentes classes de área, em cada tipo de aproveitamento) e VIc (percentagens dos diversos tipos de aproveitamento, em cada classe de área).

Resumindo-se por grupos mais amplos os dados da tabela VIb, obtém-se o seguinte quadro.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGEM DO GRUPO ESPECIFICADO			
	Na lavoura	Nas pastagens	Nas matas, etc.	Na área total
Pequenos.....	3,73	0,86	0,78	1,25
Médios.....	36,73	20,02	18,72	21,80
Grandes.....	46,67	53,00	52,08	51,51
Muito grandes.....	11,87	21,07	24,89	21,89
Excepcionalmente grandes.....	1,00	5,05	3,53	3,55
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS</i> ²²	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>

As maiores quotas da área aproveitada para lavoura correspondem aos estabelecimentos grandes e aos médios; a maior quota da área em pastagens corresponde aos grandes, seguindo-se distanciados os muito grandes e médios; e a maior quota da área em matas ou não aproveitada, também aos grandes, sendo todavia notáveis, embora bem menores, as quotas correspondentes aos muito grandes e aos médios.

As proporções comparativas dos diversos tipos de aproveitamento nos diferentes grupos de estabelecimentos constam do seguinte quadro.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGEM DE CADA TIPO DE APROVEITAMENTO NO GRUPO ESPECIFICADO			
	Lavoura	Pastagens	Matas, etc.	Todos os tipos
Pequenos.....	45,56	18,43	36,01	100,00
Médios.....	25,69	24,50	49,81	100,00
Grandes.....	13,82	27,48	58,70	100,00
Muito grandes.....	8,27	25,71	66,02	100,00
Excepcionalmente grandes.....	4,30	38,02	57,68	100,00
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS</i> ²²	<i>15,25</i>	<i>26,70</i>	<i>58,05</i>	<i>100,00</i>

²² Exclusivo os de área não declarada.

A fração da área do estabelecimento aproveitada pela lavoura é máxima nos pequenos estabelecimentos, sendo a exploração relativamente intensiva de uma elevada fração da área uma condição imprescindível para a própria existência da pequena empresa agrícola. Passando-se aos grupos de área maior, diminui cada vez mais a fração de área aproveitada pela lavoura.

A fração dedicada às pastagens, que é baixa nos pequenos estabelecimentos, aumenta nos grupos sucessivos dos médios e dos grandes, mas diminui um pouco nos muito grandes, e torna a aumentar, mais acentuadamente, nos excepcionalmente grandes.

Em todos os grupos, com exclusão dos dos estabelecimentos pequenos, é elevada a fração da área ocupada por matas, terras não aproveitadas ou improdutivas. Essa fração se mantém crescente até o grupo dos estabelecimentos muito grandes, onde alcança o máximo de quase dois terços; nos excepcionalmente grandes diminui para cerca de seis décimos. Nos pequenos estabelecimentos essa área não chega a quatro décimos da área total.

Tabela VI a

ESTADO DO CEARÁ

Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários²³, segundo a área do estabelecimento individual

a. Dados absolutos (hectares)

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			TOTAL (segundo a área do estabelecimento)
		Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	
Até	1.....	956	238	490	1 684
1 a	2.....	2 590	734	1 362	4 686
2 >	5.....	14 583	4 774	9 560	28 917
5 >	10.....	30 785	14 033	27 249	72 067
10 >	20.....	68 827	45 247	90 266	204 340
20 >	50.....	173 451	167 695	335 641	676 787
50 >	100.....	239 916	246 897	509 213	996 026
100 >	200.....	230 955	338 793	733 464	1 303 212
200 >	500.....	258 757	537 611	1 132 641	1 929 009
500 >	1 000.....	123 062	341 510	736 014	1 200 586
1 000 >	2 500.....	79 466	266 751	644 979	991 196
2 500 >	5 000.....	40 016	127 134	349 263	516 413
5 000 >	10 000.....	36 347	90 235	249 132	375 714
10 000 >	100 000.....	13 114	116 088	176 115	305 317
<i>TOTAL (segundo o tipo de aproveitamento).....</i>		<i>1 312 825</i>	<i>2 297 740</i>	<i>4 995 389</i>	<i>8 605 954</i>

²³ Exclusiva os de área não declarada.

Tabela VI b

ESTADO DO CEARÁ

Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários²⁴, segundo a área do estabelecimento individual

b. Percentagens das diferentes classes de área, em cada tipo de aproveitamento

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			
		Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	Todos os tipos
Até	1.....	0,07	0,01	0,01	0,02
1 a	2.....	0,20	0,03	0,03	0,05
2 >	5.....	1,11	0,21	0,19	0,34
5 >	10.....	2,35	0,61	0,55	0,84
10 >	20.....	5,24	1,97	1,81	2,37
20 >	50.....	13,21	7,30	6,72	7,86
50 >	100.....	18,28	10,75	10,19	11,57
100 >	200.....	17,59	14,74	14,68	15,14
200 >	500.....	19,71	23,40	22,67	22,42
500 >	1 000.....	9,37	14,86	14,73	13,95
1 000 >	2 500.....	6,05	11,61	12,91	11,52
2 500 >	5 000.....	3,05	5,53	6,99	6,00
5 000 >	10 000.....	2,77	3,93	4,99	4,37
10 000 >	100 000.....	1,00	5,05	3,53	3,55
TOTAL.....		100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela VI c

ESTADO DO CEARÁ

Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários²⁴, segundo a área do estabelecimento individual

c. Percentagens dos diversos tipos de aproveitamento, em cada classe de área

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			TOTAL
		Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	
Até	1.....	56,77	14,13	29,10	100,00
1 a	2.....	55,27	15,66	29,07	100,00
2 >	5.....	50,43	16,51	33,06	100,00
5 >	10.....	42,72	19,47	37,81	100,00
10 >	20.....	33,68	22,14	44,18	100,00
20 >	50.....	25,63	24,78	49,59	100,00
50 >	100.....	24,09	24,79	51,12	100,00
100 >	200.....	17,72	26,00	56,28	100,00
200 >	500.....	13,41	27,87	58,72	100,00
500 >	1 000.....	10,25	28,45	61,30	100,00
1 000 >	2 500.....	8,02	26,91	65,07	100,00
2 500 >	5 000.....	7,75	24,62	67,63	100,00
5 000 >	10 000.....	9,67	24,02	66,31	100,00
10 000 >	100 000.....	4,30	38,02	57,68	100,00
TÓDAS AS CLASSES.....		15,25	26,70	58,05	100,00

²⁴ Exclusive os de área não declarada.

9. *Valor dos estabelecimentos, segundo a extensão.* — Referem-se a este assunto as tabelas VII a (dados absolutos), VII b (percentagens das diferentes classes de área, em cada elemento do valor dos estabelecimentos) e VII c (percentagens dos diversos elementos, em cada classe de área dos estabelecimentos).

Agrupando-se os estabelecimentos como nos parágrafos anteriores, obtêm-se os seguintes dados sobre a distribuição proporcional dos diversos elementos do valor dos estabelecimentos — terras, prédios e construções, animais, maquinário e veículos — entre os diferentes grupos.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGEM DO GRUPO ESPECIFICADO NO VALOR				
	Das terras	Dos prédios e construções	Dos animais	Do maquinário e veículos	Total
Pequenos.....	8,49	11,07	7,98	5,77	8,78
Médios.....	42,08	39,43	38,43	57,89	41,37
Grandes.....	41,23	41,38	46,05	30,70	41,89
Muito grandes.....	7,69	6,90	6,76	4,89	7,25
Excepcionalmente grandes...	0,45	0,57	0,55	0,66	0,50
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS</i> ²⁵ ..	<i>99,94</i>	<i>99,35</i>	<i>99,77</i>	<i>99,91</i>	<i>99,79</i>

Para todos os elementos do valor contribuem principalmente os estabelecimentos médios e grandes. Os estabelecimentos pequenos figuram em terceiro lugar, com percentagens bem menores, sendo logo seguidos pelos muito grandes. Os excepcionalmente grandes figuram com quotas muito baixas.

Calculou-se para cada grupo a discriminação proporcional do valor dos estabelecimentos nos seus diversos elementos (discriminação constante da tabela VI c para cada uma das classes, menos amplas, de área, que figuram nela). Os resultados dêsse cálculo constam do quadro seguinte.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGEM DE CADA ELEMENTO DO VALOR DOS ESTABELECIMENTOS NO GRUPO ESPECIFICADO				
	Terras	Prédios e construções	Animais	Maquinário e veículos	Todos os elementos
Pequenos.....	54,68	24,10	18,87	2,35	100,00
Médios.....	57,52	18,21	19,28	4,99	100,00
Grandes.....	55,69	18,88	22,82	2,61	100,00
Muito grandes.....	60,05	18,21	19,34	2,40	100,00
Excepcionalmente grandes...	50,98	21,52	22,87	4,63	100,00
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS</i> ²⁶ ..	<i>56,65</i>	<i>19,03</i>	<i>20,75</i>	<i>3,57</i>	<i>100,00</i>

²⁵ Exclusive os de área não declarada. As percentagens dêste grupo são dadas pelas diferenças entre 100 e os totais das colunas do quadro acima.

²⁶ Exclusive os de área não declarada.

Não são muito grandes as diferenças na composição do valor dos estabelecimentos dos diferentes grupos.

A quota que corresponde às terras, no valor total dos estabelecimentos, é de cêrca da metade no grupo dos estabelecimentos excepcionalmente grandes, onde é menos elevada; atinge níveis pouco maiores nos pequenos, grandes e médios, e alcança o máximo de três quintos no grupo dos muito grandes.

Na quota que corresponde aos prédios e construções, o máximo, próximo de um quarto, corresponde aos estabelecimentos pequenos, e o mínimo, inferior a um quinto, aos médios e muito grandes.

A quota correspondente aos animais cresce na passagem do grupo dos estabelecimentos pequenos para os grandes, diminui nos muito grandes e torna a aumentar nos excepcionalmente grandes.

A quota que corresponde ao maquinário e aos veículos é muito baixa em todos os grupos, ficando próxima de um vigésimo apenas nos médios e nos excepcionalmente grandes.

Tabela VII a

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo a área do estabelecimento

a. Dados absolutos (Cr\$ 1 000)

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TERRAS	PRÉDIOS E CONS- TRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUI- NÁRIO E VEÍCULOS	TOTAL
Até	1.....	3 708	4 241	3 832	250	12 031
1 a	2.....	2 631	3 041	2 021	302	7 995
2 >	5.....	13 884	6 334	4 573	568	25 359
5 >	10.....	29 891	8 478	6 867	1 032	46 268
10 >	20.....	59 060	14 624	13 537	9 933	97 154
20 >	50.....	98 257	29 652	32 017	3 031	162 957
50 >	100.....	91 255	34 434	37 756	8 596	172 041
100 >	200.....	92 314	29 223	36 873	5 518	163 928
200 >	500.....	92 844	38 627	43 775	3 825	179 071
500 >	1 000.....	58 514	14 761	19 188	2 092	94 555
1 000 >	2 500.....	33 139	7 773	9 956	1 028	51 896
2 500 >	5 000.....	9 353	4 611	3 267	648	17 879
5 000 >	10 000.....	2 974	1 402	1 421	146	5 943
10 000 >	100 000.....	2 684	1 133	1 204	244	5 265
Não declarada.....		330	1 304	497	34	2 165
<i>TOTAL.....</i>		<i>590 838</i>	<i>199 638</i>	<i>216 784</i>	<i>37 247</i>	<i>1 044 507</i>

Tabela VII b

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo a área do estabelecimento

b. Percentagens das diferentes classes de área, em cada elemento do valor dos estabelecimentos

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TERRAS	PRÉDIOS E CONS- TRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUI- NÁRIO E VEÍCULOS	VALOR TOTAL
Até	1.....	0,63	2,13	1,77	0,67	1,15
1 a	2.....	0,45	1,52	0,93	0,81	0,77
2 >	5.....	2,35	3,17	2,11	1,52	2,43
5 >	10.....	5,06	4,25	3,17	2,77	4,43
10 >	20.....	10,00	7,33	6,24	26,67	9,30
20 >	50.....	16,63	14,85	14,77	8,14	15,60
50 >	100.....	15,45	17,25	17,42	23,08	16,47
100 >	200.....	15,62	14,64	17,01	14,81	15,70
200 >	500.....	15,71	19,35	20,19	10,27	17,14
500 >	1 000.....	9,90	7,39	8,85	5,62	9,05
1 000 >	2 500.....	5,61	3,89	4,59	2,76	4,97
2 500 >	5 000.....	1,58	2,31	1,51	1,74	1,71
5 000 >	10 000.....	0,50	0,70	0,66	0,39	0,57
10 000 >	100 000.....	0,45	0,57	0,55	0,66	0,50
Não declarada.....		0,06	0,65	0,23	0,09	0,21
TOTAL.....		100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela VII c

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo a área do estabelecimento

c. Percentagens dos diversos elementos, em cada classe de área dos estabelecimentos

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TERRAS	PRÉDIOS E CONS- TRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUI- NÁRIO E VEÍCULOS	TOTAL
Até	1.....	30,82	35,25	31,85	2,08	100,00
1 a	2.....	32,91	38,03	25,28	3,78	100,00
2 >	5.....	54,75	24,98	18,03	2,24	100,00
5 >	10.....	64,61	18,32	14,84	2,23	100,00
10 >	20.....	60,79	15,05	13,93	10,23	100,00
20 >	50.....	60,30	18,19	19,65	1,86	100,00
50 >	100.....	53,04	20,01	21,95	5,00	100,00
100 >	200.....	56,31	17,83	22,49	3,37	100,00
200 >	500.....	51,85	21,57	24,44	2,14	100,00
500 >	1 000.....	61,89	15,61	20,29	2,21	100,00
1 000 >	2 500.....	63,86	14,98	19,18	1,98	100,00
2 500 >	5 000.....	52,31	25,79	18,27	3,63	100,00
5 000 >	10 000.....	50,04	23,59	23,91	2,46	100,00
10 000 >	100 000.....	50,98	21,52	22,87	4,63	100,00
Não declarada.....		15,24	60,23	22,96	1,57	100,00
TÓDAS AS CLASSES..		56,57	19,11	20,75	3,57	100,00

10. *Valor da produção segundo a extensão do estabelecimento.* — Este assunto é ilustrado pelas tabelas VIII a (dados absolutos), VIII b (percentagens das diferentes classes de área, no valor de cada categoria de produção) e VIII c (percentagens das diversas categorias de produtos, no valor da produção em cada classe de área).

Agrupando os estabelecimentos em classes mais amplas, as percentagens da tabela VIII b ficam resumidas pelas constantes do seguinte quadro.

GRUPO DE ESTABELECI- MENTOS	PERCENTAGEM DO GRUPO ESPECIFICADO NA PRODUÇÃO			
	Extrativa	Agrícola	Animal e de origem animal	Total
Pequenos.....	16,68	13,53	8,39	12,98
Médios.....	42,95	47,13	40,96	45,24
Grandes.....	34,55	35,73	44,55	37,32
Muito grandes.....	5,70	3,10	5,59	4,01
Excepcionalmente grandes.....	0,01	0,28	0,28	0,24
<i>TODOS OS ESTABELECI- MENTOS</i> ²⁷	<i>99,89</i>	<i>99,77</i>	<i>99,77</i>	<i>99,79</i>

Os estabelecimentos médios contribuem com as maiores quotas para o valor da produção extrativa e da agrícola e figuram em segundo lugar quanto à contribuição para o valor da produção animal e de origem animal.

Os estabelecimentos grandes figuram em primeiro lugar quanto à contribuição para o valor desta última produção e em segundo lugar quanto às demais.

Os estabelecimentos pequenos contribuem para o valor da produção com quotas que variam entre um sexto e um dozeavo.

Os estabelecimentos muito grandes contribuem com quotas modestas nas três categorias de produção.

Os estabelecimentos excepcionalmente grandes participam em proporção desprezível em tôdas as categorias de produção.

As características da distribuição do valor total da produção entre as diversas categorias de produtos, que na tabela VIII c são postas em relêvo em correspondência às diferentes classes de área, apresentam, nos grupos mais amplos, os aspectos que ressaltam do seguinte quadro.

GRUPO DE ESTABELECI- MENTOS	PERCENTAGEM, NO VALOR TOTAL DA PRODUÇÃO, DA PRODUÇÃO			
	Extrativa	Agrícola	Animal e de origem animal	De tôdas as categorias
Pequenos.....	20,14	66,93	12,93	100,00
Médios.....	14,89	66,98	18,13	100,00
Grandes.....	14,52	61,57	23,91	100,00
Muito grandes.....	22,29	49,80	27,91	100,00
Excepcionalmente grandes.....	0,96	75,62	23,42	100,00
<i>TODOS OS ESTABELECI- MENTOS</i> ²⁸	<i>15,70</i>	<i>64,28</i>	<i>20,02</i>	<i>100,00</i>

²⁷ Exclui os estabelecimentos de área não declarada. As percentagens deste grupo são dadas pelas diferenças entre 100 e os totais das colunas do quadro acima.

²⁸ Exclui os de área não declarada.

Em todos os grupos de estabelecimentos, os produtos agrícolas contribuem com a maior quota para o valor total da produção, ficando máxima essa quota nos estabelecimentos excepcionalmente grandes, onde excede três quartos, e mínima nos muito grandes, onde se aproxima da metade, e excedendo seis décimos nos demais grupos.

O valor dos produtos animais e de origem animal, que representa cêrca de um oitavo do total nos pequenos estabelecimentos, constitui uma quota crescente com o aumentar do tamanho dos estabelecimentos, até alcançar mais de um quarto nos muito grandes; diminui, porém, para menos de um quarto nos excepcionalmente grandes.

A quota que corresponde à produção extrativa excede um quinto nos estabelecimentos muito grandes e nos pequenos, descendo para cêrca de um sétimo nos médios e grandes; nos excepcionalmente grandes é desprezível.

Tabela VIII a

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo a área do estabelecimento

a. Dados absolutos (Cr\$ 1 000)

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	TOTAL
Até 1.....	655	2 594	722	3 971
1 a 2.....	1 001	2 120	416	3 537
2 > 5.....	1 507	6 021	1 062	8 590
5 > 10.....	2 567	8 312	1 479	12 358
10 > 20.....	3 697	15 195	3 306	22 198
20 > 50.....	6 186	26 354	6 856	39 396
50 > 100.....	4 871	24 821	7 804	37 496
100 > 200.....	5 109	21 509	7 831	34 449
200 > 500.....	5 012	21 220	8 414	34 646
500 > 1 000.....	1 748	7 584	3 298	12 630
1 000 > 2 500.....	1 502	3 055	1 721	6 278
2 500 > 5 000.....	328	905	503	1 736
5 000 > 10 000.....	128	415	228	771
10 000 > 100 000.....	5	394	122	521
Não declarada.....	38	330	103	471
TOTAL.....	34 354	140 829	43 865	219 048

Tabela VIII b

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo a área do estabelecimento

b. Percentagens das diferentes classes de área, no valor de cada categoria de produção

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	PRODUÇÃO TOTAL
Até	1.....	1,91	1,84	1,65	1,81
1 a	2.....	2,91	1,51	0,95	1,61
2 >	5.....	4,39	4,28	2,42	3,92
5 >	10.....	7,47	5,90	3,37	5,64
10 >	20.....	10,76	10,79	7,54	10,13
20 >	50.....	18,01	18,71	15,63	17,99
50 >	100.....	14,18	17,63	17,79	17,12
100 >	200.....	14,87	15,27	17,85	15,73
200 >	500.....	14,59	15,07	19,18	15,82
500 >	1 000.....	5,09	5,39	7,52	5,77
1 000 >	2 500.....	4,37	2,17	3,92	2,87
2 500 >	5 000.....	0,96	0,64	1,15	0,79
5 000 >	10 000.....	0,37	0,29	0,52	0,35
10 000 >	100 000.....	0,01	0,28	0,28	0,24
Não declarada.....		0,11	0,23	0,23	0,21
TOTAL.....		100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela VIII c

ESTADO DO CEARÁ

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo a área do estabelecimento

c. Percentagens das diversas categorias de produtos, no valor da produção, em cada classe de área

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	TOTAL
Até	1.....	16,50	65,32	18,18	100,00
1 a	2.....	28,30	59,94	11,76	100,00
2 >	5.....	17,55	70,09	12,36	100,00
5 >	10.....	20,77	67,26	11,97	100,00
10 >	20.....	16,66	68,45	14,89	100,00
20 >	50.....	15,70	66,90	17,40	100,00
50 >	100.....	12,99	66,20	20,81	100,00
100 >	200.....	14,83	62,44	22,73	100,00
200 >	500.....	14,47	61,25	24,28	100,00
500 >	1 000.....	13,84	60,05	26,11	100,00
1 000 >	2 500.....	23,93	48,66	27,41	100,00
2 500 >	5 000.....	18,89	52,13	28,98	100,00
5 000 >	10 000.....	16,60	53,83	29,57	100,00
10 000 >	100 000.....	0,96	75,62	23,42	100,00
Não declarada.....		8,07	70,06	21,87	100,00
TÓDAS AS CLASSES		15,68	64,29	20,03	100,00

* * *

11. *Tipos de propriedade.* — A grande maioria dos estabelecimentos é de propriedade privada, como consta das tabelas IX a (dados absolutos) e IX b (percentagens).

Os estabelecimentos de propriedade privada²⁹ constituem 97,26% do número total, com 97,89% da área total, e contribuem com 97,18% para o valor dos estabelecimentos e com 97,85% para o valor da produção; o pessoal nêles ocupado representa 97,64% do total.

Os estabelecimentos de propriedade pública têm participação muito modesta; contribuem com 0,87% para o total dos estabelecimentos, com apenas 0,48% para a área total, com 0,98% para o valor total dos estabelecimentos e com 0,53% para o valor da produção. Apenas 0,63% das pessoas permanentemente ocupadas acham-se nesses estabelecimentos.

Os 97,26% estabelecimentos de propriedade privada discriminam-se em:

75,05% de propriedade individual	}	74,96% de brasileiro nato,
		0,06% de brasileiro naturalizado,
		0,03% de estrangeiro,
21,57% de propriedade em condomínio,		
0,64% de propriedade de pessoa jurídica.		

Cumpra advertir que pode haver estrangeiros também entre os proprietários em condomínio, entre os sócios de empresas constituídas na forma de sociedade, etc.

Cumpra, ainda, advertir que em 1950 a proporção de estrangeiros entre os proprietários ficou de certo menor do que a em 1940, porque os velhos imigrantes estão, em virtude da sua própria idade, sujeitos a uma elevada mortalidade, de modo que estabelecimentos, que pertenciam a estrangeiros na época do censo de 1940, em 1950 pertenciam aos respectivos filhos ou netos, na maioria dos casos brasileiros natos. Bem poucas propriedades rurais foram adquiridas por estrangeiros nos últimos dez anos, seja em virtude dos impedimentos oriundos da legislação de guerra, seja em relação com a grande redução das imigrações.

As médias da tabela IX c põem em relêvo algumas características dos diversos tipos de propriedade.

A área média dos estabelecimentos de propriedade pública, 51 hectares, é muito inferior à dos de propriedade privada; e embora seja um pouco maior seu valor médio, são bem menores o valor médio da produção e o número médio de pessoas ocupadas.

Entre os estabelecimentos de propriedade privada, os de propriedade individual têm a área média de 92 hectares (sendo maior do que esta média geral a relativa aos proprietários brasileiros naturalizados e menor a relativa aos estrangeiros; cumpre lembrar, porém, que se trata de poucas dezenas de casos), os de propriedade em condomínio têm a área média de 95 hectares, e os de propriedade de pessoas jurídicas a de 135 hectares.

Em correlação com essa graduação das extensões, vê-se aumentar levemente o valor médio dos estabelecimentos e da produção, passando-se da classe dos estabelecimentos de propriedade individual para a do condomínio, e mais acentuadamente, passando-se para a classe das pessoas jurídicas. O número médio das pessoas ocupadas é aproximadamente igual nos estabelecimentos de propriedade individual e no de pessoas jurídicas; um pouco maior nos de propriedade em condomínio.

²⁹ Inclusive os de pessoas jurídicas, podendo-se presumir que na grande maioria estas sejam pessoas jurídicas de direito privado.

As percentagens do texto ficariam aumentadas, respectivamente, para 99,13% (número), 99,52% (área), 99,02% (valor dos estabelecimentos), 99,47% (valor da produção) e 99,37% (pessoal), considerando-se de propriedade privada os estabelecimentos dos quais não foi declarada a propriedade.

Os valores médios por hectare, índices da intensidade da exploração, graduam-se de maneira diferente. Os valores médios por hectare do estabelecimento e da produção são menores nos estabelecimentos de propriedade individual, e nos em condomínio, do que nos de propriedade de pessoas jurídicas. Nos estabelecimentos de propriedade pública, o valor médio por hectare é o mais elevado, mas o valor médio da produção por hectare é pouco superior à média geral dos estabelecimentos de propriedade privada.

A razão entre a área e o pessoal ocupado atinge o seu máximo nos estabelecimentos de pessoa jurídica, com 19 hectares por pessoa, descendo para 13 hectares nos de propriedade individual e nos em condomínio; nos estabelecimentos pertencentes à administração pública é de 10 hectares por pessoa.

Os estabelecimentos de propriedade de pessoas jurídicas apresentam valores médios por pessoa ocupada, tanto do estabelecimento como da produção, bem mais elevados do que os verificados nos estabelecimentos de propriedade individual e em condomínio. Discriminando-se os estabelecimentos de propriedade individual segundo a nacionalidade dos proprietários, verifica-se que nos de propriedade de brasileiros naturalizados esses valores médios são maiores do que nos de propriedade de brasileiros natos e estrangeiros.

Nos estabelecimentos de propriedade pública, o valor médio do estabelecimento por pessoa ocupada fica inferior apenas ao verificado nos estabelecimentos de pessoa jurídica, enquanto o valor médio da produção por pessoa ocupada fica inferior aos verificados em tôdas as classes de estabelecimentos de propriedade privada.

* * *

12. *Formas de gestão.* — Constam da segunda seção das tabelas já citadas IX a (dados absolutos), IX b (percentagens) e IX c (médias).

Pouco mais de nove décimos dos estabelecimentos são explorados pelo proprietário, ou diretamente (75,37% do total) ou por meio de um administrador (15,73%). Constituindo 91,10% do total dos estabelecimentos, este grupo abrange 94,72% da área total, dá ocupação a 93,38% do pessoal, contribui com 94,30% para o valor dos estabelecimentos e com 92,74% para o valor da produção.

A exploração por meio de um administrador é mais freqüente no caso de grandes propriedades; a área média do estabelecimento assim explorado é de 147 hectares, enquanto a do explorado diretamente pelo proprietário é apenas de 85. Correlativamente, na primeira classe, são mais elevadas as médias por estabelecimento do valor do estabelecimento, do valor da produção e do número das pessoas ocupadas. Mas os valores médios por hectare e os valores médios por pessoa ocupada, tanto do estabelecimento como da produção, são mais elevados na exploração direta do proprietário do que na por meio de um administrador.

A exploração por parte de um arrendatário estende-se a 8,31% do número dos estabelecimentos. A área média e o valor médio dos estabelecimentos arrendados, como também o valor médio da sua produção e o número médio das pessoas ocupadas, são inferiores às médias correspondentes para os estabelecimentos diretamente explorados pelo proprietário; são, porém, maiores os valores médios do estabelecimento e da produção por hectare e é também maior o valor da produção por pessoa ocupada, embora seja menor o valor médio do estabelecimento por pessoa ocupada.

Os estabelecimentos explorados por ocupante representam uma fração muito pequena (0,36%) do número total, dão ocupação a uma fração ainda menor do pessoal e contribuem com uma fração desprezível para o valor da produção. Nesta classe, o valor médio da produção e o número médio de pessoas permanentemente ocupadas por hectare, e o valor médio da produção por

pessoa permanentemente ocupada, ficam superiores às médias gerais, enquanto tôdas as outras médias ficam abaixo do nível geral.

Tabela IX a

ESTADO DO CEARÁ

Os estabelecimentos agropecuários, segundo o caráter da propriedade e segundo a qualidade do responsável pela exploração

a. Dados absolutos

ESPECIFICAÇÃO	ESTABELECIMENTOS RECENTES	ÁREA ⁸⁰ ha	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS Cr\$ 1 000	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939 Cr\$ 1 000	PESSOAL PERMANENTE ⁸¹
PROPRIEDADE DO IMÓVEL					
<i>Individual</i>	70 081	6 425 755	777 309	162 728	491 938
De brasileiro nato.....	69 996	6 415 039	774 612	162 290	490 756
De brasileiro naturalizado.....	57	8 370	2 064	374	861
De estrangeiro.....	28	2 346	633	64	321
<i>Em condomínio</i>	20 146	1 909 459	225 735	49 184	151 803
De pessoa jurídica.....	593	79 948	11 977	2 416	4 206
De administração pública.....	816	41 594	10 257	1 167	4 152
Não declarada.....	1 746	149 198	19 229	3 553	11 486
RESPONSÁVEL PELA EXPLO- RAÇÃO					
<i>Proprietário</i>	70 379	5 990 765	765 763	163 947	503 617
<i>Administrador</i>	14 690	2 160 827	219 269	39 214	116 026
<i>Arrendatário</i>	7 762	418 178	57 559	15 414	41 937
<i>Ocupante</i>	338	5 830	662	279	797
<i>Outro ou não declarado</i>	213	30 354	1 254	194	1 208
TOTAL	93 382	8 605 954	1 044 507	219 048	663 585

Tabela IX b

ESTADO DO CEARÁ

Os estabelecimentos agropecuários, segundo o caráter da propriedade e segundo a qualidade do responsável pela exploração

b. Percentagens

ESPECIFICAÇÃO	ESTABELECIMENTOS RECENTES	ÁREA	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939	PESSOAL PERMANENTE
PROPRIEDADE DO IMÓVEL					
<i>Individual</i>	75,05	74,67	74,42	74,29	74,13
De brasileiro nato.....	74,96	74,54	74,16	74,09	73,95
De brasileiro naturalizado.....	0,06	0,10	0,20	0,17	0,13
De estrangeiro.....	0,03	0,03	0,06	0,03	0,05
<i>Em condomínio</i>	21,57	22,19	21,61	22,46	22,88
De pessoa jurídica.....	0,64	0,93	1,15	1,10	0,63
De administração pública.....	0,87	0,48	0,98	0,53	0,63
Não declarada.....	1,87	1,73	1,84	1,62	1,73
RESPONSÁVEL PELA EXPLO- RAÇÃO					
<i>Proprietário</i>	75,37	69,61	73,31	74,84	75,89
<i>Administrador</i>	15,73	25,11	20,99	17,90	17,49
<i>Arrendatário</i>	8,31	4,86	5,51	7,04	6,32
<i>Ocupante</i>	0,36	0,07	0,07	0,13	0,12
<i>Outro ou não declarado</i>	0,23	0,35	0,12	0,09	0,18
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

⁸⁰ Veja-se a nota 5.

⁸¹ Veja-se a nota 6.

Tabela IX c

ESTADO DO CEARÁ

Os estabelecimentos agropecuários, segundo o caráter da propriedade e segundo a qualidade do responsável pela exploração

c. Médias

ESPECIFICAÇÃO	MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO				MÉDIAS POR HECTARE			MÉDIAS POR PESSOA PERMANENTEMENTE OCUPADA		
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$
PROPRIEDADE DO IMÓVEL										
<i>Individual</i>	91,69	11 092	2 322	7,02	121	25	0,077	13,06	1 580	331
De brasileiro nato	91,65	11 067	2 319	7,01	121	25	0,077	13,07	1 578	331
De brasileiro naturalizado.....	146,84	36 211	6 561	15,11	247	45	0,103	9,72	2 397	434
De estrangeiro.....	83,79	22 607	2 286	11,46	270	27	0,137	7,31	1 972	199
<i>Em condomínio</i>	94,78	11 205	2 441	7,54	118	26	0,080	12,58	1 487	324
De pessoa jurídica.....	134,82	20 197	4 074	7,09	150	30	0,053	19,01	2 848	574
De administração pública.....	50,97	12 570	1 430	5,09	247	28	0,100	10,02	2 470	281
Não declarada.....	85,45	11 013	2 035	6,58	129	24	0,077	12,99	1 674	309
RESPONSÁVEL PELA EXPLORAÇÃO										
<i>Proprietário</i>	85,12	10 881	2 329	7,16	128	27	0,084	11,90	1 521	326
<i>Administrador</i>	147,10	14 926	2 669	7,90	101	18	0,054	18,62	1 890	338
<i>Arrendatário</i>	53,88	7 415	1 986	5,40	138	37	0,100	9,97	1 373	368
<i>Ocupante</i>	17,25	1 959	825	2,36	114	48	0,137	7,31	831	350
<i>Outro ou não declarado</i>	142,51	5 887	911	5,67	41	6	0,040	25,13	1 038	161
TODOS OS TIPOS	92,16	11 185	2 346	7,11	121	25	0,077	12,97	1 574	330

* * *

13. *Pessoal permanente.* — A declaração do número das pessoas permanentemente ocupadas foi omitida por alguns dos estabelecimentos informantes (7 208), que, entretanto, constituem uma fração não grande (7,72%) do número total.

Na tabela I a foi preenchida essa lacuna, completando-se mediante cálculo proporcional o número das pessoas ocupadas em cada subtipo de exploração (agricultura em grande escala, agricultura em pequena escala, etc.), e o total de 663 585 ocupados assim calculados (em comparação com 624 200 constantes das declarações) foi tomado como base para tôdas as ulteriores elaborações.

Discrimina-se êsse total, segundo o sexo e grandes grupos de idade, como consta dos dados seguintes.

SEXO	IDADE	PESSOAL PERMANENTE	
		Número absoluto	Porcentagem
Homens.....	Até 14 anos.....	120 931	18,22
	15 anos e mais....	300 004	45,21
Mulheres.....	Até 14 anos.....	83 491	12,58
	15 anos e mais....	159 159	23,99
TOTAL	—	663 585	100,00

Cêrca de nove vigésimos do pessoal são constituídos por homens de 15 anos e mais, entre os quais, aliás, há adolescentes e velhos de fraco rendimento; as mulheres de 15 anos e mais constituem pouco menos de um quarto do total; as crianças, cêrca de três décimos.

Esta composição do pessoal tende a reduzir o rendimento médio do trabalho. Se, tomando-se como unidade o rendimento médio do homem de 15 anos e mais, fôr suposto igual a dois terços o da mulher das mesmas idades, e a um terço o das crianças em idades até 14 anos, o rendimento de 100 pessoas ocupadas na agricultura e pecuária no Estado do Ceará ficará equivalente ao de 71 homens de 15 anos e mais.

Essa causa de redução do rendimento médio do trabalhador agrícola é comum, entretanto, a quase todos os países americanos e europeus.

* * *

14. *Recapitulação.* — As tabelas anexas apresentam apenas os principais resultados do último Censo Agrícola e algumas elaborações muito simples dos mesmos, e os ligeiros comentários expostos salientam apenas alguns aspectos mais importantes da estrutura da economia agropecuária do Estado do Ceará. Todavia, os traços fundamentais dessa estrutura ficam suficientemente esclarecidos.

Os estabelecimentos agropecuários cobrem mais da metade (56,16%) da área terrestre do Estado. A extensão aproveitada pela lavoura constitui pouco menos de um sexto da área total dos estabelecimentos; mais de um quarto desta é ocupado pelas pastagens; o resto fica não aproveitado ou em matas.

Os habitantes ocupados permanentemente nos estabelecimentos agropecuários constituem pouco mais de três décimos da população total do Estado; são elevadas, entre êles, as quotas das mulheres e das crianças.

O tipo de propriedade que prevalece é o privado, nêle predominando fortemente a forma individual sôbre as coletivas; é digna de nota, entretanto, a freqüência da propriedade em condomínio.

A gestão direta por parte do proprietário é a forma mais comum; encontram-se, todavia, com freqüência relativamente elevada, a gestão por meio de administrador, e, com freqüência ainda notável, a em regime de arrendamento.

A área média do estabelecimento é inferior à média nacional; o número médio das pessoas ocupadas, superior. Em relação a essa área, é pequeno o número médio das pessoas ocupadas; é baixo o valor médio do estabelecimento; é baixo, também, o valor médio da produção anual.

A baixa quota dos prédios e outras construções e a reduzida quota do maquinário e veículos, no valor dos estabelecimentos, dão indício do atraso da técnica agrícola. Êsse atraso constitui o fator principal do baixo padrão de vida da maior parte da população rural do Estado.

Os estabelecimentos pequenos e médios (isto é, com a área inferior a 100 hectares) abrangem 23% da área total, mas compreendem 65% do pessoal ocupado e contribuem com 58% para o valor da produção. Nesses estabelecimentos, o valor médio da produção por hectare e o número médio das pessoas ocupadas por hectare são muito maiores do que nos estabelecimentos de maior extensão, em virtude da exploração mais intensiva do solo; mas o valor médio da produção por pessoa ocupada é menor, em consequência, pelo menos em parte, da exploração menos racional. Essas características estão, também, relacionadas com os diversos tipos de aproveitamento do solo, sendo elevada a proporção da área aproveitada pela lavoura nos pequenos estabelecimentos, já menor nos médios, e progressivamente menor nos grupos de maior extensão; enquanto a proporção da área aproveitada em pastagens tende a variar em sentido oposto, embora com menor regularidade.

Os estabelecimentos excepcionalmente grandes, como também os médios e os pequenos, contribuem mais para a produção agrícola, a que corresponde a maior quota do valor total da produção; os estabelecimentos maiores contribuem mais para a produção animal e de origem animal, que representa outra importante quota; os estabelecimentos muito grandes e pequenos contribuem mais para a produção extrativa, que representa uma quota muito menor, mas não desprezível.

Entre as formas de exploração, a principal, tanto pelo valor da produção como pelo número das pessoas ocupadas, é a mista, agrícola e pecuária; vem em segundo lugar a agrícola e em terceiro, a pecuária. Entretanto, pelo valor da produção por hectare e pela ocupação por hectare, é a exploração agrícola a que ocupa o primeiro lugar, figurando em segundo a agropecuária e em terceiro a pecuária.

Em todos os tipos de exploração, a organização em grande escala, que contribui com pouco mais de um sétimo para o valor total da produção, apresenta rendimentos médios, por hectare e por pessoa, maiores do que os verificados no tipo predominante, que é o da organização em pequena escala.

APÊNDICES

1. *Comparações com o conjunto do Brasil e com outros Estados.*

As seguintes comparações visam a dar uma idéia da situação da economia agropecuária do Estado do Ceará no quadro nacional.

* * *

Nesse Estado, cuja população constitui (em 1940) 5,07% do total nacional, estão localizados 4,90% dos estabelecimentos recenseados no Brasil.

A área desses estabelecimentos constitui 4,35% do total nacional.

O valor dos referidos estabelecimentos corresponde a 2,99% do total nacional; o valor da produção, a 2,75%. Salienta-se a inferioridade dessas proporções em comparação com as relativas à área e ao pessoal.

O número de pessoas permanentemente ocupadas nos estabelecimentos agropecuários cearenses corresponde a 6,30% do total nacional.

Tôdas essas proporções indicam que a importância das atividades agropecuárias do Estado é secundária, mas não desprezível, no quadro nacional.

Discriminando-se os diversos tipos de exploração, verifica-se que a proporção do total nacional correspondente ao Ceará quanto ao número de estabelecimentos agrícolas é de 4,58%; ao de agropecuários, de 5,13%; ao de pecuários, de 4,02%; ao de outros tipos, de 5,45%.

Conservando-se igual discriminação, verifica-se que a proporção correspondente a esse Estado quanto à área ocupada pelos estabelecimentos agrícolas em relação ao total nacional é de 4,89%; pelos agropecuários, de 5,88%; pelos pecuários, de 2,54%; e pelos de outros tipos, de 1,83%.

A proporção do total nacional correspondente ao Ceará quanto ao valor dos estabelecimentos é de 4,12% para os agrícolas, de 3,26% para os agropecuários, de 1,89% para os pecuários e de 4,83% para os de outros tipos.

A proporção correspondente a esse Estado quanto ao valor da produção é de 2,44% do total nacional para os estabelecimentos agrícolas, de 2,75% para os estabelecimentos agropecuários, de 2,94% para os pecuários e de 10,83% para os de outros tipos. Para os três tipos principais, essas proporções são muito inferiores às relativas à área e ao pessoal.

A proporção correspondente ao Ceará quanto ao número de pessoas permanentemente ocupadas é de 5,83% do total nacional nos estabelecimentos

agrícolas, de 6,51% nos agropecuários, de 6,37% nos pecuários e de 5,04% nos de outros tipos.

A área média dos estabelecimentos em geral (92,16 ha), como já foi advertido, é inferior à média nacional (103,81 ha).

O valor médio por estabelecimento, 11,2 milhares de cruzeiros, está bem abaixo do correspondente valor do Brasil em conjunto (18,3 milhares de cruzeiros).

O valor médio da produção por estabelecimento, 2,3 milhares de cruzeiros, está muito abaixo do correspondente valor médio para o Brasil (4,2 milhares de cruzeiros).

O número médio de 7,11 pessoas permanentemente ocupadas por estabelecimento fica bem acima do correspondente número médio do Brasil em conjunto (5,53 pessoas); é o sétimo dentre os dos Estados, entre os quais o Estado do Rio de Janeiro é o primeiro e o de São Paulo o sexto.

As médias por hectare do valor do estabelecimento e do valor da produção são inferiores às correspondentes médias nacionais; a média por hectare das pessoas ocupadas é superior.

Cabem, em média, a cada pessoa permanentemente ocupada no Ceará 12,97 hectares, valor esse situado entre os menores verificados nas diferentes Unidades, e inferior à média nacional (18,77 hectares).

O valor médio do estabelecimento por pessoa permanentemente ocupada, de 1574 cruzeiros, fica superior apenas aos valores verificados para Bahia, 1446 cruzeiros, Pará, 1406 cruzeiros, Amazonas, 1385 cruzeiros, Alagoas, 1340 cruzeiros, e Maranhão, 676 cruzeiros.

O valor da produção anual médio por pessoa ocupada, de 330 cruzeiros, é inferior aos valores de todos os demais Estados.

A área média do estabelecimento no Ceará excede levemente a média nacional na exploração agrícola e na agropecuária e lhe fica bem inferior na pecuária e nos outros tipos de exploração. Os estabelecimentos do tipo agrícola atingem a área média de 40,01 hectares (Brasil, 37,49); os do tipo agropecuário, 94,44 hectares (Brasil, 82,39); os do tipo pecuário, 408,78 hectares (Brasil, 647,66); os de outros tipos, 38,59 hectares (Brasil, 114,65).

O valor médio dos estabelecimentos, para todos os tipos de exploração, é inferior à correspondente média nacional.

O valor médio da produção por estabelecimento fica inferior, em quase todos os tipos de exploração, às médias nacionais.

A área ocupada pela lavoura no Ceará representa 6,97% da área correspondente no conjunto do Brasil; a área ocupada pelas pastagens 2,61%; a pelas matas e terras não aproveitadas ou improdutivas, 5,50%.

O valor das terras dos estabelecimentos agropecuários do Ceará, em relação ao total do Brasil, corresponde a 2,97%; o dos prédios e construções corresponde a 3,76%; o dos animais, a 2,68%; o de maquinário e veículos, a 2,37%.

O valor da produção extrativa anual dos estabelecimentos agropecuários do Ceará corresponde a 6,98% do total nacional. Essa proporção é inferior somente às do Rio Grande do Sul (12,45%), Minas Gerais (9,72%), São Paulo (9,35%) e Piauí (7,25%). O valor da produção agrícola corresponde a 2,57% e o da produção animal e de origem animal a 2,21% do respectivo total nacional.

O número dos estabelecimentos pequenos do Ceará corresponde a 3,96% do total do mesmo grupo no Brasil; o dos médios, a 5,03%; o dos grandes, a 7,08%; o dos muito grandes, a 3,41%; e o dos excepcionalmente grandes, a 1,26%.

A área ocupada pelos estabelecimentos pequenos do Ceará corresponde a 3,71% da área correspondente no conjunto do Brasil; a dos médios, a 5,67%; a dos grandes, a 6,70%; a dos muito grandes, a 3,04%; e a dos excepcionalmente grandes, a 0,91%.

Os estabelecimentos pequenos do Ceará contribuem com a proporção de 4,06% para o valor dos estabelecimentos do mesmo grupo do Brasil em conjunto; os médios, com 3,69%; os grandes, com 3,27%; os muito grandes, com 1,16%; e os excepcionalmente grandes, com 0,54%.

Os estabelecimentos pequenos do Ceará contribuem com a proporção de 3,16% para o valor da produção dos estabelecimentos do mesmo grupo do Brasil em conjunto; os estabelecimentos médios, com 2,84%; os grandes, com 2,99%; os muito grandes, com 1,16%; e os excepcionalmente grandes, com 0,71%.

Os estabelecimentos de propriedade individual do Ceará correspondem a 4,58% do total do Brasil; os de propriedade em condomínio, a 8,90%; os de propriedade de pessoas jurídicas, a 3,42%; os de propriedade pública, a 0,82%. Dentre os estabelecimentos de propriedade individual, a contribuição do Ceará para o total dos estabelecimentos cujo proprietário é brasileiro nato corresponde à proporção de 4,96%; para o total dos estabelecimentos cujo proprietário é brasileiro naturalizado, à de 0,24%; e para o total dos estabelecimentos cujo proprietário é estrangeiro, à de 0,03%.

A área ocupada pelos estabelecimentos de propriedade individual corresponde à proporção de 4,43% da área total ocupada pelos estabelecimentos do mesmo tipo no Brasil em conjunto; a área ocupada pelos estabelecimentos de propriedade em condomínio corresponde a 5,82%; a área ocupada pelos estabelecimentos de propriedade de pessoas jurídicas, a 0,73%; a área ocupada pelos estabelecimentos de propriedade da administração pública, a 0,76%.

A área média dos estabelecimentos de propriedade individual ascende a 92 hectares; a dos estabelecimentos de propriedade em condomínio, a 95 hectares; a dos estabelecimentos de pessoa jurídica, a 135 hectares; a dos estabelecimentos de propriedade pública, a 51 hectares. Todas essas médias ficam inferiores às correspondentes médias nacionais.

Os estabelecimentos cujo responsável pela exploração é o proprietário, no Ceará, constituem 5,11% do total correspondente do Brasil; os cujo responsável é um administrador, 8,24%; os cujo responsável é um arrendatário, 3,50%; e os cujo responsável é um ocupante, 0,31%.

Os estabelecimentos cujo responsável pela exploração é o proprietário, no Ceará, ocupam 4,71% da área abrangida pelos estabelecimentos do mesmo tipo do Brasil em conjunto; os cujo responsável é um administrador, 4,82%; os cujo responsável é um arrendatário, 2,19%; e os cujo responsável é um ocupante, 0,11%.

A participação no número é sempre mais elevada do que a participação na área.

Na discriminação da área dos estabelecimentos agropecuários do Ceará, segundo o tipo de aproveitamento, foi verificado que à lavoura correspondia a proporção de 15,25% (Brasil, 9,53%); às pastagens, a de 26,70% (Brasil, 44,58%); e às matas e terras não aproveitadas ou improdutivas, a de 58,05% (Brasil, 45,89%).

Comparando-se a distribuição referente ao Ceará com as referentes aos demais Estados, verifica-se que a quota de matas e terras não aproveitadas ou improdutivas é neste Estado uma das mais elevadas, pois somente cinco Estados apresentam quotas maiores (sendo a máxima a do Amazonas, 90,06%); a quota das pastagens é a décima quinta em grandeza dentre as dos Estados (sendo a máxima a de Goiás, 70,60%); a quota de lavouras é a sétima dentre as dos Estados (sendo a máxima a do Espírito Santo, 28,43%).

Discriminando-se o valor da produção segundo as diversas categorias, foi verificado que, no Ceará, a quota correspondente à produção agrícola atinge 64,29% (Brasil, 68,86%); a correspondente à produção animal e de origem animal, 20,03% (Brasil, 24,96%); e a correspondente à produção extrativa, 15,68% (Brasil, 6,18%).

2. Atividades especializadas.

Constam do volume III da Série Nacional do Recenseamento de 1940 (*Censos Econômicos, Quadros de totais para o conjunto da União e de distribuição pelas regiões fisiográficas e Unidades Federadas*) dados sobre atividades agrícolas e pecuárias especializadas, que foram excluídas da apuração geral resumida e comentada nas páginas anteriores.

No Ceará, essas atividades têm escassa importância.

Foram recenseados nesse Estado apenas 23 estabelecimentos com atividades especializadas de horticultura ou floricultura; sua área total ascendia a 76 hectares, seu valor a 1904 milhares de cruzeiros; o número das pessoas permanentemente ocupadas era de 76. O valor da produção no ano de 1939 atingira apenas 114 milhares de cruzeiros.

Havia apenas dois estabelecimentos especializados na apicultura.

II

A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DO CEARÁ NOS ANOS DE 1945 A 1951

SUMÁRIO: 1. *Esclarecimentos preliminares.* — 2. *Área cultivada.* — 3. *Produção.*
4. *Valor da produção.*

1. Os dados publicados pelo Serviço de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura, tornam possível o estudo do desenvolvimento das atividades agrícolas nos últimos anos, no Estado do Ceará, paralelo ao que foi realizado para o Brasil no volume inicial desta série.

O referido Serviço está dedicando notáveis esforços ao aperfeiçoamento das estatísticas agrícolas. As estimativas mais aproximadas das quais se dispõe para os anos mais recentes não podem ser comparadas sem reservas com as anteriores, pois que uma parte das variações aparentes das áreas cultivadas e das quantidades produzidas corresponde apenas a retificações de estimativas, e não a variações efetivas de superfícies ou de rendimentos. Por isso, na exposição que se segue, as médias dos dados disponíveis para o triênio 1945-47, que foram obtidos conforme novos critérios de levantamento, serão consideradas como elementos básicos da descrição e servirão como referências para a apreciação dos dados dos anos de 1948 a 1951.

Cumprе advertir que a estatística anual apresenta dados apenas para uma parte da produção agrícola. Dados completos sobre essa produção não poderiam ser obtidos anualmente, senão com despesas elevadas e desproporcionadas à sua utilidade. Os produtos incluídos na estatística, embora pouco numerosos, contribuem em proporção muito elevada para o valor total da produção do Estado.

* * *

2. *Área cultivada.* — As áreas destinadas às principais culturas, em cada ano do triênio 1945-47 e na média anual desse período, constam da tabela I. Da tabela IV constam, ao lado das médias do triênio, as áreas destinadas às principais culturas nos anos de 1948 a 1951. Na tabela VII estão expostos os rendimentos médios por hectare, dessas culturas, em quantidade e em valor, calculados para o triênio 1945-47 e para os anos de 1948 a 1951.

Em virtude da associação ou da sucessão de culturas diversas, no mesmo terreno, dentro do ciclo anual, a soma das áreas destinadas às referidas culturas pode exceder um pouco a área total cultivada. Entretanto, por simplicidade de exposição, será tomada essa soma como expressão desta área.

Agrupando-se as culturas segundo classes de produtos, obtém-se o seguinte resumo das áreas cultivadas.

GRUPO DE PRODUTOS	ÁREA CULTIVADA									
	Média 1945-47		1948		1949		1950		1951	
	ha	%								
Cereais.....	159 186	24,73	173 132	23,01	207 131	25,91	230 981	26,47	139 177	21,32
Mandioca, feijão, fava, batatas.....	143 068	22,23	157 504	20,94	170 022	21,27	192 696	22,09	145 638	22,31
Frutas.....	7 007	1,09	9 529	1,27	10 630	1,33	11 812	1,35	12 242	1,88
Tomate, alho, cebola.....	81	0,01	110	0,02	138	0,02	167	0,02	162	0,02
Cana de açúcar, café.....	32 976	5,12	34 634	4,60	34 900	4,36	36 331	4,16	36 209	5,55
Produtos de uso industrial	301 412	46,82	377 375	50,16	376 694	47,11	400 566	45,91	319 309	48,92
TOTAL.....	643 730	100,00	752 284	100,00	799 515	100,00	872 553	100,00	652 737	100,00

Levando-se em conta a população do Estado do Ceará, que pode ser estimada em 2,43 milhões de habitantes, em média, no triênio 1945-47, parecem bem insuficientes as áreas destinadas às culturas dos *cereais* e *sucedâneos dos cereais* (milho, arroz, mandioca, feijão, fava e batatas).

Em conjunto, as culturas dos cereais e sucedâneos ocupam 46,96% da área total incluída nas estatísticas anuais da produção agrícola do Estado, no triênio considerado.

Entre as culturas de *cereais*, a mais extensa é a do milho, ocupando 137,8 milhares de hectares, área só superada pela do algodão, entre as dedicadas aos principais produtos; segue-se a do arroz, com 21,4 milhares de hectares.

Entre as culturas de *sucedâneos dos cereais*, acha-se em primeiro lugar o feijão, ocupando 88,6 milhares de hectares; seguem-se a mandioca, com 50,9 milhares; a batata doce, com 1,9 milhares; a fava, com 1,6 milhares; e a batata inglesa, com menos de 0,1 milhares de hectares.

As culturas dos *demais produtos alimentícios* incluídos na estatística anual cobrem somente 6,22% da área total.

Salientam-se, entre as *frutas*, a banana com 3,9 milhares de hectares; o côco com 2,1 milhares de hectares; o abacaxi com 0,6 milhares de hectares; e segue-se a laranja com 0,4 milhares. A área destinada à uva é desprezível.

Os *produtos hortícolas* incluídos na estatística ocupam, em conjunto, menos de 0,1 milhares de hectares.

A cultura da *cana de açúcar* abrange 19,2 milhares de hectares e a do *café* 13,8 milhares.

A área destinada às culturas de *produtos de uso industrial* constitui 46,82% da área total incluída nas estatísticas anuais da produção agrícola do Estado, do triênio considerado. A principal destas culturas é a do algodão, ocupando a área de 248,4 milhares de hectares, área maior do que a ocupada por qualquer outra cultura; seguem-se a da mamona, com 51,3 milhares, e a do fumo, com 1,4 milhares. A do amendoim é bem mais limitada.

A impressão de conjunto suscitada pelo exame das áreas médias cultivadas no triênio 1945-47 é a da insuficiente extensão das destinadas à produção de gêneros alimentícios de primeira necessidade, não somente em relação à superfície do Estado, como também em relação à sua população.

Para se ter uma idéia da marcha da agricultura nos últimos anos, compararam-se a seguir os dados referentes às áreas cultivadas de 1948 a 1951 com as correspondentes médias do triênio 1945-47.

A área total cultivada, que fôra de 643 730 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, foi aumentada nos anos de 1948 a 1950, até atingir 872 553 hectares neste último ano. Em 1951, porém, foi reduzida a apenas 652 737 hectares, principalmente por repercussão das condições meteorológicas desfavoráveis (seca).

É interessante examinar as variações ocorridas nos diferentes grupos de culturas e nos diversos gêneros de cada grupo.

A área destinada à cultura de *cereais*, que era 159 186 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 173 132 hectares em 1948, 207 131 hectares em 1949, 230 981 em 1950. Este último dado marca um aumento de 45,10% em relação à média do triênio de referência. Em 1951, a área destinada à cultura de cereais foi reduzida a 139 177 hectares, ficando bem abaixo da média do triênio de referência.

O aumento de 71 795 hectares verificado em 1950¹, em comparação com a média desse triênio, discrimina-se assim entre as diversas espécies:

Milho	+	69 997 hectares,	ou	+	50,79%,
Arroz	+	1 798	"	+	8,42%.

Salienta-se, pela importância absoluta e relativa, o acréscimo da área destinada à cultura do milho.

As culturas dos principais *sucedâneos dos cereais*, que no triênio 1945-47 ocuparam, em média anual, 143 068 hectares, foram ampliadas para 157 504 hectares em 1948, 170 022 hectares em 1949, 192 696 hectares em 1950 e reduzidas a 145 638 em 1951. A área cultivada em 1950 excede a média do triênio de referência na proporção de 34,69%.

O aumento total de 16 226 hectares, verificado em 1950, em comparação com a média do triênio de referência, resulta das seguintes variações das diversas culturas:

Mandioca	+	2 215 hectares,	ou	+	4,35%,
Feijão	+	46 218	"	+	52,15%,
Fava	+	698	"	+	43,60%,
Batata doce	+	106	"	+	5,71%,
Batata inglesa	+	391	"	+	415,96%.

A ampliação da cultura do feijão merece ser destacada pela importância absoluta e relativa.

A área ocupada pelas culturas de *frutas*, que era de 7 007 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, aumentou nos anos sucessivos, atingindo 9 529 hectares em 1948, 10 630 em 1949 e 11 812 em 1950. Em 1951, subiu para 12 242 hectares. O dado de 1950 indica um aumento de 68,57% em comparação com o triênio de referência.

O aumento total de 4 805 hectares, verificado em 1950, em comparação com a média anual de 1945-47, resulta das seguintes variações das diversas culturas:

Banana	+	3 368 hectares,	ou	+	85,79%,
Laranja	+	237	"	+	57,11%,
Côco	+	1 284	"	+	60,80%,
Uva	+	3	"	+	75,00%,
Abacaxi	-	87	"	-	15,82%.

Salientam-se, pela importância absoluta, os aumentos das áreas destinadas às culturas da banana e do côco. Em 1951, estas culturas apresentam aumentos ulteriores; as culturas da laranja e do abacaxi não apresentam aumentos.

¹ Comparam-se os dados de 1950 com os do período de referência, por uniformidade com as monografias anteriormente publicadas, referentes aos outros Estados.

As culturas de *hortaliças* incluídas na estatística ocuparam a área de 81 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, aumentando sucessivamente para 110 hectares em 1948, 138 em 1949, 167 em 1950² e 162 em 1951. O dado de 1950 indica um aumento de 106,17% em comparação com o triênio de referência.

A discriminação do aumento total de 86³ hectares, verificado em 1950 em comparação com a média anual desse triênio, resulta das seguintes variações das diversas culturas:

Tomate	+	61 hectares,	ou	+	88,41%,
Alho	+	4	"	"	+ 33,33%.

As *outras culturas de produtos alimentícios* incluídas na estatística são as da cana de açúcar e do café, que serão examinadas separadamente.

A área destinada à cultura da *cana de açúcar* foi estendida de 19 180 hectares, média do triênio 1945-47, para 20 114 hectares em 1948, 20 947 em 1949, e 22 903 hectares em 1950, marcando este último dado um aumento de 3 723 hectares, ou 19,41%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Em 1951, a área dedicada à cultura da cana de açúcar, 22 892 hectares, mantém-se no nível do ano anterior.

A área dedicada à cultura do *café*, que ascendia a 13 796 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, foi aumentada para 14 520 hectares em 1948, e sucessivamente reduzida a 13 953 hectares em 1949 e 13 428 em 1950. Este último dado marca um decréscimo de 368 hectares, ou 2,67%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Em 1951, a área cultivada diminui levemente, para 13 317 hectares.

Entre as *culturas de uso industrial*, a estatística oficial discrimina as do fumo, do algodão, da mamona e do amendoim, que serão consideradas separadamente.

A área destinada à cultura do *fumo*, que ascendia a 1 433 hectares em média anual, no triênio 1945-47, foi aumentada para 1 696 hectares em 1948, reduzida para 1 430 hectares em 1949 e estendida novamente para 1 907 hectares em 1950. Este último dado marca um aumento de 474 hectares, ou 33,08%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Em 1951, entretanto, a área cultivada foi reduzida a 1 491 hectares.

A área destinada à cultura do *algodão*, que ascendia a 248 376 hectares em média anual, no triênio 1945-47, foi aumentada para 324 755 hectares em 1948, reduzida para 320 909 hectares em 1949 e estendida novamente para 345 515 hectares em 1950. Este último dado marca um aumento de 97 139 hectares, ou 39,11%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Em 1951, a área cultivada sofreu forte redução, para 281 253 hectares.

A área destinada à cultura da *mamona*, que ascendia a 51 343 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, em 1948, atingiu apenas 50 595 hectares, porém em 1949 foi estendida a 53 875 hectares; em 1950 foi novamente reduzida a 52 662 hectares. Esta área excede em 1 319 hectares, ou 2,57%, a média do triênio de referência. Em 1951, verificou-se mais uma redução da área cultivada, para 36 169 hectares.

² Neste ano começa a ser incluída na estatística a cultura da cebola.

³ Estão incluídos 21 hectares referentes à cultura da cebola que aparece pela primeira vez nas estatísticas em 1950.

A área destinada à cultura do *amendoim* foi estendida de 260 hectares, média do triênio 1945-47, para 329 hectares em 1948, 480 em 1949, e 482 hectares em 1950, marcando este último dado um aumento de 222 hectares, ou 85,38%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Em 1951, a área dedicada à cultura do amendoim foi reduzida a 396 hectares.

Uma impressão de conjunto sobre as culturas do ano de 1950 pode ser obtida pelo resumo que se segue, das variações relativas das áreas cultivadas em comparação com as correspondentes médias anuais do triênio 1945-47. Consideram-se nesse resumo apenas os onze produtos economicamente mais importantes, isto é, aqueles cujo valor da safra excedeu 10 milhões de cruzeiros em 1950.

Para 10 desses produtos, a área cultivada em 1950 excede a média do triênio de referência; somente para o café fica-lhe inferior. Marcam aumentos superiores a 20% as áreas dedicadas às culturas de banana, côco, laranja, feijão, milho e algodão.

PRODUTO	VARIAÇÃO DA ÁREA CULTIVADA EM 1950, EM COMPARAÇÃO COM A MÉDIA DO TRIÊNIO 1945-47
Milho.....	+ 50,79
Arroz.....	+ 8,42
Mandioca.....	+ 4,35
Feijão.....	+ 52,15
Banana.....	+ 85,79
Laranja.....	+ 57,11
Côco.....	+ 60,80
Cana de açúcar.....	+ 19,41
Café.....	- 2,67
Algodão.....	+ 39,11
Mamona.....	+ 2,57

* * *

3. *Produção* — As safras dos principais produtos agrícolas em cada ano do triênio 1945-47, e as respectivas médias anuais, expressas em quintais métricos, constam da tabela II; da tabela V constam, ao lado das médias do triênio, as quantidades produzidas nos anos de 1948 a 1951. Na tabela VII, como já foi advertido, estão calculados os rendimentos médios por hectare, para o triênio 1945-47 e para os anos de 1948 a 1951, tanto em quantidade como em valor.

Agrupando-se as culturas segundo classes de produtos, obtém-se o seguinte resumo das produções.

GRUPO DE PRODUTOS	PRODUÇÃO									
	Média 1945-47		1948		1949		1950		1951	
	100 kg	%								
Cereais.....	1 402 830	7,45	1 703 260	8,47	2 027 990	9,13	2 346 950	9,31	599 160	3,46
Mandioca, feijão, fava, batatas.....	6 114 476	32,48	6 417 370	31,92	6 982 810	31,44	7 776 440	30,84	5 595 050	32,32
Frutas.....	1 228 767	6,53	1 582 830	7,87	1 901 100	8,56	2 317 900	9,19	2 211 514	12,78
Tomate, cebola, alho.....	853	0,00	1 210	0,01	1 800	0,01	2 270	0,01	3 040	0,02
Cana de açúcar, café.....	8 641 890	45,91	8 987 130	44,70	9 641 320	43,40	10 584 690	41,97	8 186 730	47,29
Produtos de uso industrial	1 435 697	7,63	1 413 620	7,03	1 657 130	7,46	2 189 890	8,68	715 470	4,13
TOTAL.....	18 824 513	100,00	20 105 420	100,00	22 212 150	100,00	25 218 140	100,00	17 310 964	100,00

A produção média anual de *cereais*, no triênio 1945-47, é de 1 402 830 quintais. Pela quantidade da produção nesse triênio, ocupa o primeiro lugar o milho, com uma safra média anual de 1 110 050 quintais, seguindo-se o arroz, com 292 780 quintais.

O rendimento médio por hectare ascende a 8,1 quintais para o milho e 13,7 quintais para o arroz.

A produção de *sucedâneos dos cereais* atinge 6 114 476 quintais, na média anual do triênio 1945-47.

Entre os produtos desse grupo tem a maior importância a mandioca, cuja safra média anual ascende a 5 557 160 quintais; seguem-se o feijão e a batata doce, com 434 863 e 114 270 quintais, respectivamente; são muito pequenas as safras de fava e de batata inglesa, de 5 293 e 2 890 quintais, respectivamente.

O rendimento médio por hectare é de 109,2 quintais para a mandioca, de 4,9 para o feijão, de 61,7 para a batata doce, de 30,7 para a batata inglesa e de 3,3 para a fava.

Entre os *produtos alimentícios complementares*, salientam-se as *frutas*, cuja safra atinge 1 228 767 quintais na média anual do triênio 1945-47. A produção maior é a de banana, 1 094 200 quintais; em seguida vêm a de laranja, 61 170 quintais, a de côco, 48 067 quintais, e a de abacaxi, 25 270 quintais. É pequena a safra da uva.

O rendimento médio por hectare ascende para a banana a 278,7 quintais, para a laranja a 147,4 quintais, para o côco a 22,8 quintais, para o abacaxi a 46,0 quintais e para a uva a 15,0 quintais.

A produção de *hortaliças* atinge somente 853 quintais, na média anual do triênio 1945-47. A principal cultura é a de tomate, com uma produção média anual de 763 quintais e um rendimento médio por hectare de 11,1 quintais.

Outros produtos aproveitados para a alimentação são os do grupo que abrange a cana de açúcar e o café, que contribuem com 8 641 890 quintais para a produção incluída nas estatísticas, na média anual do triênio 1945-47.

Do aspecto quantitativo, a produção preponderante é a de *cana de açúcar*, que ascende a 8 592 810 quintais.

O rendimento médio por hectare é de 448,0 quintais.

A produção de *café* ascende a 49 080 quintais.

O rendimento médio por hectare é de 3,6 quintais.

Os *produtos agrícolas de uso industrial* contribuem com 1 435 697 quintais para a produção total, na média anual do triênio 1945-47.

Entre esses produtos ocupa lugar de destaque o *algodão*, com a produção principal de fibra têxtil, de 353 687 quintais, e a acessória de caroço, de 696 650 quintais.

O rendimento médio por hectare ascende a 1,4 quintais de fibra e 2,8 quintais de caroço.

A produção de *mamona* ascende a 371 423 quintais, na média do triênio 1945-47.

O rendimento médio por hectare ascende a 7,2 quintais.

A safra de *fumo* ascende a 10 100 quintais.

O rendimento médio por hectare é de 7,1 quintais.

A produção de *amendoim* ascende a 3 837 quintais.

O rendimento médio por hectare é de 14,8 quintais.

As análises da marcha da quantidade total da produção através do tempo não têm precisa significação econômica, podendo fortes variações de produtos

de baixo valor unitário e de grande volume, como a cana de açúcar, disfarçar variações econômicamente mais importantes, no sentido oposto, de produtos de elevado valor unitário e de pequeno volume, como o algodão.

O pêsô total das safras dos produtos incluídos na estatística agrícola aumentou, em relação à média do triênio de referência, em 1948; e ainda mais em 1949 e 1950; mas em 1951, caiu para um nível inferior a essa média.

Torna-se mais instrutivo o exame da marcha das safras de classes homogêneas de produtos ou de produtos individuais, nos últimos anos.

A produção de *cereais* subiu de 1 402 830 quintais métricos, média do triênio 1945-47, para 1 703 260 em 1948, 2 027 990 em 1949 e 2 346 950 em 1950. A produção deste último ano marca um acréscimo de 944 120 quintais, ou 67,30%, em comparação com a do triênio de referência, aumento relativo superior ao da área cultivada. Em 1951 verificou-se uma profunda queda, reduzindo-se a produção a apenas 599 160 quintais.

O rendimento médio por hectare em 1950 foi superior à média do triênio de referência, tanto para o milho como para o arroz.

O aumento de 944 120 quintais na produção de cereais, verificado em 1950, em comparação com a média anual do triênio de referência, discrimina-se entre os dois gêneros como consta dos seguintes dados:

Milho	+	835 080	quintais, ou	+	75,23%,
Arroz	+	109 040	" "	+	37,24%.

A produção de *sucedâneos dos cereais*, que atingira 6 114 476 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 6 417 370 quintais em 1948, 6 982 810 em 1949 e 7 776 440 em 1950. A produção deste último ano marca um acréscimo de 27,18%, em comparação com o triênio de referência. Em 1951 a safra de sucedâneos desceu para 5 595 050 quintais.

Os rendimentos médios por hectare em 1950 foram superiores às médias do triênio de referência, com exceção para a batata inglesa.

O aumento de 1 661 964 quintais, na safra destes produtos, em 1950, em comparação com a média anual desse triênio, discrimina-se entre os diversos gêneros como consta dos seguintes dados:

Mandioca	+	1 301 310	quintais, ou	+	23,42%,
Feijão	+	335 807	" "	+	77,22%,
Fava	+	3 007	" "	+	56,81%,
Batata doce	+	17 290	" "	+	15,13%,
Batata inglesa	+	4 550	" "	+	157,44%.

Os maiores aumentos absolutos são os da mandioca e do feijão. Em 1951, marcaram diminuições as safras de todos os produtos deste grupo.

A produção total dos cinco gêneros de *frutas*⁴ incluídos na estatística, que fôra de 1 228 767 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para

⁴ São produzidas em quantidade considerável, no Ceará, outras frutas, além das incluídas na estatística anual. Segundo o Censo Agrícola de 1940, no ano de 1939 teriam sido produzidas 4 340 194 centenas de mangas (a maior produção do país), 144 228 centenas de abacates (a maior produção da Região Nordeste, só superada pelos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro), 126 055 centenas de limões e 14 572 centenas de figos.

1 582 830 em 1948, 1 901 100 em 1949 e 2 317 900 em 1950. Em 1951, diminuiu levemente, para 2 211 514 quintais. O aumento em 1950, em comparação com o referido triênio, corresponde a 88,64%.

Os rendimentos médios por hectare em 1950 ficam inferiores às correspondentes médias do triênio de referência, salvo o da banana e do côco, que ficaram superiores à média trienal.

O aumento total de 1 089 133 quintais resulta das seguintes variações da produção dos diversos gêneros:

Banana	+	1 030 400	quintais,	ou	+	94,17%,
Laranja	+	31 540	"	"	+	51,56%,
Côco	+	31 193	"	"	+	64,89%,
Uva	+	40	"	"	+	66,67%,
Abacaxi	-	4 040	"	"	-	15,99%.

Salienta-se, pela importância absoluta e relativa, o aumento da produção de banana; é notável, também, o aumento relativo das produções de laranja e de côco.

A produção de *hortaliças*⁵ incluídas na estatística, que fôra de 853 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 1 210 quintais em 1948, 1 800 em 1949 e 2 270 em 1950. Este último dado marca um aumento de 166,12% em relação à média do triênio de referência. Em 1951, a produção hortícola teve forte aumento relativo, subindo para 3 040 quintais.

O aumento de 1 417 quintais, em 1950, discrimina-se como consta dos seguintes dados:

Tomate	+	1 247	quintais,	ou	+	163,43%,
Alho	+	20	"	"	+	22,22%,
Cebola	+	150	"	"	+	100,00%.

Salienta-se, pela importância absoluta e relativa, o aumento da produção de tomate.

As *outras culturas de produtos alimentícios* incluídas na estatística são as da cana de açúcar e do café, que serão examinadas separadamente.

A produção de *cana de açúcar* aumentou de 8 592 810 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 8 942 030 em 1948, 9 593 290 em 1949 e 10 538 500 em 1950. Em 1951, teve forte diminuição, descendo para 8 155 850 quintais. A produção de 1950 excede em 1 945 690 quintais, ou 22,64%, a média do triênio de referência.

O rendimento médio por hectare, em 1950, foi superior à média desse triênio.

A produção de *café*, que ascendera a 49 080 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, diminuiu para 45 100 em 1948, elevou-se um pouco, para 48 030, em 1949 e voltou a descer em 1950, para 46 190 quintais, marcando

⁵ Em 1950 começam a ser apuradas as quantidades de cebola produzidas no Estado, havendo, portanto, um acréscimo de 150 quintais em 1950 e de 550 em 1951.

êste último dado, em relação ao ano de referência, uma diminuição de 2 890 quintais, ou 8,95%. Em 1951, a produção diminuiu fortemente, atingindo apenas 30 880 quintais.

O rendimento médio unitário, em 1950, foi inferior à média do triênio 1945-47.

As *culturas de uso industrial* apresentam as variações constantes das seguintes observações.

A produção de *fumo*, que ascendera a 10 100 quintais, média anual do triênio 1945-47, diminuiu para 9 950 em 1948 e 8 000 em 1949, mas se elevou para 10 770 quintais em 1950, marcando êste último ano um acréscimo de 670 quintais, ou 6,63%, em relação à média anual do triênio de referência. Em 1951, a produção diminuiu para 8 000 quintais.

O rendimento médio por hectare em 1950 ficou abaixo da média do triênio de referência.

A produção de *algodão em pluma*, que diminuía de 353 687 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 339 010 em 1948, elevou-se para 431 670 quintais em 1949 e 604 860 em 1950, apresentando êste último dado, em relação à média anual do triênio de referência, o forte acréscimo de 251 173 quintais, ou 71,02%. Em 1951, a produção caiu para apenas 188 840 quintais, quantidade pouco superior à metade da média do triênio 1945-47.

É paralela a variação da produção de *caroço de algodão*⁶, que passou de 696 650 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 667 760 em 1948, 850 260 em 1949 e 1 191 390 em 1950. Êste último dado fica superior à média do triênio de referência, de 494 740 quintais, ou 71,02%. Em 1951, a produção caiu para 371 970 quintais.

O rendimento médio por hectare, em 1950, foi superior à média do triênio de referência.

A produção de *mamona* subiu de 371 423 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 392 800 em 1948, descendo em 1949 para 362 070, e tornando a subir em 1950 para 376 900 quintais. Êste último dado marca um acréscimo de 5 477 quintais, ou 1,47%, em relação à média do triênio de referência. A safra de 1951, caiu para 143 660 quintais.

O rendimento médio por hectare, em 1950, foi inferior à média do triênio de referência.

A produção de *amendoim* aumentou de 3 837 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 4 100 em 1948, 5 130 em 1949 e 5 970 quintais em 1950, excedendo, neste último ano, de 2 133 quintais, ou 55,59%, a média do triênio de referência. Em 1951, a produção diminuiu para 3 000 quintais.

O rendimento médio por hectare, em 1950, foi inferior à média do triênio considerado.

Uma impressão de conjunto sôbre a produção no ano de 1950 pode ser obtida pelo resumo que se segue, das variações relativas em comparação com as correspondentes médias anuais do triênio 1945-47. Consideram-se nesse resumo apenas os onze produtos economicamente mais importantes, isto é, os cujo valor da safra excedeu 10 milhões de cruzeiros em 1950.

⁶ O Serviço de Estatística da Produção faz a estimativa da safra de algodão em caroço, aplicando depois à quantidade estimada os coeficientes de 33% e 65%, para calcular, respectivamente, a produção de algodão em pluma e a de caroço de algodão, os resíduos 2% representando a perda no beneficiamento.

PRODUTO	VARIAÇÃO PERCENTUAL DA PRODUÇÃO EM 1950, EM COMPARAÇÃO COM A MÉDIA DO TRIÊNIO 1945-47
Milho.....	+ 75,23
Arroz.....	+ 37,24
Mandioca.....	+ 23,42
Feijão.....	+ 77,22
Banana.....	+ 94,17
Laranja.....	+ 51,56
Côco.....	+ 64,89
Cana de açúcar.....	+ 22,64
Café.....	- 8,95
Algodão.....	+ 71,02
Mamona.....	+ 1,47

Dos onze produtos acima especificados, 10 marcam aumentos quantitativos, em 6 casos superiores a 50% (banana, feijão, milho, algodão, côco e laranja) e em 3 casos superiores a 20% (arroz, mandioca e cana de açúcar), e somente 1, o café, marca diminuição, inferior a 10%.

Os rendimentos médios unitários de 1950 ultrapassam os níveis médios do triênio 1945-47 para 8 culturas, as de milho, arroz, mandioca, feijão, banana, côco, cana de açúcar e algodão. Nas demais culturas, os rendimentos são inferiores aos do triênio de referência.

Em conjunto, o ano de 1950 pode ser considerado favorável para a agricultura do Ceará.

Foi, pelo contrário extremamente desfavorável o ano de 1951, em consequência da seca.

* * *

4 *Valor da produção* — Os valores das principais produções agrícolas, em cada ano do triênio 1945-47 e na média desse triênio, constam da tabela III; da tabela VI constam, ao lado das médias do triênio, os valores dos anos de 1948 a 1951. Os valores médios por hectare para o triênio 1945-47 são apresentados, comparativamente com os para os anos de 1948 a 1951, na tabela VII.

Discriminando-se os dados por grandes grupos de produtos, obtém-se o resumo do valor da produção, constante do seguinte quadro.

GRUPO DE PRODUTOS	VALOR DA PRODUÇÃO									
	Média 1945-47		1948		1949		1950		1951	
	Cr\$ 1 000	%	Cr\$ 1 000	%	Cr\$ 1 000	%	Cr\$ 1 000	%	Cr\$ 1 000	%
Cereais.....	104 758	16,34	163 622	18,09	192 107	16,17	234 665	12,51	125 788	10,10
Mandioca, feijão, fava, batatas.....	120 068	18,73	150 682	16,66	190 396	16,03	232 652	12,41	214 597	17,23
Frutas.....	40 101	6,25	62 577	6,92	78 430	6,60	92 968	4,96	115 980	9,31
Tomate, alho, cebola.....	267	0,04	301	0,03	495	0,04	767	0,04	948	0,08
Cana de açúcar, café.....	76 534	11,94	85 919	9,50	102 870	8,66	150 529	8,03	138 722	11,13
Produtos de uso industrial	299 462	46,70	441 419	48,80	623 691	52,50	1 163 504	62,05	649 732	52,15
TOTAL.....	641 190	100,00	904 520	100,00	1 187 989	100,00	1 875 086	100,00	1 245 767	100,00

O valor da produção de *cereais* representa, no triênio 1945-47, quase um sexto (16,34%) do valor total da produção, cabendo aos dois produtos as seguintes quotas: milho 11,38% e arroz 4,96%.

Passando-se aos *sucedâneos dos cereais*, cujo valor é superior ao dos cereais, sem alcançar entretanto um quinto (18,73%), encontram-se as seguintes quotas para os diversos produtos: mandioca 9,27%, feijão 8,66%, fava 0,10%, batata doce 0,65% e batata inglesa 0,05%.

A contribuição dos *produtos alimentícios complementares* é de 18,23% do valor da produção no triênio 1945-47.

Entre estes, é modesta a contribuição da produção de *frutas*, 6,25%, para o qual concorrem principalmente a banana, com 3,68%, o côco, com 1,48%, a laranja, com 0,92%, e o abacaxi, com 0,16%.

Desprezível é a contribuição das *hortaliças*, 0,04%.

O grupo que inclui a *cana de açúcar* e o *café* contribui com pouco mais de um décimo (11,94%) para o valor total da produção, cabendo as quotas de 8,58% à cana de açúcar e de 3,36% ao café.

É elevada a contribuição do grupo dos *produtos de uso industrial*, cuja quota no total do valor não é muito inferior à metade (46,70%), cabendo aos diversos produtos as seguintes quotas: 37,97% ao algodão (33,76% à fibra e 4,21% ao caroço), 8,02% à mamona, 0,64% ao fumo e 0,07% ao amendoim.

O valor médio da produção agrícola por hectare, no triênio 1945-47, foi de 996 cruzeiros, para o conjunto dos produtos incluídos na estatística. Em 1948, esse valor passou para 1 202 cruzeiros, em 1949 para 1 486 cruzeiros e em 1950 para 2 149 cruzeiros por hectare. Esses valores ficariam um pouco aumentados se fôsse computada uma só vez a superfície na qual se associam ou se sucedem, no ciclo anual, duas ou mais culturas.

Varia grandemente o valor médio da produção por hectare, segundo as culturas, como se pode verificar pelos seguintes dados para o triênio 1945-47.

Entre os *cereais*, o arroz dá um valor médio de cerca de 1 490 cruzeiros por hectare e o milho de 530.

Entre os *sucedâneos dos cereais*, a batata inglesa dá um valor médio de cerca de 3 450 cruzeiros por hectare; a batata doce, de 2 240; a mandioca, de 1 170; o feijão, de 620; a fava, de 420.

Entre os *demais produtos alimentícios*, apresentam-se elevados os valores médios por hectare na fruticultura, onde a laranja dá um valor de cerca de 14 280 cruzeiros por hectare; a uva, de 7 250; a banana, de 6 010; o côco, de 4 500; o abacaxi, de 1 870.

Na produção hortícola, têm-se os seguintes valores médios unitários: alho, cerca de 13 170 cruzeiros por hectare; tomate, 1 580.

A cana de açúcar dá um valor médio de cerca de 2 870 cruzeiros por hectare; o café um valor médio de 1 560.

Entre as culturas de *produtos de uso industrial*, a do fumo dá um valor médio de cerca de 2 850 cruzeiros por hectare; a do amendoim, de 1 820; a da mamona, de 1 000; a do algodão (fibra e caroço) dá um valor médio de 980.

Os dados de valor da produção agrícola, em 1950, ultrapassam, para todos os produtos, exceto a uva, os de 1949 e geralmente, em proporções maiores, os de 1948 e as médias do triênio 1945-47.

O valor da produção agrícola incluída na estatística foi aumentando nos anos de 1948, 1949 e 1950, sendo especialmente elevado nesse último ano o aumento do valor pela coincidência de notáveis progressos das safras com a alta dos preços, fator principal do aumento de valor da produção no período considerado. Em 1951, apesar da subida dos preços, o valor total marca uma redução em comparação com 1950, em consequência da forte diminuição das principais safras.

Tabela I

ESTADO DO CEARÁ

*Dados sobre as principais culturas agrícolas no triênio 1945-47*1. Área cultivada⁷

CULTURA	ÁREA CULTIVADA (ha)			
	1945	1946	1947	Média do triênio
Milho.....	96 385	148 898	168 202	137 828
Arroz.....	15 396	21 940	26 737	21 358
Mandioca.....	57 688	48 988	45 991	50 889
Feijão.....	47 052	105 165	113 666	88 628
Fava.....	1 444	1 604	1 756	1 601
Batata doce.....	2 016	2 063	1 488	1 856
Batata inglesa.....	36	121	124	94
Banana.....	3 347	3 825	4 605	3 926
Laranja.....	356	414	476	415
Côco.....	1 531	1 645	3 161	2 112
Uva.....	4	4	5	4
Abacaxi.....	566	529	554	550
Tomate.....	56	68	84	69
Alho.....	8	13	15	12
Cana de açúcar.....	15 291	22 170	20 080	19 180
Café.....	13 348	14 087	13 953	13 796
Fumo.....	1 961	1 015	1 322	1 433
Algodão.....	217 069	246 500	281 558	248 376
Mamona.....	58 481	46 880	48 667	51 343
Amendoim.....	179	285	315	260

⁷ Com referência às áreas cultivadas, o Serviço de Estatística da Produção adverte: "Sendo comum no país o plantio de duas e às vezes três culturas na mesma área, tenha-se em vista que nos totais indicados está, em alguns casos, considerada mais de uma vez a mesma superfície de terra".

Tabela II

ESTADO DO CEARÁ

Dados sobre as principais culturas agrícolas no triênio 1945-47

2. Quantidade produzida⁸

CULTURA	QUANTIDADE PRODUZIDA (100 kg)			
	1945	1946	1947	Média do triênio
Milho.....	608 810	1 293 250	1 428 090	1 110 050
Arroz (com casca).....	149 120	376 290	352 930	292 780
Mandioca.....	5 227 580	5 796 640	5 647 260	5 557 160
Feijão.....	194 510	515 910	594 170	434 863
Fava.....	3 910	4 760	7 210	5 293
Batata doce.....	122 510	130 630	89 670	114 270
Batata inglesa.....	1 390	3 530	3 750	2 890
Banana.....	982 400	1 075 000	1 225 200	1 094 200
Laranja.....	50 320	62 910	70 280	61 170
Côco.....	36 750	36 850	70 600	48 067
Uva.....	50	50	80	60
Abacaxi.....	29 490	25 080	21 240	25 270
Tomate.....	640	700	950	763
Alho.....	70	110	90	90
Cana de açúcar.....	6 258 480	10 395 440	9 124 510	8 592 810
Café (beneficiado).....	43 390	56 010	47 840	49 080
Fumo (em fôlha).....	14 060	7 430	8 810	10 100
Algodão em pluma.....	268 690	386 910	405 460	353 687
Caroço de algodão.....	529 230	762 090	798 630	696 650
Mamona.....	414 140	342 510	357 620	371 423
Amendoim (com casca).....	2 620	4 570	4 320	3 837

⁸ Para o cálculo do peso da produção, foram aplicados os seguintes coeficientes de conversão, adotados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Banana, 1 cacho = 20 kg; laranja, 1 caixa de 176 frutos = 35 kg; côco, 1 fruto = 0,5 kg; abacaxi, 1 fruto = 1,5 kg.

Tabela III

ESTADO DO CEARÁ

Dados sobre as principais culturas agrícolas no triênio 1945-47

3. Valor da produção

CULTURA	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)			
	1945	1946	1947	Média do triênio
Milho.....	30 979	88 115	99 753	72 949
Arroz.....	12 113	42 559	40 756	31 809
Mandioca.....	57 133	60 441	60 673	59 416
Feijão.....	13 533	75 613	77 389	55 512
Fava.....	356	800	840	665
Batata doce.....	3 509	5 407	3 537	4 151
Batata inglesa.....	245	411	317	324
Banana.....	18 824	25 812	26 183	23 606
Laranja.....	3 464	6 454	7 856	5 925
Côco.....	5 919	8 042	14 574	9 512
Uva.....	14	25	48	29
Abacaxi.....	1 037	1 004	1 045	1 029
Tomate.....	72	96	158	109
Alho.....	95	173	205	158
Cana de açúcar.....	33 583	70 146	61 311	55 013
Café.....	15 462	26 021	23 080	21 521
Fumo.....	5 554	3 048	3 630	4 077
Algodão em pluma.....	121 803	243 753	283 822	216 459
Caroço de algodão.....	10 585	30 484	39 932	27 000
Mamona.....	31 941	43 184	79 230	51 452
Amendoim.....	212	559	652	474

Tabela IV

ESTADO DO CEARÁ

Dados sôbre as principais culturas agrícolas em 1948, 1949, 1950 e 1951, em comparação com o triênio 1945-47

1. Área cultivada

CULTURA	ÁREA CULTIVADA (ha)				
	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951
Milho.....	137 828	147 082	179 211	207 825	120 985
Arroz.....	21 358	26 050	27 920	23 156	18 192
Mandioca.....	50 889	41 335	43 547	53 104	48 330
Feijão.....	88 628	112 753	122 311	134 846	93 211
Fava.....	1 601	1 882	2 017	2 299	1 913
Batata doce.....	1 856	1 433	1 805	1 962	1 877
Batata inglesa.....	94	101	342	485	307
Banana.....	3 926	5 336	6 388	7 294	7 515
Laranja.....	415	482	535	652	682
Cóco.....	2 112	3 279	3 267	3 396	3 480
Uva.....	4	7	7	7	7
Abacaxi.....	550	425	433	463	558
Tomate.....	69	100	130	130	131
Alho.....	12	10	8	16	14
Cebola.....	—	—	—	21	17
Cana de açúcar.....	19 180	20 114	20 947	22 903	22 892
Café.....	13 796	14 520	13 953	13 428	13 317
Fumo.....	1 433	1 696	1 430	1 907	1 491
Algodão.....	248 376	324 755	320 909	345 515	281 253
Mamona.....	51 343	50 595	53 875	52 662	36 169
Amendoim.....	260	329	480	482	396

Tabela V

ESTADO DO CEARÁ

Dados sobre as principais culturas agrícolas em 1948, 1949, 1950 e 1951, em comparação com o triênio 1945-47

2. Quantidade produzida

CULTURA	QUANTIDADE PRODUZIDA (100 kg)				
	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951
Milho.....	1 110 050	1 357 830	1 567 200	1 945 130	471 020
Arroz (com casca).....	292 780	345 430	460 790	401 820	128 140
Mandioca.....	5 557 160	5 772 010	6 250 810	6 858 470	5 261 150
Feijão.....	434 863	534 300	598 940	770 670	225 330
Fava.....	5 293	7 100	8 190	8 300	4 180
Batata doce.....	114 270	101 480	118 600	131 560	103 290
Batata inglesa.....	2 890	2 480	6 270	7 440	1 100
Banana.....	1 094 200	1 407 800	1 720 600	2 124 600	1 993 800
Laranja.....	61 170	83 610	82 670	92 710	118 889
Côco.....	48 067	74 040	77 450	79 260	73 375
Uva.....	60	100	190	100	100
Abacaxi.....	25 270	17 280	20 190	21 230	25 350
Tomate.....	763	1 140	1 740	2 010	2 370
Alho.....	90	70	60	110	120
Cebola.....	—	—	—	150	550
Cana de açúcar.....	8 592 810	8 942 030	9 593 290	10 538 500	8 155 850
Café (beneficiado).....	49 080	45 100	48 030	46 190	30 880
Fumo (em fôlha).....	10 100	9 950	8 000	10 770	8 000
Algodão em pluma.....	353 687	339 010	431 670	604 860	188 840
Caroço de algodão.....	696 650	667 760	850 260	1 191 390	371 970
Mamona.....	371 423	392 800	362 070	376 900	143 660
Amendoim (com casca)	3 837	4 100	5 130	5 970	3 000

Tabela VI

ESTADO DO CEARÁ

Dados sobre as principais culturas agrícolas em 1948, 1949, 1950 e 1951, em comparação com o triênio 1945-47

3. Valor da produção

CULTURA	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)				
	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951
Milho.....	72 949	116 191	119 159	172 779	93 870
Arroz.....	31 809	47 431	72 948	61 886	31 918
Mandioca.....	59 416	67 501	88 359	107 113	124 655
Feijão.....	55 512	77 771	94 931	115 916	80 672
Fava.....	665	1 070	1 375	1 279	1 162
Batata doce.....	4 151	4 062	5 263	7 522	7 966
Batata inglesa.....	324	278	468	822	142
Banana.....	23 606	36 637	49 289	63 418	75 212
Laranja.....	5 925	9 261	10 936	11 360	18 614
Côco.....	9 512	15 656	16 593	16 443	19 624
Uva.....	29	50	78	46	56
Abacaxi.....	1 029	973	1 534	1 701	2 474
Tomate.....	109	183	387	509	578
Alho.....	158	118	108	190	191
Cebola.....	—	—	—	68	179
Cana de açúcar.....	55 013	63 538	67 887	84 787	86 645
Café.....	21 521	22 381	34 983	65 742	52 077
Fumo.....	4 077	4 484	4 548	7 271	5 666
Algodão em pluma....	216 459	339 015	518 007	967 773	545 763
Caroço de algodão....	27 000	46 743	59 519	103 651	56 539
Mamona.....	51 432	50 432	40 584	83 773	41 137
Amendoim.....	474	745	1 033	1 036	627

Tabela VII

ESTADO DO CEARÁ

Dados sobre as principais culturas agrícolas em 1948, 1949, 1950 e 1951, em comparação com o triênio 1945-47

4. Rendimento médio por hectare

CULTURA	RENDIMENTO MÉDIO POR HECTARE									
	Quantidade (kg)					Valor (Cr\$)				
	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951
Milho.....	805	923	874	936	389	529	790	665	831	776
Arroz (com casca).....	1 371	1 326	1 650	1 735	704	1 489	1 821	2 613	2 673	1 755
Mandioca.....	10 920	13 964	14 354	12 915	10 886	1 168	1 633	2 029	2 017	2 579
Feijão.....	491	474	490	572	242	634	690	776	860	865
Fava.....	331	377	406	361	219	415	569	682	556	607
Batata doce.....	6 170	7 082	6 571	6 705	5 503	2 237	2 835	2 916	3 834	4 244
Batata inglesa.....	3 074	2 455	1 833	1 534	358	3 447	2 752	1 368	1 695	463
Banana.....	27 871	26 383	26 935	29 128	26 531	6 013	6 866	7 716	8 695	10 008
Laranja.....	14 740	17 346	15 452	14 219	17 432	14 277	19 214	20 441	17 423	27 293
Côco.....	2 276	2 258	2 371	2 334	2 108	4 504	4 775	5 079	4 842	5 639
Uva.....	1 500	1 429	2 714	1 429	1 429	7 250	7 143	11 143	6 571	8 000
Abacaxi.....	4 595	4 066	4 663	4 585	4 543	1 871	2 289	3 543	3 674	4 434
Tomate.....	1 106	1 140	1 338	1 546	1 809	1 580	1 830	2 977	3 915	4 412
Alho.....	750	700	750	688	857	13 167	11 800	13 500	11 875	13 643
Cebola.....	—	—	—	714	3 235	—	—	—	3 238	10 529
Cana de açúcar.....	44 801	44 457	45 798	46 014	35 628	2 868	3 159	3 241	3 702	3 785
Café (beneficiado).....	356	311	344	344	232	1 560	1 541	2 507	4 896	3 911
Fumo (em folha).....	705	587	559	565	537	2 845	2 644	3 180	3 813	3 800
Algodão em pluma.....	142	104	135	175	67	871	1 044	1 614	2 801	1 940
Caroço de algodão.....	280	206	265	345	132	109	144	185	300	201
Mamona.....	723	776	672	716	397	1 002	997	753	1 591	1 137
Amendoim (com casca).....	1 476	1 246	1 069	1 239	758	1 823	2 264	2 152	2 149	1 583

III

A PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL, NOS ANOS DE 1945 A 1950, E A PRODUÇÃO FLORESTAL, NOS ANOS DE 1946 A 1948, DO ESTADO DO CEARÁ

SUMÁRIO: 1. Produção extrativa vegetal. — 2. Produção florestal.

1. *Produção extrativa vegetal.* — Os produtos extrativos vegetais do Ceará, incluídos nas estatísticas do Serviço de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura, são a borracha, os óleos de babaçu e oiticica, a fibra de caroá e a cêra de carnaúba¹.

O valor dessa produção, que atinge 122 684 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47, representa pouco menos de um décimo do total nacional, vindo logo após os do Piauí, do Amazonas e do Pará. No período bélico, a produção extrativa vegetal recebeu forte impulso, seja pela intensa procura exterior de alguns produtos (especialmente cêra de carnaúba), seja pela maior procura interior de outros. O ano de 1947 marcou o fim dessa transitória prosperidade; as quantidades produzidas diminuíram e ainda mais diminuíram os respectivos valores para os dois produtos principais. O valor total caiu de 158,5 milhões de cruzeiros em 1946 para 51,7 milhões em 1947. Nos anos seguintes a situação foi melhorando; a quantidade produzida em 1950 voltou para um nível próximo daquele de 1946, mas o valor ficou ainda sensivelmente menor, em contraste com a tendência geral para a alta dos preços.

O quadro abaixo apresenta o desenvolvimento dessas produções no triênio 1945-47 e nos três anos seguintes.

PRODUTO	1945	1946	1947	MÉDIA 1945-47	1948	1949	1950
Quantidade (100 kg)							
Babaçu.....	7 926	11 770	10 428	10 041	10 052	6 687	7 697
Borracha.....	4 266	2 160	647	2 358	396	507	786
Caroá.....	1 276	1 000	1 000	1 092	212	137	240
Cêra de carnaúba.....	37 332	35 571	17 439	20 114	34 839	36 444	44 929
Oiticica.....	225 418	169 287	112 222	168 976	114 197	158 362	167 279
TOTAL.....	276 218	219 788	141 736	212 581	159 696	202 137	220 931
Valor (Cr\$ 1 000)							
Babaçu.....	1 161	1 853	2 021	1 678	2 595	1 837	2 207
Borracha.....	4 144	2 211	516	2 290	372	442	867
Caroá.....	183	90	90	121	42	37	96
Cêra de carnaúba.....	131 962	131 326	35 934	99 741	69 564	76 717	119 862
Oiticica.....	20 394	22 999	13 171	18 855	11 376	15 445	18 768
TOTAL.....	157 844	158 479	51 732	122 685	83 949	94 478	141 800

¹ Em 1950, foram incluídos, para o Ceará, também os seguintes produtos:

	Quantidade (100 kg)	Valor (Cr\$ 1 000)
Agave	187	98
Tucum (fibra)	175	627
Casca de angico	4 474	195
Castanha de caju	9 693	642
Ipecacuanha	21	124

O produto de maior importância econômica é a *cêra de carnaúba*, da qual o Ceará é o segundo produtor no Brasil (o primeiro é o Piauí). A sua quantidade média anual durante o triênio tomado como referência, 30 114 quintais, constitui 27,13% do total nacional (Piauí, 52,73%); o seu valor médio anual, 99 741 milhares de cruzeiros, constitui 26,01% do total nacional.

Confrontando-se os dados de 1950 com as médias de 1945-47, nota-se um acréscimo de 49,20% na quantidade e de 20,17% no valor da produção; o valor médio unitário, que depois de ter subido de 3 535 cruzeiros por quintal em 1945 para 3 692 em 1946, caíra para 2 061 em 1947 e 1 997 em 1948, embora aumentando para 2 105 em 1949 e 2 668 em 1950, fica ainda muito inferior à média do triênio de referência.

O produto predominante pela quantidade é a *oiticica*, da qual o Ceará é o principal produtor no Brasil. No triênio 1945-47, a sua produção média anual, de 168 972 quintais, no valor de 18 854 milhares de cruzeiros, representava 55,18% da quantidade e 57,74% do valor da produção nacional.

Do triênio 1945-47 para 1950, houve leve decréscimo, de 1,00% na quantidade produzida e de 0,46% no valor. O valor médio unitário passou de 11 053 cruzeiros por quintal em 1945 para 7 361 em 1946, 8 520 em 1947, 10 038 em 1948, 10 253 em 1949 e 8 913 em 1950.

As produções cearenses de *babaçu*, *borracha* e *caroá* têm modesta importância; a soma de seus valores, no triênio 1945-47, constitui apenas 0,74% da correspondente soma para o Brasil, e em 1950 esta proporção diminuiu para 0,52%.

Examinando separadamente os diversos produtos, verifica-se que a quantidade de *babaçu* produzida diminuiu de 10 041 quintais, média anual do triênio de referência, para 7 697 em 1950; porém o respectivo valor subiu de 1 678 milhares de cruzeiros para 2 207. A quantidade de *borracha* diminuiu de 2 358 quintais para 786 e o valor de 2 290 milhares de cruzeiros para 867. A quantidade de *caroá* diminuiu de 1 092 quintais para 240 e o valor de 121 milhares de cruzeiros para 96.

* * *

2. *Produção florestal*. — O Serviço de Estatística da Produção não inclui no levantamento da produção extrativa vegetal a produção florestal, que apenas em parte é constituída pelos produtos da vegetação espontânea, sendo dada em parte pelas culturas arbóreas. Consta essa produção de outro levantamento especial, cujos dados mais recentes referem-se ao ano de 1948.

A produção florestal do Ceará, sendo em grande parte oriunda da vegetação espontânea, pode ser considerada ao lado dos produtos, já especificados, das indústrias extrativas vegetais.

Os produtos florestais incluídos nas estatísticas são a lenha, o carvão de lenha, as madeiras para usos industriais e os dormentes.

Constam do quadro abaixo as quantidades e os valores dessa produção nos anos de 1946 a 1948.

PRODUTO	UNIDADE	1946	1947	1948
Quantidade				
Lenha.....	m ³	1 260 873	1 826 260	3 098 498
Carvão vegetal.....	100 kg	8 631	11 909	22 142
Madeiras.....	m ³	23 476	16 583	21 250
Dormentes.....	um	115 127	44 529	151 177
Valor				
Lenha.....	Cr\$ 1 000	31 346	40 956	58 276
Carvão vegetal.....	>	689	825	865
Madeiras.....	>	8 652	5 620	6 791
Dormentes.....	>	1 005	521	2 020

A produção florestal do Ceará constitui uma pequena parcela do total; seu valor em 1946, 41 692 milhares de cruzeiros, representou apenas 1,21% daquele total, proporção que subiu para 1,32% em 1947 e para 1,80% em 1948 (ano em que o valor ascendeu a 67 952 milhares de cruzeiros).

Nota-se que tanto na quantidade quanto no valor preponderam os combustíveis, não sendo todavia desprezível a contribuição das madeiras e dos dormentes para o valor total.

Estudos de Estatística Teórica e Aplicada

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

A ESTRUTURA DA ECONOMIA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO MARANHÃO

SEGUNDO O CENSO AGRÍCOLA DE 1940

*

A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DO MARANHÃO

NOS ANOS DE 1945 A 1951

*

A PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL E A PRODUÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DO MARANHÃO

NOS ANOS DE 1945 A 1950

★

*Estatística
Agrícola
N.º 16*

RIO DE JANEIRO

SERVIÇO GRÁFICO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

1952

NOTA PRELIMINAR

Na coletânea pela qual se iniciou esta série de estudos de estatística agrícola, foram expostos, com os convenientes esclarecimentos e com ligeiros comentários, os principais resultados do Censo Agrícola de 1940 concernentes à estrutura da economia agropecuária do Brasil, como também os principais resultados da estatística da produção agrícola nacional para o período 1945-49.

Nesses estudos, o Brasil foi considerado em conjunto, como era necessário para se dar ao leitor uma visão geral, renunciando-se a qualquer discriminação de regiões geográficas ou unidades políticas.

Entretanto, as diferenças entre a estrutura e as atividades da economia agropecuária nas diversas partes do Brasil são profundas, em virtude da ação de fatores naturais e sociais. É indispensável, portanto, que a visão geral, destinada a dar uma primeira orientação, seja completada pelo exame desses diversos tipos particulares.

Para fornecer elementos de pesquisa aos estudiosos da economia do país e dados de confronto para os resultados, que em breve serão conhecidos, do Censo Agrícola de 1950, o Laboratório de Estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística preparou análises referentes aos diferentes Estados, paralelas às que já foram divulgadas para o conjunto do país, acrescentando-lhes um ligeiro estudo da produção extrativa vegetal. No presente volume, referente ao Estado do Maranhão, a análise da produção agrícola foi estendida aos anos de 1950 e 1951, e a da produção extrativa ao de 1950.

Os estudos reunidos na presente coletânea foram redigidos por RÊMULO COELHO.

ÍNDICE

	Pág.
I — A ESTRUTURA DA ECONOMIA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO MARANHÃO, SEGUNDO O CENSO AGRÍCOLA DE 1940. — 1. Introdução. — 2. Extensão das atividades agropecuárias. — 3. Tipos de exploração. — 4. Aproveitamento da área nos diversos tipos de exploração. — 5. Valor dos estabelecimentos nos diversos tipos de exploração. — 6. Valor da produção nos diversos tipos de exploração. — 7. Extensão dos estabelecimentos. — 8. Aproveitamento da área, segundo a extensão do estabelecimento. — 9. Valor dos estabelecimentos, segundo a extensão. — 10. Valor da produção, segundo a extensão do estabelecimento. — 11. Tipos de propriedade. — 12. Formas de gestão. — 13. Pessoal permanente. — 14. Considerações finais. — <i>Apêndices</i> : 1. Comparação com o conjunto do Brasil e com outras Unidades da Federação. — 2. Atividades especializadas	7
II — A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DO MARANHÃO, NOS ANOS DE 1945 A 1951. — 1. Considerações preliminares. — 2. Área cultivada. — 3. Produção. — 4. Análise das áreas cultivadas, das produções e dos rendimentos médios, segundo grupos e espécies de produtos. — 5. Comparações entre os dados de 1950 e as médias do triênio 1945-47. — 6. Valor da produção	43
III — A PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL E A PRODUÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DO MARANHÃO, NOS ANOS DE 1945 A 1950. — 1. Produção extrativa vegetal. — 2. Produção florestal	62

A ESTRUTURA DA ECONOMIA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO MARANHÃO, SEGUNDO O CENSO AGRÍCOLA DE 1940

SUMÁRIO: 1. *Introdução.* — 2. *Extensão das atividades agropecuárias.* — 3. *Tipos de exploração.* — 4. *Aproveitamento da área nos diversos tipos de exploração.* — 5. *Valor dos estabelecimentos nos diversos tipos de exploração.* — 6. *Valor da produção nos diversos tipos de exploração.* — 7. *Extensão dos estabelecimentos.* — 8. *Aproveitamento da área, segundo a extensão do estabelecimento.* — 9. *Valor dos estabelecimentos, segundo a extensão.* — 10. *Valor da produção, segundo a extensão do estabelecimento.* — 11. *Tipos de propriedade.* — 12. *Formas de gestão.* — 13. *Pessoal permanente.* — 14. *Considerações finais.* — Apêndices: 1. *Comparações com o conjunto do Brasil e com outras Unidades da Federação.* — 2. *Atividades especializadas.*

1. *Introdução* — A estrutura atual da economia agropecuária do Maranhão achará adequada ilustração nos dados, já em curso de apuração, do Censo Agrícola de 1950.

Para preparar elementos de comparação retrospectiva foi redigido o presente estudo, onde estão expostos, elaborados e ligeiramente comentados os dados principais do Censo Agrícola de 1940¹. Não se tendo verificado profundas alterações na economia agropecuária do Maranhão no período intercensitário, êsse quadro da sua estrutura pode apresentar uma visão aproximada da situação que será melhor descrita pelos resultados do último censo.

* * *

2. *Extensão das atividades agropecuárias* — Os dados da citada Sinopse referem-se a cerca de 95 000 estabelecimentos, não abrangendo algumas atividades especializadas (horticultura, floricultura, avicultura, apicultura, beneficiamento de produtos agrícolas, conservação e transformação desses produtos, etc.), quando constituam unidades econômicas autônomas², mas incluindo-as quando sejam acessórias da atividade agropecuária e exercidas no respectivo estabelecimento.

A área total dos estabelecimentos recenseados no Estado do Maranhão atinge 3 milhões de hectares, ocupando, assim, dois centésimos da área total dos estabelecimentos do Brasil.

A área incluída nos estabelecimentos agropecuários se aproxima de um décimo (9,06%) da área terrestre do Estado, que ascende a 332 239 quilômetros quadrados; a proporção correspondente para o Brasil é de 23,36%.

O número dos habitantes permanentemente ocupados nos estabelecimentos agropecuários ascende a cerca de 339 000, dos quais cerca de 252 000 em idades de 15 anos e mais. Os ocupados nesse ramo de atividade constituem 27% da população total presente em 1940, que ascende a 1 235 169.

O valor total dos estabelecimentos agropecuários seria de cerca de 200 milhões de cruzeiros e o valor da produção desses estabelecimentos em 1939,

¹ Expostos na *Sinopse do Censo Agrícola, Dados Gerais*, publicada em 1948 pela Comissão Censitária Nacional.

² Veja-se o apêndice 2.

também, de cerca de 200 milhões de cruzeiros, segundo as declarações censitárias. Provavelmente essas declarações ficam muito abaixo da verdade, o receio do fisco sugerindo aos declarantes grande moderação nas avaliações.

Considerando-se em conjunto os estabelecimentos recenseados, podem-se calcular as médias que se seguem, apropriadas para caracterizar a estrutura da economia rural do Estado do Maranhão mediante poucos dados fundamentais.

1. *Médias por estabelecimento:*

Área	31,6 hectares,
Valor do estabelecimento	2,4 milhares de cruzeiros,
Valor da produção anual	2,0 milhares de cruzeiros,
Pessoas permanentemente ocupadas	3,6.

2. *Médias por hectare:*

Valor do estabelecimento	76 cruzeiros,
Valor da produção anual	63 cruzeiros.

3. *Médias por pessoa permanentemente ocupada:*

Área	8,9 hectares,
Valor do estabelecimento	676 cruzeiros,
Valor da produção anual	355 cruzeiros.

Embora não pequena em valor absoluto, a área média do estabelecimento é tal em comparação com a correspondente média nacional.

Mesmo levando-se em conta a menor área, o valor médio do estabelecimento deve-se considerar muito baixo. O valor médio por hectare não atinge a metade da média nacional.

O valor da produção, embora muito inferior à média nacional por estabelecimento, excede a média nacional por hectare.

O número médio das pessoas permanentemente ocupadas nos estabelecimentos é inferior à média nacional, mas a sua densidade em relação à área é duas vezes maior. O valor médio da produção por pessoa permanentemente ocupada é inferior à metade da média nacional, já bem baixa.

* * *

3. *Tipos de exploração* — No Censo Agrícola de 1940, os estabelecimentos foram discriminados segundo o tipo de exploração, em quatro classes, isto é, a da exploração agrícola, a da exploração mista (agrícola e pecuária), a da exploração pecuária, e a dos demais tipos de exploração.

As primeiras três classes foram subdivididas, segundo a importância da produção do estabelecimento, em explorações em grande escala e em pequena escala.

Os resultados das apurações realizadas conforme essas discriminações estão resumidos nas tabelas I a, II a, III a e IV a, enquanto nas tabelas I b e c, II b e c, III b e c e IV b e c são apresentados os resultados de variadas elaborações realizadas sobre esses dados.

Expor-se-ão em seguida algumas das principais observações sugeridas pelo exame das tabelas acima referidas.

A classe mais importante é a dos estabelecimentos com exploração mista (agrícola e pecuária), que abrange 52,01% dos estabelecimentos, 64,44% da

área, 54,45% do pessoal, 53,27% do valor dos estabelecimentos, e contribui com 55,28% para o valor da produção.

Em segundo lugar, no que diz respeito ao valor dos produtos, acha-se a classe dos estabelecimentos com exploração agrícola, que abrange 44,17% dos estabelecimentos, 9,85% da área, 36,21% do pessoal, 11,53% do valor dos estabelecimentos, e contribui com 34,41% para o valor da produção.

Segue-se a classe dos estabelecimentos com exploração pecuária, que abrange apenas 3,54% dos estabelecimentos, 9,93% do valor da produção e 9,08% do pessoal, mas 25,41% da área e 34,44% do valor dos estabelecimentos.

Os demais tipos de exploração abrangem quotas desprezíveis, como se pode verificar pela tabela I b.

Nos três tipos principais, predomina a exploração em pequena escala na agricultura e na agropecuária, a em grande escala na pecuária. Reunindo-se as três classes, obtém-se a seguinte comparação de conjunto entre êsses dois regimes de exploração.

ESPECIFICAÇÃO	PERCENTAGENS DOS TOTAIS ³	
	Exploração em grande escala	Exploração em pequena escala
Estabelecimentos recenseados.....	2,11	97,61
Área.....	21,87	77,83
Valor dos estabelecimentos.....	30,25	68,99
Valor da produção de 1939.....	9,51	90,11
Pessoal permanente.....	8,33	91,41

As características das diversas classes e subclasses de tipos de exploração ressaltam pelas médias calculada na tabela I c.

A área média do estabelecimento sobe de 7,05 hectares na exploração agrícola para 39,15 na agropecuária e 227,00 na pecuária.

O número médio das pessoas ocupadas no estabelecimento aumenta, também, mas em proporção muito menor, de 2,92 na exploração agrícola (onde a cada pessoa corresponde, em média, uma área de 2,41 hectares), para 3,73 na exploração agropecuária (com 10,50 hectares por pessoa) e 9,14 na exploração pecuária (com 24,82 hectares por pessoa).

O valor médio do estabelecimento aumenta de 629 cruzeiros na exploração agrícola (com um valor médio de 89 cruzeiros por hectare) para 2 467 na exploração agropecuária (63 por hectare) e 23 453 na exploração pecuária (103 por hectare).

O valor médio da produção anual do estabelecimento sobe de 1 540 cruzeiros na exploração agrícola para 2 101 na agropecuária e 5 550 na pecuária; mas em relação à área, a marcha do valor médio da produção se inverte, pois o máximo de 219 cruzeiros por hectare é atingido na exploração agrícola, enquanto na agropecuária se obtém apenas 54 cruzeiros por hectare e na pecuária 24.

³ A diferença entre 100 e a soma das percentagens das duas colunas, em cada linha, representa a percentagem que cabe aos estabelecimentos de tipos diversos dos três principais, para os quais não foi discriminada a escala da exploração.

Em relação ao número das pessoas permanentemente ocupadas, o valor da produção é mínimo, pelo contrário, na exploração agrícola (528 cruzeiros), maior na agropecuária (564) e máximo na pecuária (607).

A exploração em grande escala, rara no tipo agrícola, raríssima no agropecuário, mas predominante no pecuário, é caracterizada pela extensão da área média do estabelecimento (apenas 36 hectares na exploração agrícola, em comparação, porém, com 7 para a em pequena escala; 2 001 na agropecuária e 325 na pecuária); pelo elevado número médio de pessoas ocupadas (7 na exploração agrícola, mas 61 na agropecuária e 14 na pecuária); pelo valor relativamente elevado da produção média por hectare na exploração agrícola (276 cruzeiros), como, também, da produção média por pessoa ocupada (na exploração agrícola, 1 334 cruzeiros, em comparação com 525 na em pequena escala; na agropecuária, 1 011, em comparação com 562; na pecuária, 612, em comparação com 573).

Resumindo: as características principais da estrutura da economia rural do Estado do Maranhão consistem na predominância dos estabelecimentos com atividades mistas (agrícolas e pecuárias), no que diz respeito ao tipo da exploração, e com atividades em pequena escala, exceto no tipo pecuário, no que diz respeito às dimensões. Outra característica, funcional, mas ligada com as estruturais, é a do baixo rendimento em relação à área explorada e ao pessoal ocupado, sobretudo na exploração em pequena escala.

Tabela I a

MARANHÃO

Dados sobre os estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

a. Dados absolutos

TIPO DE EXPLORAÇÃO	ESTABELECIMENTOS RECENSEADOS	ÁREA ⁴ ha	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS DE 1939 Cr\$ 1 000	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939 Cr\$ 1 000	PESSOAL PERMANENTE ⁵
<i>Agricultura</i>	42 062	296 364	26 444	64 770	122 771
Em grande escala..	54	1 940	929	535	401
Em pequena escala	42 008	294 424	25 515	64 235	122 370
<i>Agropecuária</i>	49 527	1 938 741	122 165	104 061	184 595
Em grande escala..	13	26 010	1 707	807	798
Em pequena escala	49 514	1 912 731	120 458	103 254	183 797
<i>Pecuária</i>	3 368	764 531	78 990	18 693	30 797
Em grande escala..	1 942	630 284	66 753	16 541	27 039
Em pequena escala	1 426	134 247	12 237	2 152	3 758
<i>Outros tipos</i>	271	8 940	1 735	723	891
<i>TOTAL</i>	95 228	3 008 576	229 334	188 247	339 054

⁴ Exclui-se a área relativa a 1 231 estabelecimentos recenseados, para os quais não foi fornecida a informação correspondente. Observe-se que as informações referentes ao número de estabelecimentos recenseados, ao valor dos estabelecimentos e ao da respectiva produção em 1939, e ao pessoal permanente abrangem esses 1 231 estabelecimentos.

⁵ Dados em parte estimados.

Tabela I b

MARANHÃO

Dados sobre os estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

b. Percentagens

TIPO DE EXPLORAÇÃO	ESTABELECIMENTOS RECENTES	ÁREA	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939	PESSOAL PERMANENTE
<i>Agricultura</i>	44,17	9,85	11,53	34,41	36,21
Em grande escala..	0,06	0,06	0,40	0,29	0,12
Em pequena escala	44,11	9,79	11,13	34,12	36,09
<i>Agropecuária</i>	52,01	64,44	53,27	55,28	54,45
Em grande escala..	0,01	0,86	0,74	0,43	0,24
Em pequena escala	52,00	63,58	52,53	54,85	54,21
<i>Pecuária</i>	3,54	25,41	34,44	9,93	9,08
Em grande escala..	2,04	20,95	29,11	8,79	7,97
Em pequena escala	1,50	4,46	5,33	1,14	1,11
<i>Outros tipos</i>	0,28	0,30	0,76	0,38	0,26
<i>TOTAL</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela I c

MARANHÃO

Dados sobre os estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

c. Médias

TIPO DE EXPLORAÇÃO	MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO				MÉDIAS POR HECTARE			MÉDIAS POR PESSOA PERMANENTEMENTE OCUPADA		
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$
<i>Agricultura</i>	7,05	629	1 540	2,92	89	219	0,414	2,41	215	528
Em grande escala	35,93	17 204	9 907	7,43	479	276	0,207	4,84	2 317	1 334
Em pequena escala	7,01	607	1 529	2,91	87	218	0,416	2,41	209	525
<i>Agropecuária</i>	39,15	2 467	2 101	3,73	63	54	0,095	10,50	662	564
Em grande escala	2 000,77	131 308	62 077	61,38	66	31	0,031	32,59	2 139	1 011
Em pequena escala	38,63	2 433	2 085	3,71	63	54	0,096	10,41	655	562
<i>Pecuária</i>	227,00	23 453	5 550	9,14	103	24	0,040	24,82	2 565	607
Em grande escala	324,55	34 373	8 518	13,92	106	26	0,043	23,31	2 469	612
Em pequena escala	94,14	8 581	1 509	2,64	91	16	0,028	35,72	3 256	573
<i>Outros tipos</i>	32,99	6 402	2 668	3,29	194	81	0,100	10,03	1 947	811
<i>TODOS OS TIPOS</i>	31,59	2 408	1 977	3,56	76	63	0,113	8,87	676	555

* * *

4. *Aproveitamento da área nos diversos tipos de exploração.* — Sobre êsse aproveitamento informam as tabelas II a (dados absolutos), II b (percentagens dos diversos tipos de exploração, em cada tipo de aproveitamento) e II c (percentagens dos diversos tipos de aproveitamento, em cada tipo de exploração).

Vê-se por êsses dados que uma elevada fração da área dos estabelecimentos agropecuários não é aproveitada. Com efeito, a área total dêsses estabelecimentos subdivide-se como consta dos dados abaixo.

TIPO DE APROVEITAMENTO	ÁREA	
	ha	%
Lavoura.....	286 945	9,54
Pastagens.....	1 034 286	34,38
Matas.....	550 163	18,28
Terras não aproveitadas.....	899 847	29,91
Terras improdutivas.....	237 335	7,89
<i>TOTAL.....</i>	<i>3 008 576</i>	<i>100,00</i>

A área da lavoura não chega a um décimo do total, atingindo apenas 9,54%.

As pastagens, que alimentam rebanhos relativamente numerosos⁶, cobrem 34,38% dessa área.

As matas cobrem mais de um sexto, 18,28%, da área total dos estabelecimentos.

As terras não aproveitadas ou improdutivas representam pouco mais de três oitavos, 37,80%, do total.

A proporção da área aproveitada pela lavoura é, naturalmente, maior nos estabelecimentos com exploração agrícola (32,61%, em conjunto, descendo para 28,81% nos com exploração em grande escala e subindo para 32,63% nos com exploração em pequena escala) do que nos com exploração agropecuária (8,20% em conjunto, 5,18% na em grande escala, 8,24% na em pequena escala) e nos com exploração pecuária (4,05% em conjunto, 4,73% na em grande escala, 0,90% na em pequena escala).

A proporção da área ocupada pelas pastagens apresenta marcha oposta à da lavoura, sendo mínima na exploração agrícola (12,79% em conjunto, 21,24% na em grande escala, 12,74% na em pequena escala), maior na exploração agropecuária (36,51% em conjunto, 15,48% na em grande escala, 36,80% na em pequena escala) e máxima na pecuária (37,44% em conjunto, 36,54% na em grande escala, 41,64% na em pequena escala).

A proporção da área que fica excluída dos dois tipos principais de aproveitamento é mínima nos estabelecimentos com exploração agrícola (54,60% em conjunto, 49,95% na em grande escala, 54,63% na em pequena escala), maior nos com exploração agropecuária (55,29% em conjunto, 79,34% na em

⁶ Segundo o Censo Agrícola de 1.º-IX-1940, o Estado do Maranhão possuía 803,3 milhares de bovinos, 179,8 milhares de eqüinos, 60,0 milhares de asininos e muares, 881,0 milhares de suínos, 57,7 milhares de ovinos e 232,8 milhares de caprinos. Havia, ainda, cerca de 2 milhões de galináceos.

grande escala, 54,96% na em pequena escala), e máxima nos com exploração pecuária (58,1% em conjunto, 58,73% na em grande escala, 57,46% na em pequena escala).

No quadro abaixo compara-se a participação da exploração em grande escala e da em pequena escala nas diversas formas de proveitamento.

TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA	PERCENTAGENS DOS TOTAIS ⁷	
	Exploração em grande escala	Exploração em pequena escala
Lavoura.....	11,04	88,85
Pastagens.....	22,70	77,08
Matas, terras não aproveitadas e improdutivas.....	23,22	76,40
<i>TODOS OS TIPOS.....</i>	<i>21,87</i>	<i>77,83</i>

Predomina fortemente em todos os tipos de aproveitamento a exploração em pequena escala. A participação da exploração em grande escala é muito baixa na lavoura, maior nas pastagens (sendo este regime quase exclusivamente encontrado na exploração pecuária) e nas matas e terras não aproveitadas e improdutivas.

Tabela II a

MARANHÃO

Aproveitamento da área⁸ dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

a. Dados absolutos (hectares)

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			
	Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	TOTAL (segundo o tipo de exploração)
<i>Agricultura.....</i>	<i>96 643</i>	<i>37 909</i>	<i>161 812</i>	<i>296 364</i>
Em grande escala.....	559	412	969	1 940
Em pequena escala.....	96 084	37 497	160 843	294 424
<i>Agropecuária.....</i>	<i>158 991</i>	<i>707 907</i>	<i>1 071 843</i>	<i>1 938 741</i>
Em grande escala.....	1 348	4 026	20 636	26 010
Em pequena escala.....	157 643	703 881	1 051 207	1 912 731
<i>Pecuária.....</i>	<i>30 988</i>	<i>286 221</i>	<i>447 322</i>	<i>764 531</i>
Em grande escala.....	29 773	230 326	370 185	630 284
Em pequena escala.....	1 215	55 895	77 137	134 247
<i>Outros tipos.....</i>	<i>323</i>	<i>2 249</i>	<i>6 368</i>	<i>8 940</i>
<i>TOTAL (segundo o tipo de aproveitamento).....</i>	<i>286 945</i>	<i>1 034 286</i>	<i>1 687 345</i>	<i>3 008 576</i>

⁷ A diferença entre 100 e a soma das percentagens das duas colunas, em cada linha, representa a percentagem que cabe aos estabelecimentos de tipos diversos dos três principais, para os quais não foi discriminada a escala da exploração.

⁸ Veja-se a nota 4.

Tabela II b

MARANHÃO

Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

b. Percentagens dos diversos tipos de exploração, em cada tipo de aproveitamento

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			
	Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	Todos os tipos
<i>Agricultura</i>	33,68	3,67	9,59	9,85
Em grande escala.....	0,19	0,04	0,06	0,06
Em pequena escala.....	33,49	3,63	9,53	9,79
<i>Agropecuária</i>	55,41	68,44	63,52	64,44
Em grande escala.....	0,47	0,39	1,22	0,86
Em pequena escala.....	54,94	68,05	62,30	63,58
<i>Pecuária</i>	10,80	27,67	26,51	25,41
Em grande escala.....	10,38	22,27	21,94	20,95
Em pequena escala.....	0,42	5,40	4,57	4,46
<i>Outros tipos</i>	0,11	0,22	0,38	0,30
<i>TOTAL</i>	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela II c

MARANHÃO

Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

c. Percentagens dos diversos tipos de aproveitamento, em cada tipo de exploração

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			TOTAL
	Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	
<i>Agricultura</i>	32,61	12,79	54,60	100,00
Em grande escala.....	28,81	21,24	49,95	100,00
Em pequena escala.....	32,63	12,74	54,63	100,00
<i>Agropecuária</i>	8,20	36,51	55,29	100,00
Em grande escala.....	5,18	15,48	79,34	100,00
Em pequena escala.....	8,24	36,80	54,96	100,00
<i>Pecuária</i>	4,05	37,44	58,51	100,00
Em grande escala.....	4,73	36,54	58,73	100,00
Em pequena escala.....	0,90	41,64	57,46	100,00
<i>Outros tipos</i>	3,61	25,16	71,23	100,00
<i>TODOS OS TIPOS</i>	9,54	34,38	56,08	100,00

* * *

5. *Valor dos estabelecimentos nos diversos tipos de exploração.* — Dados sobre esse assunto encontram-se nas tabelas III a (dados absolutos), III b (percentagens dos diversos tipos de exploração, em cada elemento do valor dos estabelecimentos) e III c (percentagens dos diversos elementos, em cada tipo de exploração).

Para o conjunto dos estabelecimentos, a discriminação do respectivo valor segundo os principais elementos consta dos dados abaixo.

ELEMENTOS DO VALOR DOS ESTABELECEMENTOS	VALOR	
	Cr\$ 1 000	%
Terras.....	53 322	23,25
Prédios e construções.....	28 442	12,40
Animais.....	136 228	59,40
Maquinário e veículos.....	11 342	4,95
<i>TOTAL</i>	<i>229 334</i>	<i>100,00</i>

Aparecem nessa distribuição as características de uma economia rural atrasada: a proporção muito baixa de maquinário e meios de transporte⁹, e a proporção também baixa de prédios e construções.

É digna de nota a quota muito elevada do valor dos animais, em contraste com a muito baixa do valor das terras.

Nos diversos tipos de exploração, as proporções dos vários elementos do valor diferem sensivelmente.

O valor das terras atinge a quota mais elevada do valor total dos estabelecimentos, 25,13%, na exploração agrícola, enquanto na exploração agropecuária essa quota desce para 23,57% e na pecuária para 20,89%. A quota do valor das terras é bem maior na exploração em grande escala do que na em pequena escala no tipo pecuário, que é o único onde esse regime de exploração se encontra com frequência no Maranhão.

A quota dos prédios e construções atinge 24,73% do valor total na exploração agrícola, descendo para 13,32% na agropecuária e para 6,97% na pecuária¹⁰. A quota dos prédios e construções é maior na exploração em pequena escala do que na em grande escala.

De acôrdo com as próprias características dos diversos tipos de exploração, a quota dos animais, no valor total dos estabelecimentos, é mínima na exploração agrícola, 28,94%, maior na agropecuária, 59,47%, e máxima na pecuária, 70,57%. Essa quota é maior na exploração em pequena escala do que na em grande escala.

Ainda em relação com as características dos diversos tipos de exploração, encontra-se a maior quota do maquinário e veículos, no valor total dos estabelecimentos, na exploração agrícola (21,20% em conjunto, 53,93% na em grande escala, 20,00% na em pequena escala); uma quota fortemente menor na exploração agropecuária (3,64% em conjunto, 24,49% na em grande

⁹ Foram recenseados em 1940 apenas 6 tratores, 71 arados, 232 outros instrumentos agrícolas, 71 maquinismos para beneficiamento, 1 950 moendas, 15 moinhos, 883 fábricas de farinha; era apenas de 7 o número de autos e motocicletas e de 2 821 o de carros de boi e carroças.

¹⁰ Nos estabelecimentos agropecuários do Maranhão, em 1940, foram recenseadas 47 474 residências de colonos, das quais 2 518 de madeira e 963 de tijolos, 8 233 depósitos e paióis, 16 944 apriscos, estábulos, estrebarias e pocilgas, 1 silo, 1 237 casas de máquinas e 38 escolas.

escala e apenas 3,34% na em pequena escala), e a quota mínima na exploração pecuária (1,57% em conjunto, 1,68% na em grande escala e 0,98% na em pequena escala). É sempre maior essa quota na exploração em grande escala do que na em pequena escala.

Comparando-se em conjunto a participação da exploração em grande escala e da em pequena escala nos diversos elementos do valor dos estabelecimentos, obtêm-se os dados que se seguem.

ELEMENTOS DO VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGENS DOS TOTAIS ¹¹	
	Exploração em grande escala	Exploração em pequena escala
Terras.....	29,75	67,67
Prédios e construções.....	16,81	82,75
Animais.....	34,28	65,59
Maquinário e veículos.....	17,97	81,54
<i>TODOS OS ELEMENTOS....</i>	<i>30,25</i>	<i>68,99</i>

Predomina em todos os elementos do valor dos estabelecimentos e participação da exploração em pequena escala. A quota da exploração em grande escala (quase exclusiva do tipo pecuário) é relativamente elevada no valor dos animais e, embora menor, no das terras.

Tabela III a

MARANHÃO

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

a. Dados absolutos (Cr\$ 1 000)

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TERRAS	PRÉDIOS E CONSTRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUINÁRIO E VEÍCULOS	TOTAL
<i>Agricultura.....</i>	<i>6 646</i>	<i>6 539</i>	<i>7 654</i>	<i>5 605</i>	<i>26 444</i>
Em grande escala..	213	52	163	501	929
Em pequena escala	6 433	6 487	7 491	5 104	25 515
<i>Agropecuária.....</i>	<i>28 796</i>	<i>16 276</i>	<i>72 651</i>	<i>4 442</i>	<i>122 165</i>
Em grande escala..	621	147	521	418	1 707
Em pequena escala	28 175	16 129	72 130	4 024	120 458
<i>Pecuária.....</i>	<i>16 504</i>	<i>5 502</i>	<i>55 745</i>	<i>1 239</i>	<i>78 990</i>
Em grande escala..	15 029	4 584	46 021	1 119	66 753
Em pequena escala	1 475	918	9 724	120	12 237
<i>Outros tipos.....</i>	<i>1 376</i>	<i>125</i>	<i>178</i>	<i>56</i>	<i>1 735</i>
<i>TOTAL.....</i>	<i>53 322</i>	<i>28 442</i>	<i>136 228</i>	<i>11 342</i>	<i>229 334</i>

¹¹ A diferença entre 100 e a soma das percentagens das duas colunas, em cada linha, representa a percentagem que cabe aos estabelecimentos de tipos diversos dos três principais, para os quais não foi discriminada a escala da exploração.

Tabela III b

MARANHÃO

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

b. Percentagens dos diversos tipos de exploração, em cada elemento do valor dos estabelecimentos

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TERRAS	PRÉDIOS E CONSTRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUINÁRIO E VEÍCULOS	VALOR TOTAL
<i>Agricultura</i>	12,46	22,99	5,62	49,42	11,53
Em grande escala..	0,40	0,18	0,12	4,42	0,40
Em pequena escala	12,06	22,81	5,50	45,00	11,13
<i>Agropecuária</i>	54,01	57,23	53,33	39,17	53,27
Em grande escala..	1,17	0,52	0,38	3,69	0,74
Em pequena escala	52,84	56,71	52,95	35,48	52,53
<i>Pecuária</i>	30,95	19,34	40,92	10,92	34,44
Em grande escala..	28,18	16,11	33,78	9,86	29,11
Em pequena escala	2,77	3,23	7,14	1,06	5,33
<i>Outros tipos</i>	2,58	0,44	0,13	0,49	0,76
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela III c

MARANHÃO

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo o tipo de exploração

c. Percentagens dos diversos elementos, em cada tipo de exploração

TIPO DE EXPLORAÇÃO	TERRAS	PRÉDIOS E CONSTRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUINÁRIO E VEÍCULOS	TOTAL
<i>Agricultura</i>	25,13	24,73	28,94	21,20	100,00
Em grande escala..	22,93	5,60	17,54	53,93	100,00
Em pequena escala	25,21	25,43	29,36	20,00	100,00
<i>Agropecuária</i>	23,57	13,32	59,47	3,64	100,00
Em grande escala..	36,38	8,61	30,52	24,49	100,00
Em pequena escala	23,39	13,39	59,88	3,34	100,00
<i>Pecuária</i>	20,89	6,97	70,57	1,57	100,00
Em grande escala..	22,51	6,87	68,94	1,68	100,00
Em pequena escala	12,05	7,50	79,47	0,98	100,00
<i>Outros tipos</i>	79,31	7,20	10,26	3,23	100,00
TODOS OS TIPOS	23,25	12,40	59,40	4,95	100,00

* * *

6. *Valor da produção nos diversos tipos de exploração.* — Informações sobre este assunto acham-se nas tabelas IV a (dados absolutos), IV b (percentagens dos diversos tipos de exploração, no valor de cada categoria de produção) e IV c (percentagens das diversas categorias de produção, no valor total da produção, em cada tipo de exploração).

Considerando-se o conjunto dos estabelecimentos, o valor da produção do ano de 1939 discrimina-se como consta dos dados abaixo.

CATEGORIA DE PRODUÇÃO	VALOR	
	Cr\$ 1 000	%
Extrativa.....	33 566	17,83
Agrícola.....	129 075	68,57
Animal e de origem animal.....	25 605	13,60
<i>TOTAL</i>	<i>188 247</i>	<i>100,00</i>

Mais de dois terços do valor total correspondem à produção agrícola; uma quota superior a um sexto, à extrativa; uma quota inferior a um sétimo, à animal e de origem animal.

Discriminando-se os diversos tipos de exploração, verifica-se que a quota mais elevada de valor da parcela agrícola da produção, 87,11%, se encontra, como se devia esperar, na exploração agrícola, com ligeira diferença entre a exploração em grande escala e a em pequena escala. Já na exploração agropecuária a produção agrícola constitui uma quota menor, embora ainda preponderante, 64,63%, e mais elevada na exploração em grande escala, 76,21%, do que na em pequena escala, 64,55%. Na exploração pecuária a quota correspondente se reduz para 28,85%, atingindo 32,38% na exploração em grande escala, mas caindo para 1,72% na em pequena escala. É digna de nota a quota relativamente elevada da produção agrícola na exploração pecuária em grande escala, que assim deveria ser considerada, em muitos casos, agropecuária.

A marcha das quotas de valor que cabem à produção animal e de origem animal é inversa à descrita acima, figurando essa parcela com apenas 1,90% do valor da produção na exploração agrícola (2,24% na em grande escala, 1,90% na em pequena escala), mas já com 15,49% na exploração agropecuária (5,58% na em grande escala, 15,56% na em pequena escala) e com 47,17% na exploração pecuária (40,67% na em grande escala, 71,05% na em pequena escala). Neste último tipo, único onde tem importância a exploração em grande escala, a quota da produção animal é bem menor neste regime do que no em pequena escala, em consequência da maior extensão dada à produção agrícola.

A produção extrativa tem considerável importância no Maranhão. Na exploração agrícola contribui com mais de um décimo (10,99%) para o valor total da produção, na agropecuária com dois décimos (19,88%) e na pecuária com mais de um quarto (26,98%), com pequenas diferenças entre a exploração em grande e em pequena escala. Nos estabelecimentos de outros tipos a produção é quase exclusivamente extrativa.

Considerando-se em conjunto a participação da exploração em grande escala e da em pequena escala no valor das diversas categorias de produção, obtêm-se os dados seguintes.

CATEGORIA DE PRODUÇÃO	PERCENTAGENS DOS TOTAIS ¹²	
	Exploração em grande escala	Exploração em pequena escala
Extrativa.....	13,90	83,95
Agrícola.....	4,99	95,01
Animal e de origem animal.....	26,50	73,49
TÓDAS AS CATEGORIAS...	9,51	90,11

Predomina em tôdas as categorias a exploração em pequena escala. A participação da exploração em grande escala no valor da produção se aproxima de um décimo, em conjunto, mas excede um quarto na parcela da produção animal e de origem animal, em virtude da predominância desse regime na exploração pecuária.

Tabela IV a

MARANHÃO

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo o tipo de exploração

a. Dados absolutos (Cr\$ 1 000)

TIPO DE EXPLORAÇÃO	PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	TOTAL
<i>Agricultura.....</i>	7 116	56 422	1 232	64 770
Em grande escala.....	62	461	12	535
Em pequena escala.....	7 054	55 961	1 220	64 235
<i>Agropecuária.....</i>	20 685	67 260	16 116	104 061
Em grande escala.....	147	615	45	807
Em pequena escala.....	20 538	66 645	16 071	103 254
<i>Pecuária.....</i>	5 044	5 393	8 256	18 693
Em grande escala.....	4 458	5 356	6 727	16 541
Em pequena escala.....	586	37	1 529	2 152
<i>Outros tipos.....</i>	721	—	2	723
<i>TOTAL.....</i>	33 566	129 075	25 606	188 247

¹² A diferença entre 100 e a soma das duas colunas, em cada linha, representa a percentagem que cabe aos estabelecimentos de tipos diversos dos três principais, para os quais não foi discriminada a escala da exploração.

Tabela IV b

MARANHÃO

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo o tipo de exploração

b. Percentagem dos diversos tipos de exploração, no valor de cada categoria de produção

TIPO DE EXPLORAÇÃO	PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	PRODUÇÃO TOTAL
<i>Agricultura</i>	21,20	43,71	4,81	34,41
Em grande escala.....	0,18	0,36	0,05	0,29
Em pequena escala.....	21,02	43,35	4,76	34,12
<i>Agropecuária</i>	61,62	52,11	62,94	55,28
Em grande escala.....	0,44	0,48	0,18	0,43
Em pequena escala.....	61,18	51,63	62,76	54,85
<i>Pecuária</i>	15,03	4,18	32,24	9,93
Em grande escala.....	13,28	4,15	26,27	8,79
Em pequena escala.....	1,75	0,03	5,97	1,14
<i>Outros tipos</i>	2,15	—	0,01	0,38
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela IV c

MARANHÃO

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo o tipo de exploração

c. Percentagens das diversas categorias de produção, no valor total da produção, em cada tipo de exploração

TIPO DE EXPLORAÇÃO	PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	TOTAL
<i>Agricultura</i>	10,99	87,11	1,90	100,00
Em grande escala.....	11,59	86,17	2,24	100,00
Em pequena escala.....	10,98	87,12	1,90	100,00
<i>Agropecuária</i>	19,88	64,63	15,49	100,00
Em grande escala.....	18,21	76,21	5,58	100,00
Em pequena escala.....	19,89	64,55	15,56	100,00
<i>Pecuária</i>	26,98	28,85	44,17	100,00
Em grande escala.....	26,95	32,38	40,67	100,00
Em pequena escala.....	27,23	1,72	71,05	100,00
<i>Outros tipos</i>	99,72	—	0,28	100,00
TODOS OS TIPOS	17,83	68,57	13,60	100,00

7. *Extensão dos estabelecimentos* — No Censo Agrícola de 1940, os estabelecimentos recenseados foram discriminados segundo a respectiva área¹³ e os dados a êles referentes foram apurados segundo classes de área.

Os resultados dessa apuração estão resumidos nas tabelas V a, VI a, VII a e VIII a, enquanto nas tabelas V b e c, VI b e c, VII b e c e VIII b e c são apresentados os resultados de elaborações paralelas às resumidas nas tabelas anteriormente examinadas, estando os dados subordinados à discriminação das classes de área, em vez de à discriminação dos tipos de exploração.

Algumas observações sugeridas pelas apurações e elaborações acima aludidas serão expostas no presente parágrafo e nos primeiros seguintes.

Nas tabelas acima referidas estão discriminadas 15 classes de área dos estabelecimentos. Agrupando-as em 5 classes mais amplas, para facilitar a visão de conjunto, obtêm-se os dados abaixo. Cumpre advertir que são aqui considerados estabelecimentos *pequenos* os com área até 10 hectares; *médios*, os de 10 a 100 hectares; *grandes*, os de 100 a 1 000 hectares; *muito grandes*, os de 1 000 a 10 000 hectares; e *excepcionalmente grandes*, os de mais de 10 000 hectares¹⁴.

GRUPO DE ESTABELECEMENTOS	PERCENTAGEM DO GRUPO ESPECIFICADO				
	No número dos estabelecimentos	Na área	No valor dos estabelecimentos	No valor da produção	No pessoal permanente
Pequenos.....	85,12	5,98	35,74	71,14	69,08
Médios.....	8,35	11,57	23,20	13,92	14,14
Grandes.....	4,75	40,89	24,92	10,63	13,01
Muito grandes.....	0,48	37,82	8,22	2,74	2,73
Excepcionalmente grandes...	0,01	3,74	0,10	0,01	0,12
<i>TOTAL</i> ¹⁵	<i>98,71</i>	<i>100,00</i>	<i>92,18</i>	<i>98,44</i>	<i>99,08</i>

Os estabelecimentos pequenos — até 10 hectares —, embora possuindo apenas seis centésimos da área total, constituem o grupo mais importante, seja pelo número, compreendendo quase seis sétimos do total, seja pelo valor da produção¹⁶, que ascende a mais de sete décimos do total, seja pelo pessoal permanente, que quase atinge sete décimos.

Os estabelecimentos médios — de 10 a 100 hectares —, que compreendem mais de um nono da área total, constituem um dozeavo do número total, abrangem cerca de um sétimo do pessoal permanente e contribuem com cerca de um sétimo para o valor da produção.

Os estabelecimentos grandes — de 100 a 1 000 hectares —, embora representem menos de um vigésimo do número total, compreendem mais de quatro décimos da área total, contam mais de um oitavo do pessoal e contribuem com mais de um décimo para o valor da produção.

¹³ Essa classificação permite verificar que a área total de 3 008 576 hectares constante da *Sinopse* citada não compreende 1 231 estabelecimentos (1,29% do número total), dos quais não foi declarada a área.

Entretanto, a influência dessa circunstância sobre as elaborações em que foi feita referência às áreas dos estabelecimentos é desprezível. Por exemplo, excluindo-se êsses 1 231 estabelecimentos, a área média do estabelecimento fica determinada em 32,01 hectares, em vez de 31,59.

¹⁴ Essas qualificações foram aplicadas com critérios de relatividade. Em regiões com exploração intensiva do solo poderia ser considerado grande o estabelecimento que no Estado do Maranhão se considera médio, muito grande o que aqui se considera apenas grande, etc..

¹⁵ As diferenças entre 100 e os dados da linha "TOTAL" representam as percentagens que correspondem aos estabelecimentos de área não declarada.

¹⁶ Lembra-se que os dados do valor da produção se referem ao ano de 1939, enquanto os do valor dos estabelecimentos se referem à data do censo (1.º-IX-1940).

Os estabelecimentos muito grandes — de 1 000 a 10 000 hectares — e excepcionalmente grandes — de mais de 10 000 hectares —, cujo número não atinge a metade de 1% do total, compreendem mais de quatro décimos da área total, mas contribuem com menos de 3% para o valor da produção e dão ocupação a menos de 3% do pessoal permanente.

As características das diferentes classes de área de estabelecimentos são postas em evidência pelas médias calculadas na tabela V c. Cálculos análogos, mas referentes aos grupos mais amplos, discriminados acima, serão expostos abaixo, com ligeiros comentários.

O seguinte quadro dá as médias por estabelecimento, para os diferentes grupos.

GRUPO DE ESTABELECEMENTOS	MÉDIAS POR ESTABELECEMENTO			
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas
Pequenos.....	2,22	1 011	1 652	2,89
Médios.....	43,80	6 693	3 297	6,03
Grandes.....	271,76	12 623	4 420	9,74
Muito grandes.....	2 473,24	40 983	11 213	20,15
Excepcionalmente grandes.....	16 082,71	31 714	3 429	57,71
<i>TODOS OS ESTABELECEMENTOS</i> ¹⁷	32,01	2 249	1 972	3,57

Em virtude do próprio critério do agrupamento, o da área, em geral quase tôdas as médias aumentam progressivamente na passagem do grupo dos pequenos estabelecimentos, através dos grupos intermediários, para o dos excepcionalmente grandes.

Nota-se, entretanto, que o valor do estabelecimento aumenta muito mais lentamente do que a área; o valor da produção e o número das pessoas ocupadas, ainda mais lentamente. Verifica-se, também, que nos estabelecimentos excepcionalmente grandes, o valor médio do estabelecimento e o valor da produção, em contraste com a tendência, são menores do que nos grandes.

Essas diferenças de progressão refletem-se, invertidas, na marcha das médias por hectare.

GRUPO DE ESTABELECEMENTOS	MÉDIAS POR HECTARE		
	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas
Pequenos.....	456	745	1,303
Médios.....	153	75	0,138
Grandes.....	46	16	0,036
Muito grandes.....	17	5	0,008
Excepcionalmente grandes.....	2	0	0,004
<i>TODOS OS ESTABELECEMENTOS</i> ¹⁷	70	62	0,112

¹⁷ Excluído os de área não declarada. Em consequência dessa exclusão, os dados diferem levemente dos da última linha das tabelas I c e IX c.

Passando-se de cada grupo de estabelecimentos para o seguinte, na ordem segundo o tamanho, vê-se diminuir o valor médio por hectare e diminuir em proporção maior o valor médio da produção por hectare e o número médio das pessoas ocupadas.

Em outra forma, as mesmas características são postas em evidência pelas médias por pessoa ocupada.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	MÉDIAS POR PESSOA PERMANENTEMENTE OCUPADA		
	Área	Valor do estabelecimento	Valor da produção
	ha	Cr\$	Cr\$
Pequenos.....	0,77	350	572
Médios.....	7,27	1 110	547
Grandes.....	27,90	1 296	454
Muito grandes.....	122,75	2 034	557
Excepcionalmente grandes.....	278,66	550	59
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS</i> ¹⁸	8,96	629	552

A área média por pessoa ocupada aumenta rapidamente na passagem dos estabelecimentos menores para os maiores. Em proporção muito menos acentuada aumenta o valor médio do estabelecimento por pessoa ocupada, até o grupo dos estabelecimentos muito grandes, diminuindo, porém, fortemente no dos excepcionalmente grandes. O valor da produção por pessoa ocupada oscila em torno da média geral nos primeiros quatro grupos, caindo a um nível quase dez vezes menor no grupo dos estabelecimentos excepcionalmente grandes.

Tabela V a

MARANHÃO

Os estabelecimentos agropecuários, segundo a área

a. Dados absolutos

ÁREA DO ESTABELECIMENTO	ESTABELECIMENTOS RECENTESADOS	ÁREA TOTAL	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939	PESSOAL PERMANENTE ¹⁹
ha		ha	Cr\$ 1 000	Cr\$ 1 000	
Até 1.....	7 392	5 485	6 414	5 559	20 292
1 a 2.....	39 747	56 664	26 707	56 696	101 902
2 > 5.....	29 345	86 403	35 979	56 486	92 804
5 > 10.....	4 570	31 273	12 874	15 179	19 233
10 > 20.....	1 944	31 096	10 815	7 068	11 324
20 > 50.....	2 994	98 543	20 156	9 712	17 893
50 > 100.....	3 011	218 563	22 230	9 430	18 711
100 > 200.....	2 243	318 548	22 898	8 213	17 509
200 > 500.....	1 702	516 736	23 800	7 780	16 991
500 > 1 000.....	582	394 996	10 446	4 015	9 598
1 000 > 2 500.....	314	477 524	8 745	3 104	6 158
2 500 > 5 000.....	104	372 325	3 598	1 124	1 925
5 000 > 10 000.....	42	287 841	6 509	930	1 185
10 000 > 100 000.....	7	112 579	222	24	404
Não declarada.....	1 231	—	17 941	2 927	3 125
<i>TOTAL</i>	95 228	3 008 576	229 334	188 247	339 054

¹⁸ Exclusivo os de área não declarada. Em consequência dessa exclusão, os dados diferem levemente dos da última linha das tabelas I c e IX c.

¹⁹ Dados em parte estimados.

Tabela V b

MARANHÃO

Os estabelecimentos agropecuários, segundo a área

b. Percentagens

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	ESTABELECIMENTOS RECENSEADOS	ÁREA	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939	PESSOAL PERMANENTE
Até 1.....	7,76	0,18	2,80	2,95	5,99
1 a 2.....	41,74	1,88	11,65	30,12	30,05
2 > 5.....	30,82	2,87	15,69	30,01	27,37
5 > 10.....	4,80	1,04	5,61	8,06	5,67
10 > 20.....	2,04	1,03	4,72	3,76	3,34
20 > 50.....	3,14	3,28	8,79	5,16	5,28
50 > 100.....	3,16	7,26	9,69	5,01	5,52
100 > 200.....	2,36	10,59	9,98	4,36	5,16
200 > 500.....	1,79	17,18	10,38	4,13	5,01
500 > 1 000.....	0,61	13,13	4,55	2,13	2,83
1 000 > 2 500.....	0,33	15,87	3,81	1,65	1,82
2 500 > 5 000.....	0,11	12,38	1,57	0,60	0,57
5 000 > 10 000.....	0,04	9,57	2,84	0,49	0,35
10 000 > 100 000.....	0,01	3,74	0,10	0,01	0,12
Não declarada.....	1,29	—	7,82	1,56	0,92
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela V c

MARANHÃO

Os estabelecimentos agropecuários, segundo a área

c. Médias

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO				MÉDIAS POR HECTARE			MÉDIAS POR PESSOA PERMANENTEMENTE OCUPADA		
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$
Até 1..	0,74	868	752	2,75	1 169	1 013	3,700	0,27	316	274
1 a 2..	1,43	672	1 426	2,56	471	1 001	1,798	0,56	262	556
2 > 5..	2,94	1 226	1 925	3,16	416	654	1,074	0,93	388	609
5 > 10..	6,84	2 817	3 321	4,21	412	485	0,615	1,63	669	789
10 > 20..	16,00	5 563	3 636	5,83	348	227	0,364	2,75	955	624
20 > 50..	32,91	6 732	3 244	5,98	205	99	0,182	5,51	1 126	543
50 > 100..	72,59	7 383	3 132	6,21	102	43	0,086	11,68	1 188	504
100 > 200..	142,02	10 209	3 662	7,81	72	26	0,055	18,19	1 308	469
200 > 500..	303,61	13 984	4 571	9,98	46	15	0,033	30,41	1 401	458
500 > 1 000..	678,69	17 948	6 899	16,49	26	10	0,024	41,15	1 088	418
1 000 > 2 500..	1 520,78	27 850	9 885	19,61	18	7	0,013	77,55	1 420	504
2 500 > 5 000..	3 580,05	34 596	10 808	18,51	10	3	0,005	193,42	1 869	584
5 000 > 10 000..	6 853,36	154 976	22 143	28,21	23	3	0,004	242,90	5 493	785
10 000 > 100 000..	16 082,71	31 714	3 429	57,71	2	0	0,004	278,66	550	59
Não declarada.....	—	14 574	2 378	2,54	—	—	—	—	5 741	937
TODAS AS CLASSES ²⁰	32,01	2 249	1 972	3,57	70	62	0,112	8,96	629	552

* * *

²⁰ Exclusive os estabelecimentos de área não declarada. Em virtude deste critério, as médias apresentadas nesta linha da tabela diferem das correspondentes que constam das tabelas I c e IX c.

8. *Aproveitamento da área, segundo a extensão do estabelecimento.* — Este assunto é ilustrado pelas tabelas VI a (dados absolutos), VI b (percentagens das diferentes classes de área, em cada tipo de aproveitamento) e VI c (percentagens dos diversos tipos de aproveitamento, em cada classe de área).

Resumindo por grupos mais amplos os dados da tabela VI b, obtém-se o seguinte quadro.

GRUPO DE ESTABELECI- MENTOS	PERCENTAGEM DO GRUPO ESPECIFICADO			
	Na lavoura	Nas pastagens	Nas matas, etc.	Na área total
Pequenos.....	58,86	0,35	0,43	5,98
Médios.....	13,33	11,00	11,63	11,57
Grandes.....	16,36	39,99	45,62	40,89
Muito grandes.....	10,30	42,88	39,39	37,82
Excepcionalmente grandes.....	1,15	5,78	2,93	3,74
<i>TODOS OS ESTABELECI- MENTOS</i> ²¹	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>

A maior quota da área aproveitada pela lavoura corresponde aos estabelecimentos pequenos; as maiores quotas da área em pastagens, como também da área em matas ou não aproveitada, correspondem aos grandes e aos muito grandes.

As proporções comparativas dos diversos tipos de aproveitamento nos diferentes grupos de estabelecimentos constam do seguinte quadro.

GRUPO DE ESTABELECI- MENTOS	PERCENTAGEM DE CADA TIPO DE APROVEITAMENTO NO GRUPO ESPECIFICADO			
	Lavoura	Pastagens	Matas, etc.	Todos os tipos
Pequenos.....	93,92	2,04	4,04	100,00
Médios.....	10,98	32,68	56,34	100,00
Grandes.....	3,81	33,62	62,57	100,00
Muito grandes.....	2,60	38,98	58,42	100,00
Excepcionalmente grandes.....	2,94	53,11	43,95	100,00
<i>TODOS OS ESTABELECI- MENTOS</i> ²¹	<i>9,54</i>	<i>34,38</i>	<i>56,08</i>	<i>100,00</i>

A fração da área do estabelecimento aproveitada pela lavoura é máxima nos pequenos estabelecimentos, onde excede nove décimos do total; mínima, nos muito grandes e nos excepcionalmente grandes, onde não atinge 3%. A exploração intensiva de uma elevada fração da área constitui uma condição imprescindível para a própria existência da pequena empresa agrícola.

A fração dedicada às pastagens, que atinge apenas 2% nos pequenos estabelecimentos, aumenta fortemente nos grupos sucessivos, já aproximando-se de um terço no dos médios e chegando a exceder a metade no dos excepcionalmente grandes.

A fração da área ocupada por matas, ou não aproveitada, é muito elevada em todos os grupos de estabelecimentos, exceto os pequenos que não poderiam subsistir sem aproveitar a máxima parte da sua área; atinge o máximo, superior a seis décimos, no grupo dos estabelecimentos grandes.

²¹ Exclusive os de área não declarada.

Tabela VI a

MARANHÃO

*Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários²²,
segundo a área do estabelecimento individual*

a. Dados absolutos (hectares)

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			TOTAL (segundo a área do estabelecimento)
		Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	
Até	1.....	5 398	39	48	5 485
1 >	2.....	55 959	336	369	56 664
2 >	5.....	82 264	1 410	2 729	86 403
5 >	10.....	25 273	1 875	4 125	31 273
10 >	20.....	10 667	7 763	12 666	31 096
20 >	50.....	13 062	26 816	58 665	98 543
50 >	100.....	14 522	79 198	124 843	218 563
100 >	200.....	14 887	118 824	184 837	318 548
200 >	500.....	19 879	175 487	321 370	516 736
500 >	1 000.....	12 181	119 273	263 542	394 996
1 000 >	2 500.....	12 159	162 285	303 080	477 524
2 500 >	5 000.....	8 159	148 550	215 616	372 325
5 000 >	10 000.....	9 224	132 645	145 972	287 841
10 000 >	100 000.....	3 311	59 785	49 483	112 579
<i>TOTAL (segundo o tipo de aproveitamento).....</i>		<i>286 945</i>	<i>1 034 286</i>	<i>1 687 345</i>	<i>3 008 576</i>

Tabela VI b

MARANHÃO

*Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários²²,
segundo a área do estabelecimento individual*

b. Percentagens das diferentes classes de área, em cada tipo de aproveitamento

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			
		Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	Todos os tipos
Até	1.....	1,88	0,00	0,00	0,18
1 >	2.....	19,50	0,03	0,02	1,88
2 >	5.....	28,67	0,14	0,16	2,87
5 >	10.....	8,81	0,18	0,25	1,04
10 >	20.....	3,72	0,75	0,75	1,03
20 >	50.....	4,55	2,59	3,48	3,28
50 >	100.....	5,06	7,66	7,40	7,26
100 >	200.....	5,19	11,49	10,95	10,59
200 >	500.....	6,93	16,97	19,05	17,18
500 >	1 000.....	4,25	11,53	15,62	13,13
1 000 >	2 500.....	4,24	15,69	17,96	15,87
2 500 >	5 000.....	2,84	14,36	12,78	12,38
5 000 >	10 000.....	3,21	12,83	8,65	9,57
10 000 >	100 000.....	1,15	5,78	2,93	3,74
<i>TOTAL.....</i>		<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>

²² Exclusive os de área não declarada.

Tabela VI c

MARANHÃO

*Aproveitamento da área dos estabelecimentos agropecuários²³,
segundo a área do estabelecimento individual*

c. Percentagens dos diversos tipos de aproveitamento, em cada classe de área

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TIPO DE APROVEITAMENTO DA ÁREA			TOTAL
		Lavoura	Pastagens	Matas, terras não aproveitadas e improdutivas	
Até 1	1	98,41	0,71	0,88	100,00
1 a 2	2	98,76	0,59	0,65	100,00
2 > 5	5	95,21	1,63	3,16	100,00
5 > 10	10	80,81	6,00	13,19	100,00
10 > 20	20	34,30	24,97	40,73	100,00
20 > 50	50	13,26	27,21	59,53	100,00
50 > 100	100	6,64	36,24	57,12	100,00
100 > 200	200	4,67	37,30	58,03	100,00
200 > 500	500	3,85	33,96	62,19	100,00
500 > 1 000	1 000	3,08	30,20	66,72	100,00
1 000 > 2 500	2 500	2,55	33,98	63,47	100,00
2 500 > 5 000	5 000	2,19	39,90	57,91	100,00
5 000 > 10 000	10 000	3,21	46,08	50,71	100,00
10 000 > 100 000	100 000	2,94	53,11	43,95	100,00
TÓDAS AS CLASSES.....		9,54	34,38	56,08	100,00

* * *

9. *Valor dos estabelecimentos, segundo a extensão.* — Referem-se a êste assunto as tabelas VII a (dados absolutos), VII b (percentagens das diferentes classes de área, em cada elemento do valor dos estabelecimentos) e VII c (percentagens dos diversos elementos, em cada classe de área dos estabelecimentos).

Agrupando-se os estabelecimentos como nos parágrafos anteriores, obtêm-se os seguintes dados sobre a distribuição proporcional dos diversos elementos do valor do estabelecimento — terras, prédios e construções, animais, maquinário e veículos — entre os diferentes grupos.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGEM DO GRUPO ESPECIFICADO NO VALOR				Total
	Das terras	Dos prédios e construções	Dos animais	Do maquinário e veículos	
Pequenos.....	17,55	47,62	38,83	54,47	35,74
Médios.....	25,33	23,34	22,33	23,27	23,20
Grandes.....	36,20	19,36	22,53	14,49	24,92
Muito grandes.....	19,54	4,82	4,65	6,39	3,22
Excepcionalmente grandes...	0,13	0,09	0,07	0,28	0,10
TODOS OS ESTABELECIMENTOS ²⁴ ..	98,75	95,23	88,41	98,90	92,18

²³ Exclusive os de área não declarada.

²⁴ Exclusive os de área não declarada. As percentagens dêste grupo são dadas pelas diferenças entre 100 e os totais das colunas do quadro acima.

Para o valor das terras contribuem principalmente os estabelecimentos grandes e médios, e com quotas ainda elevadas, os muito grandes e os pequenos.

Para o valor dos prédios e construções contribuem com a maior quota os pequenos estabelecimentos, em segundo lugar os médios, e em terceiro os grandes.

Voltam a predominar os pequenos estabelecimentos na distribuição do valor dos animais entre os diversos grupos; seguem-se os grandes e os médios.

Ainda os pequenos estabelecimentos têm a maior quota na distribuição do valor do maquinário e veículos, seguidos dos médios e dos grandes.

Em conjunto, os pequenos estabelecimentos têm a maior participação no valor dos estabelecimentos.

Calculando-se para cada grupo a discriminação proporcional do valor dos estabelecimentos nos seus diversos elementos (discriminação constante da tabela VII c para cada uma das classes, menos amplas, de área, que figuram nela), obtêm-se os resultados constantes do quadro seguinte.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGEM DE CADA ELEMENTO DO VALOR DOS ESTABELECIMENTOS NO GRUPO ESPECIFICADO				
	Terras	Prédios e construções	Animais	Maquinário e veículos	Todos os elementos
Pequenos.....	11,41	16,52	64,53	7,54	100,00
Médios.....	25,38	12,48	57,18	4,96	100,00
Grandes.....	33,78	9,64	53,71	2,87	100,00
Muito grandes.....	55,27	7,27	33,62	3,84	100,00
Excepcionalmente grandes...	31,98	12,16	41,44	14,42	100,00
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS²⁵..</i>	<i>24,91</i>	<i>12,81</i>	<i>56,97</i>	<i>5,31</i>	<i>100,00</i>

A quota que corresponde às terras, no valor total do estabelecimento, tende a subir passando-se dos pequenos estabelecimentos, onde ela excede apenas um nono, para os grupos seguintes, até atingir mais da metade nos estabelecimentos muito grandes; diminui, porém, no dos excepcionalmente grandes.

A quota dos prédios e construções atinge cerca de um sexto nos pequenos estabelecimentos; diminuindo com o aumento da extensão dos estabelecimentos, abrange cerca de 7% nos muito grandes; sobe, entretanto, para cerca de um oitavo nos excepcionalmente grandes.

A quota correspondente aos animais, que atinge pouco menos de dois terços nos estabelecimentos pequenos e que se mantém superior à metade nos médios e nos grandes, diminui nos estabelecimentos de maior extensão, descendo para cerca de um terço nos estabelecimentos muito grandes; é superior, entretanto, a quatro décimos nos excepcionalmente grandes. Como já foi observado, é característica do Maranhão a elevada quota dos animais no valor dos estabelecimentos.

A quota que corresponde ao maquinário e veículos é muito baixa em todos os grupos, diminuindo a partir do grupo dos estabelecimentos pequenos até o dos muito grandes; atingindo, porém, o valor relativamente elevado de um sétimo nos estabelecimentos excepcionalmente grandes.

²⁵ Exclusivo os de área não declarada. Em virtude dessa exclusão, as percentagens diferem levemente das da última linha da tabela VII c.

Tabela VII a

MARANHÃO

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo a área do estabelecimento

a. Dados absolutos (Cr\$ 1 000)

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	TERRAS	PRÉDIOS E CONS- TRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUI- NÁRIO E VEÍCULOS	TOTAL
Até 1.....	551	823	4 956	84	6 414
1 a 2.....	2 342	5 051	18 452	862	26 707
2 > 5.....	3 878	6 066	21 461	4 574	35 979
5 > 10.....	2 587	1 603	8 026	658	12 874
10 > 20.....	2 414	1 475	6 007	919	10 815
20 > 50.....	5 162	2 864	11 348	782	20 156
50 > 100.....	5 929	2 300	13 063	938	22 230
100 > 200.....	6 702	2 293	13 384	519	22 898
200 > 500.....	8 114	2 146	12 919	621	23 800
500 > 1 000.....	4 488	1 067	4 388	503	10 446
1 000 > 2 500.....	4 233	882	3 328	302	8 745
2 500 > 5 000.....	1 483	318	1 696	101	3 598
5 000 > 10 000.....	4 703	170	1 314	322	6 509
10 000 > 100 000.....	71	27	92	32	222
Não declarada.....	665	1 357	15 794	125	17 941
TOTAL.....	53 322	28 442	136 228	11 342	229 334

Tabela VII b

MARANHÃO

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo a área do estabelecimento

b. Percentagens das diferentes classes de área, em cada elemento do valor dos estabelecimentos

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	TERRAS	PRÉDIOS E CONS- TRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUI- NÁRIO E VEÍCULOS	VALOR TOTAL
Até 1.....	1,03	2,89	3,64	0,74	2,80
1 a 2.....	4,39	17,76	13,55	7,60	11,65
2 > 5.....	7,27	21,33	15,75	40,33	15,69
5 > 10.....	4,85	5,64	5,89	5,80	5,61
10 > 20.....	4,53	5,19	4,41	8,10	4,72
20 > 50.....	9,68	10,07	8,33	6,89	8,79
50 > 100.....	11,12	8,09	9,59	8,27	9,69
100 > 200.....	12,57	8,06	9,83	4,58	9,98
200 > 500.....	15,22	7,54	9,48	5,48	10,38
500 > 1 000.....	8,42	3,75	3,22	4,44	4,55
1 000 > 2 500.....	7,94	3,10	2,44	2,66	3,81
2 500 > 5 000.....	2,78	1,12	1,25	0,89	1,57
5 000 > 10 000.....	8,82	0,60	0,96	2,84	2,84
10 000 > 100 000.....	0,13	0,09	0,07	0,28	0,10
Não declarada.....	1,25	4,77	11,59	1,10	7,82
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela VII c

MARANHÃO

Discriminação dos elementos do valor dos estabelecimentos agropecuários, segundo a área do estabelecimento

c. Percentagens dos diversos elementos, em cada classe de área dos estabelecimentos

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		TERRAS	PRÉDIOS E CONSTRUÇÕES	ANIMAIS	MAQUINÁRIO E VEÍCULOS	TOTAL
Até	1.....	8,59	12,83	77,27	1,31	100,00
1 a	2.....	8,77	18,91	69,09	3,23	100,00
2 >	5.....	10,78	16,86	59,65	12,71	100,00
5 >	10.....	20,10	12,45	62,34	5,11	100,00
10 >	20.....	22,32	13,64	55,54	8,50	100,00
20 >	50.....	25,61	14,21	56,30	3,88	100,00
50 >	100.....	26,67	10,35	58,76	4,22	100,00
100 >	200.....	29,27	10,01	58,45	2,27	100,00
200 >	500.....	34,09	9,02	54,28	2,61	100,00
500 >	1 000.....	42,96	10,21	42,01	4,82	100,00
1 000 >	2 500.....	48,40	10,09	38,06	3,45	100,00
2 500 >	5 000.....	41,22	8,84	47,14	2,80	100,00
5 000 >	10 000.....	72,25	2,61	20,19	4,95	100,00
10 000 >	100 000.....	31,98	12,16	41,44	14,42	100,00
Não declarada.....		3,71	7,56	88,03	0,70	100,00
TÓDAS AS CLASSES..		23,25	12,40	59,40	4,95	100,00

* * *

10. *Valor da produção, segundo a extensão do estabelecimento.* — Este assunto é ilustrado pelas tabelas VIII a (dados absolutos), VIII b (percentagens das diferentes classes de área, no valor de cada categoria de produção) e VIII c (percentagens das diversas categorias de produtos, no valor da produção, em cada classe de área).

Agrupando os estabelecimentos em classes mais amplas, as percentagens da tabela VIII b ficam resumidas pelas constantes do seguinte quadro.

GRUPO DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGEM DO GRUPO ESPECIFICADO NA PRODUÇÃO			
	Extrativa	Agrícola	Animal e de origem animal	Total
Pequenos.....	66,39	78,46	40,47	71,14
Médios.....	12,04	12,30	24,56	13,92
Grandes.....	14,74	7,26	22,22	10,63
Muito grandes.....	4,95	1,82	4,46	2,74
Excepcionalmente grandes.....	0,00	0,01	0,07	0,01
TODOS OS ESTABELECIMENTOS ²⁰	98,12	99,85	91,78	98,44

²⁰ Exclusive os estabelecimentos de área não declarada. As percentagens deste grupo são dadas pelas diferenças entre 100 e os totais das colunas do quadro acima.

As contribuições mais importantes para tôdas as categorias de produção são dadas pelos pequenos estabelecimentos, cuja quota apresenta o nível mais elevado (próximo de oito décimos do total) na produção agrícola, e o menos elevado (entretanto, superior a quatro décimos) na animal e de origem animal, atingindo dois terços na produção extrativa.

Em segundo lugar encontram-se os estabelecimentos médios, com quotas próximas de um oitavo do total nas produções extrativa e agrícola e de um quarto na produção animal e de origem animal.

Os estabelecimentos grandes contribuem com dois nonos para a produção animal e de origem animal, com cêrca de um sétimo para a produção extrativa e com apenas 7% para a produção agrícola.

Os estabelecimentos muito grandes contribuem com proporções bem baixas para tôdas as categorias de produção, a quota mais elevada, 5%, sendo verificada na produção extrativa.

Os estabelecimentos excepcionalmente grandes participam em proporções desprezíveis em tôdas as categorias de produção.

A distribuição proporcional do valor total da produção entre as diversas categorias, que na tabela VIII c está exposta para as diferentes classes de área, apresenta, nos grupos mais amplos, os aspectos constantes do seguinte quadro.

GRUPO DE ESTABELECI- MENTOS	PERCENTAGEM, NO VALOR TOTAL DA PRODUÇÃO, DA PRODUÇÃO			
	Extrativa	Agrícola	Animal e de origem animal	De tôdas as categorias
Pequenos.....	16,64	75,62	7,74	100,00
Médios.....	15,42	60,59	23,99	100,00
Grandes.....	24,72	46,84	28,44	100,00
Muito grandes.....	32,24	45,60	22,16	100,00
Excepcionalmente grandes.....	4,17	25,00	70,83	100,00
<i>TODOS OS ESTABELECI- MENTOS²⁷.....</i>	<i>17,77</i>	<i>69,55</i>	<i>12,68</i>	<i>100,00</i>

O produtos agrícolas contribuem com uma quota superior a três quartos para o valor total da produção, nos estabelecimentos pequenos. Aumentando o tamanho dos estabelecimentos, diminui a quota da produção agrícola, que, todavia, ainda excede quatro nonos nos estabelecimentos muito grandes e só cai para um quarto nos excepcionalmente grandes.

O valor dos produtos animais e de origem animal, que não chega a 8% do total nos pequenos estabelecimentos, oscila em torno de um quarto nos médios, grandes e muito grandes; excede sete décimos nos excepcionalmente grandes.

O valor dos produtos extrativos constitui cêrca de um sexto do total nos estabelecimentos pequenos e médios, sobe para um quarto nos grandes e para cêrca de um terço nos muito grandes; cai para 4% nos excepcionalmente grandes.

²⁷ Excluído os de área não declarada. Em virtude dessa exclusão, as percentagens diferem levemente das da última linha da tabela VIII c.

Tabela VIII a

MARANHÃO

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo a área do estabelecimento

a. Dados absolutos (Cr\$ 1 000)

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	TOTAL
Até 1	1	681	4 031	847	5 559
1 a 2	2	10 886	41 166	4 644	56 696
2 > 5	5	7 704	45 115	3 667	56 486
5 > 10	10	3 014	10 960	1 205	15 179
10 > 20	20	1 367	4 629	1 072	7 068
20 > 50	50	1 159	6 056	2 497	9 712
50 > 100	100	1 515	5 195	2 720	9 430
100 > 200	200	1 807	3 910	2 496	8 213
200 > 500	500	1 859	3 587	2 334	7 780
500 > 1 000	1 000	1 280	1 875	860	4 015
1 000 > 2 500	2 500	1 068	1 372	664	3 104
2 500 > 5 000	5 000	398	434	292	1 124
5 000 > 10 000	10 000	197	546	187	930
10 000 > 100 000	100 000	1	6	17	24
Não declarada		630	193	2 104	2 927
TOTAL		33 566	129 075	25 606	188 247

Tabela VIII b

MARANHÃO

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo a área do estabelecimento

b. Percentagens das diferentes classes de área, no valor de cada categoria de produção

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha		PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	PRODUÇÃO TOTAL
Até 1	1	2,03	3,12	3,31	2,95
1 a 2	2	32,43	31,89	18,14	30,12
2 > 5	5	22,95	34,95	14,32	30,01
5 > 10	10	8,98	8,49	4,70	8,06
10 > 20	20	4,07	3,59	4,19	3,76
20 > 50	50	3,45	4,69	9,75	5,16
50 > 100	100	4,52	4,03	10,62	5,01
100 > 200	200	5,38	3,03	9,75	4,36
200 > 500	500	5,54	2,78	9,11	4,13
500 > 1 000	1 000	3,81	1,45	3,36	2,13
1 000 > 2 500	2 500	3,18	1,06	2,59	1,65
2 500 > 5 000	5 000	1,19	0,34	1,14	0,60
5 000 > 10 000	10 000	0,59	0,42	0,73	0,49
10 000 > 100 000	100 000	0,00	0,01	0,07	0,01
Não declarada		1,88	0,15	8,22	1,56
TOTAL		100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela VIII c

MARANHÃO

Discriminação do valor das diversas categorias de produção dos estabelecimentos agropecuários, em 1939, segundo a área do estabelecimento

c. Percentagem das diversas categorias de produtos, no valor da produção, em cada classe de área

ÁREA DO ESTABELECIMENTO		PRODUÇÃO EXTRATIVA	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PRODUÇÃO ANIMAL E DE ORIGEM ANIMAL	TOTAL
ha					
Até	1.....	12,25	72,51	15,24	100,00
1 a	2.....	19,20	72,61	8,19	100,00
2 >	5.....	13,64	79,87	6,49	100,00
5 >	10.....	19,86	72,20	7,94	100,00
10 >	20.....	19,34	65,49	15,17	100,00
20 >	50.....	11,93	62,36	25,71	100,00
50 >	100.....	16,07	55,09	28,84	100,00
100 >	200.....	22,00	47,61	30,39	100,00
200 >	500.....	23,89	46,11	30,00	100,00
500 >	1 000.....	31,88	46,70	21,42	100,00
1 000 >	2 500.....	34,41	44,20	21,39	100,00
2 500 >	5 000.....	35,41	38,61	25,98	100,00
5 000 >	10 000.....	21,18	58,71	20,11	100,00
10 000 >	100 000.....	4,17	25,00	70,83	100,00
Não declarada.....		21,52	6,60	71,88	100,00
TÓDAS AS CLASSES		17,83	68,57	13,60	100,00

* * *

11. *Tipos de propriedade.* — A discriminação dos estabelecimentos segundo tipos de propriedade consta das tabelas IX a (dados absolutos) e IX b (percentagens).

Os estabelecimentos de propriedade privada²⁶ constituem 51,39% do número total, com 94,74% da área total, e contribuem com 80,22% para o valor dos estabelecimentos e com 58,97% para o valor da produção; o pessoal nêles ocupado representa 59,84% do total.

Os estabelecimentos de propriedade pública constituem 45,81% do número total (proporção excepcionalmente elevada), dão ocupação a 38,20% do pessoal permanente, e contribuem com 38,80% para o valor da produção e com 17,73% para o valor dos estabelecimentos, embora cubram apenas 3,97% da área total.

Os 51,39% estabelecimentos de propriedade privada discriminam-se em:

37,06% de propriedade individual { 36,82% de brasileiro nato,
0,14% de brasileiro naturalizado,
0,10% de estrangeiro,

14,08% de propriedade em condomínio,
0,25% de propriedade de pessoa jurídica.

²⁶ Inclusive os de pessoas jurídicas.

As percentagens do texto ficariam aumentadas, respectivamente, para 54,19 (número), 96,03 (área), 82,27 (valor dos estabelecimentos), 61,20 (valor da produção) e 61,80 (pessoal), considerando-se de propriedade privada os estabelecimentos dos quais não foi declarada a propriedade.

Convém lembrar que pode haver estrangeiros também entre os proprietários em condomínio, como também entre os sócios de empresas constituídas na forma de sociedade, etc. . .

Cumpra, ainda, lembrar que a proporção atual de estrangeiros entre os proprietários é provavelmente menor do que a em 1940, porque os velhos imigrados estão sujeitos, em virtude da sua própria idade, a uma elevada mortalidade, de modo que alguns estabelecimentos, que pertenciam a estrangeiros na época do censo, agora pertencem aos respectivos filhos ou netos, na maioria dos casos, brasileiros natos. Bem poucas propriedades foram adquiridas por estrangeiros nos últimos dez anos, seja em virtude dos impedimentos oriundos da legislação de guerra, seja em correlação com a grande redução das imigrações.

As médias da tabela IX c põem em relêvo algumas características dos diversos tipos de propriedade.

A área média dos estabelecimentos de propriedade pública, que não chega a 3 hectares, é muito inferior à dos de propriedade privada; é muito menor o seu valor médio, menor o valor médio da produção e menor o número médio das pessoas ocupadas. A área média por pessoa permanentemente ocupada não chega a 1 hectare nesta classe de estabelecimentos.

Entre os estabelecimentos de propriedade privada, os de propriedade individual têm a área média de 62 hectares (sendo maiores do que esta média geral as relativas aos proprietários brasileiros naturalizados e aos estrangeiros); os de propriedade em condomínio têm a área média de 49 hectares; os de propriedade de pessoa jurídica, de 63 hectares.

O valor médio dos estabelecimentos em condomínio é menor e o dos de pessoas jurídicas maior do que o dos de propriedade individual. O valor médio da produção é maior nos estabelecimentos de pessoas jurídicas do que nos em condomínio e de propriedade individual. Há pequenas diferenças entre as três subclasses no número médio por estabelecimento de pessoas permanentemente ocupadas.

Não há grandes diferenças entre as três subclasses de estabelecimentos de propriedade privada no valor médio da produção por hectare e no número médio por hectare das pessoas permanentemente ocupadas.

A área média por pessoa permanentemente ocupada é menor nos estabelecimentos em condomínio do que nas duas outras subclasses. O valor médio da produção por hectare é maior nos estabelecimentos de pessoa jurídica do que nos em condomínio ou de propriedade individual.

* * *

12. *Formas de gestão.* — Constam da segunda seção das tabelas já citadas IX a (dados absolutos), IX b (percentagens) e IX c (médias).

Mais de um quarto dos estabelecimentos são explorados pelo proprietário, ou diretamente (18,20% do total) ou por meio de um administrador (7,29%). Constituindo 25,49% do total dos estabelecimentos, este grupo abrange 86,72% da área total, dá ocupação a 40,19% do pessoal, contribui com 72,63% para o valor dos estabelecimentos e com 41,18% para o valor da produção.

A exploração por meio de um administrador é mais freqüente no caso de grandes propriedades; a área média do estabelecimento assim explorado é de

132 hectares, enquanto a do explorado diretamente pelo proprietário desce para 98. Correlativamente, na primeira classe, são mais elevadas as médias por estabelecimento do valor do estabelecimento e do valor da produção; o número médio de pessoas ocupadas, entretanto, é ligeiramente menor. Mas o valor médio da produção por hectare é maior na exploração direta do proprietário do que na por meio de administrador.

A exploração por parte de um arrendatário estende-se a mais de um oitavo do número total dos estabelecimentos. A área média e o valor médio dos estabelecimentos arrendados são muito inferiores e o valor médio da sua produção e o número médio das pessoas ocupadas são, também, inferiores às médias correspondentes para os estabelecimentos diretamente explorados pelo proprietário; é, porém, fortemente maior o valor médio da produção por hectare, em correlação com a proporção muito mais elevada do pessoal permanentemente ocupado por hectare.

Os estabelecimentos explorados pelo ocupante representam 46,42% do número total (proporção excepcionalmente elevada), e embora abranjam apenas 4,00% da área total, contam 38,82% do pessoal e contribuem com 40,07% para o valor da produção e 17,80% para o valor dos estabelecimentos. Nesta classe, o valor médio da produção por hectare é elevadíssimo, em comparação com o verificado nos estabelecimentos explorados, direta ou indiretamente, pelo proprietário.

Tabela IX a

MARANHÃO

Os estabelecimentos agropecuários, segundo o caráter da propriedade e segundo a qualidade do responsável pela exploração

a. Dados absolutos

ESPECIFICAÇÃO	ESTABELECIMENTOS RECENTES	ÁREA ²⁹ ha	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS Cr\$ 1 000	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939 Cr\$ 1 000	PESSOAL PERMANENTE ³⁰
PROPRIEDADE DO IMÓVEL					
<i>Individual</i>	35 295	2 184 161	142 204	80 714	150 070
De brasileiro nato.....	35 069	2 164 388	139 873	80 160	149 290
De brasileiro naturalizado.....	133	9 487	1 386	313	396
De estrangeiro.....	93	10 286	945	241	384
<i>Em condomínio</i>	13 407	651 060	40 231	29 590	51 899
De pessoa jurídica.....	241	15 197	1 541	696	927
De administração pública.....	43 622	119 388	40 667	73 043	129 531
Não declarada.....	2 663	38 770	4 691	4 204	6 627
RESPONSÁVEL PELA EXPLO- RAÇÃO					
<i>Proprietário</i>	17 329	1 695 612	107 919	54 093	97 804
<i>Administrador</i>	6 943	913 519	58 655	23 426	38 447
<i>Arrendatário</i>	12 312	168 057	12 264	17 958	36 938
<i>Ocupante</i>	44 202	120 232	40 825	75 435	131 624
<i>Outro ou não declarado</i>	14 442	111 156	9 671	17 335	34 241
TOTAL	95 228	3 008 576	229 334	188 247	339 054

²⁹ Veja-se a nota 2.³⁰ Veja-se a nota 3.

Tabela IX b

MARANHÃO

Os estabelecimentos agropecuários, segundo o caráter da propriedade e segundo a qualidade do responsável pela exploração

b. Percentagens

ESPECIFICAÇÃO	ESTABELECIMENTOS RECENTES	ÁREA	VALOR DOS ESTABELECIMENTOS	VALOR DA PRODUÇÃO DE 1939	PESSOAL PERMANENTE
PROPRIEDADE DO IMÓVEL					
<i>Individual</i>	37,06	72,60	62,01	42,88	44,26
De brasileiro nato.....	36,82	71,94	60,99	42,58	44,03
De brasileiro naturalizado.....	0,14	0,32	0,61	0,17	0,12
De estrangeiro.....	0,10	0,34	0,41	0,13	0,11
<i>Em condomínio</i>	14,08	21,64	17,54	15,72	15,31
De pessoa jurídica.....	0,25	0,50	0,67	0,37	0,27
De administração pública.....	45,81	3,97	17,73	38,80	38,20
Não declarada.....	2,80	1,29	2,05	2,23	1,96
RESPONSÁVEL PELA EXPLORAÇÃO					
<i>Proprietário</i>	18,20	56,36	47,06	28,74	28,85
<i>Administrador</i>	7,29	30,36	25,57	12,44	11,34
<i>Arrendatário</i>	12,93	5,59	5,35	9,54	10,89
<i>Ocupante</i>	46,42	4,00	17,80	40,07	38,82
<i>Outro ou não declarado</i>	15,16	3,69	4,22	9,21	10,10
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela IX c

MARANHÃO

Os estabelecimentos agropecuários, segundo o caráter da propriedade e segundo a qualidade do responsável pela exploração

c. Médias

ESPECIFICAÇÃO	MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO				MÉDIAS POR HECTARE			MÉDIAS POR PESSOA PERMANENTEMENTE OCUPADA		
	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoa permanentemente ocupadas	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$	Pessoas permanentemente ocupadas	Área ha	Valor do estabelecimento Cr\$	Valor da produção Cr\$
PROPRIEDADE DO IMÓVEL										
<i>Individual</i>	61,88	4 029	2 287	4,25	65	37	0,069	17,55	948	538
De brasileiro nato	61,72	3 989	2 286	4,26	65	37	0,069	14,50	937	537
De brasileiro naturalizado.....	71,33	39,421	2 353	2,98	146	33	9,042	23,96	3 500	790
De estrangeiro.....	110,60	10 161	2 591	4,13	92	23	0,037	26,79	2 461	628
<i>Em condomínio</i>	48,56	3 001	2 207	3,87	62	45	0,080	12,54	775	570
De pessoa jurídica.....	63,06	6 394	2 888	3,85	101	45	0,061	16,39	1 662	751
De administração pública.....	2,74	932	1 674	2,97	341	612	1,085	0,92	314	564
Não declarada.....	14,56	1 762	1 579	2,49	121	108	0,171	5,85	708	634
RESPONSÁVEL PELA EXPLORAÇÃO										
<i>Proprietário</i>	97,85	6 228	3 122	5,64	64	32	0,058	17,34	1 103	553
<i>Administrador</i>	131,57	8 448	3 374	5,54	64	26	0,042	23,76	1 526	609
<i>Arrendatário</i>	13,65	996	1 459	3,00	73	107	0,220	4,55	332	486
<i>Ocupante</i>	2,72	924	1 707	2,98	340	627	1,095	0,91	310	573
<i>Outro ou não declarado</i>	7,70	670	1 200	2,37	87	156	0,308	3,25	282	506
TODOS OS TIPOS	31,59	2 408	1 977	3,56	76	63	0,113	8,87	676	555

* * *

13. *Pessoal permanente.* — A declaração do número das pessoas permanentemente ocupadas foi omitida por alguns dos estabelecimentos informantes (399), que, entretanto, constituem uma pequena fração (0,42%) do número total.

Na tabela I a foi preenchida essa lacuna, completando-se mediante cálculo proporcional o número das pessoas ocupadas em cada subtipo de exploração (agricultura em grande escala, agricultura em pequena escala, etc.), e o total de 339 054 ocupados, assim calculado (em comparação com 337 708 constantes das declarações), foi tomado como base para tôdas as ulteriores elaborações.

Discrimina-se êsse total, segundo o sexo e grandes grupos de idade, como consta dos dados seguintes.

SEXO	IDADE	PESSOAL PERMANENTE	
		Número absoluto	Porcentagem
Homens.....	Até 14 anos	52 850	15,59
	15 anos e mais	157 183	46,36
Mulheres.....	Até 14 anos	34 069	10,05
	15 anos e mais	94 952	28,00
<i>TOTAL</i>	—	339 054	100,00

Quase a metade do pessoal é constituída por homens de 15 anos e mais, entre os quais, porém, há adolescentes e velhos de fraco rendimento. As mulheres de 15 anos e mais compreendem mais de um quarto do total. O quarto resíduo é constituído por crianças.

Esta composição do pessoal tende a reduzir o rendimento médio do trabalho. Se, tomando-se como base o rendimento médio do homem de 15 anos e mais, fôr suposto igual a dois terços o da mulher das mesmas idades, e a um terço o das crianças em idades até 14 anos, o rendimento de 100 pessoas ocupadas na agricultura no Maranhão ficará equivalente ao de 74 homens de 15 anos e mais.

Cumpra reconhecer, entretanto, que em quase todos os países agrícolas as mulheres e as crianças participam, em proporção mais ou menos larga, nos trabalhos rurais, o que contribui para reduzir o rendimento médio individual.

* * *

14. *Considerações finais.* — As tabelas dêste estudo apresentam apenas os principais resultados do Censo Agrícola de 1940 e algumas elaborações muito simples dos mesmos, e os ligeiros comentários salientam apenas alguns aspectos mais importantes da estrutura da economia agropecuária do Maranhão. Entretanto, os traços fundamentais dessa estrutura ficam suficientemente esclarecidos.

A extensão dos estabelecimentos agropecuários é pequena em relação ao território, incluindo menos de um décimo da área total do Estado. Apenas um décimo dessa reduzida extensão é aproveitado pela lavoura e pouco mais de um terço pelas pastagens, ficando o resto em matas ou não aproveitado.

Os habitantes ocupados permanentemente em atividades agropecuárias constituem menos de dois sétimos da população total; menos da metade deles é constituída por homens de 15 anos e mais; é elevada, portanto, a quota das mulheres e das crianças.

Entre os tipos de propriedade, o mais importante pela área possuída, pelo pessoal ocupado e pelo valor da produção obtida é o privado; nesse tipo prevalece a forma individual sobre as de condomínio e de sociedade. Predomina a gestão direta por parte do proprietário ou ocupante, sendo, todavia, frequente a gestão mediante administrador ou por parte de arrendatário. Aparece, todavia, com quotas elevadas do número dos estabelecimentos, do pessoal ocupado e do valor da produção, a propriedade de administração pública, sendo esta uma característica peculiar do Maranhão.

A área média do estabelecimento pode ser considerada pequena, no quadro nacional. Em relação à área, é pequeno o número médio das pessoas ocupadas (de 3 a 4); é baixo o valor médio do estabelecimento, e baixo, também, o valor médio da produção anual.

A escassa quota dos prédios e construções, e a quota muito baixa do valor do maquinário e veículos, no valor total dos estabelecimentos, indicam o atraso dos métodos de exploração do solo, ainda não encaminhados para a mecanização.

Esse atraso dos métodos de exploração, por sua vez, contribui para esclarecer o baixo valor da produção, seja em relação à área, seja em relação ao número das pessoas ocupadas, fator principal do baixo padrão de vida da maior parte da população rural.

Os estabelecimentos pequenos e médios (isto é, com área inferior a 100 hectares) abrangem apenas 18% da área total, mas fornecem 85% do valor da produção e dão ocupação a 83% do pessoal permanente. Nesses estabelecimentos o valor médio da produção por hectare e o número médio das pessoas ocupadas por hectare são muito maiores do que nos estabelecimentos de maior extensão, indício de exploração mais intensiva do solo. Essas características estão, também, relacionadas com os diversos tipos de aproveitamento do solo, sendo elevada a proporção da área aproveitada pela lavoura nos pequenos estabelecimentos, já menor nos médios, e progressivamente menor nos grupos de maior extensão; enquanto a proporção da área aproveitada em pastagens varia em sentido oposto. É característica do Maranhão a proporção excepcionalmente elevada de estabelecimentos pequenos.

Os estabelecimentos menores contribuem mais para a produção agrícola, a que corresponde a maior quota do valor total da produção; os maiores contribuem mais para a produção animal e de origem animal, que representa outra importante quota; são menores as contribuições para a produção extrativa, mas a importância desta categoria de produção é notável no Maranhão.

Entre as formas de exploração, a principal, tanto pelo valor da produção como pelo número das pessoas ocupadas, é a mista, agropecuária; vem em segundo lugar a agrícola; em terceiro lugar, a pecuária.

Pelo valor da produção por hectare e pela ocupação por hectare, a exploração agrícola ocupa o primeiro lugar, figurando em segundo lugar a agropecuária e em terceiro, muito distanciada, a pecuária.

Em todos os tipos de exploração, a organização em grande escala, que contribui com apenas cerca de um décimo para o valor total da produção, apresenta rendimentos médios por hectare e por pessoa maiores do que os verificados no tipo predominante, que é o da organização em pequena escala. São óbvios os fatores principais dessa diferença, resumindo-se na melhor organização da produção em grande escala.

APÊNDICES

1. COMPARAÇÕES COM O CONJUNTO DO BRASIL E COM
OUTRAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Estão localizados no Maranhão 5,00% dos estabelecimentos recenseados no Brasil, sendo maiores do que esta quota somente as relativas a Minas Gerais (14,95%), São Paulo (13,26%), Rio Grande do Sul (12,11%), Bahia (11,88%) e Pernambuco (6,47%).

A área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários atinge, porém, apenas 1,52% do total da correspondente área no Brasil.

O valor dos estabelecimentos e o valor da produção constituem apenas 0,61% e 2,36% dos respectivos totais nacionais.

O pessoal permanentemente ocupado nos estabelecimentos agropecuários do Maranhão constitui 3,19% do correspondente total para o Brasil.

* * *

Os estabelecimentos agropecuários abrangem menos de um décimo (9,06%) da área terrestre do Estado, enquanto a correspondente proporção média nacional é de 23,36%. A sua área é aproveitada em 64,44% pelo tipo misto de exploração, agrícola e pecuário (Brasil, 47,25%), em 25,41% pelo tipo pecuário (Brasil, 37,79%) e em 9,85% pelo tipo agrícola (Brasil, 11,19%).

Em relação com as freqüências comparativas desses tipos de exploração, 9,54% da área total são aproveitados na lavoura (Brasil, 9,53%); uma fração maior, 34,38%, é aproveitada em pastagens (Brasil, 44,58%); uma fração ainda maior, 56,08%, é coberta por matas ou não aproveitada (Brasil, 45,89%).

* * *

Com a área média de 32 hectares, o estabelecimento agropecuário do Maranhão dá ocupação permanente a mais de 3 pessoas; para o Brasil, a área média é de 104 hectares, e o número das pessoas permanentemente ocupadas excede 5.

O valor médio do estabelecimento (2 408 cruzeiros) e o valor médio da produção por estabelecimento (1 977 cruzeiros) são muito inferiores aos verificados para o conjunto do país (18 314 e 4 182 cruzeiros, respectivamente).

O valor médio do estabelecimento por hectare (76 cruzeiros) é muito menor do que o verificado para o conjunto do Brasil (176 cruzeiros). Entretanto, o valor médio da produção por hectare (63 cruzeiros) é maior do que o correspondente valor médio para o conjunto do Brasil (40 cruzeiros). O número médio de pessoas por hectare (0,113 pessoas) é, também, maior do que a média nacional (0,053 pessoas).

Cabem, no Estado do Maranhão, em média, a cada pessoa permanentemente ocupada, 8,87 hectares, valor entre os menores verificados nas diferentes Unidades.

O valor médio do estabelecimento por pessoa ocupada, 676 cruzeiros, é o menor entre os verificados nos diversos Estados.

O valor médio da produção anual por pessoa ocupada, 555 cruzeiros, é inferior ao de 754 cruzeiros, média do Brasil.

* * *

A área média do estabelecimento, no Maranhão, fica bem menor do que a média nacional em todos os tipos de exploração. Os estabelecimentos agrí-

colas atingem a área média de 7,05 hectares (Brasil, 37,49); os agropecuários, 39,15 hectares (Brasil, 82,39); os pecuários, 227,00 hectares (Brasil, 647,66); os de outros tipos, 32,99 hectares (Brasil, 114,65).

* * *

Os valores médios dos estabelecimentos dos tipos de exploração agrícola e agropecuário são os menores verificados entre os diversos Estados; o valor médio do tipo pecuário é superior somente ao do Amazonas.

Os valores médios por estabelecimento da produção dos diversos tipos de exploração estão entre os menores verificados nos diversos Estados.

* * *

Discriminando-se a área dos estabelecimentos agropecuários segundo o tipo de aproveitamento, verifica-se que a área ocupada pelas lavouras, no Maranhão, representa 1,52% do total nacional; a área ocupada pelas pastagens, 1,17% do correspondente total; a ocupada pelas matas, terras não aproveitadas ou improdutivas, 1,86%. Essas proporções estão entre as menores verificadas para os diversos Estados.

* * *

O valor das terras dos estabelecimentos agropecuários do Maranhão, em relação ao do Brasil em conjunto, corresponde a 0,27%; o dos prédios e construções, a 0,54%; o dos animais, a 1,68%; e o do maquinário e veículos, a 0,72%. Essas proporções são das mais baixas verificadas para os diversos Estados.

* * *

O valor anual da produção extrativa do Maranhão corresponde a 6,82% do valor correspondente para o conjunto do Brasil. O valor da produção agrícola corresponde a 2,35% e o da produção animal ou de origem animal a 1,29%. As duas últimas proporções estão entre as mais baixas verificadas para os diversos Estados; a primeira é relativamente elevada.

* * *

O número dos estabelecimentos pequenos do Maranhão corresponde a 12,38% do total do mesmo grupo do Brasil; o dos médios, a 0,82%; o dos grandes, a 1,86%; o dos muito grandes, a 1,73%; o dos excepcionalmente grandes, a 0,55%. A primeira proporção, bem elevada, é menor somente do que as dos Estados da Bahia e de São Paulo; as outras estão entre as mais baixas.

A área ocupada pelos estabelecimentos pequenos corresponde a 6,22% do correspondente total nacional; a dos médios, a 1,05%; a dos grandes, a 1,86%; a dos muito grandes, a 1,82%; a dos excepcionalmente grandes, a 0,34%. A primeira proporção está entre as mais altas verificadas nos diversos Estados; as outras estão entre as mais baixas.

O valor dos estabelecimentos pequenos corresponde a 3,63% do correspondente total nacional; o dos médios, a 0,45%; o dos grandes, a 0,43%; o dos

muito grandes, a 0,29%; o dos excepcionalmente grandes, a 0,02%. Essas proporções estão entre as mais baixas verificadas nos diversos Estados.

O valor da produção dos estabelecimentos pequenos corresponde a 14,88% do correspondente total nacional; o dos médios, a 0,75%; o dos grandes, a 0,73%; o dos muito grandes, a 0,68%; o dos excepcionalmente grandes, a 0,03%. A primeira proporção, muito elevada, é menor somente do que a de São Paulo; a segunda e a terceira estão entre as mais baixas verificadas para os Estados; a quarta é maior somente do que a de Sergipe; a quinta fica em último lugar, na comparação com as dos demais Estados.

* * *

Os estabelecimentos de propriedade individual, no Maranhão, correspondem a 2,30% do total correspondente do Brasil; os de propriedade em condomínio, a 5,92%; os de propriedade de pessoa jurídica, a 1,39%; os de propriedade pública, a 43,59% (essa altíssima proporção é a mais elevada entre as das diversas Unidades). Entre os estabelecimentos de propriedade individual, os de brasileiros natos contribuem com 2,49% para o total correspondente do Brasil; os de brasileiros naturalizados, com 0,55%; os de estrangeiros, com 0,10%.

A área ocupada pelos estabelecimentos de propriedade individual corresponde à proporção de 1,51% em relação à área total ocupada pelos estabelecimentos da mesma classe no Brasil em conjunto; a área ocupada pelos estabelecimentos de propriedade em condomínio corresponde a 1,99%; a área ocupada pelos estabelecimentos de propriedade de pessoa jurídica corresponde a 0,14%; a área ocupada pelos estabelecimentos de administração pública, a 2,16%.

As áreas médias dos estabelecimentos, nas diversas classes de propriedade do imóvel, no Maranhão, são bem menores do que as verificadas para o Brasil em conjunto. A área média dos estabelecimentos de propriedade individual ascende a 61,88 hectares (Brasil, 94,72); a dos estabelecimentos de propriedade em condomínio, a 48,56 hectares (Brasil, 144,76); a dos estabelecimentos de propriedade de pessoa jurídica, a 63,06 hectares (Brasil, 631,86); a dos estabelecimentos de propriedade pública, a 2,74 hectares (Brasil, 55,16).

O valor da produção dos estabelecimentos das diversas classes de propriedade particular contribui com pequenas quotas para os correspondentes totais do Brasil; salienta-se, pelo contrário, a contribuição dos estabelecimentos de propriedade pública, 32,80%, que ocupa o primeiro lugar entre as dos diversos Estados.

* * *

Os estabelecimentos cujo responsável pela exploração é o proprietário, no Maranhão, contribuem com 1,26% para o total do Brasil; os cujo responsável é o administrador, com 3,89%; os cujo responsável é o arrendatário, com 5,56%, os cujo responsável é o ocupante, com 40,55%. As primeiras três proporções são das mais baixas no quadro nacional, enquanto a referente aos estabelecimentos explorados por ocupante é muito elevada e superior às de todos os demais Estados.

As áreas dos estabelecimentos explorados pelos diversos tipos de responsáveis constituem as seguintes percentagens dos correspondentes totais nacionais: proprietário, 1,33%; administrador, 2,04%; arrendatário, 0,88%; ocupante, 2,28%. Essas proporções estão entre as mais baixas verificadas nos diversos Estados.

O valor da produção dos estabelecimentos explorados pelo proprietário atinge a quota de 0,98% do correspondente total nacional; o dos explorados pelo administrador, 1,73%; o dos explorados pelo arrendatário, 2,16%; o dos explorados pelo ocupante, 32,74%. Esta última proporção, muito elevada, ocupa o primeiro lugar entre as dos diversos Estados; as outras estão entre as mais baixas.

2. ATIVIDADES ESPECIALIZADAS

Constam do volume III da Série Nacional do Recenseamento de 1940 (*Censos Econômicos, Quadros de totais para o conjunto da União e de distribuição pelas regiões fisiográficas e Unidades Federadas*) dados sobre atividades agrícolas e pecuárias especializadas, que foram excluídas da apuração geral resumida e comentada nas páginas anteriores.

Têm pequena importância essas atividades no Maranhão.

Foram recenseados nesse Estado apenas 15 estabelecimentos com atividades especializadas em horticultura ou floricultura; sua área total ascendia a 14 hectares, seu valor a 370 milhares de cruzeiros; o número das pessoas permanentemente ocupadas era de 112. O valor da produção no ano de 1939 atingira apenas 102 milhares de cruzeiros.

II

A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DO MARANHÃO, NOS ANOS DE 1945 A 1951

SUMÁRIO: 1. Considerações preliminares. — 2. Área cultivada. — 3. Produção. — 4. Análise das áreas cultivadas, das produções e dos rendimentos médios, segundo grupos e espécies de produtos. — 5. Comparações entre os dados de 1950 e as médias do triênio 1945-47. — 6. Valor da produção.

1. O presente estudo baseia-se nos dados sobre a produção agrícola divulgados pelo Serviço de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura.

Convém advertir que as variações desses dados sobre as áreas cultivadas e as quantidades produzidas às vezes refletem apenas retificações dos levantamentos anteriores e não variações efetivas de superfícies ou de rendimentos, porque o Serviço de Estatística da Produção procura aproximar cada vez mais da realidade as suas estatísticas agrícolas. Por esta razão, as médias dos dados disponíveis para o triênio 1945-47, obtidos conforme novos critérios de levantamentos, servirão como elementos básicos na comparação com os dados dos anos posteriores, renunciando-se a utilizar dados para os anos anteriores a 1945, que foram levantados com critérios diversos.

Cumpra, ainda, advertir que a apuração da produção agrícola é estendida apenas a 20 produtos, que incluem a parte principal, mas não a totalidade, dessa produção.

* * *

2. *Área cultivada.* — As áreas destinadas às principais culturas em cada ano do triênio 1945-47 e as médias anuais desse período constam da tabela I; da tabela IV constam, ao lado das médias do triênio, as áreas cultivadas nos anos de 1948 a 1951. Na tabela VII, os rendimentos médios por hectare das diversas culturas nos anos de 1948 a 1951 são comparados com os do triênio 1945-47.

Cumpra lembrar que a soma das áreas destinadas às diversas culturas excede a área cultivada, porque no ciclo anual pode haver associação ou sucessão de culturas diversas no mesmo terreno. Entretanto, para simplicidade de expressão, designar-se-á como "área total" essa soma.

Agrupando as culturas segundo gêneros de produtos, obtém-se o seguinte resumo das áreas cultivadas.

GRUPO DE PRODUTOS	ÁREA CULTIVADA									
	Média 1945-47		1948		1949		1950		1951	
	ha	%								
Cereais.....	93 962	46,28	131 461	52,82	148 060	56,59	164 211	56,83	219 732	58,99
Mandioca, feijão, fava, batata doce.....	42 029	20,70	49 301	19,81	48 242	18,44	61 171	21,17	72 400	19,44
Frutas.....	1 729	0,85	2 070	0,83	2 282	0,87	2 361	0,82	3 014	0,81
Tomate, cebola, alho.....	36	0,02	67	0,03	58	0,02	41	0,01	48	0,01
Cana de açúcar, café, cacau.....	7 982	3,93	7 516	3,02	6 836	2,62	7 138	2,47	7 591	2,04
Produtos de uso industrial	57 281	28,22	58 451	23,49	56 152	21,46	54 035	18,70	69 707	18,71
TOTAL.....	203 019	100,00	248 866	100,00	261 630	100,00	288 957	100,00	372 492	100,00

A área ocupada pelas culturas no Estado do Maranhão, 2 030 quilômetros quadrados, em média anual, no triênio 1945-47, representava uma pequena proporção, 0,61%, da superfície territorial do Estado, que ascende a 332 239 quilômetros quadrados. Essa área foi estendida nos anos seguintes, aumentando em 1950 de 85 938 hectares, ou 42,33%, em relação à média anual do triênio de referência. Em 1951 houve novo aumento, de 83 535 hectares, em relação ao ano anterior.

As culturas de cereais e sucedâneos (os primeiros 2 grupos) no triênio de referência ocupam 66,98% da área total cultivada; as dos demais gêneros alimentícios (os 3 grupos seguintes) 4,80%, e as de produtos de uso industrial 28,22%.

Comparando os dados de 1950 com as médias do período de referência, verifica-se um aumento considerável na extensão da cultura dos cereais (70 249 hectares), um aumento menor na cultura dos sucedâneos dos cereais (19 142 hectares) e aumentos ainda menores nas culturas das frutas (632 hectares) e das hortaliças (5 hectares). As áreas dedicadas aos outros grupos de produtos diminuem, tanto nas culturas da cana de açúcar, café e cacau (844 hectares), como nas culturas para uso industrial (3 246 hectares).

O maior aumento relativo observa-se na cultura dos cereais; a maior diminuição relativa nas da cana de açúcar, café e cacau.

Segundo os dados de 1951, as áreas cultivadas para todos os grupos de produtos aumentam nesse ano, em relação a 1950.

Entre as culturas de *cereais*, na média do triênio 1945-47, a mais extensa é a do arroz, ocupando 50,8 milhares de hectares; segue-se a do milho, com 43,1 milhares. Entre as culturas de *sucedâneos dos cereais*, a principal é a da mandioca, com 32,8 milhares de hectares; seguem-se a do feijão, com 7,7 milhares de hectares, e a da fava, com 1,5 milhares. A batata doce ocupa uma extensão muito pequena (73 hectares).

Entre as culturas de *outros produtos alimentícios*, acha-se em primeiro lugar, com importância preponderante, a da cana de açúcar, ocupando 8,0 milhares de hectares; as culturas das frutas e dos produtos hortícolas incluídos nas estatísticas ocupam, em conjunto, apenas 1,8 milhares de hectares.

Entre as culturas de *produtos de uso industrial*, a mais extensa é a do algodão, que abrange 54,1 milhares de hectares; as demais, em conjunto, cobrem apenas 3,1 milhares de hectares, salientando-se entre elas a da mamona.

* * *

3. *Produção.* — As safras dos principais produtos agrícolas em cada ano do triênio 1945-47 e as médias anuais desse período constam da tabela II; da tabela V constam, além das médias do triênio, as quantidades produzidas nos anos de 1948 a 1951. Na tabela VII estão calculadas as produções médias por hectare para as diversas culturas no triênio 1945-47 e para os anos de 1948 a 1951.

Agrupando as culturas segundo gêneros de produtos, obtém-se o seguinte resumo das produções.

GRUPO DE PRODUTOS	PRODUÇÃO									
	Média 1945-47		1948		1949		1950		1951	
	100 kg	%								
Cereais.....	879 640	13,49	1 108 200	14,55	1 398 680	18,24	1 671 110	19,27	1 427 030	17,21
Mandioca, feijão, fava, batata doce.....	3 258 450	49,97	3 965 110	52,08	3 502 280	45,68	4 280 610	49,37	3 936 800	47,48
Frutas.....	490 710	7,52	751 846	9,87	765 270	9,98	794 798	9,17	944 792	11,40
Tomate, cebola, alho.....	521	0,01	980	0,01	990	0,01	860	0,01	820	0,01
Cana de açúcar, café, cacau.....	1 718 383	26,35	1 620 740	21,29	1 815 730	23,68	1 730 350	19,96	1 773 370	21,39
Produtos de uso industrial	173 213	2,66	167 410	2,20	185 070	2,41	192 830	2,22	207 940	2,51
TOTAL.....	6 520 917	100,00	7 614 286	100,00	7 668 020	100,00	8 670 558	100,00	8 290 752	100,00

A produção agrícola do Estado do Maranhão, medida em quantidade, excedeu a média do triênio 1945-47 nas proporções de 16,77% no ano de 1948, de 17,59% no de 1949 e de 32,97% no de 1950.

Em dados absolutos, o excedente sobre a média trienal ascendeu a 1 093 369 quintais em 1948, a 1 147 103 em 1949 e a 2 149 641 em 1950. Contribuíram para esse aumento, no ano de 1950, principalmente o grupo dos sucedâneos dos cereais, com 1 022 160 quintais, o dos cereais, com 791 470 quintais, e o das frutas, com 304 088 quintais.

A produção total no ano de 1951 diminuiu de 379 806 quintais em relação ao ano anterior.

Segundo os dados de 1951, a produção aumentou nos grupos das frutas, da cana de açúcar, café e cacau, e no dos produtos de uso industrial; diminuiu nos grupos dos cereais, dos sucedâneos e das hortaliças.

A produção média anual de *cereais*, no triênio de referência, ascendeu a 879,6 milhares de quintais. Entre os dois cereais cultivados, ocupa o primeiro lugar pela quantidade de produção no triênio 1945-47 o arroz, com uma safra média anual de 611,0 milhares de quintais, e o segundo o milho, com 268,7 milhares.

O rendimento médio por hectare, no triênio de referência, ascendeu a 12,0 quintais para o arroz e a 6,2 para o milho.

A produção de *sucedâneos dos cereais* atingiu 3 258,5 milhares de quintais, em média anual, no triênio 1945-47.

Entre os produtos desse grupo, salienta-se a mandioca, com uma safra média anual de 3 206,0 milhares de quintais; seguem-se, com safras muito menores, o feijão, 40,1 milhares de quintais, a fava, 8,0 milhares, e a batata doce, 4,3 milhares.

O rendimento médio por hectare atinge para a mandioca 97,9 quintais, para a batata doce 59,0 quintais, para a fava 5,4 quintais e para o feijão 5,2 quintais por hectare.

Entre os *produtos alimentícios complementares* salientam-se as frutas, cuja safra atingiu 490,7 milhares de quintais, na média anual do triênio 1945-47. A produção maior é a de banana, 404,0 milhares de quintais; seguem-se, com produções menores, a laranja, 71,9 milhares, o côco, 12,0 milhares, e o abacaxi, 2,8 milhares de quintais.

Os rendimentos médios na fruticultura são maiores, em geral, do que os correspondentes nacionais, atingindo a banana 485,6 quintais por hectare (Brasil, 264,9), a laranja, 212,2 quintais (Brasil, 136,8) e o côco 23,7 quintais (Brasil, 20,8).

Outros produtos alimentícios complementares que figuram nas estatísticas são as *hortaliças*: o tomate, com uma produção média anual de 0,3 milhares de quintais, a cebola, com 0,1 milhares, e o alho, também, com 0,1 milhares.

O rendimento médio do tomate atinge 16,2 quintais, o da cebola 12,5 quintais, e o do alho 12,8 quintais por hectare.

O terceiro grupo de produtos alimentícios complementares é o que inclui a cana de açúcar, o café e o cacau.

A produção de *cana de açúcar* ascendeu a 1 718,3 milhares de quintais, em média anual, no triênio 1945-47. O rendimento médio por hectare atinge 215,8 quintais.

A produção de *café* é pequena, atingindo apenas 83 quintais.

A produção de *cacau* atinge apenas 7 quintais, em média anual, no triênio 1945-47.

Entre os *produtos de uso industrial*, o principal é o *algodão*; a produção de fibra têxtil ascendeu a 54,8 milhares de quintais, em média anual, no triênio 1945-47, e a de caroço a 108,0 milhares de quintais. O rendimento médio por hectare é de 1,0 quintais de fibra e 2,0 quintais de caroço.

A produção de *tumo* ascendeu a 3,4 milhares de quintais, em média anual, no triênio 1945-47. O rendimento médio é de 4,8 quintais por hectare.

Outros produtos aproveitados pela indústria dos óleos vegetais, além do caroço de algodão, são a *mamona*, com uma produção média anual de 6,9 milhares de quintais no triênio 1945-47, e o *amendoim*, com uma produção pequena, 60 quintais. O rendimento médio por hectare da mamona é de 2,9 quintais.

* * *

4. Analisar-se-á a seguir cada um dos grupos de produtos, considerando-se as variações das superfícies cultivadas, das produções e dos rendimentos médios por hectare, entre o triênio 1945-47 e os anos de 1948 a 1951.

A área destinada às culturas de *cereais*, que foi de 93 962 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 131 461 hectares em 1948, para 148 060 em 1949 e para 164 211 em 1950. Este último ano marca um aumento de 74,76% em comparação com o triênio de referência. No ano de 1951, aumentou de 55 521 hectares, em comparação com 1950, a área dedicada aos cereais.

A discriminação, entre os dois produtos deste grupo, do aumento de 70 249 hectares verificado em 1950¹, em comparação com a média anual de 1945-47, consta dos seguintes dados:

Milho	+	29 359 hectares,	ou	+	68,08%,
Arroz	+	40 890	"	"	+ 80,43%.

São dignos de nota os aumentos das áreas dedicadas a ambos os cereais.

Os rendimentos médios por hectare em 1950 foram superiores às médias do triênio de referência tanto para o milho como para o arroz.

A produção de cereais subiu de 879 640 quintais métricos, média do triênio 1945-47, para 1 108 200 quintais em 1948, 1 398 680 em 1949 e 1 671 110 em 1950. A safra de 1950 marca um aumento de 791 470 quintais, ou 89,98%, em comparação com a média anual do triênio de referência; aumento relativo superior ao da área cultivada. Os dados de 1951 indicam uma diminuição de 244 080 quintais em relação ao ano anterior.

¹ Fazem-se comparações com os dados de 1950, em vez de 1951, por uniformidade com os estudos anteriores desta série.

O aumento na produção dos cereais em 1950, em comparação com a média anual do triênio de referência, discrimina-se entre as duas espécies como consta dos seguintes dados:

Milho	+	242 900	quintais,	ou	+	90,41%,
Arroz	+	548 570	"	"	+	89,79%.

Merecem relêvo os aumentos, absolutos e relativos, tanto do milho como do arroz. Entretanto, em 1951, a produção de milho diminuiu de 141 630 quintais e a de arroz de 102 450 quintais, em relação a 1950.

As culturas dos principais *sucedâneos dos cereais*, que no triênio 1945-47 ocuparam, em média anual, 42 029 hectares, estenderam-se a 49 301 hectares em 1948, diminuíram para 48 242 em 1949, mas voltaram a subir para 61 171 hectares em 1950. Este último ano marca um aumento de 45,54% em relação ao triênio de referência. O ano de 1951 marca um aumento de 11 229 hectares em relação ao ano anterior.

O aumento total de 19 142 hectares em 1950, em comparação com a média anual de 1945-47, discrimina-se assim entre as diversas culturas:

Mandioca	+	14 363	hectares,	ou	+	43,84%,
Feijão	+	4 631	"	"	+	60,19%,
Fava	+	71	"	"	+	4,75%,
Batata doce	+	77	"	"	+	105,48%.

Salienta-se, pela importância absoluta e relativa, a ampliação da cultura da mandioca. Observam-se, segundo os dados de 1951, aumentos nas áreas cultivadas de todos os produtos deste grupo.

Os rendimentos médios por hectare em 1950, para todos os produtos, ficam inferiores aos correspondentes do triênio de referência.

A produção de *sucedâneos de cereais*, que atingira 3 258 450 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 3 965 110 quintais em 1948, desceu para 3 502 280 em 1949 e subiu novamente para 4 280 610 quintais em 1950. Este último dado marca um aumento de 31,37% em comparação com o triênio de referência. Em 1951 houve uma diminuição de 343 810 quintais em comparação com o ano anterior.

As variações absolutas e relativas da produção de *sucedâneos de cereais* em 1950, em comparação com a média anual do triênio de referência, constam dos seguintes dados:

Mandioca	+	997 560	quintais	ou	+	31,12%,
Feijão	+	22 327	"	"	+	55,70%,
Fava	-	680	"	"	-	8,47%,
Batata doce	+	2 953	"	"	+	68,56%.

A mandioca apresenta o maior aumento absoluto, em virtude da maior área cultivada e do maior rendimento. Salienta-se, também, o incremento do feijão. Conforme os dados de 1951, observa-se aumento da produção para os produtos deste grupo, com exceção da mandioca.

As culturas de *frutas* ocupavam 1 729 hectares, em média anual, no triênio 1945-47; em 1948 sua área subiu para 2 070 hectares, em 1949 para 2 282 e em 1950 para 2 361 hectares. Este último dado marca um aumento de 36,55%,

em comparação com o triênio de referência. Em 1951 a área cultivada subiu para 3 014 hectares.

O aumento total de 632 hectares em 1950, em comparação com a média anual de 1945-47, discrimina-se assim:

Banana	+	432	hectares,	ou	+	51,92%,
Laranja	+	60	"	"	+	17,70%,
Côco	+	126	"	"	+	24,90%,
Abacaxi	+	14	"	"	+	26,92%.

Nota-se uma tendência para a extensão das culturas acima discriminadas, e especialmente das da banana e do côco. No ano de 1951, a cultura da banana ainda aumentou de 580 hectares e a do côco de 13 hectares.

Os rendimentos médios, em 1950, excederam as correspondentes médias do triênio 1945-47 para tôdas as espécies de frutas.

A produção total das frutas incluídas na estatística anual² subiu de 490 710 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 751 846 quintais em 1948, 765 270 em 1949 e 794 798 em 1950. O aumento em 1950, em comparação com a média anual do referido triênio, corresponde a 61,97%. Em 1951, a produção total dessas frutas aumentou de 149 994 quintais, em relação ao ano anterior.

O aumento de 304 088 quintais em 1950, em comparação com a média anual do triênio de referência, discrimina-se entre as diversas espécies como consta dos seguintes dados:

Banana	+	253 600	quintais,	ou	+	62,77%,
Laranja	+	31 865	"	"	+	44,29%,
Côco	+	17 508	"	"	+	145,81%,
Abacaxi	+	1 115	"	"	+	40,47%.

Destacam-se, pela importância absoluta, o aumento da produção de banana e, pela importância relativa, o aumento da produção de côco. Em 1951, aumentaram as produções de banana e laranja, mas diminuíram as de côco e abacaxi.

As culturas de *hortaliças* incluídas nas estatísticas ocuparam a área de 36 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, de 67 em 1948, de 58 em 1949 e de 41 hectares em 1950. Este último ano marca um acréscimo de 5 hectares, ou 13,89%, em comparação com o triênio de referência. Em 1951, a área cultivada aumentou para 48 hectares.

Para os diversos gêneros, as diferenças entre a área cultivada em 1950 e a média do triênio de referência, são as seguintes:

Tomate	+	12	hectares,	ou	+	63,16%,
Cebola	-	3	"	"	-	27,27%,
Alho	-	4	"	"	-	66,67%.

A produção dos três gêneros hortícolas, que fôra de 521 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 980 quintais em 1948, para 990 em 1949,

² Segundo o Censo Agrícola de 1940, no ano de 1939 foram produzidas ainda 1 147 098 centenas de mangas, 163 359 centenas de limões, 24 723 centenas de abacates, 2 437 centenas de laranjas, 700 centenas de figos e 67 centenas de pêssegos.

mas desceu para 860 quintais em 1950. Apresenta o ano de 1950 um acréscimo de 65,07% em relação ao triênio considerado. No ano de 1951, a produção desceu para 820 quintais.

Para os três gêneros, as variações entre o ano de 1950 e a média do triênio 1945-47, constam dos seguintes dados:

Tomate	+	113	quintais,	ou	+	36,81%,
Cebola	+	243	"	"	+	177,37%,
Alho	-	17	"	"	-	22,08%.

As outras culturas de produtos alimentícios incluídas nas estatísticas são a da cana de açúcar, a do café e a do cacau, que serão consideradas separadamente.

A área dedicada à cultura da cana de açúcar, que era de 7 963 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, diminuiu para 7 486 hectares em 1948 e para 6 811 em 1949, subindo para 7 106 em 1950. Entretanto, este último número marca uma diminuição de 857 hectares, ou 10,76%, em comparação com a média anual do triênio de referência. No ano de 1951, a área cultivada aumentou para 7 547 hectares.

O rendimento médio em 1950 foi superior à média do triênio 1945-47.

A produção diminuiu de 1 718 293 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 1 620 560 quintais em 1948, subiu para 1 815 590 quintais em 1949, mas desceu para 1 730 200 quintais em 1950. A safra de 1950 marca um aumento de 0,69%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Em 1951, a produção aumentou de 42 980 quintais, em comparação com o ano anterior.

A área da cultura do café, que ascendia a 17 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 18 hectares em 1948, diminuiu para 13 hectares em 1949 e subiu para 21 hectares em 1950. Esse aumento, em confronto com a média anual do triênio de referência, corresponde a 23,53%. No ano de 1951, a área cultivada aumentou para 33 hectares.

A produção, que ascendera a 83 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, e que aumentara para 130 quintais em 1948, decresceu para 80 quintais em 1949, mas aumentou para 110 quintais em 1950. Esta safra marcou o aumento de 32,53%, em relação à média anual do triênio de referência. No ano de 1951, houve um aumento de 30 quintais.

A área cultivada de cacau que era de apenas 2 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 12 hectares em 1948, não sofrendo alteração em 1949; diminuiu para 11 hectares nos dois anos seguintes.

A produção subiu de 7 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 50 quintais em 1948 e 60 em 1949; diminuiu para 40 quintais em 1950. Entretanto, este último ano excede em 33 quintais a média anual do triênio de referência. No ano de 1951, houve um aumento ulterior de 10 quintais.

Entre as culturas de produtos de uso industrial, a estatística oficial discrimina as do fumo, do algodão, da mamona e do amendoim, que serão consideradas separadamente.

A cultura do *fumo*, que ocupara 710 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, foi estendida para 829 hectares em 1948, para 1 041 em 1949, mas reduzida para 1 036 hectares em 1950. Este último dado marca um aumento de 326 hectares, ou 45,92%, em relação à média anual do triênio de referência. Em 1951, a cultura do fumo recebeu um aumento de 249 hectares, em comparação com 1950.

O rendimento médio por hectare em 1950 foi superior à média do triênio 1945-47.

A produção subiu de 3 413 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 3 920 quintais em 1948, 4 380 em 1949 e 5 180 quintais em 1950. O aumento no ano de 1950 corresponde a 1 767 quintais, ou 51,77%, em confronto com a média anual do triênio de referência. No ano de 1951, a produção de fumo aumentou de 1 020 quintais, em comparação com 1950.

A cultura do *algodão*, que ocupara a área de 54 148 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, subiu para 55 052 hectares em 1948, mas desceu para 52 402 hectares em 1949 e para 50 267 em 1950. A área cultivada neste ano fica inferior de 3 881 hectares, ou 7,17%, à média anual do triênio de referência. Mas, no ano de 1951 verificou-se um aumento de 15 418 hectares, em relação a 1950.

O rendimento médio por hectare em 1950 excede a média do triênio 1945-47.

A produção de algodão em pluma³, que atingira 54 833 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, mas caíra para 53 020 quintais em 1948, aumentou para 58 480 quintais em 1949 e para 61 020 quintais em 1950, excedendo em 6 187 quintais, ou 11,28%, a média anual do triênio de referência, em virtude do maior rendimento. Em 1951, verificou-se um aumento de 4 980 quintais.

A produção de caroço de algodão, que diminuía de 108 007 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, para 104 440 quintais em 1948, subiu para 115 190 quintais em 1949 e para 120 200 em 1950. Este último dado marca um aumento de 12 193 quintais, ou 11,29%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Em 1951, verificou-se um aumento de 9 800 quintais.

A área destinada à cultura da *mamona*, que era de 2 417 hectares, em média anual, no triênio 1945-47, foi aumentada para 2 563 hectares em 1948, 2 701 em 1949 e 2 725 em 1950. O aumento de 308 hectares, nesse último ano, corresponde a 12,74% em relação à média anual do triênio de referência. No ano de 1951, a área da cultura da mamona foi aumentada de 4 hectares, em comparação com 1950.

O rendimento médio por hectare em 1950 foi inferior à média do triênio de referência.

A produção, que diminuía de 6 900 quintais, média anual do triênio 1945-47, para 5 980 quintais em 1948, aumentou para 6 970 quintais em 1949, mas diminuiu para 6 380 quintais em 1950. Este último dado marca uma diminuição de 520 quintais, ou 7,54%, em comparação com a média anual do

³ O Serviço de Estatística da Produção faz a estimativa da safra de algodão em caroço, aplicando depois à quantidade estimada os coeficientes de 33% e 65%, para calcular, respectivamente, a produção de pluma e a de caroço, os resíduos 2% representando a perda no beneficiamento.

triênio de referência. Em 1951, verificou-se uma diminuição de 690 quintais, em comparação com 1950.

A cultura do *amendoim*, que ocupava 6 hectares, em média anual, no triênio de referência, passou para 7 hectares em 1948, 8 em 1949, 7 em 1950 e 8 em 1951.

A produção que fôra de 60 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, diminuiu para 50 quintais nos quatro anos seguintes.

* * *

5. As variações da área cultivada e da produção de 1950, em relação às médias anuais do triênio 1945-47 são apropriadas para dar uma idéia do desenvolvimento da agricultura maranhense durante êsse período.

Constam do quadro abaixo apenas os produtos economicamente mais importantes, isto é, os cujo valor da safra excedeu 5 milhões de cruzeiros em 1950.

PRODUTO	VARIACÃO PERCENTUAL EM 1950, EM RELAÇÃO À MÉDIA ANUAL DO TRIÊNIO 1945-47	
	Área	Produção
Milho.....	+ 68,08	+ 90,41
Arroz.....	+ 80,43	+ 89,79
Mandioca.....	+ 43,84	+ 31,12
Feijão.....	+ 60,19	+ 55,70
Banana.....	+ 51,92	+ 62,77
Côco.....	+ 24,90	+145,81
Cana de açúcar.....	- 10,76	+ 0,69
Fumo.....	+ 45,92	+ 51,77
Algodão.....	- 7,17	+ 11,28

Para sete desses produtos, a área cultivada em 1950 excede a média do triênio de referência; para dois (cana de açúcar e algodão) verifica-se diminuição. Destacam-se os aumentos das áreas dedicadas ao arroz, ao milho, ao feijão e à banana, e, embora um pouco menores, os das áreas do fumo e da mandioca. Para todos os produtos incluídos na tabela acima, a quantidade produzida em 1950 excede a média do triênio de referência. Salienta-se, principalmente, o aumento relativo da produção de côco; embora menores, os aumentos relativos do milho, do arroz, da banana e do feijão correspondem a importantes aumentos absolutos da produção de gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Os rendimentos médios das principais culturas agrícolas, na maioria dos casos, excedem o nível médio do triênio 1945-47, como indiretamente mostra

a tabela acima. Com efeito, apresentam maiores aumentos relativos da produção do que da área cinco produtos e aumento relativo da produção dois produtos para os quais houve diminuição da área.

Em conjunto, portanto, o ano de 1950 pode ser considerado favorável para a agricultura do Estado do Maranhão, no que diz respeito à quantidade da produção. Foram menos favoráveis, em conjunto, as safras de 1951.

* * *

6. *Valor da produção.* — Os valores das principais produções agrícolas, em cada ano do triênio 1945-47, e as médias anuais desse período, constam da tabela III; da tabela VI constam, ao lado das médias do triênio, os valores das produções nos anos de 1948 a 1951. Na tabela VII, os rendimentos médios por hectare para as diversas culturas no triênio 1945-47 são comparados com os dos anos de 1948 a 1951.

Cumprir lembrar que os dados de valor devem ser considerados apenas largamente aproximativos.

Discriminando-se por grandes grupos de produtos, obtém-se o resumo do valor da produção constante do quadro seguinte.

GRUPO DE PRODUTOS	VALOR DA PRODUÇÃO									
	Média 1945-47		1948		1949		1950		1951	
	Cr\$ 1 000	%	Cr\$ 1 000	%	Cr\$ 1 000	%	Cr\$ 1 000	%	Cr\$ 1 000	%
Cereais.....	55 827	42,59	91 097	44,24	108 253	44,75	144 481	46,04	200 737	44,17
Mandioca, feijão, fava, batata doce.....	29 157	22,24	38 913	18,90	41 053	16,97	56 147	17,89	78 032	17,17
Frutas.....	9 386	7,16	20 445	9,93	24 388	10,08	26 733	8,52	36 225	7,97
Tomate, cebola, alho...	215	0,16	465	0,23	499	0,21	501	0,16	570	0,13
Cana de açúcar, café, cacau.....	8 626	6,58	9 471	4,60	12 206	5,05	13 981	4,46	17 571	3,87
Produtos de uso industrial	27 875	21,27	45 506	22,10	55 499	22,94	71 957	22,93	121 302	26,69
TOTAL.....	131 086	100,00	205 897	100,00	241 898	100,00	313 800	100,00	454 437	100,00

Entre todos os grupos de produtos, os *cereais* contribuem com a maior quota para o total, atingindo 42,59% na média anual do triênio de referência, 44,24% no ano de 1948, 44,75% no ano de 1949 e 46,04% no ano de 1950. As parcelas da quota verificada no triênio 1945-47 são: arroz, 30,55% e milho, 12,04%.

Os *produtos de uso industrial* apresentam-se em segundo lugar no ano de 1948, com a quota de 22,10%, no ano de 1949, com a de 22,94%, e no ano de 1950, com a quota de 22,93%; na média do triênio de referência colocam-se em terceiro lugar, com a quota de 21,27%. No triênio 1945-47 a quota preponderante, do algodão, atinge 19,03% (17,11% a fibra e 1,92% o caroço); seguem-se, com quotas muito menores, o fumo (1,72%), a mamona (0,50%) e o amendoim (0,01%).

Seguem-se os *sucedâneos dos cereais*, cuja quota atinge 22,24% na média anual do triênio de referência, 18,90% em 1948, 16,97% em 1949 e 17,89% em 1950. No triênio 1945-47 a mandioca atinge a quota de 16,43%; seguem-se as quotas do feijão, 5,02%, da fava, 0,66%, e da batata doce, 0,15%.

Muito menor é a importância das *frutas*, que constituem 7,16% do valor total no triênio 1945-47, 9,93% em 1948, 10,08% em 1949 e 8,52% em 1950.

No triênio 1945-47, encontram-se, para os diferentes gêneros de frutas, as seguintes quotas: banana, 4,23%, laranja, 1,31%, côco, 1,43%, e abacaxi, 0,18%.

O grupo de *cana de açúcar, café e cacau* participa com 6,58% na média anual do triênio 1945-47, com 4,60% no ano de 1948, com 5,05% no ano de 1949 e com 4,46% no ano de 1950. No triênio de referência, a cana de açúcar contribui com 6,56% para o total, o café com 0,02%, não chegando a 0,01% a contribuição do cacau.

São muito pequenas as contribuições das *hortaliças* para o valor total da produção. No triênio 1945-47 as contribuições dos diversos gêneros são as seguintes: tomate, 0,09%, cebola, 0,03%, alho, 0,04%.

O valor da produção agrícola do Estado do Maranhão excedeu a média do triênio 1945-47 nas proporções de 57,07% no ano de 1948, de 84,53% no de 1949 e de 139,38% no de 1950.

Em dados absolutos, o excedente sobre a média anual do triênio ascendeu a 74 811 milhares de cruzeiros em 1948, a 110 812 milhares de cruzeiros em 1949 e a 182 714 milhares em 1950. Contribuíram para o aumento no ano de 1950 principalmente o grupo dos cereais, com 88 654 milhares de cruzeiros, o dos produtos de uso industrial, com 44 082 milhares, e o dos sucedâneos, com 26 990 milhares. No ano de 1951, o valor da produção aumentou de 140 637 milhares de cruzeiros, em comparação com 1950.

O valor médio da produção por hectare, no triênio 1945-47, foi de 646 cruzeiros para o conjunto das culturas incluídas nas estatísticas. Em 1948, esse valor aumentou para 827 cruzeiros, em 1949, para 925, em 1950, para 1 086 e em 1951, para 1 220 cruzeiros. Os valores por hectare ficariam um pouco maiores se fôsse contada uma só vez a superfície na qual se associam ou se sucedem, no ciclo anual, duas ou mais culturas.

O valor médio da produção por hectare, no triênio 1945-47, varia fortemente segundo os produtos.

Aos *cereais* correspondem valores médios de cerca de 370 cruzeiros para o milho e de cerca de 790 cruzeiros para o arroz.

Entre os *sucedâneos dos cereais*, a fava dá um valor médio de cerca de 580 cruzeiros por hectare; a mandioca, de 660; o feijão, de 850; a batata doce, de 2 600.

Entre os *demais produtos alimentícios*, os rendimentos médios por hectare apresentam-se elevados. Na *fruticultura*, o côco apresenta um rendimento de cerca de 3 700 cruzeiros; o abacaxi, de 4 500; a laranja, de 5 100; a banana, de 6 700. Para os diversos *gêneros hortícolas*, são os seguintes os rendimentos: de cerca de 3 500 cruzeiros por hectare para a cebola; de cerca de 6 500 para o tomate; de cerca de 8 800 para o alho.

A *cana de açúcar* e o *cacau* apresentam rendimentos médios por hectare de cerca de 1 000 cruzeiros; o *café*, de cerca de 1 800 cruzeiros por hectare.

Entre os *produtos de uso industrial*, salientam-se os rendimentos do fumo, cerca de 3 200 cruzeiros por hectare, e do amendoim, cerca de 2 700 cruzeiros;

seguem-se, com rendimentos menores, o algodão, 460 cruzeiros (414, a fibra e 46, o caroço) e a mamona, 270 cruzeiros.

Analisar-se-á a seguir cada um dos grupos de produtos, considerando-se os valores da produção no triênio 1945-47 e nos anos de 1948 a 1951.

O valor da produção de *cereais*, que foi de 55 827 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47, aumentou para 91 097 milhares de cruzeiros em 1948, para 108 253 em 1949 e para 144 481 em 1950. Este último dado marca um aumento de 88 654 milhares de cruzeiros, ou 158,80%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Contribuiu para esse aumento principalmente o arroz, com 60 720 milhares de cruzeiros, ou 151,64%.

O valor da produção de *sucedâneos dos cereais* atingiu 29 157 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47, 38 913 milhares em 1948, 41 053 em 1949 e 56 147 em 1950. Da média anual do triênio para o valor em 1950 houve um aumento de 26 990 milhares de cruzeiros, ou 92,57%. Salienta-se a contribuição da mandioca, com o aumento de 19 023 milhares de cruzeiros, ou 88,35%.

O valor da produção das *frutas*, que fôra de 9 386 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47, subiu nos anos seguintes, atingindo 20 445 milhares em 1948, 24 388 milhares em 1949 e 26 733 em 1950. Este último ano apresenta um aumento de 17 347 milhares de cruzeiros, ou 184,82%, em comparação com a média anual do triênio de referência.

O valor da produção das *hortaliças*, que atingira 215 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47, aumentou para 465 milhares em 1948, 499 em 1949 e 501 em 1950. O aumento de 286 milhares de cruzeiros no ano de 1950, em relação à média anual do triênio de referência, corresponde a 133,02%.

O valor dos produtos das culturas da *cana de açúcar*, *café* e *cacau* ascendeu a 8 626 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47; subiu para 9 471 milhares de cruzeiros em 1948, 12 206 em 1949 e 13 981 em 1950. Este último dado marca um aumento de 5 355 milhares de cruzeiros, ou 62,08%, em comparação com a média anual do triênio de referência. Contribui, principalmente, para esse aumento, a cana de açúcar, com 5 271 milhares de cruzeiros.

O valor total dos *produtos de uso industrial* atingiu 27 875 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47; subiu para 45 506 milhares em 1948, 55 499 em 1949 e 71 957 em 1950. O ano de 1950 excede a média anual do triênio de referência em 44 082 milhares de cruzeiros, ou 158,14%. Contribui, principalmente, para esse aumento, o algodão em pluma, com 38 588 milhares de cruzeiros, ou 172,00%.

Em 1951 aumentou o valor da produção, para todos os grupos de produtos. Os aumentos maiores foram verificados nos cereais, 56 256 milhares de cruzeiros, e nos produtos de uso industrial, 49 345 milhares de cruzeiros.

Para quase todos os produtos (fazem exceção o amendoim e o alho), o valor da produção agrícola em 1950 é muito superior à média anual do triênio de referência, dependendo esse aumento em parte do incremento quantitativo da produção, mas em parte geralmente maior da alta dos preços verificada nestes últimos anos.

Tabela I

MARANHÃO

*Dados sobre as principais culturas agrícolas no triênio 1945-47*1. Área cultivada⁴

CULTURA	ÁREA CULTIVADA (ha)			
	1945	1946	1947	Média do triênio
Milho.....	14 930	42 723	71 722	43 125
Arroz.....	31 764	55 606	65 142	50 837
Mandioca.....	20 544	42 047	35 708	32 766
Feijão.....	7 478	7 182	8 423	7 694
Fava.....	1 477	1 504	1 506	1 496
Batata doce.....	57	76	85	73
Banana.....	678	847	971	832
Laranja.....	325	342	350	339
Côco.....	438	502	579	506
Abacaxi.....	57	47	51	52
Tomate.....	6	6	45	19
Cebola.....	7	6	21	11
Alho.....	6	6	7	6
Cana de açúcar.....	7 466	7 867	8 556	7 963
Café.....	18	15	17	17
Cacau.....	—	—	5	2
Fumo.....	666	655	810	710
Algodão.....	52 715	53 407	56 321	54 148
Mamona.....	2 516	1 984	2 751	2 417
Amendoim.....	6	6	6	6

⁴ Com referência às áreas cultivadas, o Serviço de Estatística da Produção adverte: "Sendo comum no país o plantio de duas e às vezes três culturas na mesma área, tenha-se em vista que nos totais indicados está, em alguns casos, considerada mais de uma vez a mesma superfície de terra".

Tabela II

MARANHÃO

Dados sobre as principais culturas agrícolas no triênio 1945-47

2. Quantidade produzida⁵

CULTURA	QUANTIDADE PRODUZIDA (100 kg)			
	1945	1946	1947	Média do triênio
Milho.....	175 520	241 330	389 160	268 670
Arroz (com casca).....	420 000	666 130	746 780	610 970
Mandioca.....	1 716 760	4 451 260	3 450 070	3 206 030
Feijão.....	38 440	42 460	39 350	40 083
Fava.....	7 000	9 140	7 950	8 030
Batata doce.....	3 930	4 330	4 660	4 307
Banana.....	304 000	381 800	526 200	404 000
Laranja.....	59 174	70 402	86 269	71 948
Côco.....	7 865	10 895	17 260	12 007
Abacaxi.....	2 505	2 685	3 075	2 755
Tomate.....	170	100	650	307
Cebola.....	160	120	130	137
Alho.....	90	70	70	77
Cana de açúcar.....	1 513 100	1 810 170	1 831 610	1 718 293
Café (beneficiado).....	70	70	110	83
Cacau.....	—	—	20	7
Fumo (em fôlha).....	2 620	3 570	4 050	3 413
Algodão em pluma.....	56 580	55 190	52 730	54 833
Caroço de algodão.....	111 430	108 720	103 870	108 007
Mamona.....	7 060	6 130	7 510	6 900
Amendoim (com casca).....	80	50	50	60

⁵ Para o cálculo do peso, foram aplicados os seguintes coeficientes de conversão, adotados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: banana, 1 cacho = 20 kg; laranja, 1 caixa de 176 frutos = 35 kg; côco, 1 fruto = 0,5 kg; abacaxi, 1 fruto = 1,5 kg.

Tabela III

MARANHÃO

Dados sobre as principais culturas agrícolas no triênio 1945-47

3. Valor da produção

CULTURA	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)			
	1945	1946	1947	Média do triênio
Milho.....	8 152	14 504	24 697	15 784
Arroz.....	21 874	47 882	50 374	40 043
Mandioca.....	9 825	27 755	27 014	21 531
Feijão.....	4 571	8 158	6 992	6 574
Fava.....	534	1 075	970	860
Batata doce.....	175	182	220	192
Banana.....	3 322	5 463	7 864	5 550
Laranja.....	1 010	1 543	2 606	1 720
Côco.....	948	1 746	2 946	1 880
Abacaxi.....	152	262	295	236
Tomate.....	93	41	236	123
Cebola.....	45	36	36	39
Alho.....	50	56	53	53
Cana de açúcar.....	7 607	8 337	9 834	8 593
Café.....	20	30	42	31
Cacau.....	—	—	5	2
Fumo.....	1 521	2 093	3 141	2 252
Algodão em pluma.....	21 498	22 076	23 731	22 435
Caroço de algodão.....	1 709	2 718	3 116	2 514
Mamona.....	433	454	1 086	658
Amendoim.....	16	15	18	16

Tabela IV

MARANHÃO

Dados sobre as principais culturas agrícolas em 1948, 1949, 1950 e 1951 em comparação com o triênio 1945-47

1. Área cultivada

CULTURA	ÁREA CULTIVADA (ha)				
	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951
Milho.....	43 125	67 711	65 148	72 484	81 216
Arroz.....	50 837	63 750	82 912	91 727	138 516
Mandioca.....	32 766	40 688	38 813	47 129	49 648
Feijão.....	7 694	7 160	7 728	12 325	19 178
Fava.....	1 496	1 326	1 544	1 567	3 362
Batata doce.....	73	127	157	150	212
Banana.....	832	1 072	1 219	1 264	1 844
Laranja.....	339	364	383	399	465
Côco.....	506	578	619	632	645
Abacaxi.....	52	56	61	66	60
Tomate.....	19	51	50	31	34
Cebola.....	11	11	6	8	13
Alho.....	6	5	2	2	1
Cana de açúcar.....	7 963	7 486	6 811	7 106	7 547
Café.....	17	18	13	21	33
Cacau.....	2	12	12	11	11
Fumo.....	710	829	1 041	1 036	1 285
Algodão.....	54 148	55 052	52 402	50 267	65 685
Mamona.....	2 417	2 563	2 701	2 725	2 729
Amendoim.....	6	7	8	7	8

Tabela V

MARANHÃO

Dados sobre as principais culturas agrícolas em 1948, 1949, 1950 e 1951 em comparação com o triênio 1945-47

2. Quantidade produzida

CULTURA	QUANTIDADE PRODUZIDA (100 kg)				
	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951
Milho.....	268 670	381 020	455 830	511 570	369 940
Arroz (com casca).....	610 970	727 180	942 850	1 159 540	1 057 090
Mandioca.....	3 206 030	3 915 670	3 450 570	4 203 590	3 843 390
Feijão.....	40 083	37 150	37 500	62 410	69 110
Fava.....	8 030	7 140	7 000	7 350	15 040
Batata doce.....	4 307	5 150	7 210	7 260	9 260
Banana.....	404 000	630 400	633 400	657 600	798 800
Laranja.....	71 948	99 941	100 510	103 813	117 292
Côco.....	12 007	18 040	27 235	29 515	26 405
Abacaxi.....	2 755	3 465	4 125	3 870	2 295
Tomate.....	307	790	460	420	470
Cebola.....	137	130	460	380	320
Alho.....	77	60	70	60	30
Cana de açúcar.....	1 718 293	1 620 560	1 815 590	1 730 200	1 773 180
Café (beneficiado).....	83	130	80	110	140
Cacau.....	7	50	60	40	50
Fumo (em fôlha).....	3 413	3 920	4 380	5 180	6 200
Algodão em pluma.....	54 833	53 020	58 480	61 020	66 000
Caroço de algodão.....	108 007	104 440	115 190	120 200	130 000
Mamona.....	6 900	5 980	6 970	6 380	5 690
Amendoim (com casca)	60	50	50	50	50

Tabela VI

MARANHÃO

Dados sobre as principais culturas agrícolas em 1948, 1949, 1950 e 1951 em comparação com o triênio 1945-47

3. Valor da produção

CULTURA	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)				
	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951
Milho.....	15 784	35 021	26 838	43 718	40 428
Arroz.....	40 043	56 076	81 415	100 763	160 309
Mandioca.....	21 531	30 441	32 186	40 554	49 756
Feijão.....	6 574	7 272	7 279	13 709	24 835
Fava.....	860	928	1 061	1 195	2 413
Batata doce.....	192	272	527	689	1 028
Banana.....	5 550	12 558	14 372	13 744	22 870
Laranja.....	1 720	3 586	3 585	4 690	5 610
Côco.....	1 880	3 924	5 960	7 822	7 394
Abacaxi.....	236	377	471	477	351
Tomate.....	123	376	262	273	343
Cebola.....	39	43	183	180	207
Alho.....	53	46	54	48	20
Cana de açúcar.....	8 593	9 401	12 155	13 864	17 346
Café.....	31	55	40	107	213
Cacau.....	2	15	11	10	12
Fumo.....	2 252	3 395	3 412	5 082	6 766
Algodão em pluma....	22 435	37 118	46 783	61 023	106 260
Caroço de algodão.....	2 514	4 178	4 608	5 048	7 410
Mamona.....	658	798	684	793	856
Amendoim.....	16	17	12	11	10

Tabela VII

MARANHÃO

Dados sobre as principais culturas agrícolas em 1948, 1949, 1950 e 1951
em comparação com o triênio 1945-47

4. Rendimento médio por hectare

CULTURA	RENDIMENTO MÉDIO POR HECTARE									
	Quantidade (kg)					Valor (Cr\$)				
	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951	Média 1945-47	1948	1949	1950	1951
Milho.....	623	563	700	706	456	366	517	412	603	498
Arroz (com casca).....	1 202	1 141	1 137	1 264	763	788	880	982	1 099	1 157
Mandioca.....	9 785	9 624	8 890	8 919	7 741	657	748	829	860	1 002
Feijão.....	521	519	485	506	360	854	1 016	942	1 112	1 295
Fava.....	537	538	453	469	447	575	700	687	763	718
Batata doce.....	5 900	4 055	4 592	4 840	4 368	2 630	2 142	3 357	4 593	4 849
Banana.....	48 558	58 806	51 961	52 025	43 319	6 671	11 715	11 790	10 873	12 402
Laranja.....	21 224	27 456	26 243	26 018	25 224	5 074	9 852	9 360	11 754	12 065
Côco.....	2 373	3 121	4 400	4 670	4 094	3 715	6 789	9 628	12 377	11 464
Abacaxi.....	5 298	6 188	6 762	5 864	3 825	4 538	6 732	7 721	7 227	5 850
Tomate.....	1 616	1 549	920	1 355	1 382	6 474	7 373	5 240	8 806	10 088
Cebola.....	1 245	1 182	7 667	4 750	2 462	3 545	3 909	30 500	22 500	15 923
Alho.....	1 283	1 200	3 500	3 000	3 000	8 833	9 200	27 000	24 000	20 000
Cana de açúcar.....	21 578	21 648	26 657	24 348	23 495	1 079	1 256	1 785	1 951	2 298
Café (beneficiado).....	488	722	615	524	424	1 824	3 056	3 077	5 095	6 455
Cacau.....	350	417	500	364	455	1 000	1 250	917	909	1 091
Fumo (em fôlha).....	481	473	421	500	482	3 172	4 095	3 278	4 905	5 265
Algodão em pluma.....	101	96	112	121	100	414	674	893	1 214	1 618
Caroço de algodão.....	199	190	220	239	198	46	76	88	100	113
Mamona.....	285	233	258	234	209	272	311	253	291	314
Amendoim (com casca).....	1 000	714	625	714	625	2 667	2 429	1 500	1 571	1 250

III

A PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL E A PRODUÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DO MARANHÃO, NOS ANOS DE 1945 A 1950

SUMÁRIO: 1. Produção extrativa vegetal. — 2. Produção florestal.

1. *Produção extrativa vegetal.* — O Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura apurou para o Estado do Maranhão, no período 1945-1950, a produção dos seguintes produtos espontâneos vegetais: babaçu, borracha, caroá¹, castanha do Pará, cêra de carnaúba e oiticica².

O valor dessa produção, que atinge 116 837 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47, representa menos de um décimo do total nacional, sendo menor do que os correspondentes aos Estados do Piauí, Amazonas, Pará e Ceará. Mas, no ano de 1948, sobe para 210 641 milhares de cruzeiros, cêra de um sexto do total nacional, alcançando o primeiro lugar entre os valores correspondentes às diversas Unidades da Federação. No ano de 1949 o valor da produção cai para 161 827 milhares de cruzeiros, mais de um oitavo do total nacional, cedendo o primeiro lugar ao Amazonas. No ano de 1950 sobe para 195 720 milhares de cruzeiros, superior a um décimo da produção nacional, menor somente do que o da Paraíba.

A discriminação, segundo os principais produtos, durante o triênio 1945-47, tomado como referência, e nos anos de 1948 a 1950, consta do quadro seguinte.

PRODUTOS	1945	1946	1947	Média 1945-47	1948	1949	1950 ³
A) Quantidade (100 kg)							
Babaçu.....	475 280	350 020	457 500	427 600	628 030	562 890	561 647
Borracha.....	140	190	180	170	3	2	2
Castanha do Pará.....	—	50	50	33	20	80	18
Cêra de carnaúba.....	8 240	7 160	7 000	7 467	5 400	7 380	8 346
B) Valor (Cr\$ 1 000)							
Babaçu.....	68 877	74 782	118 825	87 495	195 995	144 900	174 656
Borracha.....	184	104	100	129	5	3	2
Castanha do Pará.....	—	20	20	13	2	13	5
Cêra de carnaúba.....	26 484	31 114	30 000	29 200	14 639	16 911	21 057
TOTAL.....	95 545	106 020	148 945	116 837	210 641	161 827	195 720

¹ A produção de caroá ascendeu a 20 quintais, no valor de 4 milhares de cruzeiros em 1945; não houve produção nos anos seguintes.

² A produção de oiticica ascendeu a 1 quintal, no valor de 58 cruzeiros, em 1945, e a 3 quintais, no valor de 162 cruzeiros, em 1948; não houve produção nos outros anos.

³ Neste ano foram apurados mais os produtos constantes do seguinte quadro. É digna de relêvo a produção de tucum.

PRODUTOS	Quantidade (100 kg)	Valor (Cr\$ 1 000)
Castanha de caju.....	198	44
Tucum (amêndoa).....	24 164	3 920
Tucum (fibra).....	12	68

O Maranhão é o principal produtor de babaçu. A quantidade média anual no triênio de referência, 427 600 quintais, constitui 68,37% da produção nacional e o valor médio anual, 87 495 milhares de cruzeiros, representa 66,57% do valor total da produção nacional.

Segue-se a cêra de carnaúba, que atinge 7 467 quintais, com um valor de 29 200 milhares de cruzeiros, constituindo 6,73% da quantidade e 7,62% do valor da produção nacional.

São de pequena importância as contribuições da borracha e da castanha do Pará para os respectivos totais nacionais.

Torna-se interessante confrontar, para os diversos produtos, as médias anuais do triênio tomado como referência e os dados para os anos de 1948, 1949 e 1950.

A produção de babaçu, que foi de 427 600 quintais, em média anual no triênio 1945-47, subiu para 628 030 em 1948, mas caiu para 562 890 quintais em 1949 e para 561 647 em 1950. Entretanto, neste último ano houve um aumento de 134 047 quintais, ou 31,35%, em relação à média anual do triênio de referência. O valor da produção subiu de 87 495 milhares de cruzeiros, em média anual, nesse triênio, para 195 995 milhares em 1948; desceu para 144 900 em 1949, mas subiu para 174 656 milhares em 1950. Esse ano marca um aumento de 87 161 milhares de cruzeiros, ou 99,62%, em confronto com a média do triênio 1945-47.

A produção de cêra de carnaúba, que atingira 7 467 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, desceu para 5 400 quintais em 1948, mas subiu para 7 380 em 1949 e para 8 346 em 1950. O ano de 1950 marca um aumento de 879 quintais, ou 11,77%, em relação à média anual do triênio de referência. O valor da produção, que fôra de 29 200 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio 1945-47, desceu para 14 639 em 1948, mas subiu para 16 911 milhares em 1949 e para 21 057 em 1950. O ano de 1950 apresenta um decréscimo de 8 143 milhares, ou 27,89%, em relação à média anual do triênio de referência.

A produção de borracha, que atingira 170 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, caiu nos anos seguintes, atingindo apenas 3 quintais em 1948 e 2 quintais nos anos de 1949 e 1950. O valor da produção alcançou 129 milhares de cruzeiros, em média anual, no triênio de referência; desceu para 5 milhares em 1948, para 3 milhares em 1949 e para 2 em 1950.

A produção de castanha do Pará, que ascendera a 33 quintais, em média anual, no triênio 1945-47, desceu para 20 quintais em 1948, subiu para 80 em 1949, mas tornou a descer para 18 quintais em 1950. Este último ano marca uma diminuição de 15 quintais, ou 45,45%, em relação à média anual do triênio tomado como referência. O valor da produção desceu de 13 milhares de cruzeiros, média anual do triênio considerado, para 2 milhares em 1948, subiu para 13 milhares em 1949, mas tornou a descer para 5 milhares em 1950.

* * *

2. *Produção florestal.* — O Serviço de Estatística da Produção não inclui no levantamento da produção extrativa vegetal a produção florestal, mas como esta é oriunda em parte da vegetação espontânea e em parte do reflorestamento, pode ser considerada ao lado dos produtos, já estudados, das indústrias extrativas vegetais.

Os produtos florestais incluídos nas estatísticas especiais divulgadas pelo citado Serviço são a lenha, o carvão de lenha, as madeiras para usos industriais e os dormentes.

A discriminação, segundo os produtos, para o triênio 1946-48, consta do quadro seguinte, faltando dados para os anos posteriores.

PRODUTOS	Unidade	1946	1947	1948
A. Quantidade				
Lenha.....	m ³	1 337 070	1 390 144	2 744 112
Carvão de lenha.....	100 kg	17 256	14 100	14 478
Madeiras.....	m ³	30 642	33 144	27 806
Dormentes.....	um	12 000	20 000	100 440
B. Valor				
Lenha.....	Cr\$ 1 000	15 688	20 827	45 636
Carvão de lenha.....	Cr\$ 1 000	564	608	691
Madeiras.....	Cr\$ 1 000	5 470	7 933	5 907
Dormentes.....	Cr\$ 1 000	96	240	1 798
<i>TOTAL</i>	Cr\$ 1 000	21 818	29 608	54 032

O valor da produção florestal do Maranhão contribui com 0,63% em 1946, com 0,81% em 1947 e com 1,43% em 1948 para os respectivos totais nacionais: contribuições pequenas entre as dos diversos Estados.

Os combustíveis vegetais constituem no Estado a parte principal da produção florestal; seguem-se, com um valor muito menor, as madeiras para utilização nas indústrias de construção, de transformação e de transportes.

Nota-se um incremento na produção do ano de 1946 para o de 1948.

Estudos de Estatística Teórica e Aplicada

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

**ENSAIO DE DESCRIÇÃO
ESTATÍSTICA DE UMA ZONA
FISIOGRÁFICA (Zona Cacaueira do
Estado da Bahia) PELOS DADOS
DO RECENSEAMENTO**

*Estatística
Agrícola
Nº 17*

Elementos coordenados
pelo
Prof. GIORGIO MORTARA



RIO DE JANEIRO

SERVIÇO GRÁFICO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

1952

ÍNDICE

	PÁG.
Nota preliminar	5
Introdução	7
I Parte — DEMOGRAFIA. — 1. Área e população da zona. — 2. Divisão administrativa. Área, população e densidade da população dos Municípios. — 3. Incremento demográfico entre 1940 e 1950. — 4. População urbana e rural. — 5. Composição da população segundo a côr. — 6. Composição da população segundo o sexo. — 7. Composição segundo o sexo e a idade. — 8. Distribuição da população de 10 anos e mais segundo ramos de atividade. — 9. Alfabetização	11
II Parte — ESTRUTURA DA ECONOMIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA. — 1. Número e área dos estabelecimentos agropecuários e relação entre esta e a área territorial. — 2. Aproveitamento da área dos estabelecimentos. — 3. Tipos de exploração: agrícola, pecuária, mista. Exploração em pequena e em grande escala. — 4. Área média do estabelecimento, em geral e nos diversos tipos de exploração. — 5. Valor dos estabelecimentos; valor médio do estabelecimento. — 6. Valor da produção de 1939; valor médio por estabelecimento e por hectare. — 7. Valor das diversas categorias de produtos: agrícolas, animais e de origem animal, extrativos. — 8. Pessoal ocupado nos estabelecimentos; discordâncias entre os resultados do censo agrícola e do demográfico, e suas causas. — 9. Pessoal ocupado: médias por estabelecimento e por 100 hectares. Valor médio da produção por pessoa ocupada. — 10. Composição do pessoal: sexo, idade, ocupação permanente ou temporária. Discriminação do pessoal permanente segundo as classes econômicas dos responsáveis pela exploração e membros das suas famílias e dos colonos e empregados. — 11. Distribuição dos estabelecimentos segundo classes de área. Importância comparativa e características das diferentes classes. Número, área, pessoal e valor da produção dos estabelecimentos de cada classe. — 12. O pessoal em relação à área, nas diferentes classes. — 13. Tipos de propriedade. — 14. Formas de gestão dos estabelecimentos. — 15. Principais produções agrícolas em 1939. — 16. A produção de cacau. — 17. As produções de mandioca, feijão, milho, arroz e laranja. — 18. As produções de cana de açúcar, café, fumo e mamona. — 19. O gado nos estabelecimentos agropecuários da zona.	28
III Parte — INDÚSTRIA E COMÉRCIO. — 1. Observações preliminares. — 2. Indústria. — 3. Comércio.	72

NOTA PRELIMINAR

Um dos defeitos da organização atual da estatística oficial brasileira é o de que muitos dados por ela apurados e divulgados não são apresentados ao público naquelas formas resumidas e elaboradas que facilitam e de certo modo estimulam o seu aproveitamento.

Acumulam-se, assim, nas páginas das publicações oficiais, elementos que, se fossem utilizados, poderiam tornar-se auxílios bem úteis para a ação administrativa, os estudos científicos e as atividades particulares no domínio social, e que, ao invés, ficam destinados a envelhecer, em inerte virgindade, nas estantes das bibliotecas.

O censo agrícola de 1940 é uma dessas minas que ficam quase inexploradas, e é causa de tristeza para quem foi testemunha do esforço dedicado à sua preparação, execução e apuração, ver desprezados os resultados que foram tão laboriosamente atingidos.

A coletânea de dados sobre a Zona Cacaueira do Estado da Bahia, aqui apresentada, baseia-se principalmente nos dados do censo agrícola de 1940, acompanhados por alguns dados dos demais censos.

Os esclarecimentos e os ligeiros comentários que acompanham as tabelas não pretendem descrever e analisar a situação econômica e demográfica dessa zona, mas apenas facilitar a tarefa aos cultores de estudos econômicos e sociais, conhecedores das condições locais, que quiserem aproveitar as informações apresentadas.

Em breve serão disponíveis todos os resultados definitivos dos censos de 1950, para a Bahia. A sua elaboração, paralela à realizada no estudo atual, ficará duplamente interessante, por descrever a situação em época ainda próxima e por tornar possível a verificação e o estudo das variações ocorridas entre 1940 e 1950 na estrutura demográfica e econômica da população da Zona Cacaueira.

INTRODUÇÃO

A Zona Cacaueira da Bahia encontrava-se numa fase de progresso econômico, na véspera da segunda guerra mundial. A exportação do seu produto principal — o cacau, base da economia da zona — fôra aumentando, através de oscilações, no curso dos últimos cinqüenta anos, até atingir e exceder as cem mil toneladas anuais*, e a expansão desse comércio parecia destinada a continuar.

O recenseamento de 1940 descreve, portanto, a situação da zona no estágio final dessa fase de desenvolvimento, que foi interrompida pelas repercussões econômicas da guerra.

* * *

Segundo o censo demográfico de 1940, o número dos habitantes da zona excedia 460 000. Em relação à área de 27 400 quilômetros quadrados, a densidade dos habitantes — 17 por quilômetro quadrado — já estava relativamente elevada, no quadro nacional. A distribuição territorial da população, não era, entretanto, uniforme, havendo Municípios com densidades superiores a 30 por quilômetro quadrado e outros com densidades inferiores a 10. A maior parte vivia nas áreas rurais, sendo poucas e de modesta importância as verdadeiras cidades.

A composição da população era caracterizada pela prevalência dos elementos não-brancos, que constituíam quase três quartos do total. Esta era característica geral da Bahia, enquanto o excedente masculino na população da zona, determinado pela imigração interior de lavradores, contrastava com o excedente feminino que se observava no conjunto do Estado. Concordavam, de novo, as características da zona e da Bahia no que diz respeito à composição por idade, assinalada pela proporção muito elevada dos grupos de idade infantis e adolescentes e pela proporção muito baixa dos grupos senis; era, todavia, maior na zona do que no conjunto do Estado a proporção dos homens em idades moças e maduras, em virtude da imigração já lembrada acima.

Entre as atividades econômicas, predominavam as agrícolas e pecuárias, nas quais estavam ocupados quase dois terços dos homens de 10 anos e mais. Era escassa a ocupação em atividades industriais, comerciais e de transportes; muito baixa a em atividades de profissões liberais e da administração pública. A grande maioria das mulheres dedicava-se às atividades domésticas; entre as que trabalhavam fora do lar, a ocupação principal era a agrícola.

O nível cultural era bastante baixo, não chegando a um terço dos habitantes de 10 anos e mais a proporção dos que sabiam ler e escrever. Nos diversos Municípios variava fortemente a quota de alfabetização, sem todavia atingir em nenhum 50%, mas descendo até 15% em um deles.

* * *

* Exportação brasileira de cacau em amêndoas; médias anuais por períodos quinquenais, em toneladas:

1890-1894	8 266	1915-1919	49 754
1895-1899	10 801	1920-1924	55 357
1900-1904	19 150	1925-1929	68 266
1905-1909	27 479	1930-1934	88 497
1910-1914	33 034	1935-1939	119 740

A estrutura da economia rural da zona revela-se através dos dados do censo agrícola de 1940.

Nessa época, os estabelecimentos agropecuários ocupavam quase a metade da área territorial da zona, incluindo, porém, vastos espaços — mais da metade da sua superfície — não aproveitados pela agricultura nem pela criação do gado, em boa parte cobertos por matas. Cerca de 300 mil hectares eram destinados a lavouras permanentes, 50 mil a temporárias e 220 mil a pastagens. A predominância das lavouras permanentes refletia a larga extensão da cultura do cacau.

Entre os tipos de exploração do solo, o mais extenso era o exclusivamente agrícola, embora apresentando-se com larga extensão também o tipo misto, agrícola e pecuário. Era pouco difuso o tipo exclusivamente pecuário e eram bastante raros os estabelecimentos que exploravam apenas os produtos da vegetação espontânea. Predominava a exploração em pequena escala, sendo pouco praticada a em grande escala.

A área média geral do estabelecimento agropecuário era de 50 hectares; na exploração exclusivamente agrícola a área média descia para 36 hectares, na mista subia para 55, e na exclusivamente pecuária (infreqüente, como foi dito) atingia 293 hectares. Verificavam-se fortes diferenças entre os diversos Municípios na área média do estabelecimento, em correlação com os diversos caracteres fisiográficos do território e com a diferente importância comparativa dos vários tipos de exploração.

O valor da produção de 1939 ascendera a pouco menos de 140 milhões de cruzeiros, segundo as declarações dos responsáveis pelos estabelecimentos agropecuários, as quais em geral deviam estar abaixo da verdade. De acordo com esse total, o valor da produção correspondia a cerca de 5 250 cruzeiros por estabelecimento e a 105 cruzeiros por hectare. Mesmo aumentando-se de 20-25% estas médias para compensar as prováveis deficiências das declarações, elas ficam bem baixas, indicando que, nessa própria época de relativa prosperidade, a economia da Zona Cacaueira era pobre. Indicação confirmada pela outra, do valor médio do estabelecimento agropecuário, que atingia apenas 13 mil cruzeiros, segundo as declarações, e mesmo após generosa correção destas devia ficar abaixo de 20 mil. Na própria zona observavam-se fortes disparidades econômicas, variando o valor médio da produção por hectare entre cerca de 50 e de 190 cruzeiros, segundo os Municípios.

Contribuíam com quota preponderante para o valor da produção os produtos agrícolas (e principalmente o cacau), sendo pequenas as quotas dos produtos pastoris e espontâneos.

Pelo valor da sua produção, assim como pela extensão das suas atividades no domínio agropecuário, salientavam-se, entre os quinze Municípios da zona, os de Ilhéus e de Itabuna, que em conjunto davam quase a metade, em valor, da produção total.

O número das pessoas ocupadas nos estabelecimentos agropecuários da Zona Cacaueira em 1940 ascendia, segundo o censo agrícola completado por estimativas, a cerca de 160 000. Mais de um quinto desse pessoal era constituído por crianças e mais de um outro quinto por mulheres adultas.

O número médio, por estabelecimento, das pessoas ocupadas era de seis. Em relação a este número, o valor da produção de 1939 dá a média de cerca de 870 cruzeiros por pessoa, que, mesmo retificada por um aumento de 20-25%, fica bem modesta. Cumpre notar, entretanto, que a correspondente média para o conjunto do Estado atingia apenas 325 cruzeiros; a grande diferença põe em evidência a situação de relativa prosperidade em que se achava a Zona Cacaueira.

Entre as pessoas ocupadas nos estabelecimentos, sete sobre oito tinham nelas ocupação permanente e apenas uma, temporária. Entre os ocupados permanentemente, os responsáveis pela exploração (proprietários, adminis-

tradores, arrendatários e ocupantes) e os membros de suas famílias, que trabalhavam com êles, prevaleciam numéricamente sobre os colonos e empregados; era maior, todavia, nessa segunda categoria, o número dos homens adultos, sendo nela bem menor do que na primeira a proporção das crianças e das mulheres. Variavam fortemente as proporções comparativas das duas categorias nos diversos Municípios, em alguns dêstes prevalecendo uma e em outros a outra.

A distribuição dos estabelecimentos segundo classes de área, apurada pelo censo agrícola de 1940, mostra que na Zona Cacaueira a classe de maior importância econômica era a dos estabelecimentos médios, de 10 a 100 hectares, que davam ocupação a dois terços do pessoal e contribuíam com três quintos para o valor da produção, embora incluindo pouco mais de dois quintos da área total. Seguiu-se, em ordem de importância, a classe dos estabelecimentos grandes, de 100 a 1000 hectares. Muito menores eram as quotas dos estabelecimentos pequenos e dos muito grandes, no valor da produção.

A intensidade da exploração do solo, indicada pelo valor médio da produção por hectare, decrescia rapidamente na passagem da classe dos estabelecimentos pequenos para as superiores; aumentava, pelo contrário, a intensidade do rendimento em relação ao número das pessoas ocupadas.

No que diz respeito à propriedade dos estabelecimentos agropecuários, o censo agrícola de 1940 mostrava a absoluta predominância, na Zona Cacaueira, da propriedade privada, na maior parte individual, em parte notável em condomínio e em parte muito menor de pessoas jurídicas.

Da área explorada pelos proprietários, dois terços eram explorados diretamente, um terço por meio de administrador. Era muito raro o arrendamento e eram bem poucos os estabelecimentos explorados por ocupante.

Entre os produtos agrícolas da zona aos quais foi estendido o levantamento censitário, tinha importância preponderante o cacau, produzido em três quartos do número total dos estabelecimentos. Não era de muito relevo a produção de café e de fumo; era modesta, também, a de cana de açúcar. Entre os produtos destinados à alimentação, salientava-se a mandioca, sendo pequenas as safras de cereais e de feijão. Era difusa, mas de limitado rendimento econômico, a cultura da laranja.

Mais de três quartos da produção de cacau da zona eram dados, em 1939, pelos cinco Municípios de Ilhéus, Itabuna, Canavieiras, Belmonte e Itacaré.

O patrimônio zootécnico da zona era relativamente escasso; apenas um quinto dos estabelecimentos agropecuários possuía gado bovino. Em conjunto contavam-se apenas 175 000 cabeças de gado maior (bovinos, eqüinos, asininos e muares) e 139 000 de gado menor (suínos, caprinos e ovinos), na vasta área de mais de 1 300 000 hectares, incluída nos estabelecimentos.

* * *

Os dados dos censos industrial e comercial de 1940 confirmam e acenam a limitada extensão dessas formas de atividade na Zona Cacaueira e documentam a sua modesta importância econômica.

O pequeno valor das vendas a varejo dava indício do padrão de vida muito baixo da população da zona. O valor das vendas por atacado era mantido em nível mais elevado, em virtude do comércio cacaueiro.

* * *

Os dados, que estão sendo apurados, do recenseamento de 1950, tornarão possível o estudo das variações das condições da Zona Cacaueira verificadas no decênio decorrido entre os dois últimos levantamentos censitários.

Já se conhecem alguns resultados do censo demográfico, os quais mostram que nesse decênio a população da zona teve forte incremento (de 28%), aproximando-se de 600 000 o número dos habitantes.

E já se sabe, pelas estatísticas agrícolas anuais, que a produção do cacau, base principal da economia da zona, não aumentou nessa mesma proporção, antes ficou — através de oscilações — mais ou menos estacionária, enquanto a exportação diminuiu*. O prejuízo econômico da redução das vendas foi em alguns anos atenuado (mas, em outros, agravado) pela marcha dos preços do cacau. Esses benefícios transitórios, e em grande parte apenas aparentes como manifestações da inflação monetária, não chegam, entretanto, a disfarçar o fato fundamental do inadequado desenvolvimento da maior fonte de vida da zona, diante do rápido crescimento da população.

A próxima publicação dos resultados completos dos censos econômicos de 1950 revelará se, pelo menos em parte, a extensão de outras produções e de outras formas de atividade tem compensado a interrupção ocorrida na expansão do comércio do cacau. Mas, pelos elementos disponíveis de outras fontes, parece que, mesmo se houve algum progresso em outros domínios, compensou apenas em pequena parte os prejuízos da crise cacauaieira.

* Exportação média anual: 105 743 toneladas no quinquênio 1940-44 e 103 372 em 1945-49, em comparação com 119 740 em 1935-39.

I PARTE

DEMOGRAFIA

SUMÁRIO: 1. Área e população da zona. — 2. Divisão administrativa. Área, população e densidade da população dos Municípios. — 3. Incremento demográfico entre 1940 e 1950. — 4. População urbana e rural. — 5. Composição da população segundo a côr. — 6. Composição da população segundo o sexo. — 7. Composição segundo o sexo e a idade. — 8. Distribuição da população de 10 anos e mais segundo ramos de atividade. — 9. Alfabetização.

1. A Zona Cacaueira abrange uma área de 27 403 quilômetros quadrados, que corresponde a menos de um vigésimo da área total do Estado da Bahia.

Entretanto a sua população*, que em 1.º de setembro de 1940 excedia 460 000 habitantes e em 1.º de julho de 1950 excedia 590 000, constitui cêrca de um oitavo da população total do Estado.

A importância demográfica da zona é, portanto, bem superior à sua importância territorial.

* * *

2. Administrativamente, a zona divide-se em 15 Municípios, que diferem fortemente entre si tanto pela extensão territorial como pelo número dos habitantes. Dados sôbre êstes assuntos constam da tabela 1.

A área média do Município é de 1827 quilômetros quadrados, mas o Município de menor extensão, Ubaitaba, abrange apenas 420 quilômetros quadrados, enquanto o de maior extensão, Canavieiras, abrange 4 923.

A população média do Município ascendia a 30 800 habitantes em 1940 e subiu para 39 383 em 1950. O Município menos populoso é o de Cairu, com 4 948 habitantes em 1940 e 5 121 em 1950; o mais populoso em 1940 era o de Ilhéus, com 113 269 habitantes; em 1950 passou para o primeiro lugar o de Itabuna, com 147 730 habitantes.

A densidade média da população na zona era de 16,86 habitantes por quilômetro quadrado em 1940 e aumentou para 21,56 em 1950.

Há grandes diferenças de densidade entre os diversos Municípios. Acham-se nos extremos da graduação o de Una, com a densidade menor (6,36 habitantes por quilômetro quadrado em 1940 e 7,78 em 1950), e o de Ipiaú, com a densidade maior (respectivamente, 32,11 e 45,85).

Discriminando-se na zona três subzonas, verifica-se que a menor densidade corresponde à meridional (Municípios de Una, Canavieiras e Belmonte; 9 673 quilômetros quadrados, com 72 931 habitantes em 1940 e 98 297 em 1950, e densidade, respectivamente, de 7,54 e 10,16 habitantes por quilômetro quadrado) e a maior à central (Municípios de Ubaitaba, Itacaré, Ilhéus e Itabuna; 9 309 quilômetros quadrados; 244 990 habitantes em 1940 e 319 100 em 1950; densidade 26,32 e 34,28), sendo intermêdia a densidade na subzona setentrional (Municípios de Valença, Cairu, Taperoá, Nilo Peçanha, Ituberá, Ipiaú, Camamu e Maraú; 8 421 quilômetros quadrados; 144 075 habitantes em 1940 e 173 353 em 1950; densidade 17,21 e 20,59).

* Todos os dados do censo de 1.º de julho de 1950 expostos no texto e nas tabelas foram tirados da *Seleção dos Principais Dados do Censo Demográfico de 1950 para o Estado da Bahia* publicada em outubro de 1952 pelo Serviço Nacional do Recenseamento.

Tabela 1

ZONA CACAUEIRA

Área, população e densidade da população em 1940 e em 1950, por Municípios

MUNICÍPIO	ÁREA km ²	POPULAÇÃO hab.		DENSIDADE DA POPULAÇÃO hab./km ²	
		1940*	1950**	1940*	1950**
1. Belmonte.....	3 290	27 580	33 115	8,38	10,07
2. Cairu.....	471	4 948	5 121	10,51	10,87
3. Camamu.....	1 752	22 312	23 834	12,74	13,60
4. Canavieiras.....	4 923	36 064	53 830	7,33	10,93
5. Ilhéus.....	3 603	113 269	134 240	31,44	37,26
6. Ipiaú.....	1 048	33 653	48 056	32,11	45,85
7. Itabuna.....	4 064	96 879	147 730	23,84	36,35
8. Itacaré.....	1 222	22 701	23 117	18,58	18,92
9. Ituberá.....	996	21 012	27 290	21,10	27,40
10. Maraú.....	695	11 205	8 307	16,12	11,95
11. Nilo Peçanha.....	985	12 508	18 108	12,70	18,38
12. Taperoá.....	665	8 995	9 580	13,53	14,41
13. Ubaitaba.....	420	12 141	14 013	28,91	33,36
14. Una.....	1 460	9 287	11 352	6,36	7,78
15. Valença.....	1 809	29 442	33 057	16,28	18,27
ZONA CACAUEIRA.....	27 403	461 996	590 750	16,86	21,56

* * *

3. A população da Zona Cacaueira teve considerável aumento no intervalo entre os últimos dois censos, subindo de 461 996 habitantes em 1940 para 590 750 em 1950, com o incremento relativo de 27,87%, sensivelmente superior à média do Estado (23,39%).

São fortes as diferenças entre os diversos Municípios, na variação do número dos habitantes entre 1940 e 1950. Apenas um dos 15 Municípios, o de Maraú, marca diminuição (na elevada proporção de 25,86%); nos demais, o incremento relativo varia entre o mínimo de 1,92%, em Itacaré, e o máximo de 52,49%, em Itabuna. Além deste último Município, registram incrementos superiores a 25% os de Canavieiras (49,26%), Nilo Peçanha (44,77%), Ipiaú (42,80%) e Ituberá (29,88%), como consta da tabela 2.

Considerando-se as subzonas discriminadas no § 2, verifica-se que na setentrional a população aumentou de 144 075 para 173 353, isto é, de 20,32%; na central, de 244 990 para 319 100, isto é, de 30,25%; na meridional, de 72 931 para 98 297, isto é, de 34,78%.

A subzona central é a de maior importância demográfica, incluindo mais da metade da população da zona (53,03% em 1940 e 54,02% em 1950). Nela predominam os Municípios de Itabuna e Ilhéus, com quase metade da população da zona (45,49% em 1940 e 47,73% em 1950). As percentagens que cabem a êsses e aos demais Municípios, da população total da zona, constam da tabela 2.

* População presente em 1.º de setembro de 1940.

** População presente em 1.º de julho de 1950.

Tabela 2

ZONA CACAUEIRA

Distribuição percentual da população por Municípios, em 1940 e em 1950 e variação percentual da população de 1940 a 1950, por Municípios

MUNICÍPIO	PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO DA ZONA		VARIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO ENTRE 1940 e 1950
	1940	1950*	
1. Belmonte.....	5,97	5,61	+ 20,07
2. Cairu.....	1,07	0,87	+ 3,50
3. Camamu.....	4,83	4,03	+ 6,82
4. Canavieiras.....	7,81	9,11	+ 49,26
5. Ilhéus.....	24,52	22,72	+ 18,51
6. Ipiaú.....	7,28	8,13	+ 42,80
7. Itabuna.....	20,97	25,01	+ 52,49
8. Itacaré.....	4,91	3,91	+ 1,92
9. Ituberá.....	4,55	4,62	+ 29,88
10. Maraú.....	2,42	1,41	- 25,86
11. Nilo Peçanha.....	2,71	3,07	+ 44,77
12. Taperoá.....	1,95	1,62	+ 6,50
13. Ubaitaba.....	2,63	2,37	+ 15,42
14. Una.....	2,01	1,92	+ 22,24
15. Valença.....	6,37	5,60	+ 12,28
ZONA CACAUEIRA.....	100,00	100,00	+ 27,87

* * *

4. São poucas e de modesta importância as verdadeiras cidades, na Zona Cacaueira.

De acordo com a nomenclatura administrativa, são "cidades" todas as sedes municipais, mas apenas em alguns casos os centros, ou aglomerações*, nestas existentes apresentam os caracteres demográficos e sociológicos da cidade. Ainda em 1950 dois destes centros contavam menos de 1 000 habitantes; mais três, menos de 2 000, e quatro outros, menos de 5 000.

As seis cidades com mais de 5 000 habitantes em 1950 são as constantes do quadro abaixo.

CIDADE	POPULAÇÃO	
	1940	1950
Itabuna.....	15 712	25 351
Ilhéus.....	15 566	22 593
Valença.....	9 636	11 492
Ipiaú.....	3 806	6 981
Canavieiras.....	5 587	6 579
Belmonte.....	6 137	5 204

* Como população do "centro", da "aglomeração" ou da "cidade" foi considerada a soma dos habitantes dos quadros administrativos urbano e suburbano do respectivo distrito.

A população dessas seis cidades constituía apenas 12,22% da população total da zona em 1940, e 13,24% em 1950. Além dessas cidades, contavam mais de 5 000 habitantes, em 1950, as aglomerações urbanas das vilas de Ibi-carai (9 312), do Município de Itabuna, e de Coaraci (7 126) e Itajuípe (5 339), do Município de Ilhéus.

Dados pormenorizados sobre a distribuição da população segundo a sede, em 1940, são apresentados na tabela 3. Naquela época, quase oito décimos dos habitantes, 79,02%, viviam em casas esparsas ou em pequenas aglomerações; apenas 2,81% em centros com 1 001 a 2 000 habitantes e 6,78% em centros com 2 001 a 5 000 habitantes; 11,39% em centros com mais de 5 000 habitantes.

Os dados correspondentes de 1950 constam da tabela 3 bis. A proporção dos habitantes da última classe de centros subiu para 16,92%, enquanto a da penúltima diminuiu levemente, para 6,14%. Houve, portanto, notável aumento da quota da população urbana, ficando todavia inalterado o caráter predominante rural da população da Zona Cacaueira, com 74,73% dos habitantes em casas esparsas ou em pequenas aglomerações e 2,20% em centros com 1 001 a 2 000 habitantes.

Nos próprios Municípios que compreendem os maiores centros urbanos da zona, a cidade e as vilas com mais de 5 000 habitantes contêm apenas a menor fração da população total: 23,46% em Itabuna, 26,12% em Ilhéus, segundo o censo de 1950.

Tabela 3

ZONA CACAUEIRA

Discriminação da população rural e urbana, em 1940, por Municípios

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO PRESENTE				Total
	Em casas esparsas e em pequenos centros	Em centros com			
		1 001 a 2 000 habitantes	2 001 a 5 000 habitantes	Mais de 5 000 habitantes	
1. Belmonte.....	20 004	1 439	—	6 137	27 580
2. Cairu.....	3 715	1 233	—	—	4 948
3. Camamu.....	20 408	1 904	—	—	22 312
4. Canavieiras.....	30 477	—	—	5 587	36 064
5. Ilhéus.....	83 523	—	14 180	15 566	113 269
6. Ipiaú.....	29 847	—	3 806	—	33 653
7. Itabuna.....	70 784	1 293	9 090	15 712	96 879
8. Itacaré.....	21 052	1 649	—	—	22 701
9. Ituberá.....	17 942	1 005	2 065	—	21 012
10. Maraú.....	9 772	1 433	—	—	11 205
11. Nilo Peçanha.....	11 338	1 170	—	—	12 508
12. Taperoá.....	7 152	1 843	—	—	8 995
13. Ubaitaba.....	9 960	—	2 181	—	12 141
14. Una.....	9 287	—	—	—	9 287
15. Valença.....	19 806	—	—	9 636	29 442
ZONA CACAUEIRA.....	365 067	12 969	31 322	52 638	461 996

Tabela 3 bis

ZONA CACAUEIRA

Discriminação da população rural e urbana, em 1950, por Municípios

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO PRESENTE				Total
	Em casas esparsas e em pequenos centros	Em centros com			
		1 001 a 2 000 habitantes	2 001 a 5 000 habitantes	Mais de 5 000 habitantes	
1. Belmonte.....	26 268	1 643	—	5 204	33 115
2. Cairu.....	3 980	1 141	—	—	5 121
3. Camamu.....	21 586	—	2 248	—	23 834
4. Canavieiras.....	45 423	1 828	—	6 579	53 830
5. Ilhéus.....	87 590	1 064	10 528	35 058	134 240
6. Ipiaú.....	35 656	—	5 419	6 981	48 056
7. Itabuna.....	102 822	1 214	9 031	34 663	147 730
8. Itacaré.....	20 064	3 053	—	—	23 117
9. Ituberá.....	23 090	—	4 200	—	27 290
10. Maráú.....	8 307	—	—	—	8 307
11. Nilo Peçanha.....	15 033	3 075	—	—	18 108
12. Taperoá.....	7 177	—	2 403	—	9 580
13. Ubaitaba.....	11 581	—	2 432	—	14 013
14. Una.....	11 352	—	—	—	11 352
15. Valença.....	21 565	—	—	11 492	33 057
ZONA CACAUEIRA.....	441 494	13 018	36 261	99 977	590 750

* * *

5. A composição étnica da população da Zona Cacaueira, em 1940, é caracterizada pela predominância do elemento mestiço, típica da Bahia.

Resumindo-se os dados da tabela 4, sobre a composição segundo a cor das populações dos diversos Municípios, obtêm-se os totais e podem-se calcular as proporções constantes do quadro abaixo.

GRUPO DE CÔR	PRESENTES EM 1940	
	Número absoluto	Porcentagem
Branços.....	127 504	27,60
Pardos.....	236 865	51,27
Pretos.....	97 241	21,05
Outros*.....	386	0,08
TOTAL.....	461 996	100,00

Há apenas pequenas diferenças entre a distribuição proporcional por grupo de cor da população masculina e a da feminina, como consta dos dados

* Amarelos (na maior parte, declarações erradas, tratando-se de pardos) e de cor não declarada.

abaixo. É possível que, pelo menos em parte, essas diferenças dependam da maior tendência das mulheres a declararem matizes mais claros do que os que lhes seriam atribuídos por um observador objetivo.

GRUPO DE CÔR	PERCENTAGEM EM 1940	
	Homens	Mulheres
Branços.....	27,14	28,11
Pardos.....	51,00	51,57
Pretos.....	21,78	20,24
Outros.....	0,08	0,08
<i>TOTAL</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>

A predominância dos elementos não-brancos é comum a 14 dos 15 Municípios da zona; verificam-se consideráveis diferenças na proporção dos brancos, como consta da seguinte graduação; porém, em 10 dos 15 Municípios ela está incluída entre 20% e 30%.

MUNICÍPIO	PERCENTAGEM DOS BRANCOS EM 1940
Canavieiras.....	57,62
Camamu.....	30,79
Una.....	29,96
Itabuna.....	29,31
Ipiaú.....	27,88
Valença.....	27,76
Cairu.....	26,30
Ubaitaba.....	25,32
Ituberá.....	23,67
Maraú.....	23,53
Ilhéus.....	22,46
Belmonte.....	22,14
Taperoá.....	19,75
Nilo Peçanha.....	19,70
Itacaré.....	14,73

Ainda não são conhecidos os resultados do censo de 1950 referentes à composição da população dos Municípios segundo a cor; é possível que eles se afastem sensivelmente dos de 1940, mais em virtude de modificações nos critérios de levantamento da cor do que por efeito de variações efetivamente ocorridas*.

* * *

* Essa advertência é justificada pelas observações feitas a respeito de outros Estados, para os quais já foram divulgadas as apurações da cor do censo de 1950, embora para o conjunto do Estado da Bahia os resultados dos dois últimos censos apresentem notável concordância.

Tabela 4

ZONA CACAUEIRA

Discriminação da população segundo o sexo e a cor, por Municípios, em 1940

MUNICÍPIO	BRANCOS		PARDOS		PRETOS		AMARELOS		DE CÔR NÃO DECLARADA		TOTAL		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens e mulheres
1. Belmonte.....	3 271	2 836	7 880	7 560	3 272	2 734	12	9	3	3	14 438	13 142	27 580
2. Cairu.....	627	674	1 215	1 190	645	597	—	—	—	—	2 487	2 461	4 948
3. Camamu.....	3 448	3 423	4 571	4 461	3 424	2 961	10	8	2	4	11 455	10 857	22 312
4. Canavieiras.....	11 037	9 744	3 268	3 100	4 863	3 904	69	75	2	2	19 239	16 825	36 064
5. Ilhéus.....	13 374	12 074	35 377	30 268	12 615	9 529	11	4	8	9	61 385	51 884	113 269
6. Ipiaú.....	4 734	4 648	9 348	9 352	2 862	2 703	1	2	1	2	16 946	16 707	33 653
7. Itabuna.....	14 638	13 752	28 034	24 883	8 361	7 172	3	—	17	19	51 053	45 826	96 879
8. Itacaré.....	1 768	1 575	7 741	7 058	2 480	2 077	—	—	—	2	11 989	10 712	22 701
9. Ituberá.....	2 428	2 546	5 883	5 893	2 214	2 037	—	—	7	4	10 532	10 480	21 012
10. Maraú.....	1 397	1 239	2 637	2 237	2 081	1 583	15	10	4	2	6 134	5 071	11 205
11. Nilo Peçanha.....	1 245	1 220	3 682	3 519	1 512	1 328	—	—	2	—	6 441	6 067	12 508
12. Taperoá.....	878	899	2 638	2 446	1 116	1 018	—	—	—	—	4 632	4 363	8 995
13. Ubaitaba.....	1 583	1 491	3 357	2 931	1 553	1 224	—	—	1	1	6 494	5 647	12 141
14. Una.....	1 516	1 267	1 250	1 094	2 364	1 778	12	2	1	3	5 143	4 144	9 287
15. Valença.....	3 944	4 228	6 927	7 065	3 503	3 731	1	—	24	19	14 399	15 043	29 442
ZONA CACAUEIRA.....	65 888	61 616	123 808	113 057	52 865	44 376	134	110	72	70	242 767	219 229	461 996

Tabela 5

ZONA CACAUEIRA

Composição por sexo da população presente, em 1940

MUNICÍPIO	HOMENS	MULHERES	HOMENS PARA 1 000 MULHERES
1. Belmonte.....	14 438	13 142	1 099
2. Cairu.....	2 487	2 461	1 011
3. Camamu.....	11 455	10 857	1 055
4. Canavieiras.....	19 239	16 825	1 143
5. Ilhéus.....	61 385	51 884	1 183
6. Ipiaú.....	16 946	16 707	1 014
7. Itabuna.....	51 053	45 826	1 114
8. Itacaré.....	11 989	10 712	1 119
9. Ituberá.....	10 532	10 480	1 005
10. Maraú.....	6 134	5 071	1 210
11. Nilo Peçanha.....	6 441	6 067	1 062
12. Taperoá.....	4 632	4 363	1 052
13. Ubaitaba.....	6 494	5 647	1 150
14. Una.....	5 143	4 144	1 241
15. Valença.....	14 399	15 043	957
ZONA CACAUEIRA.....	242 767	219 229	1 107

Tabela 5 bis

ZONA CACAUEIRA

Composição por sexo da população presente, em 1950

MUNICÍPIO	HOMENS	MULHERES	HOMENS PARA 1 000 MULHERES
1. Belmonte.....	17 653	15 462	1 142
2. Cairu.....	2 557	2 564	997
3. Camamu.....	12 154	11 680	1 041
4. Canavieiras.....	28 721	25 109	1 144
5. Ilhéus.....	71 199	63 041	1 129
6. Ipiaú.....	24 086	23 970	1 005
7. Itabuna.....	76 307	71 423	1 068
8. Itacaré.....	12 434	10 683	1 164
9. Ituberá.....	13 828	13 462	1 027
10. Maraú.....	4 316	3 991	1 081
11. Nilo Peçanha.....	9 304	8 804	1 057
12. Taperoá.....	4 838	4 742	1 020
13. Ubaitaba.....	7 457	6 556	1 137
14. Una.....	6 223	5 129	1 213
15. Valença.....	16 135	16 922	953
ZONA CACAUEIRA.....	307 212	283 538	1 083

6. A composição por sexo da população da Zona Cacaueira, em 1940, afastava-se do padrão predominante na Bahia.

Com efeito, contavam-se nessa zona 242 767 homens para 219 229 mulheres, com um excedente masculino de 23 538, enquanto no resto do Estado a população masculina, 1 671 101, ficava bem inferior à feminina, 1 785 015. Havia 1 107 homens para 1 000 mulheres na Zona Cacaueira, em comparação com apenas 936 para 1 000 no resto do Estado.

Tabela 6

ZONA CACAUEIRA

Distribuição da população segundo o sexo e a idade, por Municípios, em 1940

MUNICÍPIO	HABITANTES EM IDADE									Ignorada	TOTAL
	De 0 a 9 anos	De 10 a 19 anos	De 20 a 29 anos	De 30 a 39 anos	De 40 a 49 anos	De 50 a 59 anos	De 60 a 69 anos	De 70 a 79 anos	De 80 anos e mais		
HOMENS											
1. Belmonte.....	4 178	2 785	2 960	1 858	1 295	846	358	108	47	3	14 438
2. Cairu.....	711	526	394	298	230	163	119	34	12	—	2 487
3. Camamu.....	3 534	2 590	1 900	1 336	1 005	587	326	113	63	1	11 455
4. Canavieiras.....	5 375	3 734	3 823	2 878	1 840	929	462	130	65	3	19 239
5. Ilhéus.....	16 275	12 275	13 183	8 940	5 607	3 117	1 412	376	189	11	61 385
6. Ipiá.....	5 311	4 091	3 088	1 792	1 322	809	342	127	61	3	16 946
7. Itabuna.....	14 764	11 513	9 519	6 573	4 573	2 549	1 080	336	137	9	51 053
8. Itacaré.....	3 269	2 437	2 566	1 628	1 065	607	273	103	38	3	11 989
9. Ituberá.....	3 194	2 473	1 808	1 229	932	492	259	91	47	7	10 532
10. Marau.....	1 660	1 233	1 393	804	518	326	125	53	21	1	6 134
11. Nilo Peçanha.....	2 201	1 435	1 036	699	549	288	158	49	25	1	6 441
12. Taperoá.....	1 475	1 067	735	516	418	253	116	34	18	—	4 632
13. Ubaitaba.....	1 654	1 396	1 535	866	573	319	99	32	17	3	6 494
14. Una.....	1 406	1 067	1 064	708	470	268	112	34	12	2	5 143
15. Valença.....	4 397	3 325	2 308	1 583	1 293	784	465	156	82	6	14 399
ZONA CACAUEIRA...	69 404	51 947	47 312	31 708	21 690	12 337	5 706	1 776	834	53	242 767
MULHERES											
1. Belmonte.....	3 973	3 102	2 382	1 508	1 076	648	289	100	63	1	13 142
2. Cairu.....	728	528	375	307	218	161	82	36	26	—	2 461
3. Camamu.....	3 423	2 544	1 898	1 191	823	453	334	144	46	1	10 857
4. Canavieiras.....	5 299	3 868	3 230	2 030	1 212	666	297	140	79	4	16 825
5. Ilhéus.....	15 332	11 866	10 697	6 435	3 745	2 073	1 109	392	220	15	51 884
6. Ipiá.....	5 400	4 349	3 216	1 607	1 070	590	284	129	61	1	16 707
7. Itabuna.....	13 811	11 408	8 713	5 501	3 194	1 760	887	336	203	13	45 826
8. Itacaré.....	3 379	2 577	2 088	1 169	750	379	213	103	54	—	10 712
9. Ituberá.....	3 210	2 583	1 752	1 205	847	470	249	110	54	—	10 480
10. Marau.....	1 505	1 125	1 036	620	355	233	113	49	33	2	5 071
11. Nilo Peçanha.....	1 968	1 411	1 128	654	450	228	125	63	45	—	6 067
12. Taperoá.....	1 285	980	806	511	374	198	136	46	27	—	4 363
13. Ubaitaba.....	1 597	1 404	1 182	675	406	214	99	44	22	4	5 647
14. Una.....	1 347	1 000	827	461	254	139	61	40	14	1	4 144
15. Valença.....	4 339	3 225	2 605	1 766	1 349	839	536	247	133	4	15 043
ZONA CACAUEIRA...	66 596	51 970	41 935	25 640	16 123	9 051	4 809	1 979	1 080	46	219 229
HOMENS E MULHERES											
ZONA CACAUEIRA...	136 000	103 917	89 247	57 348	37 813	21 388	10 515	3 755	1 914	99	461 996

Essa peculiaridade da composição por sexo verifica-se em todos os grupos de côr, como se pode ver pela tabela 4. Contam-se 1 069 homens para 1 000 mulheres no grupo branco, 1 095 no pardo e 1 192 no prêto.

O excedente masculino na população da Zona Cacaueira depende principal e talvez exclusivamente da imigração de trabalhadores agrícolas, de outras partes do Estado e de outros Estados, para esta zona. Ver-se-á mais adiante que êsse excedente se localiza nas idades mais válidas.

A predominância masculina — como consta da tabela 5 — verifica-se em 14 dos 15 Municípios da zona, variando a proporção dos homens para 1 000 mulheres entre o máximo de 1 241 (Una) e o mínimo de 1 005 (Ituberá). O único Município com predominância feminina é o de Valença (957 homens para 1 000 mulheres).

Das três subzonas, a setentrional apresenta o menor excedente relativo masculino, com a proporção de 1 028 homens para 1 000 mulheres; a central, o maior, com a proporção de 1 148 por 1 000; na meridional, a proporção, de 1 138 para 1 000, é apenas levemente inferior à da central.

Em 1950, como consta da tabela 5 bis, permanece, embora um pouco atenuada, a predominância do sexo masculino sobre o feminino, contando-se na Zona Cacaueira 1 083 homens para 1 000 mulheres, em comparação com 931 para 1 000 no resto do Estado.

A predominância masculina verifica-se em 13 dos 15 Municípios, variando nestes a proporção dos homens para 1 000 mulheres entre o máximo de 1 213 (Una) e o mínimo de 1 005 (Ipiáu). Há leve preponderância feminina em Cairu (997 homens para 1 000 mulheres) e mais acentuada em Valença (953).

O menor excedente relativo masculino encontra-se ainda na zona setentrional, com 1 013 homens para 1 000 mulheres; o maior, na meridional, com 1 151 por 1 000; na zona central, a proporção se reduziu a 1 103 homens para 1 000 mulheres, tendo sido notável a diminuição do excedente masculino nos Municípios de Itabuna e Ilhéus.

* * *

Tabela 7

ZONA CACAUEIRA

Distribuição da população segundo o sexo e a idade, em 1940

IDADE Anos completos	POPULAÇÃO PRESENTE			DIFERENÇA H. — M.	PROPORÇÃO H. para 1000 M.
	Homens	Mulheres	Homens e mulheres		
0 a 9.....	69 404	66 596	136 000	+ 2 808	1 042
10 a 19.....	51 947	51 970	103 917	— 23	1 000
20 a 29.....	47 312	41 935	89 247	+ 5 377	1 128
30 a 39.....	31 708	25 640	57 348	+ 6 068	1 237
40 a 49.....	21 690	16 123	37 813	+ 5 567	1 345
50 a 59.....	12 337	9 051	21 388	+ 3 286	1 363
60 a 69.....	5 706	4 809	10 515	+ 897	1 187
70 a 79.....	1 776	1 979	3 755	— 203	897
80 e mais.....	834	1 080	1 914	— 246	772
Ignorada.....	53	46	99	+ 7	...
TOTAL.....	242 767	219 229	461 996	+ 23 538	1 219

Tabela 8

ZONA CACAUEIRA

Distribuição da população segundo o sexo e a idade, em 1940

Proporções por 100 000 habitantes

IDADE Anos completos	PROPORÇÕES POR 100 000 HABITANTES			PROPORÇÕES POR 100 000	
	Homens	Mulheres	Homens e mulheres	Homens	Mulheres
0 a 9.....	15 023	14 415	29 438	28 589	30 377
10 a 19.....	11 244	11 249	22 493	21 398	23 706
20 a 29.....	10 241	9 077	19 318	19 489	19 128
30 a 39.....	6 863	5 550	12 413	13 061	11 696
40 a 49.....	4 695	3 490	8 185	8 934	7 354
50 a 59.....	2 670	1 959	4 629	5 082	4 128
60 a 69.....	1 235	1 041	2 276	2 350	2 194
70 a 79.....	385	428	813	732	903
80 e mais.....	180	234	414	343	493
Ignorada.....	11	10	21	22	21
TOTAL.....	52 547	47 453	100 000	100 000	100 000

Tabela 9

ZONA CACAUEIRA

Discriminação por sexo da população em idades de 20 a 59 anos, em 1940

MUNICÍPIO	HABITANTES DE 20 A 59 ANOS		DIFE- RENÇA H. — M.	PRO- PORÇÃO H. para 1 000 M.
	Homens	Mulheres		
1. Belmonte.....	6 959	5 614	+ 1 345	1 240
2. Cairu.....	1 085	1 061	+ 24	1 023
3. Camamu.....	4 828	4 365	+ 463	1 106
4. Canavieiras.....	9 470	7 138	+ 2 332	1 327
5. Ilhéus.....	30 847	22 950	+ 7 897	1 344
6. Ipiaú.....	7 011	6 483	+ 528	1 081
7. Itabuna.....	23 214	19 168	+ 4 046	1 211
8. Itacaré.....	5 866	4 386	+ 1 480	1 337
9. Ituberá.....	4 461	4 274	+ 187	1 044
10. Maraú.....	3 041	2 244	+ 797	1 355
11. Nilo Peçanha.....	2 572	2 460	+ 112	1 046
12. Taperoá.....	1 922	1 889	+ 33	1 017
13. Ubaitaba.....	3 293	2 477	+ 816	1 329
14. Una.....	2 510	1 681	+ 829	1 493
15. Valença.....	5 968	6 559	— 591	910
ZONA CACAUEIRA.....	113 047	92 749	+ 20 298	1 219

7. Combinando-se a discriminação por sexo dos habitantes com a por idade, segundo o censo de 1940, obtêm-se os dados expostos na tabela 6, para os diversos Municípios, e resumidos na 7 em números absolutos e na 8 em relativos, para a Zona Cacaueira em conjunto.

As características gerais da população da zona — elevada proporção das idades infantis e adolescentes e baixa proporção das idades senis — são típicas das populações brasileiras, em geral. Entretanto, a comparação com o con-

junto do Estado da Bahia, efetuada no quadro abaixo, mostra que na Zona Cacaueira a primeira dessas características fica atenuada e a segunda acentuada, em consequência das imigrações, que elevam a proporção dos homens nas idades mais válidas.

IDADE Anos completos	PROPORÇÕES POR 100 000 HABITANTES EM 1940					
	Zona Cacaueira			Bahia		
	Homens	Mulheres	Homens e mulheres	Homens	Mulheres	Homens e mulheres
0 a 19.....	26 267	25 664	51 931	26 576	26 771	53 347
20 a 29.....	24 469	20 076	44 545	20 127	21 794	41 921
60 e mais.....	1 800	1 703	3 503	2 127	2 565	4 692
Ignorada.....	11	10	21	17	23	40
<i>TOTAL</i>	<i>52 547</i>	<i>47 453</i>	<i>100 000</i>	<i>48 847</i>	<i>51 153</i>	<i>100 000</i>

Se fôr considerada especialmente apta para as atividades econômicas a população em idades de 20 a 59 anos, a sua proporção total resulta ser de 44,55% na Zona Cacaueira (discriminando-se em 24,47% de homens e 20,08% de mulheres), em comparação com 41,92% no conjunto da Bahia (20,13% homens e 21,79% mulheres).

Localiza-se, portanto, principalmente nas idades mais válidas o excedente masculino, característico da população da zona. Os homens de 20 a 59 anos constituem quase um quarto desta população, enquanto no conjunto do Estado a proporção correspondente excede de pouco um quinto.

Pelos dados da tabela 7, vê-se que nas idades de 0 a 9 anos o excedente masculino é de 4,2%, refletindo apenas a maior freqüência de nascimentos dêsse sexo. Nas idades de 10 a 19 anos, a comparação é perturbada pelas declarações de idades inferiores às efetivas, freqüentes entre as mulheres; é possível que na realidade, em vez do equilíbrio quase perfeito entre os dois sexos, indicado pelos dados censitários, haja ainda leve prevalência masculina, contribuindo para esta as imigrações interiores. Acentua-se cada vez mais essa prevalência nos grupos de idade seguintes: o número dos homens excede o das mulheres de 12,8% no grupo de 20 a 29 anos, de 23,7% no de 30 a 39, de 34,5% no de 40 a 49 e de 36,3% no de 50 a 59. Provavelmente, ficariam um pouco diminuídas as duas últimas proporções de excedente e aumentadas as duas primeiras, se fôsse possível eliminar o efeito dos erros de rejuvenescimento nas declarações de idade por parte das mulheres. No grupo de 60 a 69 anos, ainda há um excedente masculino bastante elevado, de 18,7%, mas já no de 70 a 79 prevalece o sexo feminino e esta prevalência se torna relativamente maior nas idades de 80 anos e mais, contribuindo para ela principalmente a maior mortalidade masculina e a re-emigração dos imigrados que ficam velhos e inválidos, e secundariamente a maior freqüência das declarações de idade superior às efetivas (erros de envelhecimento) por parte das mulheres.

No conjunto das idades de 20 a 59 anos, verificava-se na Zona Cacaueira, em 1940, um excedente de 21,9 homens por 100 mulheres. Esta proporção é a média ponderada de proporções fortemente diferentes para os diversos Municípios, em 14 dos quais se encontra nessas idades um excedente masculino, que varia entre o mínimo de 1,7% (Taperoá) e o máximo de 49,3% (Una), enquanto no restante Município (Valença) se verifica deficit masculino de 9,0%. Os números absolutos de homens e mulheres de 20 a 59 anos nos diversos Municípios e as respectivas diferenças e proporções constam da tabela 9.

Resumindo-se os dados por subzonas, verifica-se que para o excedente masculino total de 20 298 nas idades de 20 a 59 anos contribui principalmente a subzona central, com 14 239, seguindo-se em segundo lugar a meridional, com 4 506, e em terceiro a setentrional, com apenas 1 553. Em dados relativos, todavia, cabe o primeiro lugar à subzona meridional com o excedente de 31,2 homens por 100 mulheres, seguindo-se, bem próxima, a central com 29,1%, e, bem distante, a setentrional com 5,3%. Em todos os 7 Municípios das subzonas meridional e central, mas apenas em um dos 3 da subzona setentrional, o excedente relativo é superior a 20%.

* * *

8. A distribuição da população de 10 anos e mais segundo ramos de atividade, por sexo, de acordo com o censo de 1940, consta da tabela 10, para os diversos Municípios, e da 11, para o conjunto da Zona Cacaueira.

As atividades econômicas predominantes, como ocupação principal, são as agrícolas e pecuárias, nas quais estão ocupados 63,76% dos homens de 10 anos e mais. Em outras atividades extra-domésticas estão ocupados apenas 20,21% dos mesmos, dos quais 2,51% em indústrias extrativas e 6,26% em indústrias de transformação, 4,41% no comércio e crédito, 2,39% nos transportes e comunicações, 3,43% em serviços e atividades sociais e 1,21% em profissões liberais, na administração pública e na defesa nacional. A restante fração da população masculina de 10 anos e mais compreende os 5,11% ocupados em atividades escolares (discentes) ou em atividades domésticas e os 10,92% inativos (na maior parte tais em consequência da idade ou de invalidez).

A predominância das atividades agrícolas é quase geral nos Municípios da zona, sendo constituída a única exceção pelo Município de Cairu, de pequena importância demográfica, onde é maior o número dos ocupados em indústrias extrativas. Essa predominância é atestada e medida pelos dados do quadro abaixo.

MUNICÍPIO	OCUPADOS EM ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS POR 100 HOMENS DE 10 ANOS E MAIS
Taperoá.....	76,50
Una.....	73,99
Ipiaú.....	72,38
Maraú.....	72,35
Itacaré.....	72,03
Nilo Peçanha.....	70,21
Ubaitaba.....	64,86
Valença.....	64,70
Belmonte.....	64,54
Ituberá.....	64,34
Camamu.....	62,85
Canavieiras.....	62,62
Itabuna.....	61,32
Ilhéus.....	60,01
Cairu.....	28,15

Nos próprios Municípios que contêm as principais cidades da zona, é elevada e predominante a proporção dos homens ocupados em atividades agrícolas, enquanto se mantém muito baixa a proporção dos ocupados em indústrias de transformação (6,89% em Itabuna, 6,54% em Ilhéus). Excede a média da zona, nesses Municípios, a proporção dos ocupados em atividades do comércio e crédito (5,08% em Itabuna, 5,60% em Ilhéus). É relativamente elevada em Ilhéus (3,59%), mas baixa em Itabuna (1,19%), a proporção dos ocupados nos transportes e comunicações.

Tabela 10

ZONA CACAUEIRA

População segundo ramos de atividade, por sexo, em 1940

MUNICÍPIO	RAMO DE ATIVIDADE*												TOTAL
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	
HOMENS													
1. Belmonte.....	6 622	428	587	458	5	334	65	6	25	407	537	786	10 260
2. Cairu.....	500	750	85	50	—	73	19	7	5	42	138	107	1 776
3. Camamu.....	4 978	644	381	238	—	224	36	13	12	181	368	846	7 921
4. Canavieiras.....	8 681	372	849	500	6	473	70	30	31	392	599	1 861	13 864
5. Ilhéus.....	27 071	783	2 948	2 459	66	1 620	540	167	191	2 221	2 714	4 330	45 110
6. Ipiatã.....	8 421	32	707	598	4	152	49	15	30	222	584	821	11 635
7. Itabuna.....	22 252	117	2 500	1 790	55	432	207	45	121	1 318	1 810	5 642	36 289
8. Itacaré.....	6 281	59	495	206	—	294	47	9	12	224	314	779	8 720
9. Ituberá.....	4 721	130	450	277	—	86	46	7	15	245	311	1 050	7 338
10. Maraú.....	3 237	105	444	50	—	72	25	5	5	59	148	324	4 474
11. Nilo Peçanha.....	2 977	214	102	50	—	17	16	2	4	51	114	693	4 240
12. Taperoá.....	2 415	96	66	77	1	20	27	5	4	64	153	229	3 157
13. Ubaitaba.....	3 139	36	280	304	3	216	42	5	19	144	272	380	4 840
14. Una.....	2 765	96	86	65	1	32	24	3	5	64	101	495	3 737
15. Valença.....	6 471	493	867	387	1	103	66	11	14	311	689	589	10 002
ZONA CACAUEIRA....	110 531	4 355	10 847	7 509	142	4 148	1 279	330	493	5 945	8 852	18 932	173 363
MULHERES													
1. Belmonte.....	179	12	18	18	—	4	23	—	16	340	7 990	569	9 169
2. Cairu.....	205	57	173	2	—	—	12	—	—	105	1 111	68	1 733
3. Camamu.....	393	38	67	8	—	2	14	1	1	257	5 907	746	7 434
4. Canavieiras.....	168	5	10	9	—	4	21	1	12	217	9 518	1 561	11 526
5. Ilhéus.....	1 120	12	132	135	5	13	84	1	114	1 823	29 283	3 830	36 552
6. Ipiatã.....	1 630	1	66	6	—	1	21	—	8	615	8 353	606	11 307
7. Itabuna.....	615	—	34	73	3	5	51	—	35	995	27 059	3 145	32 015
8. Itacaré.....	293	1	3	5	—	1	9	—	—	245	6 029	747	7 333
9. Ituberá.....	785	9	17	11	—	3	16	—	5	416	5 032	976	7 270
10. Maraú.....	340	1	20	1	—	1	9	—	1	104	2 798	291	3 566
11. Nilo Peçanha.....	450	77	3	3	—	1	7	—	2	97	2 795	664	4 099
12. Taperoá.....	294	—	2	8	—	—	10	—	5	192	2 382	185	3 078
13. Ubaitaba.....	164	—	4	14	1	2	8	—	3	220	3 226	408	4 050
14. Una.....	82	5	2	1	1	—	4	—	3	32	2 316	351	2 797
15. Valença.....	1 364	6	974	33	—	2	28	—	20	411	7 445	421	10 704
ZONA CACAUEIRA....	8 082	224	1 525	327	10	39	317	3	225	6 069	121 244	14 568	152 633
HOMENS E MULHERES													
ZONA CACAUEIRA....	118 613	4 579	12 372	7 836	152	4 187	1 596	333	718	12 014	130 096	33 500	325 996

* Os ramos de atividade, aqui indicados pelos números de ordem, estão especificados na tabela 11.

Da população feminina de 10 anos e mais, apenas uma pequena fração (11,03%) é ocupada em atividades extra-domésticas, destacando-se entre estas as agropecuárias, com 5,29%, e as sociais, com 3,98%. É pequeníssima (1,00%) a proporção das ocupadas nas indústrias de transformação e mínima (0,22%) a das ocupadas no comércio e crédito. A grande maioria das mulheres de 10 anos e mais (79,43%) está ocupada em atividades domésticas ou escolares, contribuindo estas últimas apenas com pequena fração para o total. A proporção das inativas — na maior parte, por causa de idade ou de invalidez — é pouco superior a um décimo (10,28%).

Essas características são comuns a todos os Municípios da zona, onde a proporção das mulheres ocupadas em atividades extra-domésticas é sempre baixa, embora excedendo em alguns casos a média da zona (as proporções mais elevadas verificam-se em Cairu, 31,86% — sendo porém pequeno o número absoluto —, em Valença, 26,51%, e em Ipiaú, 20,77%).

Cumprе advertir que os resultados do censo demográfico, comentados acima, não fornecem um quadro completo da participação da mulher nas atividades agrícolas e pecuárias. Com efeito, além das mulheres que declararam exercer tais atividades como ocupação principal, há outras que as exercem como ocupação suplementar. No conjunto da Bahia, foram 162 188 as primeiras e 53 541 as segundas (que se reduzem a 52 802, excluindo-se as que tinham também a ocupação principal no mesmo ramo). Não foram publicados dados por Municípios, mas parece lícito supor que na Zona Cacaueira a proporção das mulheres com ocupação suplementar em atividades agropecuárias não se afaste da média estadual. De acôrdo com essa hipótese, às 8 082 mulheres com ocupação principal deveriam ser acrescentadas 2 631 com ocupação suplementar em atividades agrícolas e pecuárias, na Zona Cacaueira.

Mas, apesar dessa adição, os dados do censo demográfico estão ainda muito longe de representar adequadamente a participação feminina nessas atividades, como se verá mais adiante examinando os dados do censo agrícola.

Tabela 11

ZONA CACAUEIRA

Distribuição da população de 10 anos e mais segundo o sexo e o ramo de atividade principal, em 1940

RAMO DE ATIVIDADE	NÚMEROS ABSOLUTOS		PERCENTAGENS	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
I. Agricultura, pecuária, etc.....	110 531	8 082	63,76	5,29
II. Indústrias extrativas.....	4 355	224	2,51	0,15
III. Indústrias de transformação.....	10 847	1 525	6,26	1,00
IV. Comércio de mercadorias.....	7 509	327	4,33	0,21
V. Comércio de valores, etc.....	142	10	0,08	0,01
VI. Transportes e comunicações.....	4 148	39	2,39	0,03
VII. Administração pública, justiça e ensino público.....	1 279	317	0,74	0,21
VIII. Defesa nacional e segurança pública..	330	3	0,19	0,00
IX. Profissões liberais, culto, ensino particular, etc.....	493	225	0,28	0,15
X. Serviços e atividades sociais.....	5 945	6 069	3,43	3,98
XI. Atividades domésticas e escolares....	8 852	121 244	5,11	79,43
XII. Inativos, etc.....	18 932	14 568	10,92	9,54
TOTAL.....	173 363	152 633	100,00	100,00

Tabela 12

ZONA CACAUEIRA

Número e proporção dos habitantes de 5 anos e mais que sabem ler e escrever em 1940, por Municípios

MUNICÍPIO	HABITANTES DE 5 ANOS E MAIS					
	Em total		Que sabem ler e escrever		Porcentagem dos que sabem ler e escrever	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1. Belmonte.....	12 300	11 034	4 356	3 318	35,41	30,07
2. Cairu.....	2 113	2 076	960	965	45,43	46,48
3. Camamu.....	9 603	9 063	2 245	1 604	23,38	17,70
4. Canavieiras.....	16 394	13 963	5 253	3 806	32,04	27,26
5. Ilhéus.....	52 416	43 571	20 212	13 661	38,56	31,35
6. Ipiaú.....	14 198	13 896	3 494	2 052	24,61	14,77
7. Itabuna.....	43 472	38 624	14 555	9 659	33,48	25,01
8. Itacaré.....	10 206	8 830	2 876	1 725	28,18	19,54
9. Ituberá.....	8 920	8 827	1 978	1 404	22,17	15,91
10. Maraú.....	5 291	4 263	1 129	717	21,34	16,82
11. Nilo Peçanha....	5 336	5 030	733	583	13,74	11,59
12. Taperoá.....	3 859	3 717	653	703	16,92	18,91
13. Ubaitaba.....	5 624	4 781	1 790	1 082	31,83	22,63
14. Una.....	4 421	3 405	1 300	704	29,41	20,68
15. Valença.....	12 135	12 755	2 784	2 909	22,94	22,81
ZONA CACAUEIRA	206 288	183 835	64 318	44 892	31,18	24,42

Tabela 12 bis

ZONA CACAUEIRA

Número e proporção dos habitantes de 5 anos e mais que sabem ler e escrever em 1950, por Municípios

MUNICÍPIO	HABITANTES DE 5 ANOS E MAIS					
	Em total		Que sabem ler e escrever		Porcentagem dos que sabem ler e escrever	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1. Belmonte.....	14 982	13 019	4 984	3 574	33,27	27,45
2. Cairu.....	2 123	2 154	960	956	45,22	44,38
3. Camamu.....	10 118	9 692	2 429	1 949	24,01	20,11
4. Canavieiras.....	24 291	20 833	8 457	5 811	34,82	27,89
5. Ilhéus.....	60 702	52 785	23 920	17 830	39,41	33,78
6. Ipiaú.....	19 806	19 967	5 759	4 248	29,08	21,28
7. Itabuna.....	63 797	59 440	23 432	16 921	36,73	28,47
8. Itacaré.....	10 455	8 776	2 595	1 634	24,82	18,62
9. Ituberá.....	11 655	11 394	2 644	1 913	22,69	16,79
10. Maraú.....	3 627	3 287	1 073	699	29,58	21,27
11. Nilo Peçanha....	7 548	7 188	1 448	1 469	19,18	20,44
12. Taperoá.....	4 037	3 957	869	803	21,53	20,29
13. Ubaitaba.....	6 307	5 413	1 774	1 157	28,13	21,37
14. Una.....	5 281	4 198	1 905	1 082	36,07	25,77
15. Valença.....	13 423	14 301	3 575	3 763	26,63	26,31
ZONA CACAUEIRA	258 152	236 404	85 824	63 809	33,25	26,99

9. O censo demográfico de 1940 fornece, ainda, notícias sobre a alfabetização.

Na Zona Cacaueira, apenas 109 210 dos 390 123 habitantes em idades de 5 anos e mais sabem ler e escrever. A respectiva proporção, de 27,99%, embora um pouco superior à média do Estado (23,73%), é muito baixa.

A alfabetização é nitidamente menor entre as mulheres (24,42%) do que entre os homens (31,18%).

As proporções dos habitantes de 5 anos e mais que sabem ler e escrever variam fortemente nos diversos Municípios, ficando, porém, sempre abaixo de 50%. A mais elevada, a do Município de Cairu, atinge 45,95%; a mais baixa, a do Município de Nilo Peçanha, desce para 12,70%. Como consta da tabela 12, a proporção dos que sabem ler e escrever na população masculina de 5 anos e mais excede 40% em 1 Município, 30% em mais 5 e 20% em mais 7, ficando abaixo desse limite nos 2 restantes. Na população feminina de 5 anos e mais, sabem ler e escrever mais de 40% apenas em 1 Município, mais de 30% em 2 outros, mais de 20% em 5 outros, enquanto ascende a 7 o número dos Municípios onde essa proporção não atinge o último limite. Os dois Municípios que contêm as principais cidades, Ilhéus e Itabuna, apresentam proporções de alfabetizados superiores às médias da zona, mas a diferença é pequena, especialmente no que diz respeito a Itabuna.

Nas três subzonas, que foram discriminadas no § 2, a proporção dos habitantes de 5 anos e mais que sabem ler e escrever passa de 20,58% na setentrional para 31,59% na central e 30,46% na meridional.

As informações correspondentes obtidas pelo censo de 1950 mostram leve progresso da alfabetização na Zona Cacaueira, tendo subido para 30,26% a proporção dos habitantes de 5 anos e mais que sabem ler e escrever (e, em particular, para 33,25% no sexo masculino e para 26,99% no feminino). Nos Municípios, a proporção mais elevada é ainda a de Cairu (44,80%); as mais baixas são as de Nilo Peçanha (19,80%) e de Ituberá (19,77%).

Houve progresso da alfabetização, entre 1940 e 1950, na maior parte dos Municípios, como se pode verificar comparando os dados da tabela 12 bis com os da tabela 12. Entretanto, nos Municípios de Belmonte, Cairu, Ituberá e Ubaitaba, a alfabetização diminuiu.

Entre as três subzonas, a setentrional apresenta a proporção de 23,95% habitantes de 5 anos e mais que sabem ler e escrever, a central a de 33,35% e a meridional a de 31,25%, em 1950.

II PARTE

ESTRUTURA DA ECONOMIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA

SUMÁRIO: 1. Número e área dos estabelecimentos agropecuários e relação entre esta e a área territorial. — 2. Aproveitamento da área dos estabelecimentos. — 3. Tipos de exploração: agrícola, pecuária, mista. Exploração em pequena e em grande escala. — 4. Área média do estabelecimento, em geral e nos diversos tipos de exploração. — 5. Valor dos estabelecimentos; valor médio do estabelecimento. — 6. Valor da produção de 1939; valor médio por estabelecimento e por hectare. — 7. Valor das diversas categorias de produtos: agrícolas, animais e de origem animal, extrativos. — 8. Pessoal ocupado nos estabelecimentos; discordância entre os resultados do censo agrícola e do demográfico, e suas causas. — 9. Pessoal ocupado: médias por estabelecimento e por 100 hectares. Valor médio da produção por pessoa ocupada. — 10. Composição do pessoal: sexo, idade, ocupação permanente ou temporária. Discriminação do pessoal permanente segundo as classes econômicas dos responsáveis pela exploração e membros das suas famílias e dos colonos e empregados. — 11. Distribuição dos estabelecimentos segundo classes de área. Importância comparativa e características das diferentes classes. Número, área, pessoal e valor da produção dos estabelecimentos de cada classe. — 12. O pessoal em relação à área, nas diferentes classes. — 13. Tipos de propriedade. — 14. Formas de gestão dos estabelecimentos. — 15. Principais produções agrícolas em 1939. — 16. A produção de cacau. — 17. As produções de mandioca, feijão, milho, arroz e laranja. — 18. As produções de cana de açúcar, café, fumo e mamona. — 19. O gado nos estabelecimentos agropecuários da zona.

1. Os estabelecimentos agrícolas e pecuários da Zona Cacaueira incluídos no censo agrícola de 1940 ascendem a 26 340 e abrangem, segundo as declarações dos informantes, a área de 1 323 203 hectares*. Cumpre advertir que essas declarações em geral dão apenas valores aproximados das áreas, faltando um cadastro baseado em levantamentos topográficos e sendo amiúde conhecida apenas vagamente pelos proprietários ou outros responsáveis a superfície dos estabelecimentos por eles possuídos ou administrados.

A área dos estabelecimentos agrícolas e pecuários da zona constitui quase um décimo (9,87%) da área dos estabelecimentos da Bahia, enquanto a área territorial da zona não chega a um vigésimo (4,88%) do total estadual.

A área dos estabelecimentos agrícolas e pecuários compreende pouco menos da metade (48,29%) da área territorial da zona, que ascende a 2 740 300 hectares. Restam, portanto, vastas áreas não aproveitadas pela agricultura nem pela pecuária*.

Nos diversos Municípios a proporção entre a área dos estabelecimentos agropecuários e a área territorial varia fortemente, entre o mínimo de 16,91% em Taperoá, e o máximo de 66,94% em Ilhéus, excedendo 50% apenas em 6 Municípios, como consta da tabela 13.

Pelos dados desta tabela podem ser calculadas as áreas não incluídas nos estabelecimentos agropecuários (e, portanto, na maior parte não exploradas), existentes nos diversos Municípios. Confrontam-se abaixo essas áreas com as incluídas nos estabelecimentos, sendo dispostos os Municípios segundo a ordem decrescente da importância destas últimas.

* A proporção da área incluída nos estabelecimentos agropecuários na Zona Cacaueira é, entretanto, bem superior à média do Estado, que atinge apenas 23,78% (Veja-se o volume "Estudos de Estatística Teórica e Aplicada, Estatística Agrícola N.º 13", I.B.G.E., 1952, pág. 7. Nas citações sucessivas, esse volume será abreviadamente indicado por E.A., 13).

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (ha)	
	Incluída	Não incluída
	Nos estabelecimentos agropecuários	
Itabuna.....	273 297	133 103
Ilhéus.....	247 869	112 431
Canavieiras.....	186 598	305 702
Belmonte.....	161 253	167 747
Itacaré.....	67 176	55 024
Ipiaú.....	62 277	42 523
Una.....	58 883	87 117
Camamu.....	56 065	119 135
Valença.....	48 823	132 077
Maraú.....	34 652	34 848
Ituberá.....	33 411	66 189
Nilo Peçanha.....	32 663	65 837
Cairu.....	25 042	22 058
Ubaitaba.....	23 947	18 053
Taperoá.....	11 247	55 253

Nas três subzonas que foram discriminadas na primeira parte do presente ensaio, difere a proporção da área incluída nos estabelecimentos agropecuários, como consta da seguinte comparação.

SUBZONA	ÁREA TERRITORIAL (ha)		PERCENTAGEM DA ÁREA TERRITORIAL INCLUÍDA NOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS
	Incluída	Não incluída	
	Nos estabelecimentos agropecuários		
Setentrional.....	304 180	537 920	36,12
Central.....	612 289	318 611	65,77
Meridional.....	406 734	560 566	42,05

O aproveitamento agropecuário da área disponível é máximo na subzona central, onde a proporção da área incluída nos estabelecimentos se aproxima de dois terços; mínimo na subzona setentrional, onde essa proporção apenas excede um terço.

Os estabelecimentos da subzona central compreendem 46,27% da área total dos estabelecimentos da zona; os da subzona meridional, 30,74%; os da setentrional, 22,99%.

Tabela 13

ZONA CACAUEIRA

Proporção da área territorial incluída nos estabelecimentos agropecuários, em 1940

MUNICÍPIO	a ÁREA DO MUNICÍPIO* ha	b ÁREA DOS ESTABELE- CIMENTOS ha	c = 100 b/a
1. Belmonte.....	329 000	161 253	49,01
2. Cairu.....	47 100	25 042	53,17
3. Camamu.....	175 200	56 065	32,00
4. Canavieiras.....	492 300	186 598	37,90
5. Ilhéus.....	360 300	247 869	66,94
6. Ipiatú.....	104 800	62 277	59,42
7. Itabuna.....	406 400	273 297	59,36
8. Itacaré.....	122 200	67 176	54,97
9. Ituberá.....	99 600	33 411	33,65
10. Maraú.....	69 500	34 652	49,78
11. Nilo Peçanha.....	98 500	32 663	33,16
12. Taperoá.....	66 500	11 247	16,91
13. Ubaitaba.....	42 000	23 947	57,02
14. Una.....	146 000	58 883	40,33
15. Valença.....	180 900	48 823	26,99
ZONA CACAUEIRA.....	2 740 300	1 323 203	48,29

* * *

2. Em conjunto, a área do território da Zona Cacaueira não incluído nos estabelecimentos agropecuários ascende a 1 417 097 hectares. É certo que partes desta área não podem ser aproveitadas pela agricultura e pela pecuária, mas a maior parte dela deveria ser suscetível de aproveitamento.

Da própria área dos estabelecimentos, menos da metade é destinada à cultura ou à criação do gado. Os dados da tabela 14 mostram que, dos 1 323 203 hectares, área total dos estabelecimentos, apenas 296 376, ou 22,40%, são destinados a lavouras permanentes, 53 317, ou 4,03%, a lavouras temporárias, e 220 737, ou 16,68%, a pastagens. Da superfície restante, 520 651 hectares, ou 39,35% do total, são ocupados por matas, indispensáveis para a conservação do solo e úteis para o equilíbrio meteorológico, mas de baixo rendimento econômico; 166 633 hectares, ou 12,59%, não são explorados e 65 489, ou 4,95%, são improdutivos pela sua própria natureza (ou, pelo menos, são considerados tais pelos informantes do censo agrícola)**.

A predominância das lavouras permanentes sobre as temporárias reflete principalmente a larga extensão da cultura cacaueira, típica da zona, à qual são sacrificadas outras culturas, como as dos cereais e seus sucedâneos, mais importantes em outras zonas da Bahia. A superfície, relativamente modesta, das pastagens, indica a importância apenas secundária das atividades pecuárias na economia local.

* Especificam-se abaixo as percentagens da área territorial da zona correspondentes aos diversos Municípios, indicados pelos respectivos números de ordem.

1. 12,01	4. 17,97	7. 14,83	10. 2,54	13. 1,53
2. 1,72	5. 13,15	8. 4,46	11. 3,59	14. 5,33
3. 6,39	6. 3,82	9. 3,63	12. 2,43	15. 6,60

** A proporção das lavouras na Zona Cacaueira, 26,43%, é muito superior à média da Bahia, que atinge apenas 10,70% (3,74% permanentes e 6,96% temporárias). A proporção das pastagens, 16,68%, é inferior à média estadual, 24,93%. A proporção das matas, 39,35%, excede fortemente a média estadual, 28,37%. A proporção das terras não aproveitadas ou improdutivas, 17,54%, fica muito abaixo da média estadual, 36,00%. Veja-se E. A., 13, págs. 11 a 14.

Os dados por Municípios, da tabela 14, mostram que mais de dois terços da área das lavouras permanentes correspondem aos Municípios de Ilhéus, Itabuna, Canavieiras, Belmonte e Itacaré, que em torno de 1940 davam mais de três quartos da produção de cacau da Bahia.

Esses mesmos Municípios possuem pouco mais de quatro décimos da área das lavouras temporárias. As maiores extensões de lavouras permanentes cabem aos Municípios de Ilhéus e Itabuna; as maiores extensões de lavouras temporárias, aos de Valença e Ilhéus.

Tanto pela extensão das pastagens como pela das matas, encontra-se em primeiro lugar o Município de Itabuna e em segundo o de Ilhéus.

As maiores áreas não exploradas ou improdutivas correspondem aos Municípios de Ilhéus, de Belmonte e de Valença.

A discriminação proporcional da área dos estabelecimentos de cada Município, segundo o tipo de aproveitamento, consta da tabela 15, na qual estão reduzidos a percentagens os dados da 14.

Em 3 dos 15 Municípios da zona (Ubaitaba, Ilhéus e Una) a proporção da área dos estabelecimentos ocupada pelas lavouras permanentes excede 30%; em 6 outros, excede 20%.

A proporção ocupada pelas lavouras temporárias não atinge 20% em nenhum Município e apenas em 2 (Valença e Taperoá) excede 10%.

A proporção das pastagens excede 20% apenas em 2 Municípios (Itabuna e Ipiaú).

É elevada, em geral, a proporção das matas, excedendo 40% da área dos estabelecimentos em 5 Municípios (Cairu, Canavieiras, Itabuna, Belmonte e Camamu), 30% em 4 outros e 20% em mais 5.

A proporção das áreas não exploradas ou improdutivas excede 40% em 2 Municípios (Valença e Cairu), 30% em 2 outros e 20% em 2 outros.

Tabela 14

ZONA CACAUEIRA

Discriminação da área dos estabelecimentos segundo o aproveitamento, em 1940

MUNICÍPIO	ESTABELECIMENTOS RECENTES	ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS (ha)						Total
		Lavouras		Pastagens	Matas	Partes não exploradas	Partes improdutivas	
		Permanentes	Temporárias					
1. Belmonte.....	2 062	22 687	4 033	28 969	77 099	16 527	11 938	161 253
2. Cairu.....	214	431	166	54	13 519	6 395	4 477	25 042
3. Camamu.....	2 718	13 375	4 244	5 772	24 557	5 907	2 210	56 065
4. Canavieiras.....	2 957	34 935	3 992	22 773	100 261	17 367	7 270	186 598
5. Ilhéus.....	4 071	79 880	7 775	42 452	76 166	26 758	14 838	247 869
6. Ipiaú.....	1 313	16 847	5 815	13 850	15 868	7 679	2 218	62 277
7. Itabuna.....	4 231	52 744	4 808	69 101	132 317	10 059	4 268	273 297
8. Itacaré.....	1 737	18 951	2 048	12 790	20 848	9 537	3 002	67 176
9. Ituberá.....	1 044	8 501	2 069	5 618	11 119	4 204	1 900	33 411
10. Maraú.....	1 210	9 064	1 942	3 534	9 807	8 801	1 504	34 652
11. Nilo Peçanha.....	1 079	7 056	2 446	3 526	7 708	10 716	1 211	32 663
12. Taperoá.....	734	1 860	1 748	992	3 483	2 628	536	11 247
13. Ubaitaba.....	611	9 116	577	4 502	5 004	3 583	1 165	23 947
14. Una.....	1 497	18 219	2 120	3 894	15 458	14 443	4 749	58 883
15. Valença.....	862	2 710	9 534	2 910	7 437	22 029	4 203	48 823
ZONA CACAUEIRA.....	26 340	296 376	53 317	220 737	520 651	166 633	65 489	1 323 203

Tabela 15

ZONA CACAUEIRA

Discriminação percentual da área dos estabelecimentos segundo o aproveitamento, por Municípios, em 1940

MUNICÍPIO	FORMA DE APROVEITAMENTO					TOTAL	
	Lavouras		Pastagens	Matas	Partes não exploradas		Partes improdutivas
	Permanentes	Temporárias					
1. Belmonte.....	14,07	2,50	17,97	47,81	10,25	7,40	100,00
2. Csiru.....	1,72	0,66	0,22	53,98	25,54	17,88	100,00
3. Camamu.....	23,86	7,57	10,29	43,80	10,54	3,94	100,00
4. Canavieiras.....	18,72	2,14	12,20	53,73	9,31	3,90	100,00
5. Ilhéus.....	32,23	3,14	17,13	30,73	10,79	5,92	100,00
6. Ipiáú.....	27,05	9,34	22,24	25,48	12,33	3,56	100,00
7. Itabuna.....	19,30	1,76	25,28	48,42	3,68	1,56	100,00
8. Itacaré.....	28,21	3,05	19,04	31,03	14,20	4,47	100,00
9. Ituberá.....	25,44	6,19	16,82	33,28	12,58	5,69	100,00
10. Maraú.....	26,16	5,60	10,20	28,30	25,40	4,34	100,00
11. Nilo Peçanha.....	21,60	7,49	10,79	23,60	32,81	3,71	100,00
12. Taperoá.....	16,54	15,54	8,82	30,97	23,37	4,76	100,00
13. Ubaitaba.....	38,07	2,41	18,80	20,90	14,96	4,86	100,00
14. Una.....	30,94	3,60	6,61	26,25	24,53	8,07	100,00
15. Valença.....	5,55	19,53	5,96	15,23	45,12	8,61	100,00
ZONA CACAUEIRA....	22,40	4,03	16,68	39,35	12,59	4,95	100,00

* * *

3. No censo agrícola de 1940 os estabelecimentos foram classificados segundo o tipo da exploração do solo nêles realizada, sendo discriminados os com exploração exclusivamente agrícola, os com exploração mista, agrícola e pecuária, os com exploração exclusivamente pecuária e os com outro tipo de exploração. Em cada uma das três primeiras classes, foram discriminados os estabelecimentos com exploração "em grande escala", isto é, com atividades produtoras relativamente extensas*, ficando os demais qualificados como estabelecimentos com exploração "em pequena escala".

A tabela 16 dá a classificação dos estabelecimentos agropecuários, segundo esse critério, para cada Município da Zona Cacaueira, enquanto da tabela 17 consta a área correspondente a cada classe e subclasse, e da 18 o correspondente valor da produção no ano de 1939**.

Resumindo-se em percentagens os principais dados para o conjunto da zona, obtêm-se o seguinte quadro comparativo.

TIPO DE EXPLORAÇÃO	PERCENTAGENS		
	Número dos estabelecimentos	Área dos estabelecimentos	Valor da produção
Agrícola.....	59,68	43,30	61,10
Agropecuária.....	34,05	37,18	33,72
Pecuária.....	2,37	13,86	3,08
Outra.....	3,90	5,66	2,10
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00

* Acêrca dos critérios dessa discriminação, veja-se o volume do *Recenseamento Geral do Brasil de 1.º IX-1940* dedicado aos Censos Econômicos da Bahia (Parte XII, Tomo 2 da Série Regional), págs. XIV e XV.

** Os dados precedidos da indicação "e" nas tabelas 17 e 18 são estimados, não tendo sido publicados os dados apurados para se evitar a identificação de estabelecimentos individuais recenseados.

Prevalece a exploração exclusivamente agrícola; é notável, todavia, a importância da exploração mista, agrícola e pecuária. É pequena a contribuição da exploração exclusivamente pecuária para o valor da produção, apesar da área proporcionalmente bem maior por ela ocupada*. É ainda menor a contribuição dos demais tipos de exploração.

Tabela 16

ZONA CACAUEIRA

Discriminação dos estabelecimentos segundo o tipo de exploração, em 1940

MUNICÍPIO	ESTABELECIMENTOS	ESTABELECIMENTOS COM EXPLORAÇÃO						De outros tipos
		Agrícola		Agropecuária		Pecuária		
		Total	Em grande escala	Total	Em grande escala	Total	Em grande escala	
1. Belmonte.....	2 062	1 397	37	514	1	87	14	64
2. Cairu.....	214	110	—	4	—	1	—	99
3. Camamu.....	2 718	1 663	24	970	—	27	—	58
4. Canavieiras.....	2 957	2 289	35	435	1	81	10	152
5. Ilhéus.....	4 071	2 621	222	1 247	3	78	42	125
6. Ipiatã.....	1 313	406	9	883	1	15	6	9
7. Itabuna.....	4 231	2 445	65	1 397	1	268	56	121
8. Itacaré.....	1 737	1 021	23	690	—	23	9	3
9. Ituberá.....	1 044	543	2	379	—	17	2	105
10. Maraú.....	1 210	681	7	497	—	5	1	27
11. Nilo Peçanha.....	1 079	487	3	456	—	2	—	134
12. Taperoá.....	734	418	—	313	—	—	—	3
13. Ubaitaba.....	611	402	14	197	1	8	6	4
14. Una.....	1 497	1 052	10	314	—	11	—	120
15. Valença.....	862	185	1	672	—	2	1	3
ZONA CACAUEIRA.....	26 340	15 720	452	8 968	8	625	147	1 027

Tabela 17

ZONA CACAUEIRA

Discriminação da área dos estabelecimentos segundo o tipo de exploração, em 1940

MUNICÍPIO	ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS RECENTES (ha)	ÁREA (ha) DOS ESTABELECIMENTOS COM EXPLORAÇÃO						De outros tipos
		Agrícola		Agropecuária		Pecuária		
		Total	Em grande escala	Total	Em grande escala	Total	Em grande escala	
1. Belmonte.....	161 253	64 496	8 234	49 918	e 800	34 710	21 263	12 129
2. Cairu.....	25 042	12 592	—	6 000	—	977	—	5 473
3. Camamu.....	56 065	29 712	3 159	22 835	—	291	—	3 227
4. Canavieiras.....	186 598	95 071	9 931	34 425	e 800	34 058	12 571	23 044
5. Ilhéus.....	247 869	125 862	39 363	86 323	2 588	28 756	25 300	6 928
6. Ipiatã.....	62 277	16 214	3 734	42 636	e 800	3 331	2 992	96
7. Itabuna.....	273 297	95 258	13 859	97 275	e 800	70 719	47 675	10 045
8. Itacaré.....	67 176	31 048	5 761	29 388	—	6 623	6 015	117
9. Ituberá.....	33 411	12 557	e 400	15 547	—	1 205	e 600	4 102
10. Maraú.....	34 652	15 599	3 536	18 324	—	471	e 300	258
11. Nilo Peçanha.....	32 663	11 185	395	18 416	—	e 400	—	e 2 662
12. Taperoá.....	11 247	5 721	—	5 436	—	—	—	90
13. Ubaitaba.....	23 947	13 429	3 586	9 199	e 800	1 124	e 1 000	195
14. Una.....	58 883	35 822	3 762	16 636	—	367	—	6 058
15. Valença.....	48 823	e 8 348	e 200	39 592	—	e 400	e 300	483
ZONA CACAUEIRA.....	1 323 203	572 914	95 920	491 950	6 588	183 432	118 016	74 907

* No conjunto do Estado da Bahia, o tipo de exploração predominante é o agropecuário, com 54,69% do número dos estabelecimentos, 47,23% da área e 53,85% do valor da produção, proporções todas bem superiores às observadas na Zona Cacauzeira.

O tipo exclusivamente agrícola, que prevalece nesta zona, vem apenas em segundo lugar no conjunto do Estado, com 34,54% do número dos estabelecimentos, 14,62% da área e 33,96% do valor da produção, proporções todas bem inferiores às observadas na Zona Cacauzeira.

A importância relativa do tipo pecuário, embora modesta do aspecto econômico, é maior no conjunto do Estado do que nesta zona, pois que lhe cabem 7,12% do número dos estabelecimentos, 34,83% da área e 11,26% do valor da produção. Veja-se E. A., 13, págs. 8 a 11.

Tabela 18

ZONA CACAUEIRA

Discriminação do valor da produção segundo o tipo de exploração, em 1940

MUNICÍPIO	VALOR TOTAL DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)	VALOR (Cr\$ 1 000) DA PRODUÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS COM EXPLORAÇÃO						De outros tipos
		Agrícola		Agropecuária		Pecuária		
		Total	Em grande escala	Total	Em grande escala	Total	Em grande escala	
1. Belmonte.....	11 548	7 359	1 813	3 317	e 50	493	272	379
2. Cairu.....	1 255	641	—	e 48	—	e 23	—	543
3. Camamu.....	5 360	2 725	478	2 324	—	155	—	156
4. Canavieiras.....	9 934	7 408	1 340	2 019	e 50	306	148	201
5. Ilhéus.....	46 670	33 714	15 156	11 714	e 384	1 224	1 178	18
6. Ipiá.....	6 324	1 607	465	4 442	e 50	208	179	67
7. Itabuna.....	22 064	16 015	3 939	5 101	e 50	948	779	0
8. Itacaré.....	8 231	4 773	1 522	3 301	—	157	153	0
9. Ituberá.....	4 811	1 506	e 50	2 124	—	427	e 100	754
10. Marau.....	5 132	2 681	528	2 200	—	129	e 50	122
11. Nilo Peçanha.....	2 790	864	56	1 429	—	e 2	—	e 495
12. Taperoá.....	1 084	519	—	561	—	—	—	4
13. Ubaitaba.....	3 288	2 151	741	991	e 50	146	e 132	—
14. Una.....	581	228	17	239	—	5	—	109
15. Valença.....	6 487	e 920	e 37	5 464	—	e 36	e 30	67
ZONA CACAUEIRA.....	135 559	83 111	26 143	45 274	634	4 259	3 021	2 91

NOTA: — A análise dos resultados do censo agrícola demonstrou estarem errados os dados do valor da produção para o Município de Una. Retificando-se para 3 500 milhares de cruzeiros o valor total, para 1 728 o da produção dos estabelecimentos com exploração agrícola e para 1 658 o da produção dos estabelecimentos com exploração agropecuária, ficam retificados, respectivamente, para 138 478, para 84 611 e para 46 693 os correspondentes totais da zona.

A organização em grande escala contribui com pouco mais de um quinto, 21,52%, para o valor da produção (cabendo à exploração agrícola a parcela de 18,88%, à agropecuária a de 0,46% e à pecuária a de 2,18%), embora ocupando apenas 16,67% da área (7,25% na exploração agrícola, 0,50% na agropecuária e 8,92% na pecuária)*.

Embora no conjunto da zona prevaleça o tipo de exploração puramente agrícola, em alguns Municípios é maior tanto a extensão da exploração mista como a sua contribuição para o valor da produção. Salienta-se entre eles o de Valença, onde predomina fortemente este tipo de exploração (81,09% da área total). Além deste Município, os de Ipiá, Nilo Peçanha e Marau apresentam proporções superiores a 50% da área total dos estabelecimentos exploradas na forma mista, como se pode verificar pelas percentagens da tabela 19.

A área dos estabelecimentos com exploração exclusivamente agrícola excede 50% do total nos Municípios de Una (60,84%), Ubaitaba, Camamu, Canavieiras, Taperoá, Ilhéus e Cairu.

Apenas em 2 Municípios — Itabuna e Belmonte — a proporção da área destinada à exploração exclusivamente pecuária excede 20%.

E apenas em 4 Municípios — Cairu, Canavieiras, Ituberá e Una — os estabelecimentos com tipos de exploração diversos dos três principais ocupam mais de 10% da área total. Esses outros tipos incluem as atividades extrativas, que exploram os recursos da vegetação espontânea.

* No conjunto da Bahia, a exploração em grande escala ocupa uma fração da área bem maior, 29,95%, mas contribui para o valor da produção em proporção menor do que na zona considerada, 18,67%, sendo essa contribuição dada principalmente pelas explorações pecuária (9,54%) e agrícola (7,66%). Veja-se E.A., 13, pág. 10.

Tabela 19

ZONA CACAUEIRA

Distribuição percentual da área dos estabelecimentos segundo o tipo de exploração, por Municípios, em 1940

MUNICÍPIO	ÁREA OCUPADA PELOS ESTABELECIMENTOS COM EXPLORAÇÃO				
	Agrícola	Agropecuária	Pecuária	De outros tipos	De todos os tipos
1. Belmonte.....	40,00	30,96	21,52	7,52	100,00
2. Cairu.....	50,28 e	23,96 e	3,90	21,86	100,00
3. Camamu.....	52,99	40,73	0,52	5,76	100,00
4. Canavieiras.....	50,95	18,45	18,25	12,35	100,00
5. Ilhéus.....	50,78	34,83	11,60	2,79	100,00
6. Ipiaú.....	26,04	68,46	5,35	0,15	100,00
7. Itabuna.....	34,85	35,59	25,88	3,68	100,00
8. Itacaré.....	46,22	43,75	9,86	0,17	100,00
9. Ituberá.....	37,58	46,53	3,61	12,28	100,00
10. Maraú.....	45,02	52,88	1,36	0,74	100,00
11. Nilo Peçanha.....	34,24 e	56,38 e	1,23	8,15	100,00
12. Taperoá.....	50,87	48,33	—	0,80	100,00
13. Ubaitaba.....	56,08	38,41	4,69	0,82	100,00
14. Una.....	60,84	28,25	0,62	10,29	100,00
15. Valença..... e	17,10	81,09 e	0,82	0,99	100,00
ZONA CACAUEIRA	43,30	37,18	13,86	5,66	100,00

* * *

4. A área média do estabelecimento na Zona Cacaueira é de 50,24 hectares, ficando abaixo da média estadual de 59,24 hectares.

É inferior a essa média geral da zona a área média dos estabelecimentos com exploração exclusivamente agrícola, 36,44 hectares; um pouco superior, a dos com exploração mista, agrícola e pecuária, 54,86 hectares; muito maior, conforme às exigências desse tipo de exploração, a dos estabelecimentos exclusivamente pecuários, 293,49 hectares. Nos demais tipos de exploração, considerados em conjunto, a área média do estabelecimento ascende a 72,94 hectares*.

A área média do estabelecimento varia amplamente de Município para Município, entre o mínimo de 15,32 hectares, de Taperoá, e o máximo, de 117,02 hectares, de Cairu. Em 2 dos 15 Municípios a área média do estabelecimento é inferior a 25 hectares, em 7 outros é inferior a 50 hectares e em mais 4 a 75 hectares, excedendo este último valor somente em Belmonte (78,20) e Cairu (já assinalado acima).

Essas áreas médias constam da tabela 20, onde está especificado também o valor médio da produção do estabelecimento e o valor médio da produção por hectare, segundo Municípios; dados, estes, que serão comentados mais adiante.

* No conjunto da Bahia a área média do estabelecimento é de 25,08 hectares na exploração agrícola, de 51,15 na mista, de 289,61 na pecuária. Salienta-se a Zona Cacaueira pela extensão média relativamente elevada dos estabelecimentos com exploração agrícola.

Tabela 20

ZONA CACAUEIRA

Área média do estabelecimento em 1940 e valor médio da produção de 1939 por estabelecimento e por hectare

MUNICÍPIO	MÉDIAS		
	Por estabelecimento		Por hectare
	Área ha	Valor da produção Cr\$	Valor da produção Cr\$
1. Belmonte.....	78,20	5 600	72
2. Cairu.....	117,02	5 864	50
3. Camamu.....	20,63	1 972	96
4. Canavieiras.....	63,10	3 359	53
5. Ilhéus.....	60,89	11 464	188
6. Ipiáú.....	47,43	4 816	102
7. Itabuna.....	64,59	5 215	81
8. Itacaré.....	38,67	4 739	123
9. Ituberá.....	32,00	4 608	144
10. Maraú.....	28,64	4 241	148
11. Nilo Peçanha.....	30,27	2 586	85
12. Taperoá.....	15,32	1 477	96
13. Ubaitaba.....	39,19	5 381	137
14. Una.....	39,33	388	10
15. Valença.....	56,64	7 526	133
ZONA CACAUEIRA.....	50,24	5 147	102

NOTA: — As médias de valor do Município de Una foram calculadas de acordo com o valor total de 581 milhares de cruzeiros, constante da publicação do recenseamento. Se este valor total, evidentemente afetado por um gravíssimo erro por falta, for substituído pelo valor, estimado com prudência, de 3 500 milhares de cruzeiros, o valor médio da produção por estabelecimento nesse Município resulta retificado para Cr\$ 2 338 e o valor médio da produção por hectare para Cr\$ 59. Em consequência dessa correção, as correspondentes médias da zona ficam retificadas, respectivamente, para Cr\$ 5 257 e Cr\$ 105.

* * *

5. O valor dos estabelecimentos declarado pelos responsáveis, no censo agrícola, está decerto abaixo da verdade, na maior parte dos casos, porque o temor — embora injustificado — de consequências fiscais sugeriu a maior prudência nessas declarações. Entretanto, esse fator deve ter operado com intensidade não muito diferente nas diversas localidades, de modo que as comparações entre os diferentes Municípios podem dar uma idéia suficiente das respectivas posições relativas.

No conjunto da Zona Cacaueira, o valor total dos estabelecimentos atinge, de acordo com as declarações, 345 541 milhares de cruzeiros, isto é, 19,01% do total do Estado (enquanto a área dos estabelecimentos da zona atinge apenas 9,87% do total estadual). O valor dos estabelecimentos em cada Município consta da tabela 21.

O valor médio por estabelecimento, na zona, é de 13 118 cruzeiros (em comparação com 8 030, média do Estado). O valor médio por hectare ascende a 261 cruzeiros (em comparação com 136, média do Estado).

Nos diversos Municípios da zona encontram-se valores médios do estabelecimento fortemente diferentes, como se pode verificar pela tabela 22. O valor médio mais baixo é o de 2 535 cruzeiros, em Camamu; o mais elevado, o de 22 824, em Canavieiras. Neste Município e no de Ilhéus o valor médio do estabelecimento excede 20 000 cruzeiros; também nos de Itabuna, Ipiáú e Ituberá excede 15 000 e nos de Valença e Cairu 10 000. Ainda em Belmonte, Ubaitaba e Itacaré excede 5 000 cruzeiros, ficando abaixo desse valor nos demais cinco Municípios (Taperoá, Maraú, Nilo Peçanha, Una e Camamu).

Tabela 21

ZONA CACAUEIRA

Número e valor dos estabelecimentos e valor da produção de 1939

MUNICÍPIO	ESTA- BELE- CIMEN- TOS RECEN- SEADOS	VALOR (Cr\$ 1 000)				
		Dos es- tabeleci- mentos	Da produção			Total
			Agrícola	Animal	Extrativa	
1. Belmonte.....	2 062	19 382	10 092	876	580	11 548
2. Cairu.....	214	2 412	261	6	988	1 255
3. Camamu.....	2 718	6 891	4 430	158	772	5 360
4. Canavieiras.....	2 957	67 492	8 900	427	607	9 934
5. Ilhéus.....	4 071	84 500	44 341	1 337	992	46 670
6. Ipiaú.....	1 313	21 782	5 431	767	126	6 324
7. Itabuna.....	4 231	77 563	20 606	1 328	130	22 064
8. Itacaré.....	1 737	14 761	7 928	262	41	8 231
9. Ituberá.....	1 044	15 712	3 333	156	1 322	4 811
10. Marau.....	1 210	5 658	4 208	286	638	5 132
11. Nilo Peçanha.....	1 079	4 396	1 650	343	797	2 790
12. Taperoá.....	734	3 622	934	135	15	1 084
13. Ubaitaba.....	611	5 286	3 100	136	52	3 288
14. Una.....	1 497	5 699	129	174	278	581*
15. Valença.....	862	10 385	5 251	817	419	6 487
ZONA CACAUEIRA ..	26 340	345 541	120 594	7 208	7 757	135 559

NOTA: — Retificando-se para 3 048 milhares de cruzeiros o valor da produção agrícola e para 3 500 o valor da produção total do Município de Una, as correspondentes somas da zona ficam retificadas: para 123 513 milhares de cruzeiros a da produção agrícola e para 138 478 a da produção total.

Tabela 22

ZONA CACAUEIRA

Valor médio do estabelecimento, por Municípios, em 1940

MUNICÍPIO	VALOR MÉDIO DO ESTABELECIMENTO Cr\$
1. Belmonte.....	9 400
2. Cairu.....	11 271
3. Camamu.....	2 535
4. Canavieiras.....	22 824
5. Ilhéus.....	20 757
6. Ipiaú.....	16 589
7. Itabuna.....	18 332
8. Itacaré.....	8 498
9. Ituberá.....	15 050
10. Marau.....	4 676
11. Nilo Peçanha.....	4 074
12. Taperoá.....	4 935
13. Ubaitaba.....	8 651
14. Una.....	3 807
15. Valença.....	12 048
ZONA CACAUEIRA ..	13 118

* * *

* Dado inverossimilmente baixo, também em comparação com os das despesas.

6. O valor da produção dos estabelecimentos agrícolas e pecuários no ano de 1939 ascenderia, segundo as declarações, a 135 559 milhares de cruzeiros, que ficam retificados para 138 478 milhares se fôr corrigido, conjeturalmente, um grave erro por falta ocorrido na apuração dos dados para o Município de Una (veja-se a nota à tabela 21). Esse valor representa 30,65% do total do Estado, análogamente retificado, enquanto a área dos estabelecimentos da zona constitui apenas 9,87% do total estadual.

Também os valores declarados da produção — assim como os do estabelecimento — estão errados por falta. Apenas o valor das safras de dez produtos agrícolas da zona*, declaradas no próprio censo agrícola, e avaliadas segundo os preços médios unitários atribuídos a esses produtos, na Bahia, pelo Serviço de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura, atinge 139 milhões de cruzeiros**, enquanto o valor declarado de toda a produção agrícola é apenas de 120,6 milhões (tabela 21).

Pode-se, entretanto, repetir a observação, feita no parágrafo anterior, de que os erros por falta provavelmente não alteram muito as posições relativas dos diversos Municípios.

Pelo valor da produção, destaca-se o Município de Ilhéus, com 33,70% do total da zona; seguem-se os de Itabuna, com 15,93%, de Belmonte, com 8,34%, de Canavieiras, com 7,17%, e de Itacaré, com 5,94%, ficando todas as contribuições individuais dos demais Municípios abaixo de 5%, como se pode verificar pelos dados da última coluna da tabela 23.

Confrontando as percentagens do valor da produção agropecuária da zona com as percentagens da área total dos estabelecimentos que cabem aos diversos Municípios (constantes da segunda coluna da mesma tabela 23), ressalta a posição favorável do Município de Ilhéus, que, com apenas 18,73% da área, dá 33,70% do valor da produção. No extremo oposto, encontra-se o Município de Canavieiras, com 14,10% da área, mas apenas 7,17% do valor da produção. Assim, o valor médio por hectare da produção, que em Ilhéus atinge 188 cruzeiros, desce para 53 em Canavieiras.

Entre as três subzonas que foram discriminadas, traz a maior contribuição, 57,94%, para o valor da produção da zona, a central; a menor, 18,04%, a meridional; a subzona setentrional contribui com 24,02%.

No conjunto da zona, o valor médio da produção por hectare é de 105 cruzeiros (em comparação com apenas 33 cruzeiros, média estadual), variando as correspondentes médias municipais entre o máximo de Ilhéus, especificado acima, e o mínimo de Cairu, 50 cruzeiros. Como se vê pelos dados da última coluna da tabela 20, em nenhum outro Município, além de Ilhéus, o valor médio da produção por hectare excede 150 cruzeiros; porém, em seis outros Municípios (Maraú, Ituberá, Ubaitaba, Valença, Itacaré e Ipiaú) excede 100 cruzeiros.

Agrupando-se os Municípios por subzonas, cabe à central o mais elevado valor médio por hectare da produção, 131 cruzeiros; segue-se a setentrional, com a média de 109 cruzeiros, e vem em último lugar a meridional, com apenas 61 cruzeiros por hectare.

O valor médio da produção por estabelecimento é de 5 257 cruzeiros no conjunto da zona, em comparação com apenas 1 983 cruzeiros, no conjunto do Estado da Bahia. Também esse valor atinge seu máximo (11 464 cruzeiros) em Ilhéus; seguem-se Valença, Cairu, Belmonte, Ubaitaba e Itabuna, com valores médios bem menores, mas superiores a 5 000 cruzeiros. Os dados para estes e os demais Municípios constam da segunda coluna da tabela 20.

* Cacaú, mandioca, café, laranja, feijão, cana de açúcar, arroz, milho, fumo em folha e mamona. São estes os produtos, cuja safra de 1939 consta tanto do censo agrícola como da estatística periódica, a qual especifica não somente as quantidades mas também os valores.

** Cacaú 119,4 milhões de cruzeiros, mandioca 9,5 milhões, café 2,9 milhões, laranja 2,5 milhões, feijão 1,7 milhões, cana de açúcar 1,6 milhões, arroz e milho 0,9 milhões, fumo e mamona 0,4 milhões.

Tabela 23

ZONA CACAUEIRA

Distribuição percentual, por Municípios, do número dos estabelecimentos agropecuários, da área e do pessoal em 1940, e do valor da produção de 1939

MUNICÍPIO	PERCENTAGEM NO TOTAL DA ZONA					
	Estabelecimentos	Área	Pessoal*		Valor da produção**	
			Dados originais	Dados retificados	Dados originais	Dados retificados
1. Belmonte.....	7,83	12,19	7,54	9,07	8,52	8,34
2. Cairu.....	0,81	1,89	1,04	1,05	0,93	0,91
3. Camamu.....	10,32	4,24	6,05	5,57	3,95	3,87
4. Canavieiras.....	11,23	14,10	5,19	5,91	7,33	7,17
5. Ilhéus.....	15,46	18,73	18,26	17,51	34,43	33,70
6. Ipiaú.....	4,99	4,71	4,71	7,57	7,00	4,66
7. Itabuna.....	16,06	20,65	21,43	20,55	16,28	15,93
8. Itacaré.....	6,59	5,08	5,24	4,94	6,07	5,94
9. Ituberá.....	3,96	2,52	4,15	3,98	3,55	3,47
10. Marau.....	4,59	2,62	3,40	3,11	3,79	3,71
11. Nilo Peçanha.....	4,10	2,47	5,90	5,56	2,06	2,02
12. Taperoá.....	2,79	0,85	2,99	2,75	0,80	0,78
13. Ubaitaba.....	2,32	1,81	1,91	1,77	2,42	2,37
14. Una.....	5,68	4,45	4,06	6,36	0,43	2,53
15. Valença.....	3,27	3,69	5,27	4,87	4,78	4,69
ZONA CACAUEIRA ..	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

* * *

7. Discriminando-se o valor da produção dos estabelecimentos agropecuários, segundo a natureza dos produtos (tabela 21), verifica-se a preponderante importância econômica dos produtos agrícolas (89,19%), em comparação com os produtos animais ou de origem animal (5,21%) e com os produtos de atividades extrativas, as quais consistem principalmente na exploração da vegetação espontânea (5,60%)***.

Em quase todos os Municípios é predominante o valor dos produtos agrícolas, como se vê pelos dados absolutos da tabela 21 e pelas percentagens da 24. Essa categoria contribui com mais de 80% para o valor total da produção em 12 dos 15 Municípios, e com mais de 50% em dois outros.

Apenas no Município de Cairu a maior contribuição para o valor total é dada pelos produtos extrativos (mais de três quartos do valor total); entre os demais Municípios, somente os de Nilo Peçanha e Ituberá apresentam quotas superiores a um quarto.

Os produtos animais e de origem animal contribuem com quotas modestas para o valor da produção; apenas nos Municípios de Valença, Taperoá, Nilo Peçanha e Ipiaú, a quota se aproxima de um oitavo.

Todos esses Municípios com proporções relativamente elevadas do valor da produção não-agrícola estão localizados na subzona setentrional. Entretanto, mesmo nesta subzona, 76,70% do valor total são dados pela produção agrícola; na subzona meridional a proporção sobe para 88,22% e na central atinge 94,67%.

* As percentagens da coluna "Dados originais" são calculadas de acordo com os dados publicados, referentes somente aos estabelecimentos com declaração do pessoal; as da coluna "Dados retificados", de acordo com o dados estimados para todos os estabelecimentos, constantes da última coluna da tabela 26.

** As percentagens da coluna "Dados originais" são calculadas de acordo com os dados publicados; as da coluna "Dados retificados", de acordo com os dados retificados para o Município de Una (veja-se nota à tabela 20) e com os dados publicados para os demais Municípios.

*** No conjunto da Bahia é menor, embora ainda predominante (75,14%), a contribuição dos produtos agrícolas para o valor total da produção; maior (20,71%) a contribuição dos produtos animais e de origem animal; um pouco menor (4,15%) a dos produtos extrativos. Veja-se E.A., 13, págs. 17 a 19.

A distribuição proporcional do valor total da produção dos estabelecimentos agropecuários da zona, segundo Municípios e categorias de produtos, consta da tabela 25, retificada pela 25 bis em harmonia com a correção feita nos dados para o Município de Una. Deverão ser aproveitados com preferência os dados desta segunda tabela.

Tabela 24

ZONA CACAUEIRA

Distribuição percentual do valor da produção de 1939 segundo grandes categorias, por Municípios

MUNICÍPIO	PRODUÇÃO			
	Agrícola	Animal	Extrativa	Total
1. Belmonte.....	87,39	7,59	5,02	100,00
2. Cairu.....	20,80	0,48	78,72	100,00
3. Camamu.....	82,65	2,95	14,40	100,00
4. Canavieiras.....	89,59	4,30	6,11	100,00
5. Ilhéus.....	95,01	2,86	2,13	100,00
6. Ipiaú.....	85,88	12,13	1,99	100,00
7. Itabuna.....	93,39	6,02	0,59	100,00
8. Itacaré.....	96,32	3,18	0,50	100,00
9. Ituberá.....	69,28	3,24	27,48	100,00
10. Maraú.....	82,00	5,57	12,43	100,00
11. Nilo Peçanha.....	59,14	12,29	28,57	100,00
12. Taperoá.....	86,16	12,46	1,38	100,00
13. Ubaitaba.....	94,28	4,14	1,58	100,00
14. Una.....	22,20	29,95	47,85	100,00
15. Valença.....	80,95	12,59	6,46	100,00
ZONA CACAUEIRA.....	88,96	5,32	5,72	100,00

NOTA: — Adotando-se a retificação proposta para o valor da produção agrícola (e, em consequência, da produção total) para o Município de Una, as respectivas percentagens ficam retificadas, na ordem das colunas, para 87,09, 4,97 e 7,94, e as correspondentes percentagens para o conjunto da zona ficam retificadas para 89,19, 5,21 e 5,60.

Tabela 25

ZONA CACAUEIRA

Distribuição do valor da produção dos estabelecimentos da zona, em 1939, segundo Municípios e categorias de produção

Proporções por 1 000 000 de cruzeiros

MUNICÍPIO	PRODUÇÃO			
	Agrícola	Animal	Extrativa	Total
1. Belmonte.....	74 447	6 462	4 279	85 188
2. Cairu.....	1 926	44	7 288	9 258
3. Camamu.....	32 679	1 166	5 695	39 540
4. Canavieiras.....	65 654	3 150	4 478	73 282
5. Ilhéus.....	327 097	9 863	7 318	344 278
6. Ipiaú.....	40 064	5 658	929	46 651
7. Itabuna.....	152 008	9 796	959	162 763
8. Itacaré.....	58 484	1 933	302	60 719
9. Ituberá.....	24 587	1 151	9 752	35 490
10. Maraú.....	31 042	2 110	4 706	37 858
11. Nilo Peçanha.....	12 172	2 530	5 879	20 581
12. Taperoá.....	6 890	996	111	7 997
13. Ubaitaba.....	22 868	1 003	384	24 255
14. Una.....	952	1 283	2 051	4 286
15. Valença.....	38 736	6 027	3 091	47 854
ZONA CACAUEIRA.....	889 606	53 172	57 222	1 000 000

Tabela 25 bis

ZONA CACAUEIRA

Distribuição do valor da produção dos estabelecimentos da zona, em 1939,
segundo Municípios e categorias de produção

Proporções por 1 000 000 de cruzeiros *

MUNICÍPIO	PRODUÇÃO			
	Agrícola	Animal	Extrativa	Total
1. Belmonte.....	72 878	6 326	4 188	83 392
2. Cairu.....	1 885	43	7 135	9 063
3. Camamu.....	31 991	1 141	5 574	38 706
4. Canavieiras.....	64 270	3 084	4 383	71 737
5. Ilhéus.....	320 202	9 655	7 164	337 021
6. Ipiaú.....	39 219	5 539	910	45 668
7. Itabuna.....	148 803	9 590	939	159 332
8. Itacaré.....	57 251	1 892	296	59 439
9. Ituberá.....	24 069	1 126	9 547	34 742
10. Marauá.....	30 388	2 065	4 607	37 060
11. Nilo Peçanha.....	11 915	2 477	5 756	20 148
12. Taperoá.....	6 745	975	108	7 828
13. Ubaitaba.....	22 386	982	376	23 744
14. Una.....	22 011	1 257	2 007	25 275
15. Valença.....	37 919	5 900	3 026	46 845
ZONA CACAUEIRA.....	891 932	52 052	56 016	1 000 000

* * *

8. Acêrca do pessoal ocupado nos estabelecimentos agropecuários, o censo agrícola de 1940 não apresenta dados completos.

Dos 26 340 estabelecimentos recenseados na Zona Cacaueira, apenas 24 046, ou 91,29%, forneceram as informações pedidas sôbre êste assunto. O número das pessoas nêles ocupadas ascendia, segundo as declarações, a 146 043, das quais 127 829 permanentemente e 18 214 temporariamente ocupadas.

De acôrdo com êsses dados, o número médio dos ocupados por estabelecimento é de 6,07, quase coincidindo com a correspondente média para o conjunto do Estado, que é de 6,10.

Completando-se os dados acima mediante estimativa do pessoal ocupado nos 2 294 estabelecimentos que não informaram, obtêm-se o total de cêrca de 160 000 pessoas. Mais precisamente (segundo a estimativa exposta na tabela 26), 159 727, das quais 109 218 do sexo masculino e 50 509 do feminino.

Comparando êstes dados com os constantes do censo demográfico, das pessoas em idades de 10 anos e mais ocupadas em atividades agrícolas e pecuárias, verifica-se um contraste singular entre os resultados da comparação para os dois sexos.

Com efeito, ao número de 109 218 homens ocupados nos estabelecimentos agrícolas, constante do censo agrícola completado por estimativa, contrapõe-se o número de 110 531 homens de 10 anos e mais com ocupação principal em atividades agrícolas, pecuárias, etc., constante do censo demográfico, havendo, portanto, suficiente concordância entre os dois censos (mesmo se forem levados em conta 1 293 homens** que têm ocupação apenas suplementar na agricultura, pecuária, etc., tendo a ocupação principal em outros ramos de atividade).

Mas, no que diz respeito às mulheres, a situação é muito diferente. Constam do censo agrícola completado 50 509 delas ocupadas nos estabelecimentos agropecuários, enquanto o censo demográfico dá apenas 8 082 de 10 anos e mais com ocupação principal em atividades agrícolas, pecuárias, etc. e 2 631**

* De acôrdo com os dados retificados para o Município de Una.

** Dados estimados, com base na proporção observada no conjunto do Estado.

com ocupação suplementar. O número das mulheres ocupadas nos estabelecimentos agropecuários é cinco vezes maior do que o que podia ser estimado de acordo com o censo demográfico.

É verdade que os âmbitos dos dois levantamentos não coincidem. O censo demográfico classifica no ramo das atividades agrícolas, pecuárias e silvícolas todos os habitantes em idades de 10 anos e mais ocupados a serviço dessas atividades, inclusive os que não trabalham nos estabelecimentos agropecuários. O censo agrícola dá o número dos ocupados nas atividades desenvolvidas nos estabelecimentos agropecuários, sem limite inferior de idade. Entretanto, há vasta interferência entre os dois levantamentos, de modo que, se ambos representassem fielmente a verdade, deveria ser a mesma a ordem de grandeza dos seus resultados.

Tabela 26

ZONA CACAUEIRA

Cálculo aproximativo do pessoal dos estabelecimentos agropecuários em 1940

MUNICÍPIO	ESTABELE- CIMENTOS*		Razão por 1000 $c = 1000b/a$	PESSOAL DOS ESTABELE- CIMENTOS	
	Em total <i>a</i>	Com de- claração do pessoal <i>b</i>		Com de- claração do pessoal <i>d</i>	Em total <i>e = 1000d/c</i>
1. Belmonte.....	2 062	1 568	7 604	11 015	14 486
2. Cairu.....	214	194	9 065	1 518	1 675
3. Camamu.....	2 718	2 703	9 945	8 840	8 889
4. Canavieiras.....	2 957	2 378	8 042	7 572	9 416
5. Ilhéus.....	4 071	3 881	9 533	26 669	27 975
6. Ipiaú.....	1 313	1 298	9 886	11 061	11 189
7. Itabuna.....	4 231	4 034	9 534	31 299	32 829
8. Itacaré.....	1 737	1 685	9 701	7 653	7 889
9. Ituberá.....	1 044	995	9 531	6 065	6 363
10. Marauá.....	1 210	1 206	9 967	4 957	4 973
11. Nilo Peçanha.....	1 079	1 046	9 694	8 611	8 883
12. Taperoá.....	734	729	9 932	4 361	4 391
13. Ubaitaba.....	611	601	9 836	2 788	2 835
14. Una.....	1 497	875	5 845	5 935	10 154
15. Valença.....	862	853	9 896	7 699	7 780
ZONA CACAUEIRA.....	26 340	24 046	9 129	146 043	159 727* 159 977**

A grande divergência entre os resultados dos dois censos referentes à ocupação feminina nas atividades agropecuárias pode ser explicada pela circunstância de que muitas mulheres, moradoras de estabelecimentos agrícolas, que cuidam do lar mas participam também nos trabalhos do campo e do estábulo, figuram no censo demográfico como ocupadas principalmente em ativi-

* Soma dos dados por Municípios.

** Cálculo direto.

dades domésticas, sendo omitida a declaração das suas atividades extra-domésticas, mesmo como ocupação suplementar. Pelo contrário, no censo agrícola, a própria localização dessas mulheres nos estabelecimentos agropecuários facilita e quase sugere a sua inclusão entre as pessoas nêles ocupadas*.

Parece justificada a conclusão de que os dados do censo agrícola fornecem uma indicação mais adequada da participação feminina nas atividades rurais do que a fornecida pelo censo demográfico.

Aos dados especificados acima do censo agrícola devem ser acrescentados os referentes a estabelecimentos especializados de horticultura, floricultura, avicultura, apicultura, etc., que foram apurados à parte; mas as pessoas nêles ocupadas ascendem a poucas centenas em tôda a Bahia e não consta a sua distribuição por Municípios, que seria preciso conhecer para calcular o número das pertencentes à Zona Cacaueira. É certo, entretanto, que êste número é tão pequeno que pode ser desprezado sem inconvenientes.

* * *

9. A proporção dos estabelecimentos sem declaração do pessoal é de 8,71% no conjunto da Zona Cacaueira, mas varia fortemente nos diversos Municípios, entre o mínimo de 0,33% (Marau) e o máximo de 41,55% (Una); entretanto, excede 10% sòmente em 3 dêles.

Para o estudo da distribuição do pessoal dos estabelecimentos agropecuários segundo Municípios, convém, portanto, aproveitar as estimativas constantes da última coluna da tabela 26, antes que os dados referentes sòmente aos estabelecimentos com declaração do pessoal, constantes da penúltima coluna. Ambas essas séries de dados são reduzidas a percentagens na tabela 23.

Pouco mais de um quinto do pessoal (20,55%) concentra-se no Município de Itabuna; mais de um sexto (17,51%), no de Ilhéus; seguem-se, com quotas muito menores, Belmonte (9,07%), Ipiaú (7,00%), Una (6,36%), Canavieiras (5,91%), Camamu (5,57%) e Nilo Peçanha (5,56%); em nenhum outro Município a quota atinge 5%.

Discriminando-se as três subzonas, verifica-se que cabem à central 44,77% do pessoal, à setentrional 33,89% e à meridional 21,34%.

Pondo-se em relação o número (retificado) das pessoas ocupadas com o número dos estabelecimentos, obtêm-se as médias do pessoal por estabelecimento constantes da tabela 27.

No conjunto da zona, o número médio das pessoas ocupadas por estabelecimento é de seis, variando entre três e nove nos diversos Municípios (mínimos 3,18 em Canavieiras e 3,27 em Camamu; máximos 8,52 em Ipiaú e 9,03 em Valença).

Entre as subzonas é a central a que apresenta a média mais elevada (6,72 pessoas por estabelecimento); seguem-se a setentrional (5,90) e a meridional (5,23).

Da mesma tabela 27 consta a proporção entre o pessoal e a área dos estabelecimentos, seja na forma direta (pessoas ocupadas por 100 hectares), seja na inversa (hectares por pessoa ocupada), que em alguns casos é mais apropriada para as comparações.

* A divergência observada na Zona Cacaueira verifica-se, também, para o conjunto do Estado da Bahia, onde o censo demográfico dá os números de 902 000 homens e 215 000 mulheres, e o censo agrícola, completado conjeturalmente, os de 856 000 homens e 525 000 mulheres. E no conjunto do Brasil encontra-se, mais uma vez, a mesma divergência, constando do censo demográfico os números de 8 996 000 homens e 1 642 000 mulheres, e do censo agrícola, completado conjeturalmente, os de 8 061 000 homens e 3 839 000 mulheres.

No conjunto da zona, o número médio das pessoas ocupadas nos estabelecimentos agropecuários por 100 hectares de área dos mesmos ascende a doze (em comparação com a média estadual de dez), variando, porém, fortemente nos diversos Municípios, entre os mínimos de 5,05 em Canavieiras e 6,69 em Cairu e os máximos de 27,20 em Nilo Peçanha e 39,04 em Taperoá. Invertendo-se o cálculo, obtém-se a proporção média de pouco mais de oito hectares por pessoa ocupada (em comparação com pouco menos de dez, média estadual), no conjunto da zona, com o máximo de 19,82 hectares em Canavieiras e o mínimo de 2,56 em Taperoá.

Na subzona setentrional encontra-se a maior densidade de pessoal (17,80 pessoas ocupadas por 100 hectares); desce a densidade na subzona central (11,68) e ainda mais na meridional (8,37). Correspondem a essas densidades as seguintes áreas médias por pessoa ocupada: 5,62 hectares na subzona setentrional, 8,56 na central e 11,94 na meridional.

Embora os dados sobre o pessoal dos estabelecimentos agropecuários se refiram à data de 1.º de setembro de 1940 e os dados sobre a produção ao ano de 1939, pode-se comparar o valor da produção com o número das pessoas ocupadas para se obter um índice, senão uma medida precisa, do rendimento médio por pessoa.

No conjunto da zona, o valor médio da produção por pessoa ocupada ascende a 867 cruzeiros (valor muito superior à média estadual de 325 cruzeiros), como consta da nota à tabela 28. Os dados por Municípios, expostos na última coluna desta tabela (para Una veja-se a retificação na nota), variam entre os mínimos de 247 cruzeiros em Taperoá e 314 em Nilo Peçanha e os máximos de 1 160 cruzeiros em Ubaitaba e 1 668 em Ilhéus. Além destes dois Municípios, também os de Canavieiras, Itacaré e Marau apresentam valores médios por pessoa superiores a 500 cruzeiros.

Entre as subzonas, destaca-se a central com o valor médio de 1 122 cruzeiros por pessoa; na meridional esse valor desce para 734 cruzeiros e na setentrional para apenas 614.

Tabela 27

ZONA CACAUEIRA

Cálculo aproximativo do número médio de pessoas ocupadas por estabelecimento e por hectare em 1940

MUNICÍPIO	CONJUNTO DOS ESTABELECIMENTOS			NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS		NÚMERO MÉDIO DE HECTARES POR PESSOA OCUPADA
	Número	Área ha	Pessoal*	Por estabelecimento	Por 100 ha	
1. Belmonte.....	2 052	161 253	14 486	7,03	8,98	11,13
2. Cairu.....	214	25 042	1 675	7,83	6,69	14,95
3. Camamu.....	2 718	56 065	8 889	3,27	15,85	6,31
4. Canavieiras.....	2 957	186 598	9 416	3,18	5,05	19,82
5. Ilhéus.....	4 071	247 869	27 975	6,87	11,29	8,86
6. Ipiatã.....	1 313	62 277	11 189	8,52	17,97	5,57
7. Itabuna.....	4 231	273 297	32 829	7,76	12,01	8,32
8. Itacaré.....	1 737	67 176	7 889	4,54	11,74	8,52
9. Ituberá.....	1 044	33 411	6 363	6,09	19,04	5,25
10. Marau.....	1 210	34 652	4 973	4,11	14,35	6,97
11. Nilo Peçanha.....	1 079	32 663	8 883	8,23	27,20	3,68
12. Taperoá.....	734	11 247	4 391	5,98	39,04	2,56
13. Ubaitaba.....	611	23 947	2 835	4,64	11,84	8,45
14. Una.....	1 497	58 883	10 154	6,78	17,24	5,80
15. Valença.....	862	48 823	7 780	9,03	15,94	6,28
ZONA CACAUEIRA.....	26 340	1 323 203	159 727	6,06	12,07	8,28

* Calculado acrescentando-se ao número declarado o número estimado para os estabelecimentos sem declaração do pessoal.

Tabela 28

ZONA CACAUEIRA

Cálculo do valor médio da produção por pessoa ocupada

MUNICÍPIO	VALOR DA PRODUÇÃO Cr\$ 1 000	PESSOAL*	VALOR MÉDIO DA PRODUÇÃO POR PESSOA OCUPADA Cr\$
1. Belmonte.....	11 548	14 486	797
2. Cairu.....	1 255	1 675	749
3. Camamu.....	5 360	8 889	603
4. Canavieiras.....	9 934	9 416	1 055
5. Ilhéus.....	46 670	27 975	1 668
6. Ipiáú.....	6 324	11 189	565
7. Itabuna.....	22 064	32 829	672
8. Itacaré.....	8 231	7 889	1 043
9. Ituberá.....	4 811	6 363	756
10. Marauá.....	5 132	4 973	1 032
11. Nilo Peçanha.....	2 790	8 883	314
12. Taperoá.....	1 084	4 391	247
13. Ubaitaba.....	3 288	2 835	1 160
14. Una.....	581**	10 154	57
15. Valença.....	6 487	7 780	839
ZONA CACAUEIRA.....	135 559	159 727	849

* * *

10. A composição do pessoal dos estabelecimentos agropecuários pode ser estudada somente com referência aos estabelecimentos que forneceram indicações sobre o assunto, os quais constituem 91,39% do número total.

Na tabela 29, as pessoas ocupadas nos estabelecimentos agropecuários de cada Município são divididas nas duas categorias do pessoal permanente e do temporário; o pessoal permanente é subdividido nas duas classes dos responsáveis pela exploração (isto é, proprietários, administradores, arrendatários, ocupantes) e membros das suas famílias, e dos colonos e empregados, sendo uma e outra classe anteriormente subdivididas por sexo e com a discriminação, em cada sexo, dos menores de 15 anos.

Dos 146 043 ocupados nos 24 046 estabelecimentos que forneceram informações sobre o pessoal, 127 829, ou 87,53%, achavam-se nêles com ocupação permanente e 18 214, ou 12,47%, com ocupação temporária. Esta última proporção é elevada em comparação com a média do Estado, que atinge apenas 7,50%.

Nos diversos Municípios encontram-se proporções muito diferentes de ocupados temporariamente, desde o mínimo de 0,66% em Taperoá até o máximo de 68,31% em Cairu. Além deste Município, apresentam proporções elevadas os de Belmonte (35,87%) e Nilo Peçanha (28,79%); em nenhum outro se encontram proporções superiores a 20%, e apenas nos de Ituberá, Ilhéus e Canavieiras verificam-se proporções superiores a 10%, como consta da tabela 30.

Os 127 829 ocupados permanentemente nos estabelecimentos agropecuários da zona discriminam-se em 69 000 responsáveis pela exploração e membros das suas famílias (47,25% do pessoal total, permanente e temporário) e 58 829

* Total, completado por estimativa.

** Dado do censo agrícola, decerto errado. Retificando-se para 3 500 milhares de cruzeiros esse dado, o valor total da produção da zona sobe para 138 478 milhares de cruzeiros e o valor médio por pessoa ocupada fica retificado para Cr\$ 345 no Município de Una e para Cr\$ 867 no conjunto da zona.

colonos e empregados (40,28%). A proporção dos primeiros é inferior à média do Estado (56,30%); a dos segundos, superior a essa média (36,20%).

As proporções dessas duas classes no conjunto do pessoal apresentam fortes divergências nos diversos Municípios, como se pode verificar pelas percentagens da tabela 30.

Os responsáveis e membros das suas famílias constituem mais de 50% do pessoal total em 7 Municípios, com os máximos de 90,00% em Taperoá e 82,67% em Camamu. Em 2 outros Municípios a sua proporção excede 40% e em 5 outros 30%. Apenas no Município de Cairu (onde predominam os ocupados temporariamente) a proporção da classe considerada desce abaixo de 30%, atingindo apenas 5,67%.

Os colonos e empregados constituem mais de 50% do pessoal total em 3 Municípios, com os máximos de 61,49% em Valença e 58,74% em Ipiaú. Em 3 outros Municípios a sua proporção excede 40%, em 2 outros 30% e em 5 outros 20%. Desce abaixo deste limite apenas em Camamu (11,09%) e em Taperoá (9,34%), onde predomina fortemente a outra classe.

A discriminação simultânea por sexo e grandes grupos de idade é limitada, na tabela 30, ao pessoal permanente, não constando das publicações censitárias essa discriminação, por Municípios, para o pessoal temporário.

Em percentagens do pessoal total, o pessoal permanente subdivide-se como consta dos seguintes dados.

		<i>Responsáveis e membros das suas famílias</i>	<i>Colonos e empregados</i>
		%	%
Homens:	até 14 anos	7,97	4,28
	de 15 anos e mais	21,35	25,04
Mulheres:	até 14 anos	6,08	3,44
	de 15 anos e mais	11,85	7,52

Embora em conjunto a classe dos responsáveis e membros das suas famílias seja mais numerosa do que a dos colonos e empregados, a parcela do pessoal total constituída pelos homens adultos da primeira classe é menor do que a da segunda (21,35%, em comparação com 25,04%), enquanto é muito maior a parcela constituída por mulheres e crianças (25,90%, em comparação com 15,24%), unidades de mão-de-obra de menor rendimento.

Para completar os cálculos da tabela 30, foi suposto que os ocupados temporariamente sejam todos em idades de 15 anos e mais (de fato, as crianças devem ser relativamente raras) e que as proporções dos dois sexos entre eles, na Zona Cacaueira, sejam as mesmas observadas no conjunto da Bahia. Mercê dessas conjeturas, tornou-se possível o cálculo das proporções reunidas na tabela 31, que discriminam segundo o sexo e grupos de idade o conjunto dos ocupados nos estabelecimentos com declaração do pessoal, em cada Município.

De acôrdo com êsse cálculo, entre os ocupados permanente ou temporariamente nos estabelecimentos agropecuários da zona, contam-se:

12,25%	de homens até 14 anos,
56,13%	de homens de 15 anos e mais,
9,52%	de mulheres até 14 anos,
22,10%	de mulheres de 15 anos e mais.

Por sexo, 68,38% de homens e 31,62% de mulheres.

Por idade, 21,77% até 14 anos e 78,23% de 15 anos e mais.

Observam-se notáveis diferenças entre os diversos Municípios.

Tabela 29

ZONA CACAUEIRA

Pessoal dos estabelecimentos agropecuários com declaração do pessoal em 1940

MUNICÍPIO	ESTA- BELECI- MENTOS	PESSOAL TOTAL	PESSOAL PERMANENTE								PESSOAL TEMPO- RÁRIO	
			Responsáveis e membros das suas famílias				Colonos e empregados					Total
			Homens		Mulheres		Homens		Mulheres			
			Total	Até 14 anos	Total	Até 14 anos	Total	Até 14 anos	Total	Até 14 anos		
1. Belmonte.....	1 568	11 015	2 018	871	2 006	865	1 727	338	1 313	310	7 064	3 951
2. Cairu.....	194	1 518	56	13	30	12	260	16	135	16	481	1 037
3. Camamu.....	2 703	8 840	4 681	873	2 627	478	710	80	270	37	8 288	552
4. Canavieiras.....	2 378	7 572	2 451	138	326	50	3 265	165	497	91	6 539	1 033
5. Ilhéus.....	3 881	26 669	6 033	1 299	2 258	728	11 070	1 282	2 946	1 456	22 307	4 362
6. Ipiaú.....	1 298	11 061	2 740	749	1 385	480	4 928	818	1 569	449	10 622	439
7. Itabuna.....	4 034	31 299	9 220	2 968	6 478	2 440	9 065	1 750	4 647	1 520	29 410	1 889
8. Itacaré.....	1 685	7 653	2 621	441	1 618	334	2 476	191	546	117	7 261	392
9. Ituberá.....	995	6 065	2 077	665	1 335	472	1 173	261	400	101	4 985	1 080
10. Maraú.....	1 206	4 957	1 589	277	698	155	1 773	165	467	66	4 527	430
11. Nilo Peçanha.....	1 046	8 611	2 070	711	1 924	686	1 153	360	985	362	6 132	2 479
12. Taperoá.....	729	4 361	2 097	998	1 828	813	365	18	42	10	4 332	29
13. Ubaitaba.....	601	2 788	948	208	664	195	957	63	141	42	2 710	78
14. Una.....	875	5 935	2 451	1 034	2 023	941	712	271	503	220	5 689	246
15. Valença.....	853	7 699	1 775	395	973	225	3 180	475	1 554	233	7 482	217
ZONA CACAUEIRA...	24 046	146 043	42 827	11 640	26 173	8 874	42 814	6 253	16 015	5 030	127 829	18 214

ZONA CACAUEIRA

Discriminação percentual do pessoal dos estabelecimentos agropecuários em permanente e temporário, etc.

MUNICÍPIO	PESSOAL PERMANENTE										PESSOAL TEMPO- RÁRIO	
	Responsáveis e membros das suas famílias					Colonos e empregados						Total
	Homens		Mulheres		Total	Homens		Mulheres		Total		
	Até 14 anos	De 15 anos e mais	Até 14 anos	De 15 anos e mais		Até 14 anos	De 15 anos e mais	Até 14 anos	De 15 anos e mais			
1. Belmonte.....	7,91	10,41	7,85	10,36	36,53	3,07	12,61	2,81	9,11	27,60	64,13	35,87
2. Cairu.....	0,86	2,83	0,79	1,19	5,67	1,05	16,98	1,05	7,84	26,02	31,69	68,31
3. Camamu.....	9,87	43,08	5,41	24,31	82,67	0,90	7,13	0,42	2,64	11,09	93,76	6,24
4. Canavieiras.....	1,82	30,55	0,66	3,65	36,68	2,18	40,94	1,20	5,36	49,68	86,36	13,64
5. Ilhéus.....	4,87	17,75	2,73	5,74	31,09	4,81	36,70	5,46	5,58	52,55	83,64	16,36
6. Ipiaú.....	6,77	18,00	4,34	8,18	37,29	7,39	37,16	4,06	10,13	58,74	96,03	3,97
7. Itabuna.....	9,48	19,98	7,79	12,90	50,15	5,59	23,37	4,86	9,99	43,81	93,96	6,04
8. Itacaré.....	5,76	28,49	4,36	16,78	55,39	2,50	29,86	1,53	5,60	39,49	94,88	5,12
9. Ituberá.....	10,97	23,28	7,78	14,23	56,26	4,30	15,04	1,66	4,93	25,93	82,19	17,81
10. Marau.....	5,59	26,47	3,13	10,95	46,14	3,33	32,44	1,33	8,09	45,19	91,33	8,67
11. Nilo Peçanha.....	8,26	15,78	7,96	14,38	46,38	4,18	9,21	4,20	7,24	24,83	71,21	28,79
12. Taperoá.....	22,88	25,20	18,64	23,28	90,00	0,41	7,96	0,23	0,74	9,34	99,34	0,66
13. Ubaitaba.....	7,46	26,54	7,00	16,82	57,82	2,26	32,06	1,51	3,55	39,38	97,20	2,80
14. Una.....	17,42	23,88	15,86	18,23	75,39	4,56	7,43	3,71	4,77	20,47	95,86	4,14
15. Valença.....	5,13	17,92	2,92	9,72	35,69	6,17	35,13	3,03	17,16	61,49	97,18	2,82
ZONA CACAUEIRA...	7,97	21,35	6,08	11,85	47,25	4,28	25,04	3,44	7,52	40,28	87,53	12,47

Tabela 31

ZONA CACAUEIRA

Distribuição percentual do pessoal dos estabelecimentos com declaração do pessoal, segundo o sexo e a idade *

MUNICÍPIO	HOMENS			MULHERES			HOMENS E MULHERES	
	Até 14 anos	De 15 anos e mais	Total	Até 14 anos	De 15 anos e mais	Total	Até 14 anos	De 15 anos e mais
1. Belmonte.....	10,98	51,02	62,00	10,66	27,34	38,00	21,64	78,36
2. Cairu.....	1,91	72,24	74,15	1,84	24,01	25,85	3,75	96,25
3. Camamu.....	10,77	55,08	65,85	5,83	28,32	34,15	16,60	83,40
4. Canavieiras.....	4,00	82,14	86,14	1,86	12,00	13,86	5,86	94,14
5. Ilhéus.....	9,68	67,22	76,90	8,19	14,91	23,10	17,87	82,13
6. Ipiaú.....	14,16	58,26	72,42	8,40	19,18	27,58	22,56	77,44
7. Itabuna.....	15,07	48,07	63,14	12,65	24,21	36,86	27,72	72,28
8. Itacaré.....	8,26	62,35	70,61	5,89	23,50	29,39	14,15	85,85
9. Ituberá.....	15,27	52,22	67,49	9,44	23,07	32,51	24,71	75,29
10. Maraú.....	8,92	65,68	74,60	4,46	20,94	25,40	13,38	86,62
11. Nilo Peçanha.....	12,44	47,47	59,91	12,16	27,93	40,09	24,60	75,40
12. Taperoá.....	23,29	33,68	56,97	18,87	24,16	43,03	42,16	57,84
13. Ubaitaba.....	9,72	60,79	70,51	8,51	20,98	29,49	18,23	81,77
14. Una.....	21,98	34,54	56,52	19,57	23,91	43,48	41,55	58,45
15. Valença.....	11,30	55,25	66,55	5,95	27,50	33,45	17,25	82,75
<i>ZONA CACAUEIRA.....</i>	<i>12,25</i>	<i>56,13</i>	<i>68,38</i>	<i>9,52</i>	<i>22,10</i>	<i>31,62</i>	<i>21,77</i>	<i>78,23</i>

* No cálculo desta tabela foi suposto que no pessoal temporário a proporção dos sexos fôsse, em todos os Municípios, igual à média do Estado e a idade fôsse, para todo esse pessoal, de 15 anos e mais.

No que diz respeito ao sexo: a proporção do pessoal feminino varia entre os mínimos de 13,86% (Canavieiras) e 23,10% (Ilhéus) e os máximos de 43,03% (Taperoá) e 43,48% (Una). Nos dois primeiros Municípios são baixas e nos dois últimos são elevadas as proporções dos responsáveis e membros das suas famílias no pessoal total, circunstância que contribui para reduzir ou elevar a representação feminina. A quota feminina excede 40% em 3 Municípios, 30% em 5 outros, 20% em 6 outros e apenas em 1 fica abaixo deste limite.

No que diz respeito à idade: a proporção do pessoal de menos de 15 anos varia entre os mínimos de 3,75% em Cairu (onde predomina o pessoal temporário) e de 5,86% em Canavieiras, e os máximos de 41,55% em Una e 42,16% em Taperoá (devido à larga participação dos membros das famílias dos responsáveis, nestes dois últimos Municípios). A proporção das crianças excede 40% somente nos 2 Municípios citados acima; em nenhum outro excede 30%, em 5 outros excede 20%, em 6 outros 10% e apenas nos 2 citados fica abaixo deste limite.

* * *

11. A distribuição dos estabelecimentos agropecuários dos Municípios da Zona Cacaueira segundo classes de área consta dos dados publicados do censo agrícola de 1940, resumidos na primeira seção da tabela 32.

Da segunda seção da mesma tabela constam os correspondentes dados da área total dos estabelecimentos de cada classe; como na publicação oficial alguns desses dados foram omitidos para se evitar a identificação de estabelecimentos individuais, foi preciso efetuar estimativas dos mesmos, que estão marcadas pela letra e.

Na terceira seção aparecem os valores da produção de 1939 dos estabelecimentos de cada classe; valores, também, em alguns casos, estimados.

Como já foi advertido, os dados sobre o valor da produção no Município de Una estão fortemente errados por falta. Tornou-se, portanto, necessário corrigi-los conjuntamente, e foram obtidos os resultados constantes da tabela 33 bis, que retifica os dados absolutos da terceira seção da 32 e as percentagens e médias da tabela 33.

No que diz respeito ao pessoal, é preciso lembrar que alguns estabelecimentos não forneceram informações, de modo que os dados sobre este assunto reunidos na tabela 34 se referem apenas a 24 046 dos 26 340 estabelecimentos agropecuários recenseados na zona. Consta da primeira seção da tabela 34, para cada Município, a distribuição, segundo a área, dos estabelecimentos com declaração do pessoal; da segunda seção, a correspondente distribuição do pessoal permanentemente ocupado (não foram publicados dados sobre a distribuição, segundo a área dos estabelecimentos, do pessoal temporariamente ocupado e falta qualquer base para um cálculo conjetural). Também nesta seção figuram dados estimados, nos casos em que os apurados não foram publicados para evitar a identificação de estabelecimentos individuais.

Limitadamente ao pessoal com ocupação permanente, procurou-se preencher as lacunas do censo mediante um cálculo conjetural, supondo-se que, em cada classe de área, o número médio por estabelecimento dos ocupados nos que não informaram fôsse igual ao verificado nos que informaram. Os elementos e os resultados deste cálculo, para o conjunto da zona, constam da tabela 35. Ascenderiam a cerca de 138 500 os ocupados permanentemente nos 26 340 estabelecimentos agropecuários da zona; a média por estabelecimento seria de 5,26 pessoas.

Para dar uma visão de conjunto da distribuição dos estabelecimentos, das respectivas áreas, do valor da produção, e do pessoal* permanentemente ocupa-

* Dados deduzidos das estimativas apresentadas na tabela 35.

do, segundo a área do estabelecimento, convém agrupar as classes de área que foram discriminadas na apuração do censo em classes mais amplas, que convencionalmente poderão ser denominadas dos estabelecimentos

pequenos, até 10 hectares,
médios, de 10 a 100 hectares,
grandes, de 100 a 1 000 hectares,
muito grandes, de 1 000 a 10 000 hectares,
excepcionalmente grandes, de mais de 10 000 hectares*.

Obtêm-se, de acôrdo com êsse agrupamento, os dados do quadro seguinte.

CLASSE DE ESTABELECIMENTOS	PERCENTAGENS			
	Do número dos estabelecimentos	Da área	Do valor da produção	Do pessoal permanente
Pequenos.....	22,78	2,45	5,18	12,97
Médios.....	67,75	41,84	59,29	64,82
Grandes.....	9,05	41,27	32,84	20,17
Muito grandes.....	0,38	13,46	2,57	1,98
Excepcionalmente grandes.....	0,00	0,98	0,12	0,05
De área ignorada.....	0,04	...	0,00	0,01
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00

Os estabelecimentos pequenos constituem uma importante fração, mais de um quinto, do número total; embora êles abranjam uma pequena fração da área total, ocupam mais de um oitavo do pessoal permanente; a sua contribuição para o valor da produção atinge apenas um vigésimo.

Os estabelecimentos médios constituem a classe mais importante, compreendendo mais de dois terços do número total e mais de dois quintos da área, dando ocupação a quase dois terços do pessoal permanente e contribuindo com quase três quintos para o valor da produção.

Os estabelecimentos grandes, embora constituindo apenas um onzeavo do número total, compreendem mais de dois quintos da área total, ocupam um quinto do pessoal permanente e contribuem com quase um têtço para o valor da produção. Esta classe está em segundo lugar, pela sua importância econômica.

Os estabelecimentos muito grandes e excepcionalmente grandes abrangem um sétimo da área total, mas têm escassa importância, contribuindo em medida bem limitada para a ocupação permanente em atividades agropecuárias e para o valor da produção**.

* A área média do estabelecimento resulta de 5,39 hectares para os pequenos, de 31,02 para os médios, de 227 para os grandes e de 1 764 para os muito grandes. Na classe dos excepcionalmente grandes há apenas 1 estabelecimento com a área estimada de 12 916 hectares.

** A distribuição dos estabelecimentos segundo grandes classes de área, na Zona Cacaueira, apresenta sensíveis diferenças em comparação com a que se observa no conjunto do Estado.

Na Bahia, os estabelecimentos pequenos figuram com proporções maiores do que nessa zona, tanto do número (41,83%) como da área (3,23%), do valor da produção (16,23%) e do pessoal permanente (27,24%).

A classe dos estabelecimentos médios é, em conjunto, a mais importante, mas com menor destaque do que na Zona Cacaueira, pois que abrange 48,15% do número, 25,69% da área, 50,70% do valor da produção e 49,67% do pessoal permanente.

Os estabelecimentos grandes figuram com quotas pouco diferentes na referida zona e na Bahia, onde constituem 9,28% do número total, compreendem 39,10% da área, contribuem com 29,07% para o valor da produção e ocupam 19,85% do pessoal permanente.

As classes dos estabelecimentos muito e excepcionalmente grandes, embora de importância secundária — exceto no que diz respeito à área —, aparecem com quotas mais elevadas na Bahia (0,61% do número, 31,98% da área, 3,98% do valor da produção e 3,16% do pessoal permanente) do que na zona.

As principais características diferenciais da Zona Cacaueira consistem, portanto, na maior importância dos estabelecimentos médios e na menor importância dos pequenos e dos muito e excepcionalmente grandes.

Tabela 32

ZONA CACAUEIRA

Distribuição, segundo a área do estabelecimento, do número dos estabelecimentos, da sua área e do valor da produção, em 1940

MUNICÍPIO	ÁREA DO ESTABELECIMENTO (ha)																TOTAL
	Até 1	1 a 2	2 a 5	5 a 10	10 a 20	20 a 50	50 a 100	100 a 200	200 a 500	500 a 1 000	1 000 a 2 500	2 500 a 5 000	5 000 a 10 000	10 000 a 100 000	Mais de 100 000	Ignorada	
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS																	
1. Belmonte.....	5	44	221	290	388	512	290	142	101	47	21	—	1	—	—	—	2 062
2. Cairu.....	—	3	38	65	47	23	10	6	14	3	2	2	1	—	—	—	214
3. Camamu.....	11	65	351	621	840	655	108	48	16	1	2	—	—	—	—	—	2 718
4. Canavieiras.....	33	38	289	425	566	851	341	197	139	52	19	3	—	—	—	4	2 957
5. Ilhéus.....	—	1	51	298	884	1 584	701	336	170	33	11	1	—	—	—	1	4 071
6. Ipiaú.....	—	—	2	84	357	511	236	84	33	3	3	—	—	—	—	—	1 313
7. Itabuna.....	—	4	64	308	925	1 780	677	260	145	47	14	4	—	1	—	1	4 231
8. Itacaré.....	3	50	230	371	379	394	168	81	48	8	5	—	—	—	—	—	1 737
9. Ituberá.....	—	12	83	167	318	299	89	54	17	1	1	—	—	—	—	3	1 044
10. Mará.....	—	12	198	169	325	400	64	26	8	7	1	—	—	—	—	—	1 210
11. Nilo Peçanha.....	1	1	40	79	250	626	58	11	9	2	2	—	—	—	—	—	1 079
12. Taperoá.....	2	12	106	317	167	95	24	6	3	2	—	—	—	—	—	—	734
13. Ubaitaba.....	2	27	108	87	128	141	57	37	22	2	—	—	—	—	—	—	611
14. Una.....	1	6	183	342	399	385	111	34	24	6	4	1	1	—	—	—	1 497
15. Valença.....	2	10	32	36	71	421	191	82	11	4	2	—	—	—	—	—	862
ZONA CACAUEIRA	60	285	1 996	3 659	6 045	8 677	3 125	1 404	760	218	87	11	3	1	—	9	26 340
ÁREA (ha)																	
1. Belmonte.....	e 3	62	700	1 978	5 345	15 970	20 195	18 918	29 319	28 586	32 859	—	e 7 318	—	—	—	161 253
2. Cairu.....	—	4	121	433	578	684	645	672	4 305	2 100	e 2 900	e 6 300	e 6 300	—	—	—	25 042
3. Camamu.....	8	71	1 156	4 157	11 015	18 494	6 874	6 039	4 651	e 720	e 2 880	—	—	—	—	—	56 065
4. Canavieiras.....	18	50	893	2 812	7 486	24 465	22 288	24 292	39 853	28 561	26 280	9 600	—	—	—	...	186 598
5. Ilhéus.....	—	e 1	212	2 184	12 602	48 727	46 798	44 494	51 701	23 147	e 14 670	e 3 333	—	—	—	...	247 869
6. Ipiaú.....	—	—	e 7	616	5 072	15 481	15 597	11 010	9 006	1 987	e 3 501	—	—	—	—	—	62 277

7. Itabuna.....	—	4	214	2 153	13 649	54 517	44 553	33 323	47 786	32 002	18 180	e 14 000	—	e 12 916	—	...	273 297
8. Itacaré.....	2	77	813	2 656	5 379	12 344	11 107	10 517	12 792	4 903	6 586	—	—	—	—	—	67 176
9. Ituberá.....	—	e 16	274	1 143	4 185	8 925	5 735	7 062	4 501	e 520	e 1 050	—	—	—	—	...	33 411
10. Maraú.....	—	14	595	1 177	4 828	11 664	4 314	3 363	2 472	e 4 850	e 1 375	—	—	—	—	—	34 652
11. Nilo Peçanha....	e 1	e 1	170	561	3 733	16 701	3 895	1 423	2 375	e 1 270	e 2 533	—	—	—	—	—	32 663
12. Taperoá.....	e 1	12	397	2 003	2 225	2 429	1 522	623	1 032	e 1 003	—	—	—	—	—	—	11 247
13. Ubaitaba.....	e 1	43	351	630	1 811	4 311	3 770	4 839	7 191	e 1 000	—	—	—	—	—	—	23 947
14. Una.....	e 0	10	665	2 504	5 659	11 456	7 459	4 586	6 872	3 694	e 5 550	e 3 478	e 6 950	—	—	—	58 883
15. Valença.....	e 1	15	111	264	1 007	14 675	13 491	11 248	2 576	2 885	e 2 550	—	—	—	—	—	48 823
ZONA CA- CAUEIRA	35	380	6 679	25 271	84 574	260 843	208 243	182 409	226 432	137 228	120 914	36 711	20 568	12 916	—	...	1 323 203

VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)*

1. Belmonte.....	e 2	22	288	566	1 291	2 826	2 367	1 581	1 436	796	368	—	e 5	—	—	—	11 548
2. Cairu.....	—	1	20	112	148	147	118	80	264	84	e 56	e 112	e 113	—	—	—	1 255
3. Camamu.....	4	25	192	531	966	1 567	866	593	440	e 35	e 141	—	—	—	—	—	5 360
4. Canavieiras.....	14	25	231	614	1 054	2 208	1 658	1 368	1 495	648	472	147	—	—	—	—	9 934
5. Ilhéus.....	—	e 1	52	663	2 929	12 188	11 535	10 107	5 952	2 136	1 081	e 25	—	—	—	e 1	46 670
6. Ipiaú.....	—	—	e 2	132	688	1 756	1 427	1 094	794	187	e 244	—	—	—	—	—	6 324
7. Itabuna.....	—	0	42	490	2 240	7 453	5 309	3 001	2 198	828	182	e 160	—	e 160	—	e 1	22 064
8. Itacaré.....	0	45	145	410	733	1 784	1 645	1 379	1 604	406	80	—	—	—	—	—	8 231
9. Ituberá.....	—	e 6	83	300	812	1 601	705	641	601	e 21	e 41	—	—	—	—	—	4 811
10. Maraú.....	—	9	356	400	876	1 574	530	486	460	e 341	e 100	—	—	—	—	—	5 132
11. Nilo Peçanha....	e 1	e 1	20	124	477	1 566	361	90	72	e 26	e 52	—	—	—	—	—	2 790
12. Taperoá.....	e 0	4	124	429	229	191	50	30	7	e 20	—	—	—	—	—	—	1 084
13. Ubaitaba.....	e 1	7	81	103	272	642	704	610	693	e 175	—	—	—	—	—	—	3 288
14. Una.....	e 0	0	53	121	116	72	44	86	43	38	2	e 2	e 4	—	—	—	581
15. Valença.....	e 0	2	32	60	262	2 043	2 088	1 633	246	71	e 50	—	—	—	—	—	6 487
ZONA CA- CAUEIRA	22	148	1 721	5 055	13 093	37 618	29 407	22 779	16 305	5 812	2 869	446	122	160	—	2	135 559

* Vejam-se na tabela 33 bis as retificações propostas para o Município de Una e para o conjunto da zona.

As características dos estabelecimentos das diferentes classes de área são postas em evidência pelos cálculos das médias por estabelecimento: da área (tabela 33), do valor da produção (tabela 33; dados retificados na 33 bis) e do pessoal permanente (tabela 35).

Agrupando os dados segundo classes mais amplas de área, obtêm-se os resultados constantes do quadro seguinte.

CLASSE DE ESTABELECIMENTOS	MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO		
	Área (ha)	Valor da produção Cr\$	Pessoal permanente
Pequenos.....	5,39	1 194	2,99
Médios.....	31,02	4 601	5,03
Grandes.....	226,99	19 097	11,73
Muito grandes.....	1 764,29	35 238	27,11
Excepcionalmente grandes*.....	12 916,00	160 000	72,00
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS**</i>	<i>50,25</i>	<i>5 257</i>	<i>5,26</i>

Passando-se de cada grande classe de área para a imediatamente superior, vê-se aumentar o número médio das pessoas ocupadas, em proporção muito menor do que a área média. Também o valor médio da produção aumenta em proporção bem menor do que a área média***. Essas diferenças na marcha das séries que representam os principais caracteres dos estabelecimentos agropecuários ressaltam pelos cálculos de proporções entre os diversos elementos, expostos abaixo.

CLASSE DE ESTABELECIMENTOS	NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS PERMANENTEMENTE OCUPADAS POR 100 HECTARES	VALOR MÉDIO DA PRODUÇÃO	
		Por hectare Cr\$	Por pessoa permanentemente ocupada Cr\$
Pequenos.....	55,52	221	399
Médios.....	16,22	148	914
Grandes.....	5,11	83	1 629
Muito e excepcionalmente grandes*...	1,47	19	1 323
<i>TODOS OS ESTABELECIMENTOS**</i>	<i>10,47</i>	<i>105</i>	<i>1 000</i>

* Há apenas um estabelecimento na classe dos excepcionalmente grande.

** Médias para os estabelecimentos com declaração da área.

*** No conjunto da Bahia, as médias do valor da produção por estabelecimento ficam muito abaixo daquelas da Zona Cacauzeira em todas as grandes classes de área, atingindo apenas 770 cruzeiros para os estabelecimentos pequenos, 2 088 para os médios, 6 218 para os grandes e 12 862 para os muito grandes, embora o número médio por estabelecimento de pessoas ocupadas permanentemente seja maior na Bahia do que na zona, em todas as classes, ascendendo a 3,62 na dos estabelecimentos pequenos, a 5,73 na dos médios, a 11,88 na dos grandes e a 27,79 na dos muito grandes.

A densidade do pessoal em relação à área diminui rapidamente com o aumentar da área do estabelecimento. Diminui também, mas com rapidez bem menor, o valor médio da produção por hectare*. O valor médio da produção por pessoa permanentemente ocupada aumenta fortemente na passagem dos estabelecimentos pequenos para os médios e dos médios para os grandes; diminui sensivelmente, entretanto, passando-se para a classe dos muito e excepcionalmente grandes**.

O cálculo do valor médio da produção por hectare, exposto acima com referência às grandes classes de área, foi efetuado também com referência às classes menos amplas discriminadas na apuração do censo agrícola; seus resultados constam das tabelas 33 (de acordo com os dados publicados) e 33 bis (de acordo com a retificação para o Município de Una).

Tabela 33

ZONA CACAUEIRA

Distribuição dos estabelecimentos, das respectivas áreas e do valor da produção de 1939, segundo a área do estabelecimento

Percentagens e médias

ÁREA DO ESTABELECIMENTO		DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL			MÉDIAS		
		Estabelecimentos	Área	Valor da produção***	Por estabelecimento		Por hectare Valor da produção*** Cr\$
					Área ha	Valor da produção*** Cr\$	
ha							
Até 1.....	1.....	0,23	0,00	0,01	0,58	367	629
1 a 2.....	2.....	1,08	0,03	0,11	1,33	519	389
2 a 5.....	5.....	7,58	0,51	1,27	3,35	862	258
5 a 10.....	10.....	13,89	1,91	3,73	6,91	1 382	200
10 a 20.....	20.....	22,95	6,39	9,66	13,99	2 166	155
20 a 50.....	50.....	32,94	19,71	27,75	30,06	4 335	144
50 a 100.....	100.....	11,86	15,74	21,69	66,64	9 410	141
100 a 200.....	200.....	5,33	13,79	16,80	129,92	16 224	125
200 a 500.....	500.....	2,89	17,11	12,03	297,94	21 454	72
500 a 1 000.....	1 000.....	0,83	10,37	4,29	629,49	26 661	42
1 000 a 2 500.....	2 500.....	0,33	9,14	2,12	1 389,82	32 977	24
2 500 a 5 000.....	5 000.....	0,04	2,77	0,33	3 337,36	40 545	12
5 000 a 10 000.....	10 000.....	0,01	1,55	0,09	6 856,00	40 667	6
10 000 a 100 000.....	100 000.....	0,00	0,98	0,12	12 916,00	160 000	12
Mais de 100 000.....	—	—	—	—	—	—
Ignorada.....	0,04	0,00	222
TODOS OS ESTABELECIMENTOS		100,00	100,00	100,00	50,25****	5 147	102

* O valor médio da produção por hectare no conjunto da Bahia é muito menor do que na Zona Cacauera em todas as grandes classes, atingindo apenas 169 cruzeiros na dos estabelecimentos pequenos, 66 na dos médios, 25 na dos grandes e 4 nas dos muito e excepcionalmente grandes reunidas.

** A produção média por pessoa permanentemente ocupada é muito menor no conjunto da Bahia do que na Zona Cacauera em todas as grandes classes, atingindo apenas 213 cruzeiros na dos estabelecimentos pequenos, 365 na dos médios, 523 na dos grandes e 451 nas dos muito e excepcionalmente grandes reunidas.

*** Vejam-se na tabela 33 bis as séries retificadas de acordo com a retificação proposta dos dados para o Município de Una.

**** Média para os estabelecimentos com declaração da área. Para o conjunto dos estabelecimentos a média fica reduzida a 50,24 hectares.

Tabela 33 bis

ZONA CACAUEIRA

Valor da produção de 1939, segundo a área do estabelecimento

Retificando-se os valores da produção para o Município de Una conforme os dados da coluna (b) da tabela abaixo, os correspondentes valores para o conjunto da zona ficam retificados como consta da coluna (c). Em consequência, ficam retificados também o cálculo das percentagens do valor da produção por classes de área, como consta da coluna (d), e os cálculos do valor médio da produção por estabelecimento e por hectare para o conjunto da zona como consta das colunas (e) e (f).

As colunas (b) e (c) retificam dados da tabela 32; as colunas (d), (e), (f), dados da 33.

ÁREA DO ESTABELECIMENTO		MUNI- CÍPIO DE UNA Valor da produção Cr\$ 1 000	ZONA CACAUEIRA			
			Valor da produção		Valor médio da produção	
			ha	Cr\$ 1 000	Perce- ntagens	Por esta- belecimento Cr\$
(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	
Até 1.....	0	22	0,02	367	629	
1 a 2.....	2	150	0,11	526	395	
2 a 5.....	98	1 766	1,28	885	264	
5 a 10.....	290	5 224	3,77	1 428	207	
10 a 20.....	540	13 517	9,76	2 236	160	
20 a 50.....	1 030	38 576	27,86	4 446	148	
50 a 100.....	650	30 013	21,67	9 604	145	
100 a 200.....	340	23 033	16,63	16 405	126	
200 a 500.....	320	16 582	11,97	21 818	73	
500 a 1 000.....	100	5 874	4,24	26 945	43	
1 000 a 2 500.....	80	2 947	2,13	33 874	24	
2 500 a 5 000.....	25	469	0,34	42 636	13	
5 000 a 10 000.....	25	143	0,10	47 667	7	
10 000 a 100 000.....	—	160	0,12	160 000	12	
Mais de 100 000.....	—	—	—	—	—	
Ignorada.....	—	2	0,00	222	...	
TODOS OS ESTABELECI- MENTOS.....	3 500	138 478	100,00	5 257	105	

Tabela 34

ZONA CACAUEIRA

Distribuição, segundo a área do estabelecimento, dos estabelecimentos com declaração do pessoal e do respectivo pessoal permanente, em 1940

MUNICÍPIO	ÁREA DO ESTABELECIMENTO (ha)															TOTAL	
	Até 1	1 a 2	2 a 5	5 a 10	10 a 20	20 a 50	50 a 100	100 a 200	200 a 500	500 a 1 000	1 000 a 2 500	2 500 a 5 000	5 000 a 10 000	10 000 a 100 000	Mais de 100 000		Ignorada
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS COM DECLARAÇÃO DO PESSOAL PERMANENTE																	
1. Belmonte.....	—	5	61	186	287	457	286	133	96	39	17	—	1	—	—	—	1 568
2. Cairu.....	—	—	32	60	41	23	10	6	14	3	2	2	1	—	—	—	194
3. Camamu.....	11	64	348	620	840	650	107	48	12	1	2	—	—	—	—	—	2 703
4. Canavieiras.....	20	21	206	308	468	746	277	154	118	39	17	3	—	—	—	—	2 378
5. Ilhéus.....	—	1	44	273	812	1 548	672	327	160	31	11	1	—	—	—	—	3 881
6. Ipiá.....	—	—	2	80	354	506	233	84	33	3	3	—	—	—	—	—	1 298
7. Itabuna.....	—	4	60	276	877	1 719	657	242	138	43	12	4	—	1	—	—	4 034
8. Itacaré.....	3	36	211	367	375	388	164	80	48	8	5	—	—	—	—	—	1 685
9. Ituberá.....	—	9	72	162	310	288	85	48	17	—	1	—	—	—	—	—	995
10. Marauá.....	—	12	198	169	324	398	63	26	8	7	1	—	—	—	—	—	1 206
11. Nilo Peçanha.....	—	1	35	73	244	616	54	11	8	2	2	—	—	—	—	—	1 046
12. Taperoá.....	2	12	106	317	165	95	23	6	1	2	—	—	—	—	—	—	729
13. Ubaitaba.....	1	25	107	84	127	140	57	36	22	2	—	—	—	—	—	—	601
14. Una.....	—	4	125	184	208	237	78	21	14	3	1	—	—	—	—	—	875
15. Valença.....	1	10	32	36	68	420	189	82	10	3	2	—	—	—	—	—	853
ZONA CACAUEIRA	38	204	1 639	3 195	5 500	8 231	2 955	1 304	699	186	76	10	2	1	—	6	24 046
PESSOAL PERMANENTE																	
1. Belmonte.....	—	e 15	199	578	965	1 853	1 382	829	594	474	e 140	—	e 35	—	—	—	7 064
2. Cairu.....	—	—	16	73	36	28	12	29	111	58	e 40	e 50	e 28	—	—	—	481
3. Camamu.....	17	126	794	1 493	2 365	2 264	644	374	196	e 5	e 10	—	—	—	—	—	8 288
4. Canavieiras.....	25	39	379	581	982	1 696	788	610	719	372	e 276	e 69	—	—	—	e 3	6 539
5. Ilhéus.....	—	e 2	122	929	3 301	6 829	4 553	2 938	2 474	753	e 395	e 9	—	—	—	e 2	22 307
6. Ipiá.....	—	—	10	313	1 749	3 670	2 350	1 283	684	113	e 450	—	—	—	—	—	10 622
7. Itabuna.....	—	9	271	1 231	4 304	10 318	5 859	3 309	2 433	1 048	e 393	e 160	—	e 72	—	e 3	29 410
8. Itacaré.....	3	53	327	758	1 161	1 848	1 159	749	979	130	94	—	—	—	—	—	7 261
9. Ituberá.....	—	e 12	258	560	1 404	1 513	602	387	236	—	e 10	—	—	—	—	—	4 985
10. Marauá.....	—	17	282	472	1 090	1 687	372	293	66	e 210	e 38	—	—	—	—	—	4 527
11. Nilo Peçanha.....	—	e 3	120	196	1 031	3 505	630	287	135	e 90	e 135	—	—	—	—	—	6 132
12. Taperoá.....	e 2	52	593	1 880	893	626	220	37	e 8	e 21	—	—	—	—	—	—	4 332
13. Ubaitaba.....	e 3	34	188	217	397	691	404	421	273	e 82	—	—	—	—	—	—	2 710
14. Una.....	—	21	632	980	1 289	1 709	706	172	140	e 27	e 13	—	—	—	—	—	5 689
15. Valença.....	e 3	41	153	209	415	3 161	2 072	1 226	120	e 44	e 38	—	—	—	—	—	7 482
ZONA CACAUEIRA	53	424	4 344	10 470	21 382	41 398	21 753	12 944	9 168	3 427	2 032	288	63	72	—	11	127 829

Tabela 35

ZONA CACAUEIRA

Cálculo aproximativo do pessoal permanente de todos os estabelecimentos, em 1940

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	ESTABE- LECI- MENTOS	PESSOAL PER- MANENTE		DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO PESSOAL ESTIMADO
		Médias por estabelecimento*	Totais es- timados	
Até 1.....	60	1,40	84	0,06
1 a 2.....	285	2,08	593	0,43
2 a 5.....	1 996	2,65	5 289	3,82
5 a 10.....	3 659	3,28	12 002	8,66
10 a 20.....	6 045	3,89	23 515	16,98
20 a 50.....	8 677	5,03	43 645	31,51
50 a 100.....	3 125	7,24	22 625	16,33
100 a 200.....	1 404	9,93	13 942	10,07
200 a 500.....	760	13,12	9 971	7,20
500 a 1 000.....	218	18,42	4 016	2,90
1 000 a 2 500.....	87	26,74	2 326	1,68
2 500 a 5 000.....	11	28,80	317	0,23
5 000 a 10 000.....	3	31,50	95	0,07
10 000 a 100 000.....	1	72,00	72	0,05
Mais de 100 000.....	—	—	—	—
Ignorada.....	9	1,83	16	0,01
TODOS OS ESTABELECIMENTOS.....	26 340	—	138 508**	100,00

* * *

12. Como complemento das elaborações apresentadas e comentadas no parágrafo anterior, relativas ao pessoal permanente dos estabelecimentos agropecuários da Zona Cacauera, as quais foram em parte baseadas em conjeturas sobre o número das pessoas ocupadas nos estabelecimentos que não informaram sobre este assunto, expõem-se na tabelas 36 e 37 algumas elaborações referentes somente aos estabelecimentos com declaração do pessoal.

Na tabela 36 são reduzidos a percentagens os dados da distribuição destes estabelecimentos e do pessoal nêles permanentemente ocupado, segundo classes de área, que foram expostos na tabela 34, para o conjunto da zona. Está, ainda, especificado o número médio por estabelecimento de pessoas permanentemente ocupadas, para cada classe de área.

* Nos estabelecimentos com declaração do pessoal.

** Média por estabelecimento 5,26 (em comparação com 5,32 nos estabelecimentos com declaração do pessoal).

No censo agrícola foi apurada, como consta da segunda seção da tabela 32, a área total dos estabelecimentos incluídos em cada classe de área. Querendo-se relacionar os dados do pessoal com os da área, é preciso, entretanto, conhecer a área total dos estabelecimentos, incluídos em cada classe, *que informaram sobre seu pessoal*, dado que não consta das apurações do censo agrícola. Foi preenchida essa lacuna mediante o cálculo conjetural da tabela 37, supondo-se que, em cada classe de área, a área média do estabelecimento com declaração do pessoal coincidissem com a área média do estabelecimento em geral*. E, de acordo com os resultados desse cálculo, foi determinada (na última coluna da tabela) a área média que corresponde a cada pessoa permanentemente ocupada; esta varia entre o mínimo de 0,42 hectares nos estabelecimentos com área até 1 hectare e o máximo de 217,65 hectares nos com área de 5 000 a 10 000 hectares.

Tabela 36

ZONA CACAUEIRA

Distribuição dos estabelecimentos com declaração do pessoal, e do respectivo pessoal permanente, segundo a área do estabelecimento, em 1940

Percentagens e médias

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL		MÉDIAS POR ESTABELECIMENTO Pessoal permanente
	Estabelecimentos	Pessoal permanente	
Até 1.....	0,16	0,04	1,40
1 a 2.....	0,85	0,33	2,08
2 a 5.....	6,82	3,40	2,65
5 a 10.....	13,29	8,19	3,28
10 a 20.....	22,87	16,73	3,89
20 a 50.....	34,23	32,38	5,03
50 a 100.....	12,29	17,02	7,24
100 a 200.....	5,42	10,13	9,93
200 a 500.....	2,91	7,17	13,12
500 a 1 000.....	0,77	2,68	18,42
1 000 a 2 500.....	0,32	1,59	26,74
2 500 a 5 000.....	0,04	0,22	28,80
5 000 a 10 000.....	0,01	0,05	31,50
10 000 a 100 000.....	0,00	0,06	72,00
Mais de 100 000.....	—	—	—
Ignorada.....	0,02	0,01	1,83
TODOS OS ESTABELECIMENTOS.....	100,00	100,00	5,32

* Para o mesmo objetivo fôra aplicado outro processo na tabela 35, calculando-se conjeturalmente o pessoal dos estabelecimentos que não informaram sobre o assunto, a fim de poder comparar o pessoal de todos os estabelecimentos de cada classe com a respectiva área.

Tabela 37

ZONA CACAUEIRA

Cálculo aproximativo da área dos estabelecimentos com declaração do pessoal, em 1940

ÁREA DO ESTABELECIMENTO ha	ESTABELECIMENTOS COM DECLARAÇÃO DO PESSOAL	ÁREA MÉDIA ESTIMADA ha	ÁREA TOTAL CALCULADA ha	NÚMERO MÉDIO DE HECTARES POR UNIDADE DE PESSOAL PERMANENTE
Até 1.....	38	0,58	22	0,42
1 a 2.....	204	1,33	271	0,64
2 a 5.....	1 639	3,35	5 491	1,26
5 a 10.....	3 195	6,91	22 077	2,11
10 a 20.....	5 500	13,99	76 945	3,60
20 a 50.....	8 231	30,06	247 424	5,98
50 a 100.....	2 955	66,64	196 921	9,05
100 a 200.....	1 304	129,92	169 416	13,09
200 a 500.....	699	297,94	208 260	22,72
500 a 1 000.....	186	629,49	117 085	34,17
1 000 a 2 500.....	76	1 389,82	105 626	51,98
2 500 a 5 000.....	10	3 337,36	33 374	115,88
5 000 a 10 000.....	2	6 856,00	13 712	217,65
10 000 a 100 000.....	1	12 916,00	12 916	179,39
Mais de 100 000.....	—	—	—	—
Ignorada.....	6
TODOS OS ESTABELECIMENTOS...	24 046	—	1 209 540	9,46*

* * *

13. No que diz respeito à propriedade, predomina na Zona Cacauera o tipo individual, com 88,22% do número dos estabelecimentos agropecuários, 81,31% da área e 80,15% do valor da produção (vejam-se dados absolutos, por Municípios e para o conjunto da zona, na tabela 38). É notável, entretanto, a proporção da propriedade em condomínio, com 9,04% do número, 13,59% da área e 14,25% do valor da produção.

É muito pequena a participação das pessoas jurídicas na propriedade rural (0,95% do número dos estabelecimentos, 3,34% da área e 3,80 do valor da produção) e ainda menor a da administração pública (respectivamente, 0,56%, 0,36% e 0,06%)**.

* * *

14. A gestão dos estabelecimentos, como se vê pelos dados da tabela 39, é exercida na grande maioria dos casos pelos proprietários, seja diretamente (em 77,86% do número total dos estabelecimentos, com 64,89% da área e 62,90% do valor da produção), seja por meio de administrador (19,07% do número, 32,50% da área e 35,68% do valor da produção)***.

* Média para os 24 040 estabelecimentos com declaração da área e do pessoal.

** As proporções dos diversos tipos de propriedade na Zona Cacauera não diferem muito das observadas no conjunto da Bahia, onde à propriedade individual cabem 86,37% do número dos estabelecimentos, 78,27% da área e 81,98% do valor da produção, e à em condomínio, respectivamente, 11,14%, 16,52% e 13,06%, enquanto a propriedade de pessoas jurídicas figura com as baixas proporções de 0,34%, 2,47% e 3,06%, e a da administração pública com as de 0,71%, 0,66% e 0,40%.

*** A gestão direta é menos freqüente na zona do que no conjunto da Bahia, onde abrange 83,82% do número dos estabelecimentos, 68,15% da área e 75,02% do valor da produção, enquanto a gestão por meio de administrador é mais difusa na zona do que no Estado, onde se estende apenas a 11,89% do número, a 28,23% da área e a 21,42% do valor da produção dos estabelecimentos. O arrendamento é mais raro na zona do que na Bahia, onde compreende 2,89% do número, 1,46% da área e 2,59% do valor da produção. A gestão por ocupante, pelo contrário, é mais rara na Bahia (1,30%, 0,51% e 0,76%).

Tabela 38

ZONA CACAUEIRA

Distribuição dos estabelecimentos, da sua área e do valor da produção, segundo a propriedade

MUNICÍPIO	IMÓVEIS DE PROPRIEDADE					TOTAL
	Individual	Em condomínio	De pessoa jurídica	De administração pública	Não declarada	
NÚMERO						
1. Belmonte.....	1 684	273	86	—	19	2 062
2. Cairu.....	186	25	2	—	1	214
3. Camamu.....	2 584	85	3	23	23	2 718
4. Canavieiras.....	2 601	242	25	—	89	2 957
5. Ilhéus.....	3 541	424	37	7	62	4 071
6. Ipiáú.....	1 167	127	8	4	7	1 313
7. Itabuna.....	3 701	339	31	110	50	4 231
8. Itacaré.....	1 616	97	11	—	13	1 737
9. Ituberá.....	855	161	6	1	21	1 044
10. Maraú.....	1 136	54	16	1	3	1 210
11. Nilo Peçanha.....	1 019	41	—	—	19	1 079
12. Taperoá.....	685	44	—	—	5	734
13. Ubaitaba.....	553	46	7	—	5	611
14. Una.....	1 351	131	11	—	4	1 497
15. Valença.....	557	293	8	—	4	862
ZONA CACAUEIRA.....	23 236	2 382	251	146	325	26 340
ÁREA (ha)						
1. Belmonte.....	130 755	17 052	12 726	—	720	161 253
2. Cairu.....	17 199	7 811	20	—	12	25 042
3. Camamu.....	50 807	3 562	235	133	1 328	56 065
4. Canavieiras.....	155 819	21 449	4 241	—	5 089	186 598
5. Ilhéus.....	202 463	34 258	6 301	45	4 802	247 859
6. Ipiáú.....	54 206	7 340	202	68	461	62 277
7. Itabuna.....	226 205	36 577	3 225	4 471	2 819	273 297
8. Itacaré.....	53 414	11 370	2 057	—	335	67 176
9. Ituberá.....	26 252	6 062	168	31	898	33 411
10. Maraú.....	30 800	3 198	502	40	112	34 652
11. Nilo Peçanha.....	27 653	3 787	—	—	1 223	32 663
12. Taperoá.....	10 078	929	—	—	240	11 247
13. Ubaitaba.....	19 730	2 967	1 042	—	208	23 947
14. Una.....	39 986	6 097	12 664	—	136	58 883
15. Valença.....	30 517	17 340	760	—	206	48 823
ZONA CACAUEIRA.....	1 075 884	179 799	44 143	4 788	18 589	1 323 203
VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)						
1. Belmonte.....	8 617	1 590	1 263	—	78	11 548
2. Cairu.....	1 078	174	2	—	1	1 255
3. Camamu.....	4 961	186	2	26	185	5 360
4. Canavieiras.....	7 996	1 433	292	—	213	9 934
5. Ilhéus.....	36 473	6 946	2 131	2	1 118	46 670
6. Ipiáú.....	5 525	678	27	31	63	6 324
7. Itabuna.....	19 006	1 937	763	22	336	22 064
8. Itacaré.....	6 968	923	295	—	45	8 231
9. Ituberá.....	3 406	1 236	8	2	159	4 811
10. Maraú.....	4 456	517	146	4	9	5 132
11. Nilo Peçanha.....	2 437	244	—	—	109	2 790
12. Taperoá.....	1 030	51	—	—	3	1 084
13. Ubaitaba.....	2 657	424	181	—	26	3 288
14. Una.....	488	74	13	—	6	581
15. Valença.....	3 438	2 945	75	—	29	6 487
ZONA CACAUEIRA.....	108 536	19 358	5 198	87	2 380	135 559

NOTA: — Introduzindo-se as correções conjeturais necessárias para o Município de Una, os dados do valor da produção para este Município ficam retificados (na ordem das colunas) para 2 940, 446, 78, —, 36 e 3 500, e os para o conjunto da zona, para 110 988, 19 730, 5 263, 87, 2 410 e 138 478.

Tabela 39

ZONA CACAUEIRA

Distribuição dos estabelecimentos, da sua área e do valor da produção, segundo o responsável pela exploração

MUNICÍPIO	RESPONSÁVEL PELA EXPLORAÇÃO					TOTAL
	Proprietário	Administrador	Arrendatário	Ocupante	Outro, etc	
NÚMERO						
1. Belmonte.....	1 365	680	9	4	4	2 062
2. Cairu.....	131	79	4	—	—	214
3. Camamu.....	2 469	220	3	25	1	2 718
4. Canavieiras.....	2 326	610	9	—	12	2 957
5. Ilhéus.....	2 664	1 032	8	358	9	4 071
6. Ipiá.....	1 000	224	4	76	9	1 313
7. Itabuna.....	3 252	793	117	64	5	4 231
8. Itacaré.....	1 418	313	5	1	—	1 737
9. Ituberá.....	882	138	9	12	3	1 044
10. Mará.....	915	271	7	17	—	1 210
11. Nilo Peçanha.....	1 008	66	5	—	—	1 079
12. Taperoá.....	718	14	2	—	—	734
13. Ubaitaba.....	536	74	1	—	—	611
14. Una.....	1 023	467	6	1	—	1 497
15. Valença.....	802	41	19	—	—	862
ZONA CACAUEIRA.....	20 509	5 022	208	558	43	26 340
ÁREA (ha)						
1. Belmonte.....	92 467	67 131	1 143	53	459	161 253
2. Cairu.....	9 207	14 924	911	—	—	25 042
3. Camamu.....	45 562	10 254	e 90	150	e 9	56 065
4. Canavieiras.....	123 877	61 195	1 337	—	189	186 598
5. Ilhéus.....	141 898	90 759	438	13 644	1 130	247 869
6. Ipiá.....	43 110	17 051	171	1 556	389	62 277
7. Itabuna.....	189 733	75 223	5 060	3 112	169	273 297
8. Itacaré.....	37 215	29 847	e 100	e 14	—	67 176
9. Ituberá.....	26 504	6 109	418	257	123	33 411
10. Mará.....	24 428	9 836	95	293	—	34 652
11. Nilo Peçanha.....	27 412	5 160	91	—	—	32 663
12. Taperoá.....	10 784	e 400	e 63	—	—	11 247
13. Ubaitaba.....	17 376	e 6 500	e 71	—	—	23 947
14. Una.....	26 549	30 187	e 1 800	e 347	—	58 883
15. Valença.....	42 499	5 525	799	—	—	48 823
ZONA CACAUEIRA.....	858 621	430 101	12 587	19 426	2 468	1 323 203
VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1 000)						
1. Belmonte.....	6 017	5 489	20	3	19	11 548
2. Cairu.....	603	605	47	—	—	1 255
3. Camamu.....	4 160	1 167	e 5	27	e 1	5 360
4. Canavieiras.....	5 689	4 188	17	—	40	9 934
5. Ilhéus.....	25 412	20 191	258	458	351	46 670
6. Ipiá.....	4 472	1 625	10	189	28	6 324
7. Itabuna.....	15 229	6 601	30	172	32	22 064
8. Itacaré.....	4 499	3 715	e 15	e 2	—	8 231
9. Ituberá.....	3 916	828	49	12	6	4 811
10. Mará.....	3 184	1 905	15	28	—	5 132
11. Nilo Peçanha.....	2 430	346	14	—	—	2 790
12. Taperoá.....	1 064	e 17	e 3	—	—	1 084
13. Ubaitaba.....	2 227	e 1 050	e 11	—	—	3 288
14. Una.....	346	227	e 7	e 1	—	581
15. Valença.....	6 117	307	63	—	—	6 487
ZONA CACAUEIRA.....	85 365	48 261	564	892	477	135 559

NOTA: — Corrigindo-se os dados do valor da produção do Município de Una (na ordem das colunas) para 2 084, 1 368, 42, 6, —, 3 500, ficam retificados os totais da zona para 87 103, 49 402, 599, 897, 477, 138 478.

É rara a gestão por parte de arrendatário (0,79% do número, 0,95% da área e 0,43% do valor da produção).

São pequenas a proporção e a importância dos estabelecimentos administrados pelo ocupante (2,12% do número, 1,47% da área e 0,65% do valor da produção).

A área média do estabelecimento é maior, por óbvias causas, nos estabelecimentos confiados a um administrador (85,64 hectares) do que nos com gestão direta por parte do proprietário (41,87 hectares). Atinge um nível intermédio nos casos de arrendamento (60,51 hectares) e desce para o mínimo (34,81 hectares) nos casos de gestão por ocupante*.

O valor médio da produção por hectare é muito menor na gestão por ocupante (46 cruzeiros) ou por arrendatário (48 cruzeiros) do que na gestão direta (101 cruzeiros) e na por meio de administrador (115 cruzeiros)**.

* * *

15. Das apurações publicadas do censo agrícola de 1940 constam as safras de 1939 de alguns principais produtos da agricultura***. Os dados para os Municípios da Zona Cacaueira estão resumidos na seções a e b da tabela 40, sendo especificados, para cada produto, o número dos estabelecimentos que declararam a quantidade produzida em 1939 e o total das quantidades por êles declaradas. Assim, por exemplo, dos 4 071 estabelecimentos agropecuários recenseados no Município de Ilhéus, 3 326 declararam ter produzido cacau, na quantidade total de 39 621 toneladas.

De acôrdo com as declarações, os números dos estabelecimentos que contribuem para as diversas produções e as suas produções totais, no conjunto da zona, seriam os constantes do seguinte quadro, onde está também especificada a proporção dos estabelecimentos produtores em relação ao número total (tirada da tabela 41, que dá também as correspondentes proporções para os diversos Municípios).

* No conjunto da Bahia as áreas médias nos diversos tipos de gestão diferem muito das verificadas na Zona Cacaueira. Na gestão direta pelo proprietário, a área média é de 48,16 hectares; na por administrador, de 140,66; no arrendamento, de 29,91; na ocupação, de 23,25.

** Todos êsses valores médios por hectare na Zona Cacaueira excedem fortemente os correspondentes para o conjunto da Bahia (37 cruzeiros na gestão pelo proprietário, 25 na por administrador, 59 na por arrendatário e 50 na por ocupante).

*** É provável que, na maior parte dos casos, tenham sido declaradas produções inferiores às efetivas, pelo temor de conseqüências fiscais, ou por outros motivos.

No que diz respeito ao cacau, produção principal da zona considerada, parece evidente que os dados do censo agrícola ficam inferiores à verdade.

Com efeito, segundo a apuração anual do Serviço de Estatística da Produção, a safra de cacau na Bahia teria ascendido a 111 748 toneladas em 1937, a 134 962 em 1938 e a 127 851 em 1939. A exportação de cacau da Bahia, segundo as apurações do Serviço de Estatística Econômica e Financeira, foi de 102 960 toneladas em 1937, de 125 550 em 1938 e de 128 585 em 1939. A comparação entre as duas séries mostra que os dados sobre a produção não devem estar acima da verdade, levando-se em conta a circunstância de que uma fração pequena, mas não desprezível, da produção não é exportada, sendo aproveitada como matéria prima pela indústria nacional.

Ora, a produção de cacau da Bahia em 1939, segundo as declarações dos produtores na ocasião do censo agrícola, teria atingido apenas 103 269 toneladas, quantidade inferior quase de um quinto à constante da estatística da produção, que parece ser fidedigna.

Os dados do censo agrícola sobre a produção do cacau deveriam ser, portanto, aumentados na proporção média de quase de um quarto para aproximá-los da verdade. Renuncia-se à aplicação desta correção, visto que interessa principalmente estabelecer as posições comparativas dos vários Municípios, as quais não ficariam por ela alteradas, não se tendo elementos para estabelecer coeficientes de correção diferentes para os diversos Municípios.

De outro lado, faltam elementos que permitam determinar a medida das correções convenientes para os dados referentes a outros produtos agrícolas. É interessante salientar que para alguns destes produtos os dados do censo agrícola ficam inferiores aos da estatística da produção, os quais nestes casos devem estar fortemente errados por falta (Exemplos, para o conjunto da Bahia: produção de 1939, em toneladas: feijão, estatística anual 31 980, censo agrícola 48 935; café, e. an. 18 000, c. ag. 23 407; laranja, e. an. 9 650, c. ag. 18 185).

PRODUTO	ESTABELECIMENTOS PRODUTORES		PRODUÇÃO (Toneladas)
	Número absoluto	Porcentagem	
Arroz.....	1 969	7,48	1 245
Milho.....	4 080	15,49	2 046
Feijão.....	4 413	16,75	2 943
Mandioca.....	11 912	45,22	211 452
Farinha de mandioca.....	9 773	37,10	36 276
Laranja.....	6 759	25,66	3 358*
Cana de açúcar.....	875	3,32	46 841
Cacau.....	19 679	74,71	97 158
Café.....	8 509	32,30	2 381
Fumo em fôlha.....	631	2,40	237
Fumo em corda.....	105	0,40	4
Mamona.....	74	0,28	76

Excluindo-se a farinha de mandioca e o fumo em corda, produtos de transformações industriais, o valor total das safras constantes da última coluna do quadro acima pode ser estimado, aos preços de 1939, em cêrca de 139 milhões de cruzeiros, dos quais 119,4 milhões correspondem à safra de cacau. É conveniente lembrar esta situação, a fim de que os dados expostos acima não levem a julgamentos errados sôbre a importância econômica de culturas bastante difusas, como a do café, mas praticadas por via de regra em pequeníssima escala, ou imponentes pela quantidade, mas de moderada importância pelo valor, como a da mandioca.

Entre as culturas destinadas a satisfazer as necessidades alimentares locais, a mais importante é, entretanto, a da mandioca, sendo bem pequenas, em relação à população da zona, as safras de arroz, milho e feijão. Em 45% dos estabelecimentos é cultivada a mandioca, com a produção média de 17 751 quilogramas por estabelecimento produtor; em 37% é transformada em farinha, com a produção média de 3 712 quilogramas por estabelecimento.

Apenas 17% dos estabelecimentos produzem feijão, 15% milho e 7% arroz, com produções médias por estabelecimento, respectivamente, de 667, de 501 e de 632 quilogramas.

É difusa a produção de laranja, obtida em 26% dos estabelecimentos, porém com a modesta média de 497 quilogramas por estabelecimento.

A cultura do cacau é praticada em 75% dos estabelecimentos, a do café em 32%; entretanto a importância da segunda é bem escassa em comparação com a da primeira, como consta da produção média por estabelecimento produtor, que ascende a 4 937 quilogramas para o cacau e apenas a 280 para o café.

Pouco mais de 3% dos estabelecimentos cultivam a cana de açúcar, com a produção média de 53 533 quilogramas por estabelecimento.

É rara, na zona, a cultura do fumo, como consta dos dados do quadro acima; a produção média por estabelecimento produtor é de 376 quilogramas para o fumo em fôlha e de 48 para o fumo em corda. Raríssima a cultura de mamona, com a produção média de 1 027 quilogramas por estabelecimento.

* * *

* Pêso calculado na base de 15 kg por 100 laranjas.

Tabela 40 a

ZONA CACAUEIRA

Número e produção dos estabelecimentos que contribuíram para as safras de alguns produtos agrícolas em 1939 — I

MUNICÍPIO	ARROZ		FARINHA DE MANDIOCA		FEIJÃO		MANDIOCA E AIPIM		MILHO		CANA DE AÇÚCAR	
	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. t
1. Belmonte.....	411	546	262	1 222	551	1 596	506	10 091	529	643	75	10 793
2. Cairu.....	—	—	4	7	3	1	30	6 135	7	2	2	e 10
3. Camamu.....	35	4	1 921	4 155	55	13	1 941	13 619	56	11	17	1 348
4. Canavieiras.....	27	22	330	645	52	41	524	4 501	59	51	14	131
5. Ilhéus.....	51	71	1 136	4 436	101	128	1 490	30 984	132	102	58	3 591
6. Ipiaú.....	288	174	967	3 400	952	297	1 089	23 281	659	135	341	10 802
7. Itabuna.....	559	99	799	2 568	837	293	836	11 816	876	485	45	1 781
8. Itacaré.....	93	14	553	2 198	215	28	1 053	23 921	288	99	150	9 215
9. Ituberá.....	122	110	416	1 041	561	169	691	12 350	476	135	31	2 393
10. Marauá.....	25	5	757	2 381	211	107	828	16 855	229	94	15	606
11. Nilo Peçanha.....	264	183	849	3 521	352	167	864	13 381	371	168	21	962
12. Taperoá.....	10	2	619	2 872	2	e 1	630	10 989	3	1	24	859
13. Ubaitaba.....	59	6	108	307	132	17	185	2 805	99	16	—	—
14. Una.....	11	4	279	305	203	55	446	1 057	235	96	22	128
15. Valença.....	14	5	773	7 218	186	30	799	29 667	61	8	60	4 222
ZONA CACAUEIRA...	1 969	1 245	9 773	36 276	4 413	2 943	11 912	211 452	4 080	2 046	875	46 841

Tabela 40 b

ZONA CACAUEIRA

Número e produção dos estabelecimentos que contribuíram para as safras de alguns produtos agrícolas em 1939 — II

MUNICÍPIO	CACAU		CAFÊ		FUMO EM FOLHA		FUMO EM CORDA		LARANJA		MAMONA	
	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. t	Estab.	Prod. 100	Estab.	Prod. t
1. Belmonte.....	1 359	7 008	467	295	63	33	4	0	434	4 126	13	13
2. Cairu.....	6	1	2 e	1	—	—	—	—	7	75	—	—
3. Camamu.....	1 679	2 981	587	69	—	—	—	—	1 167	14 973	—	—
4. Canavieiras.....	2 361	8 555	210	25	1 e	1	—	—	187	1 283	—	—
5. Ilhéus.....	3 326	39 621	1 206	410	1 e	0	1 e	0	960	58 520	—	—
6. Ipiaú.....	1 227	3 756	1 118	429	176	45	71	3	479	17 394	45	59
7. Itabuna.....	3 555	18 459	1 296	283	—	—	3	0	759	75 220	—	—
8. Itacaré.....	1 574	6 291	753	138	31	3	25	1	406	2 225	2 e	1
9. Ituberá.....	800	1 628	651	242	39	21	—	—	513	9 225	6	1
10. Maraú.....	850	2 431	546	71	1 e	0	—	—	437	6 334	1 e	0
11. Nilo Peçanha.....	764	684	632	233	216	103	—	—	439	9 478	5	1
12. Taperoá.....	259	123	125	17	—	—	—	—	202	2 297	—	—
13. Ubaitaba.....	593	2 873	265	62	5	1	1 e	0	49	78	1 e	1
14. Una.....	1 129	2 642	392	34	—	—	—	—	387	9 499	1 e	0
15. Valença.....	197	105	259	72	98	30	—	—	333	13 141	—	—
ZONA CACAUEIRA...	19 679	97 158	8 509	2 381	631	237	105	4	6 759	223 868	74	76

Tabela 41

ZONA CACAUEIRA

Percentagem dos estabelecimentos que contribuem para as principais produções

MUNICÍPIO	PERCENTAGENS DOS ESTABELECEMENTOS DO MUNICÍPIO QUE CONTRIBUEM PARA AS PRODUÇÕES ESPECIFICADAS											
	Arroz	Farinha de mandioca	Feijão	Mandioca e aipim	Milho	Cana de açúcar	Cacau	Café	Fumo em fôlha	Fumo em corda	Laranja	Mamona
1. Belmonte.....	19,93	12,71	26,72	24,54	25,65	3,64	65,91	22,65	3,05	0,19	21,05	0,63
2. Cairu.....	—	1,87	1,40	14,02	3,27	0,93	2,80	0,93	—	—	3,27	—
3. Camamu.....	1,29	70,68	2,02	71,41	2,06	0,63	61,77	21,60	—	—	42,94	—
4. Canavieiras.....	0,91	11,16	1,76	17,72	2,00	0,47	79,84	7,10	0,03	—	6,32	—
5. Ilhéus.....	1,25	27,90	2,48	36,60	3,24	1,42	81,70	29,62	0,02	0,02	23,58	—
6. Ipiatú.....	21,93	73,65	72,51	82,94	50,19	25,97	93,45	85,15	13,40	5,41	36,48	3,43
7. Itabuna.....	13,21	18,88	19,78	19,76	20,70	1,06	84,02	30,63	—	0,07	17,94	—
8. Itacaré.....	5,35	31,84	12,38	60,62	16,58	8,64	90,62	43,35	1,78	1,44	23,37	0,12
9. Ituberá.....	11,69	39,85	53,74	66,19	45,59	2,97	76,63	62,36	3,74	—	49,14	0,57
10. Maraú.....	2,07	62,56	17,44	68,43	18,93	1,24	70,25	45,12	0,08	—	36,12	0,08
11. Nilo Peçanha.....	24,47	78,68	32,62	80,07	34,38	1,95	70,81	58,57	20,02	—	40,69	0,46
12. Taperoá.....	1,36	84,33	0,27	85,83	0,41	3,27	35,29	17,03	—	—	27,52	—
13. Ubaitaba.....	9,66	17,68	21,60	30,28	16,20	—	97,05	43,37	0,82	0,16	8,02	0,16
14. Una.....	0,73	18,64	13,56	29,79	15,70	1,47	75,42	26,19	—	—	25,85	0,07
15. Valença.....	1,62	89,68	21,58	92,69	7,08	6,96	22,85	30,05	11,37	—	38,63	—
ZONA CACAUEIRA...	7,48	37,10	16,75	45,22	15,49	3,32	74,71	32,30	2,40	0,40	25,66	0,28

16. Segundo o censo agrícola, a Zona Cacaueira teria contribuído nas proporções de 94,08% para a produção de cacau da Bahia e de 89,90% para a do Brasil, em 1939. Bastam estas proporções para caracterizar a posição de absoluta predominância da zona nessa produção.

Os dados absolutos da safra de 1939, por Municípios, constantes da tabela 40 b, mostram que, na própria zona, a cultura de cacau se concentra principalmente em alguns Municípios: Ilhéus, com 39 621 toneladas (38,37% do total da Bahia); Itabuna, com 18 459 toneladas (17,87%); Canavieiras, com 8 555 toneladas (8,28%); Belmonte, com 7 008 toneladas (6,79%); Itacaré, com 6 291 toneladas (6,09%). Em conjunto êsses cinco Municípios dão 77,40% da produção da Bahia e 73,96% da do Brasil.

Cumpra lembrar que os dados absolutos sôbre a safra cacaueira estão abaixo da verdade, como foi advertido em nota ao parágrafo anterior; mas os dados relativos (percentagens) não deveriam ficar muito alterados por êsses erros.

Nenhum outro Município, além dos especificados acima, teria atingido a produção de 5 000 toneladas de cacau em 1939; em ordem decrescente de importância, as percentagens da produção da Bahia que cabem aos dez Municípios restantes são as seguintes: Ipiaú, 3,64%; Camamu, 2,89%; Ubaitaba, 2,78%; Una, 2,56%; Maraú, 2,35%; Ituberá, 1,58%; Nilo Peçanha, 0,66%; Taperoá, 0,12%; Valença, 0,10%; Cairu, 0,00%.

As três subzonas que foram discriminadas na Zona Cacaueira contribuem para a produção de cacau do Estado nas proporções: de 11,34% a setentrional, de 65,11% a central e de 17,63% a meridional.

A proporção dos estabelecimentos agropecuários que contribuem para a safra do cacau, a qual alcança o alto nível de 74,71% no conjunto da zona, atinge valores ainda mais elevados em alguns Municípios, com os máximos de 97,05% em Ubaitaba, 93,45% em Ipiaú, 90,62% em Itacaré, e com valores superiores a 80% também em Itabuna (84,02%) e Ilhéus (81,70%). Sômente em três Municípios — Taperoá, com 35,29%, Valença, com 22,85%, e Cairu, com 2,80% — a proporção desce abaixo de 60%. O último Município pertence geograficamente à zona, mas tem características fisiográficas especiais.

A produção média de cacau por estabelecimento produtor é de 4 937 quilogramas, atingindo o máximo de 11 913 em Ilhéus. Sômente nos Municípios de Itabuna e Belmonte, entre os demais, observam-se médias superiores a 5 000 quilogramas (5 192 no primeiro e 5 157 no segundo). Dados para os outros Municípios constam da tabela 42; sômente nos de Nilo Peçanha, Valença, Taperoá e Cairu a produção média por estabelecimento desce abaixo de 1 000 quilogramas.

* * *

17. A produção de mandioca da Zona Cacaueira, segundo os dados do censo agrícola para o ano de 1939, atingia a maior importância nos Municípios de Ilhéus (30 984 toneladas), Valença (29 667), Itacaré (23 921) e Ipiaú (23 281), que em conjunto contribuíam com 51,01% para a produção da zona, e com 47,58% para a produção de farinha de mandioca. Mas também na maior parte dos demais Municípios a produção de mandioca tinha certa importância, variando entre as 16 855 toneladas de Maraú e as 6 135 de Cairu; sômente em três Municípios a safra ficava inferior a 5 000 toneladas (Canavieiras, 4 501; Ubaitaba, 2 805, Una, 1 057).

A proporção dos estabelecimentos produtores de mandioca excedia 75% em quatro Municípios (Valença, Taperoá, Ipiaú e Nilo Peçanha), 50% em quatro outros, ficando abaixo de 25% sômente em três (Itabuna, Canavieiras, Cairu).

A produção média por estabelecimento atingia o máximo de 204,5 toneladas em Cairu, variando nos demais Municípios entre 37,1 toneladas em Valença e 7,0 toneladas em Camamu (vejam-se dados na tabela 42).

Merece relêvo a contribuição relativamente elevada da Zona Cacaueira para a produção de mandioca da Bahia. Com 9,87% da área dos estabelecimentos agropecuários do Estado, essa zona dá 18,14% da produção de mandioca e 15,22% da produção de farinha de mandioca, segundo os dados do censo agrícola para o ano de 1939.

A produção de feijão da zona é dada por mais da metade pelo Município de Belmonte, onde 26,72% dos estabelecimentos contribuem para a safra, com uma produção média de 2 897 quilogramas por estabelecimento. É pequena a produção em todos os demais Municípios, embora em alguns dêles seja elevada a proporção dos estabelecimentos produtores (72,51% em Ipiaú, 53,74% em Ituberá).

A produção de milho é dada por mais da metade pelos Municípios de Belmonte e Itabuna, onde, respectivamente, 25,65% e 20,70% dos estabelecimentos contribuem para esta produção. São pequenas as contribuições dos demais Municípios, apesar das quotas elevadas de estabelecimentos produtores que se verificam em alguns dêles (50,19% em Ipiaú, 45,59% em Ituberá).

Quase três quartos da produção de arroz são dados pelos Municípios de Belmonte, Nilo Peçanha e Ipiaú, onde, respectivamente, contribuem para esta produção 19,93%, 24,47% e 21,93% dos estabelecimentos. A maior parte dos demais Municípios dá contribuições desprezíveis.

A Zona Cacaueira contribui com 6,01% para a produção de feijão da Bahia, segundo os dados do censo agrícola para o ano de 1939, com apenas 2,88% para a de milho e com 10,85% para a de arroz.

A cultura da laranja é difusa em quase tôda a zona, que, segundo os dados do censo agrícola para o ano de 1939, fornece 18,47% da produção da Bahia. Apenas nos Municípios de Cairu, Canavieiras e Ubaitaba a proporção dos estabelecimentos produtores fica abaixo de 10%; em oito Municípios excede 25%, atingindo os níveis mais elevados em Nilo Peçanha (40,69%), Camamu (42,94%) e Ituberá (49,14%). Mas os maiores Municípios produtores são os de Itabuna e Ilhéus, que, em conjunto, dão cêrca de três quintos da produção total da zona. A produção média por estabelecimento atinge o máximo de 1 487 quilogramas em Itabuna; em Ilhéus ascende a 914 (veja-se a tabela 42, para os demais Municípios).

* * *

18. A cultura da cana de açúcar é praticada principalmente nos Municípios de Ipiaú (em 25,97% dos estabelecimentos), de Belmonte (em apenas 3,64% dos estabelecimentos, mas com produção média por estabelecimento bastante elevada, quase 144 toneladas) e de Itacaré, os quais, em conjunto, dão dois terços da produção da zona. Em nenhum Município, exceto o de Ipiaú, a proporção dos estabelecimentos produtores atinge 10%; em doze Municípios fica abaixo de 5%.

A Zona Cacaueira contribui apenas com 3,90% para a produção de cana da Bahia, segundo os dados do censo agrícola para o ano de 1939.

Embora largamente praticada, a cultura do café é de pequena importância na economia da Zona Cacaueira, que contribui com 10,17% para a modesta produção da Bahia, segundo os dados do censo agrícola para o ano de 1939. Em três Municípios a proporção dos estabelecimentos produtores excede a metade e em sete outros excede um quarto; mas a produção média por estabelecimento é escassa, não atingindo 400 quilogramas em nenhum dos Municípios e descendo abaixo de 200 em seis dêles. Os principais Municípios produtores são os de Ipiaú e Ilhéus.

A cultura do fumo, importante em outras zonas da Bahia, encontra-se com difusão não desprezível apenas em cinco Municípios da Zona Cacaueira: Nilo Peçanha, Ipiaú, Belmonte, Valença e Ituberá. No primeiro, 20,02% dos estabelecimentos contribuem para esta produção; no segundo, 13,40%. A produção de fumo da zona em 1939 constitui apenas 1,25% do total do Estado.

A cultura da mamona tem alguma importância apenas no Município de Ipiaú, onde é praticada por 3,43% dos estabelecimentos. Entretanto, a produção da zona não chega a constituir 0,50% do total estadual de 1939.

Tabela 42

ZONA CACAUEIRA

Produção média, por estabelecimento produtor, de alguns produtos agrícolas (1939)

MUNICÍPIO	PRODUÇÃO MÉDIA POR ESTABELECIMENTO PRODUTOR (kg)				
	Mandioca	Cana de açúcar	Cacau	Café	Laranja*
1. Belmonte.....	19 943	143 907	5 157	317	143
2. Cairu.....	204 500	...	167	...	161
3. Camamu.....	7 016	79 294	1 775	118	192
4. Canavieiras.....	8 590	9 357	3 623	119	1 029
5. Ilhéus.....	20 795	61 914	11 913	340	914
6. Ipiaú.....	21 378	31 677	3 061	384	545
7. Itabuna.....	14 134	39 578	5 192	218	1 487
8. Itacaré.....	22 717	61 433	3 997	183	82
9. Ituberá.....	17 873	77 194	2 035	372	270
10. Maraú.....	20 356	40 400	2 860	130	217
11. Nilo Peçanha.....	15 487	45 810	895	389	324
12. Taperoá.....	17 443	35 792	475	136	171
13. Ubaitaba.....	15 162	—	4 845	234	24
14. Una.....	23 700	5 818	2 340	87	368
15. Valença.....	37 130	70 367	533	278	592
ZONA CACAUEIRA...	17 751	53 533	4 937	280	497

* * *

19. Em concordância com as características da economia agropecuária da Zona Cacaueira, encontram-se nela modestos contingentes de gado.

Apenas 20,84% dos estabelecimentos agropecuários da zona possuíam gado bovino, segundo as declarações feitas na ocasião do censo agrícola de 1940; 19,33% possuíam eqüinos; 47,16% possuíam asininos ou muares. Em conjunto, havia apenas 175 000 cabeças de gado maior, nos estabelecimentos da zona, cuja área excedia 1 300 000 hectares.

Em 40,83% dos estabelecimentos havia criação de suínos; em 1,30%, de caprinos; em 4,53%, de ovinos. Em conjunto, as cabeças de gado menor ascendiam a cerca de 139 000.

Em relação aos totais do Estado da Bahia, a zona tinha apenas 4,33% do gado bovino e 2,76% do eqüino; eram mais elevadas as proporções dos asininos e muares, 12,58%, e dos suínos, 11,78%; muito baixas as dos caprinos, 0,14%, e dos ovinos, 1,03%.

Dados por Municípios constam da tabela 43. Dos bovinos, cerca de sete décimos estavam concentrados nos Municípios de Itabuna, Ilhéus e Belmonte. Dos asininos e muares, Ilhéus e Itabuna possuíam a metade. A criação dos suínos era mais difusa, encontrando-se seus maiores centros nos Municípios de Itabuna, Valença, Ilhéus, Camamu e Ipiaú. Dos poucos caprinos, mais da metade se achava em Itabuna. Dos ovinos, mais da metade em Itabuna e Ilhéus.

Em conjunto, 54,77% do gado maior e 33,98% do menor pertenciam aos Municípios de Itabuna e Ilhéus.

* 100 laranjas = 15 kg.

Tabela 43

ZONA CACAUEIRA
Gado em 1.º-IX-1940

MUNICÍPIO	BOVINOS		EQÜINOS		ASININOS E MUARES		SUÍNOS		CAPRINOS		OVINOS	
	Estab.	N.º	Estab.	N.º	Estab.	N.º	Estab.	N.º	Estab.	N.º	Estab.	N.º
1. Belmonte.....	475	13 544	239	1 120	684	2 000	279	5 951	12	180	49	663
2. Cairu.....	15	199	1 e 2	2	2 e 6	1 e 10	—	—	—	—	—	—
3. Camamu.....	215	938	336	407	1 166	2 474	1 664	13 599	5	13	25	195
4. Canavieiras.....	293	8 262	304	765	979	3 451	547	5 018	17	110	46	564
5. Ilhéus.....	952	29 155	688	1 391	2 605	14 525	1 413	15 058	61	496	272	3 308
6. Ipiaú.....	477	8 251	591	1 028	769	2 879	926	10 984	20	107	129	1 165
7. Itabuna.....	1 006	40 164	916	2 178	2 390	8 616	1 777	22 742	153	1 501	326	4 165
8. Itacaré.....	401	6 595	340	574	671	2 657	816	7 275	30	171	135	1 117
9. Ituberá.....	261	2 556	295	589	447	1 361	368	4 807	13	105	53	538
10. Maraú.....	250	782	281	400	559	1 731	599	6 408	2 e 10	16	134	134
11. Nilo Peçanha.....	180	1 237	252	435	448	1 205	449	6 806	3	13	48	476
12. Taperoá.....	263	621	68* e 136*	452	1 061	535	4 295	—	—	9	55	55
13. Ubaitaba.....	141	4 177	135	245	215	968	181	2 066	7	73	28	406
14. Una.....	98	569	128	183	317	1 078	439	3 060	6	25	46	262
15. Valença.....	462	1 554	517	778	718	2 483	763	15 076	13	36	11	76
ZONA CACAUEIRA...	5 489	118 604	5 091	10 231	12 422	46 495	10 757	123 155	342	2 840	1 193	13 124

* Segundo os dados publicados do censo agrícola, 68 estabelecimentos teriam declarado possuir cavalos, mas o número dos cavalos recenseados seria apenas de 1. Em vista da incoerência entre os dois dados, foi retificado para 136 o número dos cavalos, supondo-se a média de 2 por estabelecimento.

III PARTE

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SUMÁRIO: 1. Observações preliminares. — 2. Indústria. — 3. Comércio.

1. As apurações publicadas dos censos industrial e comercial de 1940 apresentam bem poucos dados discriminados por Municípios: suficientes para confirmar a escassa importância dessas atividades na Zona Cacaueira, mas inadequados para esclarecer suas características, especialmente no que diz respeito à natureza das atividades industriais e comerciais.

Convém, todavia, examinar os poucos dados disponíveis, os quais, provavelmente, ficam abaixo da realidade, sobretudo no que diz respeito aos valores declarados da produção industrial e das vendas comerciais.

* * *

2. Os principais resultados do censo industrial constam da tabela 44. No conjunto da zona, foram recenseados 239 estabelecimentos industriais, com o capital aplicado de 20 049 000 cruzeiros e com 2 673 pessoas ocupadas. As médias de apenas 84 mil cruzeiros de capital aplicado e 11 pessoas ocupadas, por estabelecimento, revelam a modesta importância das poucas empresas industriais da zona. Confirmam essa impressão os dados sobre o valor da produção no ano de 1939, que, segundo as declarações feitas por 207 estabelecimentos, teria ascendido a 21 865 000 cruzeiros, isto é, a cerca de 106 mil cruzeiros por estabelecimento e de 9 500 cruzeiros por pessoa ocupada, enquanto o valor da transformação industrial* teria atingido apenas 10 350 000 cruzeiros, isto é, 50 mil por estabelecimento e cerca de 4 500 cruzeiros por pessoa ocupada.

O Município com maior importância de atividade e produção industrial seria o de Valença (1 428 pessoas ocupadas, 11 499 000 cruzeiros de produção), seguindo-se Ilhéus (606 pessoas, 6 538 000 cruzeiros) e Itabuna (252 pessoas, 1 953 000 cruzeiros). Nos demais Municípios a atividade industrial seria desprezível.

Cumpra, todavia, lembrar que a ocupação nas indústrias, na Zona Cacaueira, é maior do que resulta pelos dados publicados do censo industrial, como atestam os resultados do censo demográfico expostos na primeira parte deste ensaio. Com efeito, a tabela 10 dá o total de 12 372 ocupados em indústrias de transformação e o de 4 579 ocupados em indústrias extrativas, em comparação com apenas 2 673 ocupados nos estabelecimentos incluídos no censo industrial.

São várias as causas dessa grande divergência. Parte dos ocupados em indústrias extrativas de produtos de origem vegetal ou animal pode figurar no censo agrícola em vez de no industrial; os ocupados em atividades industriais de confecção, conservação e reparação figuram no censo dos serviços** e não no industrial; e escapam, ainda, ao censo industrial as pequenas atividades artesanais e domésticas, que são as mais frequentes numa economia ainda atrasada como a da Zona Cacaueira.

* Diferença entre o valor da produção e o custo das matérias primas, combustíveis, lubrificantes e energia elétrica.

** Deste censo não foram publicados dados por Municípios. Mas as pessoas ocupadas em serviços de confecção, conservação e reparação em toda a Bahia ascendiam apenas a 8 610, e menos de um milhão entre elas deveria ser atribuído à Zona Cacaueira.

Segundo o censo demográfico, Valença ocuparia apenas o terceiro lugar entre os Municípios da zona, pelo número de ocupados nas indústrias, sendo precedida por Ilhéus e Itabuna.

Tabela 44

ZONA CACAUEIRA

Dados do censo industrial, por Municípios

MUNICÍPIO	EM 1.º-IX-1940			NO ANO DE 1939		
	Estabelecimentos	Capital aplicado Cr\$ 1 000	Pessoal ocupado	Estabelecimentos	Valor (Cr\$ 1 000)	
					Da produção	Da transformação industrial
1. Belmonte.....	6	154	20	4	90	33
2. Cairu.....	1	20	10	1	50	30
3. Camamu.....	17	199	85	15	170	102
4. Canavieiras.....	3	90	19	7	120	50
5. Ilhéus.....	85	8 382	606	68	6 538	2 642
6. Ipiá.....	15	171	59	13	301	118
7. Itabuna.....	42	908	252	35	1 953	1 343
8. Itacaré.....	9	118	24	9	88	47
9. Ituberá.....	8	222	36	7	128	69
10. Marau.....	4	20	10	2	50	30
11. Nilo Peçanha.....	8	544	43	8	252	83
12. Taperoá.....	6	502	34	6	493	198
13. Ubaitaba.....	7	59	41	5	103	45
14. Una.....	3	9	6	2	30	15
15. Valença.....	25	8 651	1 428	25	11 499	5 545
ZONA CACAUEIRA...	239	20 049	2 673	207	21 865	10 350

* * *

3. O número dos estabelecimentos comerciais recenseados em 1940, na zona, ascende a 2 048, com 4 407 pessoas ocupadas, ou seja, pouco mais de 2 pessoas, em média, por estabelecimento.

Como consta da tabela 45, esses estabelecimentos dividem-se em 1 771, com 2 899 pessoas ocupadas, especializados no comércio a varejo, e 277, com 1 508 pessoas, no comércio por atacado ou misto.

Os dados sobre o valor das vendas em 1939 não se referem a todos os estabelecimentos, e sim aos que fizeram a respectiva declaração, cujo número, por Municípios, não consta das publicações censitárias. Supondo-se que as proporções dos estabelecimentos declarantes sejam, na zona, as mesmas observadas no conjunto da Bahia*, pode-se estimar em 1 479 o número dos estabelecimentos que contribuíram para o total de 35 499 000 cruzeiros de vendas no comércio a varejo (com a média de cerca de 24 mil cruzeiros por estabelecimento) e em 266 o dos que contribuíram para o total de 88 711 000 cruzeiros de vendas no comércio por atacado ou misto (com a média de 334 mil cruzeiros por estabelecimento).

O comércio a varejo tem escassa importância. Mesmo levando-se em conta os estabelecimentos desta classe que não fizeram declaração do valor das vendas, e acrescentando-se o valor estimado das vendas a consumidores feitas pelos estabelecimentos de comércio por atacado ou misto, seria difícil calcular em mais de 50 milhões de cruzeiros o valor total das vendas de mercadorias a consumidores, em 1939. Em relação à população de cerca de 450 mil, esse valor dá a média de apenas 111 cruzeiros por habitante, muito baixa, embora um pouco superior à correspondente para o conjunto da Bahia, que é de 104 cruzeiros**.

* 83,5% no comércio a varejo, 96,0% no por atacado ou misto.

** 403 milhões de vendas a varejo, para 3 860 000 habitantes.

Resulta do próprio censo comercial a insuficiência dos dados sobre o comércio a varejo na Bahia; com efeito, enquanto o valor das vendas de mercadorias a revendedores (exclusive os exportadores) ascenderia a 596 milhões de cruzeiros, o das vendas a consumidores seria apenas de 345 milhões de cruzeiros, no conjunto dos estabelecimentos com declaração do valor das vendas.

Mas, mesmo levando-se em conta essas deficiências, a importância do comércio varejista na Zona Cacaueira parece bem modesta.

O valor das vendas a varejo atinge os níveis mais elevados em Ilhéus e Itabuna, sendo muito menor nos demais Municípios.

O comércio por atacado apresenta um valor de vendas duas vezes e meia maior do que o do comércio a varejo, especialmente em virtude dos negócios ligados com a exportação do cacau, cujo centro principal, na zona, é Ilhéus. Com valor muito menor, mas ainda notável, de vendas por atacado figura Itabuna; seguem-se, mais distantes, Ituberá e Canavieiras.

Também para o comércio, os dados do censo econômico abrangem um âmbito mais limitado do que os do censo demográfico, indicando apenas 4 407 pessoas ocupadas neste ramo de atividade, em comparação com 7 836. Escapam ao censo comercial pequenas atividades individuais, que, pelo contrário, figuram no censo demográfico.

Tabela 45

ZONA CACAUEIRA
Dados do censo comercial, por Municípios

MUNICÍPIO	EM 1.º-IX-1940				NO ANO DE 1939	
	Comércio a varejo		Comércio por atacado ou misto		Vendas (Cr\$ 1 000)	
	Estabelecimentos	Pessoal	Estabelecimentos	Pessoal	Comércio a varejo	Comércio por atacado ou misto
1. Belmonte.....	231	325	12	120	2 647	2 170
2. Cairu.....	22	24	—	—	226	—
3. Camamu.....	67	94	17	29	939	1 227
4. Canavieiras.....	95	152	15	61	2 494	6 031
5. Ilhéus.....	551	916	70	518	11 726	41 780
6. Ipiá.....	77	148	41	123	1 832	4 651
7. Itabuna.....	333	583	40	147	8 047	53 911
8. Itacaré.....	64	113	7	36	1 475	923
9. Ituberá.....	67	98	13	56	970	6 469
10. Maraú.....	36	40	4	16	195	420
11. Nilo Peçanha.....	17	27	7	14	449	335
12. Taperoá.....	44	56	3	12	442	645
13. Ubaitaba.....	67	142	13	88	1 111	4 563
14. Una.....	23	34	23	220	641	3 597
15. Valença.....	77	147	12	68	2 305	2 309
ZONA CACAUEIRA...	1 771	2 899	277	1 508	35 499	88 711